

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGHIS)
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

FAGNER ALVES MOREIRA BRANDÃO

**RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E
SOCIOCULTURAL DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS EM GOIÁS**

Morrinhos - GO

2021

FAGNER ALVES MOREIRA BRANDÃO

**RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E
SOCIOCULTURAL DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS EM GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Estadual de Goiás, Campus Morrinhos, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Cultura, Religião e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Léo Carrer Nogueira

Morrinhos - GO
2021

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F156r Alves Moreira Brandão , Fagner
 RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA
 E SOCIOCULTURAL DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS EM GOIÁS
 / Fagner Alves Moreira Brandão ; orientador Léo
 Carrer Nogueira . -- Goiânia, 2021.
 214 p.

 Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
 Mestrado Acadêmico em História) -- Câmpus Sudeste -
 Sede: Morrinhos, Universidade Estadual de Goiás, 2021.

 1. homossexualidade. 2. religião . 3. igrejas
 inclusivas. 4. sexualidade. 5. modernidade . I. Carrer
 Nogueira , Léo , orient. II. Título.

FAGNER ALVES MOREIRA BRANDÃO

**RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E
SOCIOCULTURAL DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS EM GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Estadual de Goiás, Campus Morrinhos, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Léo Carrer Nogueira – UEG
Orientador

Prof. Dr. Wellington Cardoso de Oliveira – IFG
Membro externo

Prof. Dr. Robson Rodrigues Gomes Filho – UEG
Membro interno



Dedico este trabalho ao meu avô, Divino Francisco Alves (In memoriam), que nos deixou há pouco tempo, mas admirava a minha busca por conhecimento e deixou um legado de experiências.



Dedico ao meu filho, Lucas Miguel Alves Silva Brandão, que nasceu junto à esta pesquisa e se tornou minha principal motivação de chegar ao final.



Dedico também a minha mãe, Rosemeire Francisca Alves, que durante este trabalho venceu sua maior luta contra a Covid-19 e hoje está aqui para celebrar comigo esta vitória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador, no qual eu acredito e tenho convicção de sua inspiração para chegar até aqui, sem ELE eu não teria forças.

Agradeço à universidade, seu corpo docente, direção e administração, que concederam a oportunidade de conquistar este sonho do mestrado.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Léo Carrer Nogueira, por ter aceitado o desafio de orientar um tema tão desafiador. Obrigado pelo apoio e confiança.

Agradeço ao meu esposo, Osvaldo Jefferson da Silva, que sempre foi meu principal incentivador e parceiro em todas as etapas deste sonho.

Agradeço à minha amiga, Prof.^a Me Denise Cristina Bueno, que acreditou que eu era capaz de ser aprovado num processo seletivo para pós-graduação e me desafiou a tentar seguindo as dicas de sua experiência acadêmica.

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram direta e indiretamente para este projeto acadêmico se concretizar.

RESUMO

Neste presente trabalho, intitulado *Religião e Homossexualidade: uma abordagem histórica e sociocultural das Igrejas cristãs inclusivas em Goiás*, promovemos uma reflexão acerca do desafio das igrejas cristãs, que têm por objetivo amenizar os conflitos acalorados da sociedade no que tange a inserção de minorias nos espaços religiosos que perdura ao longo dos séculos. Para tanto, partimos do princípio de responder as seguintes perguntas: Como se deu o processo de surgimento e a trajetória histórica das igrejas inclusivas em Goiás? Qual a identidade das Igrejas inclusivas em Goiás e quais estratégias utilizadas para concorrer no mercado religioso local? Qual o perfil dos frequentadores das igrejas inclusivas e por que eles procuram essas igrejas, o que eles pretendem encontrar nelas que não encontram em outras denominações? Buscamos compreender como se deu a inserção dos homossexuais nas igrejas cristãs inclusivas, analisando os aspectos históricos, sociais e culturais delas em Goiás. Em síntese, nessa pesquisa, além da análise bibliográfica, tivemos a pesquisa quantitativa e qualitativa, bem como o uso de fontes orais, por se constituir como estudo de campo, utilizando instrumentos de coleta de dados distintos como formulário, entrevistas semiestruturadas e visitas técnicas nas igrejas cristãs inclusivas, para que fosse possível apreender diferentes percepções da comunidade de pesquisa analisada, tanto em aspectos individuais, como coletivos dos sujeitos investigados. Isso acontece, principalmente, porque a partir de seus lugares sociais, elas se debruçam sobre as narrativas religiosas sem se preocupar em prestar contas aos grupos tradicionais que percebem a si mesmos como guardiões da ortodoxia. A análise se pautará a partir da interpretação teórica de que essas Igrejas são um fenômeno da modernidade tardia e do pluralismo religioso, que é um fenômeno resultante do efeito dessa modernidade, não tendo mais uma única religião como detentora do monopólio da sociedade. Assim, essas instituições religiosas cristãs e a sociedade ainda não estão totalmente preparadas para lidar com a inclusão de homossexuais em seus templos, por isso, a exclusão e resistência se tornam alternativas de protelar esse enfrentamento social, que pode acontecer através do conhecimento histórico-cultural das religiões e da sexualidade, possibilitando a abertura para diálogos e inclusão. Ao final, constatamos que as Igrejas inclusivas são elaborações religiosas que procuram engendrar um tipo de cristianismo que se distingue das propostas mais tradicionais, refletindo mais uma vez a influência das modernidades que fazem com que as igrejas tradicionais percam o poder de monopólio sobre a vida dos LGBTI+, levando-os a relativizar a crença e os princípios aprendidos. Permitindo, assim, que o indivíduo se depare com novas alternativas e possibilidades para a expressão de sua fé.

Palavras-chave: Igreja Cristã Inclusiva. LGBTI+. Modernidade. Religião.

ABSTRACT

In this present work entitled Religion and Homosexuality: a historical and sociocultural approach to Inclusive Christian Churches in Goiás, we propose a reflection about the challenge of Christian churches that objectify to soften the heated conflicts of society, regarding the insertion of minorities in religious spaces that extends over the centuries. Therefore, we started from the principle of answering the following questions: How did the inclusive churches in Goiás appeared how was their historical trajectory? What is the identity of inclusive churches in Goiás and what competition strategies are used in the local religious market? What is the main profile of inclusive churchgoers and why do they look for these churches, what do they intend to find in them that they do not find in other denominations? We seek to understand how the insertion of homosexuals in the inclusive Christian churches took place, analyzing their historical, social and cultural aspects in Goiás. In short, this research, in addition to the bibliographic analysis, had quantitative and qualitative research as well as the use of oral sources by to be constituted as a field study, using different data collection instruments such as forms, semi-structured interviews and technical visits in inclusive Christian churches so that it was possible to understand different perceptions of the research community analyzed, both in individual and collective aspects of the investigated subjects. This happens mainly because of their social places, they focus on religious narratives without worrying about being accountable to traditional groups that perceive themselves as guardians of orthodoxy. The analysis will be based on the theoretical interpretation that these Churches are a phenomenon of late modernity and religious pluralism, which is a phenomenon resulting from the effect of this modernity, no longer having a single religion as the holder of the monopoly of society. So, these Christian religious institutions and society are not yet fully prepared to deal with the inclusion of homosexuals in their temples, which is why exclusion and resistance become alternatives to postpone this social confrontation, which can happen through historical knowledge. -cultural of religions and sexuality, allowing openness to dialogues and inclusion. In the end, we found that Inclusive Churches are religious elaborations that seek to engender a type of Christianity that differs from proposals that are more traditional. Reflecting once again that influence of modernity is where it makes traditional churches lose the power of monopoly over the lives of LGBTI +, leading them to relativize the belief and principles learned. Thus allowing him to come up with new alternatives and possibilities for the expression of his faith.

Keywords: Inclusive Christian Church. LGBTI +. Modernity. Religion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Identidade expressão de gênero | 29 |
| Figura 2 -Troy Perry fundador a MCC -EUA em 1968 | 69 |
| Figura 3 - Troy Perry em celebração do 50 de MCC dos EUA | 71 |
| Figura 4 - Pastor Victor Orellana- Igreja Acalanto (2003) | 74 |
| Figura 5 – Encontro Nacional de Líderes de igrejas inclusivas. | 80 |
| Figura 6 - Pastor Onaldo e Igreja da Irmandade | 86 |
| Figura 7 - Igreja Anglicana de Goiânia | 89 |
| Figura 8 - Igreja IRIS | 93 |
| Figura 9 - Casa de Renovo – Igreja IRIS | 95 |
| Figura 10 - Igreja Athos & Vida – Goiânia | 97 |
| Figura 11 - Igreja Caminho da Inclusão – Goiânia | 99 |
| Figura 12 - Igreja Conquista Plena – Goiânia | 101 |
| Figura 13 - Igreja Ministério Vida – Goiânia-GO | 103 |
| Figura 14 - Aprisco Inclusivo – antiga Ministério Vida | 105 |
| Figura 15 - Fire Church | 107 |
| Figura 16 - Comunidade Cristã Renascer – Goiânia | 117 |
| Figura 17 - Metodista IPEG | 119 |
| Figura 18 - Igreja Jesus Cristo é Amor – Aparecida de Goiânia | 121 |
| Figura 19 - Igreja Anglo – Católica- Anápolis | 153 |
| Figura 20 - Igreja da Irmandade sendo reconhecido no EUA | 158 |
| Figura 21: Árvore Genealógica das igrejas inclusivas em Goiás | 158 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Diretoria Nacional e Lideranças Regionais do CONII Brasil, 2018-2020 | 81 |
| Quadro 2 – Autodeclaração da população goiana quanto à confissão de fé | 82 |
| Quadro 3 - Igrejas cristãs inclusivas em funcionamento no Estado de Goiás até 30/08/2020 | 82 |
| Quadro 4 - Igrejas cristãs inclusivas extintas, porém precursoras em Goiás | 84 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 – A Idade dos participantes | 130 |
| Gráfico 2 – A classificação socioeconômica | 132 |
| Gráfico 3 - A Nível de escolaridade | 133 |
| Gráfico 4 – A cor dos participantes | 134 |
| Gráfico 5 –O sexo dos participantes | 135 |
| Gráfico 6 –A orientação sexual | 137 |
| Gráfico 7 – A Identidade de Gênero | 137 |
| Gráfico 08 - Qual seu estado Civil? | 138 |
| Gráfico 9 – Qual igreja (denominação) o participante da pesquisa congregava no ato do questionário | 139 |
| Gráfico 10 – A função dos participantes dentro da igreja | 140 |
| Gráfico 11 – “Você frequentou outras religiões antes desta? Se sim, quais eram?” | 142 |
| Gráfico 12 – “Quantas igrejas inclusivas você já frequentou antes desta? Quais?” | 142 |
| Gráfico 13 - Nome das denominações de que outrora foram afiliados e participantes | 144 |
| Gráfico 14 - Qual o diferencial de uma Igreja Inclusiva para você? | 145 |
| Gráfico 15 - Como você ficou sabendo da existência da Igreja inclusiva? | 146 |
| Gráfico 16- Há quantos anos você participa das Igrejas cristãs inclusivas em Goiás? | 146 |

LISTA DE SIGLAS

- ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
- ALIANCI - Aliança Nacional de Igrejas Inclusivas
- APF - Associação para o Planejamento da Família
- CCNEI - Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional
- CCR - Comunidade Cristão Renascer
- CONII - Conselho Nacional de Igreja Inclusivas
- GLAAD - Aliança de Gays e Lésbicas Contra Difamação
- GGB - Grupo Gay da Bahia
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
- ICM - Igreja da Comunidade Metropolitana
- IEAB - Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
- IPEG - Incluídos Pela Graça
- ICI - Igreja Cristã Inclusiva
- LGBTI+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, transexuais/Travestis, intersexuais, o + representa (Queers, Queens, assexuais, pansexuais etc.) e todas as outras letrinhas que antes existiam
- OAB - Ordem dos Advogados do Brasil
- ONG - Organizações Não-Governamentais
- ONU - Organizações das Nações Unidas

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Considerações Iniciais..... | 13 |
| | |
| Capítulo 1 – Perspectivas teóricas: homossexualidade, diversidade religiosa e igrejas inclusivas | 22 |
| 1.1 Sexualidade e homossexualidade: breves apontamentos conceituais | 22 |
| 1.2 Laicidade, diversidade e pluralismo religioso no Brasil | 45 |
| 1.3 Igrejas inclusivas: novas e possíveis vertentes cristãs no Brasil | 59 |
| | |
| Capítulo 2 – Perspectivas históricas: a construção das igrejas inclusivas no Brasil | 68 |
| 2.1 Premissas históricas das igrejas inclusivas no Brasil | 68 |
| 2.2 Premissas históricas das igrejas inclusivas em Goiás | 82 |
| | |
| Capítulo 3 – Cenário e perfil das igrejas inclusivas em Goiás | 124 |
| 3.1 Perfil dos participantes das comunidades inclusivas de Goiás | 129 |
| 3.2 Características e expressões religiosas das comunidades inclusivas de Goiás | 148 |
| 3.3 As igrejas cristãs inclusivas em Goiás e sua inserção no mercado religioso ... | 184 |
| | |
| Considerações Finais | 194 |
| Referências | 200 |
| Anexos | 207 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Temos notado, nos últimos anos, que a questão da homossexualidade vem alcançando grande visibilidade na mídia, em virtude das diversas manifestações públicas de grupos homossexuais em busca de liberdade e aceitação social. Isso tem feito com que a sociedade seja pressionada a se posicionar a respeito desse processo de inserção de grupos de minorias que compõem a comunidade LGBTI+, composta por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais. Dentro dos espaços religiosos, vimos que os líderes também têm explicitado sua posição no que tange à inclusão desse grupo de minoria em suas comunidades de expressão de fé.

Em contrapartida às expectativas dos fundamentalistas religiosos, os movimentos de homossexuais, compostos por grupos de minorias, em grande parte por indivíduos marginalizados e/ou excluídos socialmente começaram a conquistar espaço e a ganhar força na sociedade, em virtude das mudanças das leis do nosso país. Esse fato resultou em mais visibilidade à questão da homossexualidade e sua vinculação com os espaços religiosos. Diante disso, o objeto desse estudo será o público homossexual e sua inserção nos espaços religiosos cristãos.

Um fator significativo que nos últimos anos tornou essa relação entre religião e homossexualidade mais tênue foi a liberação do casamento entre pessoas do mesmo sexo – o casamento gay, autorizado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por meio da resolução n. 175, de 14 de maio de 2013. Além disso, houve também a liberação e reconhecimento de adoções por casais de pessoas do mesmo sexo, em 05 de março de 2015. Em 19 de abril de 2019, o STF decidiu incluir a proibição dos atendimentos médicos para reversões homossexuais, polêmica que fez com que a comunidade LGBTI+ adquirisse força para sua maior inserção social. Outro aspecto relevante foi o início da realização de cirurgias para mudança de sexo em hospitais públicos no Brasil, em 18 de agosto de 2008, e, em 13 de junho de 2019, o STF enquadrou homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa, ajudando no combate ao preconceito em relação ao grupo LGBTI+, com o crime de homofobia.

A homossexualidade tem feito com que os diversos segmentos da sociedade se reorganizem culturalmente para discutir e lidar com a questão da sexualidade humana e sua interseccionalidade nos espaços religiosos. Essas mudanças

socioculturais geram impactos em todas as esferas da sociedade. Notamos, por exemplo, que a medicina, a psicologia e a psiquiatria, desde as décadas de 1970 e 1980, reformularam suas pesquisas e as formas de tratamento e atendimento de homossexuais. Destacamos, também, que a área jurídica de nosso país vem discutindo o avanço nas leis e nos direitos humanos para esse público.

Exemplo disso é a então desembargadora Maria Berenice Dias¹, que se tornou responsável por cunhar o termo “homoafetividade” na substituição de “homossexualidade” nos discursos de âmbitos jurídicos. De acordo com Dias, “é necessário reconhecer que as uniões entre pessoas, independente de sua identidade sexual, é uma união de afetos e como tal precisam ser identificadas. Daí a expressão homoafetividade” (2010, p.01). Mediante essa realidade, a religião se vê frente a uma mudança cultural da sociedade, pois tivemos o surgimento de um novo movimento de igrejas cristãs que pregam a aceitação e acolhimento dos homossexuais, sendo denominadas igrejas cristãs inclusivas. Assim, essa nova perspectiva social está revendo ou reforçando as bases e discursos doutrinários considerados cristãos tradicionais ou conservadores. Nesse contexto de mudança de concepções, embasadas em interpretações bíblicas peculiares, dentre os grupos religiosos, encontramos apoiadores e sujeitos sociais que buscam refutar a ideia de inserção de homossexuais entre os fiéis.

Partindo dessa premissa, antes de iniciarmos nossa discussão, é importante esclarecer o interesse por essa temática e o que me motivou a desenvolver esse estudo, tendo em vista que, além de ser pesquisador, participei do processo de construção histórica da implantação das igrejas inclusivas em Goiás, no período de junho de 2010 a fevereiro de 2018. Atuei como sacerdote (pastor) e fundador da Igreja Athos e Vida (2010) e da Igreja Caminho da Inclusão (2015), bem como da tentativa de iniciar uma aliança nacional entre as igrejas inclusivas no ano de 2012. Em 2015, como resultado parcial dessas experiências, publiquei pela Fonte Editorial o livro: *Homossexualidade: um desafio para as igrejas evangélicas do século XXI*, sendo essa obra resultado de pesquisa acadêmica, em nível de graduação, do Curso de Teologia.

Nesse contexto, essa pesquisa tem por objetivo fornecer uma reflexão teórica acerca do desafio enfrentado pela religião em relação à homossexualidade,

¹ Os neologismos homoafetividade e união homoafetiva foram cunhados por Maria Berenice Dias, na sua obra *União homossexual: o preconceito & a justiça* (2005). Fonte: <<http://www.mariaberenice.com.br/>>. Acesso em 20/06/2020.

considerando sua complexidade frente às teorias tradicionais e métodos de interpretação das escrituras sagradas durante séculos. Cabe também à academia contribuir para a produção de uma discussão coesa e bem fundamentada, colaborando para amenizar os conflitos acalorados da sociedade como um todo e das comunidades religiosas, sendo isso também responsabilidade de todo o conjunto que compõe essa sociedade plural, em seus eixos diversos que cooperam para a formação do pensamento e desenvolvimento humano de um cidadão.

Trata-se de um estudo apresentado por um olhar de dentro para fora e de fora para dentro do grupo a ser analisado – as igrejas cristãs inclusivas de Goiás. Todavia, não se trata de se falar de onde você pertence, apenas pelo ponto de vista do outro, mas, como pesquisador participante, trago o meu sentimento de ser parte desse universo e a percepção de um contexto histórico, social e religioso específico em que eu, até então, estava inserido.

Contudo, essa discussão não se vincula a uma intenção de proselitismo, mas a uma abordagem articulada, ancorada no respaldo teórico que a academia me oportunizou conhecer, agregada a informações advindas das leituras anteriores sobre as temáticas a serem discutidas e as experiências vivenciadas nas esferas religiosas e acadêmicas nos lugares de fala de homem, cis gênero, homossexual, professor, pastor, cristão, historiador, teólogo, publicitário, pesquisador e pai.

Com base nas apreciações supracitadas, essa pesquisa visou propor uma discussão bibliográfica tendo como objetos de pesquisa a religião e a homossexualidade. Para isso, o *corpus* proposto para o estudo são as “igrejas cristãs inclusivas” em Goiás, bem como suas vertentes e movimentos doutrinários, contemplando uma abordagem histórica e sociocultural dessas instituições.

Na perspectiva histórica, por meio do levantamento de dados, buscaremos elucidar o aparecimento das ‘novas igrejas’ que surgiram no século XXI, viabilizando a aceitação dos homossexuais em seu espaço religioso, sem preconceitos. Assim, as igrejas denominadas “inclusivas” revelam uma abertura para a diversidade humana em seus espaços religiosos, por acolherem o público LGBTI+. Contudo, nossa delimitação de público-alvo será os homossexuais. Além disso, trata-se de uma tentativa de identificar, caracterizar e esclarecer essa diversidade sexual dentro dos moldes e conceitos evocados com a pós-modernidade ou modernidade tardia deste século.

Nesse estudo, temos como principais referenciais de pesquisa diversos livros de autores clássicos que, de forma mais detalhada, apresentamos a seguir, além de outros autores selecionados para fundamentar o trabalho acerca da homossexualidade e da religião na contemporaneidade. Em relação à proposta de discussão a respeito da religião, cristianismo e pós-modernidade/atualidade, contemplaremos os seguintes teóricos:

- Peter Berger (2017). Em o “Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião” e “Múltiplos Altares da Modernidade: Rumo a um Paradigma da Religião numa Época Pluralista”, o autor aborda a questão da fenomenologia da religião, bem como conceitos atuais e relevantes como secularismo e pluralismo religioso e as legitimações religiosas no mundo atual.
- Anthony Giddens (2002), que trabalha conceitos fundamentais sobre a modernidade tardia denominada pelo autor como pós-tradicional. Nesse sentido, as comunidades religiosas (igrejas inclusivas), enquanto fenômenos históricos, podem enquadrar-se tipicamente nos fundamentos da modernidade tardia e no contexto da destradicionalização em que vivemos agora.
- Mircea Eliade (2008). Em “O Sagrado e Profano: A Essência das Religiões”, o autor aborda como as pessoas percebem e reagem em relação ao sagrado em suas distintas manifestações e dentro dos diferentes credos e religiões, elencando conceitos fundamentais sobre rito, mito, sagrado, profano, símbolos.
- Reginaldo Prandi (1998). Na obra “A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, Sociedade e Política”, encontramos as informações sobre as relações de cultura e religião no mundo atual, tal como as mudanças religiosas na sociedade.
- Ricardo Mariano (2005). Em “Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil”, ele contextualiza o cenário brasileiro com a história das igrejas denominadas pentecostais e o conceito neopentecostais, tendo em vista que as comunidades religiosas pesquisadas estão categorizadas dentro do momento neopentecostal.
- Fátima Weiss de Jesus (2010; 2012; 2013) e Marcelo Natividade (2009; 2010), antropólogos que escreveram na área da teologia, abordam conceitos e problemáticas relevantes para esse trabalho, como homossexualidade

santificada, homofobia religiosa, sexualidade ameaçadora, religião e homofobia, gays na igreja, religião e homossexualidade.

No que tange a reflexão teórica sobre as igrejas cristãs inclusivas contemplamos:

- André Musskopf (2002; 2004; 2008) e Alexandre Feitosa (2010; 2012; 2013; 2016; 2019), autores que atuam no campo da História da Igreja Inclusiva no Brasil e na América Latina, e discutem os principais pontos da teologia inclusiva. Os dados levantados nas obras desses autores contribuíram para o processo de construção do contexto histórico, assim como conceitos primazes do que é igreja inclusiva, teologia inclusiva, além da descrição sobre essas denominações se constituírem como discurso doutrinário dentro das comunidades.
- Lançamos mão também dos autores Miriam Laboissiere (2016) e Fagner Brandão (2015), que possuem pesquisas bibliográficas e de campo a respeito das igrejas inclusivas, trazendo análises e considerações relevantes para o contexto desta pesquisa. Ambos escreveram e pesquisaram sobre as igrejas inclusivas de Goiás, por isso poderão fornecer uma aproximação do contexto real dessas comunidades. /º
- Apreciamos, ainda, as fontes de estudos do autor Marvel Souza (2012; 2013), pois esse autor é um importante teólogo do campo da Teologia Inclusiva no Brasil, além de ser pastor fundador de denominações cristãs inclusivas no Brasil. Ele fornece, em suas obras, análises a respeito do principal discurso doutrinário e teológico das comunidades, que é a teologia inclusiva no Brasil.
- Allan Brash (1998), que apresenta as problemáticas da vivência dos homossexuais dentro das igrejas protestantes históricas dos Estados Unidos. A leitura desse autor colaborou com a pesquisa proporcionando informações e conceitos como homofobia religiosa, exclusão de homossexuais da membresia das igrejas tradicionais, além de trazer um pouco do contexto histórico de igrejas consideradas tradicionais que tiveram um longo caminho de debates para decidirem oficialmente aceitar homossexuais como membros e oficiais de suas estruturas religiosas.

Os métodos e estratégias mais usados pelas igrejas frente à questão homossexual entre seus fiéis e o seu posicionamento quanto ao surgimento da “Nova

Eclésia” serão explicitados como: o quê e o porquê teóricos que defendem a não condenação dos homossexuais amparam seus discursos conforme a interpretação bíblica que adotam. Ressaltamos que o caráter sociocultural foi contemplado como base para o alinhamento das discussões propostas nesse estudo e para a compreensão da conjuntura que essa pesquisa está inserida.

Com base nos autores supracitados, as discussões que serão arroladas procuram responder os seguintes problemas de pesquisa:

1 - Como se deu o processo de surgimento e a trajetória histórica das Igrejas Inclusivas em Goiás?

2 - Qual a identidade das Igrejas Inclusivas em Goiás e quais estratégias utilizadas para concorrer no mercado religioso local?

3 - Qual o perfil dos frequentadores das igrejas inclusivas e por que eles procuram essas igrejas? O que eles pretendem encontrar nelas que não encontram em outras denominações?

As instituições religiosas cristãs têm se deparado com homossexuais chegando a todo momento em seus templos com o desejo de viver e expressar com liberdade a sua sexualidade e a sua fé sem preconceitos. Todavia, há um desconforto entre os fiéis que são homossexuais e estavam calados nos bancos da tradicionalidade, uma vez que sua sexualidade estava silenciada ou era expressa apenas do lado externo das paredes das igrejas.

Há indícios de líderes eclesiásticos que são homossexuais ou ex-gays, sem contar que encontramos também mães e pais que têm filhos homossexuais nas comunidades religiosas tradicionais. Contudo, esses ‘fiéis’ dessas instituições precisam ser orientados para aprenderem a lidar com a questão da homossexualidade dentro e fora dos templos, porque a sexualidade humana faz parte da identidade do sujeito social.

No século XXI, dentre os muitos desafios morais e teológicos que a religião vem enfrentando, é o tema da homossexualidade que tem exigido urgência de respostas, pois notamos que os representantes do público homossexual na sociedade têm lutado por uma tolerância social e até religiosa. Percebemos que crianças e jovens deste século estão conseguindo conviver com a homossexualidade de perto, vivenciando diariamente e tendo contato com homossexuais em todos os espaços de comunicação social com maior naturalidade e eles esperam que as igrejas que

frequentam tenham uma posição clara quanto à diversidade sexual para compreenderem melhor as suas práticas religiosas e a visão da instituição a qual pertencem.

Essa abertura para a aceitação da diversidade sexual na esfera religiosa cristã promove o diálogo dessa temática também nos espaços religiosos não inclusivos, porque as instituições que integram indivíduos independentemente de sua orientação sexual expõem de forma clara o seu posicionamento e as diversas interpretações e discursos doutrinários da Bíblia dentro das religiões cristãs, que passam a apresentar suas fragilidades quanto à aceitação dos homossexuais.

Partindo de uma retrospectiva histórica, nos últimos dez anos, inspirados por movimentos americanos da década de 1960, surgiram no Brasil as igrejas denominadas “inclusivas” que defendem a tolerância e a aceitação dos homossexuais sem que seja necessária uma mudança na orientação sexual desses indivíduos. Partindo do entendimento de que as igrejas inclusivas são respostas religiosas às interpelações lançadas pela comunidade LGBTI+ e pelos movimentos de grupos de minoria, essa pesquisa problematizou a inscrição dessas igrejas no campo religioso goiano, a fim de lançar luz sobre as experiências e vivências religiosas dos sujeitos homossexuais.

O estudo em questão se tornou viável em Goiás, pois no estado todo há igrejas e movimentos religiosos cristãos inclusivos há mais de dez anos e, atualmente, encontramos cerca de seis espaços abertos para expressão da fé direcionados ao público homossexual. Por residir em Goiânia, tive acesso e contato com pessoas que frequentam e/ou são líderes desses templos e movimentos, por isso, podemos transitar nesses espaços.

Na tentativa de traçar um percurso para a pesquisa, estruturamos essa dissertação em três capítulos:

No primeiro capítulo, intitulado de “Perspectivas Teóricas: Homossexualidade, Diversidade Religiosa e Igrejas Inclusivas”, serão abordados importantes teorias. Dentre elas, apresentamos aspectos gerais considerados essenciais dentro da fundamentação teórica dos temas, como breves apontamentos a respeito dos conceitos sobre sexualidade e homossexualidade, depois traremos conceitos básicos sobre Religião que envolvem a Laicidade, diversidade e pluralismo religioso no Brasil. Por último, abordaremos conceitos introdutórios que norteiam a base de construção

da fundamentação do termo Igreja Inclusiva enquanto novas e possíveis vertentes cristãs no Brasil.

No segundo capítulo, “Perspectivas Históricas: A Construção das igrejas inclusivas no Brasil”, construiremos, com base em dados e fontes orais, as premissas históricas das igrejas inclusivas no Brasil, contemplando os aspectos históricos das igrejas inclusivas em Goiás e, principalmente, na capital de Goiânia. Durante a coleta de dados e fontes documentais, conversamos com o Pastor Onaldo, 62 anos, na cidade de Rio de Verde, GO, que, nas décadas de 1980 e 1990, foi precursor das igrejas cristãs inclusivas em Goiás, com a tentativa de incluir homossexuais na igreja cristã chamada conservadora.

No terceiro capítulo, “Cenário e Perfil das igrejas inclusivas em Goiás”, trabalharemos com objeto metodológico de coleta e análise de dados. Traçaremos uma caracterização das comunidades inclusivas, o perfil dos participantes das comunidades, as expressões religiosas - doutrinas, liturgias, símbolos, mito e rito, bem como o discurso teológico - análise comparada entre comunidades inclusivas e igrejas tradicionais.

Nas considerações finais realizaremos uma retrospectiva da pesquisa para retomar linhas gerais do estudo, a fim de apresentar os resultados alcançados e, posteriormente, nas referências, apresentaremos as fontes de leitura que embasaram as discussões que foram arroladas ao longo desse trabalho.

É imprescindível registrar que tivemos de adaptar a metodologia e as estratégias de coleta de dados na pesquisa de campo, devido ao momento de pandemia, em decorrência do Novo Coronavírus (Covid-19) que estamos vivendo no Brasil. Iniciado no mês de março de 2020, até o presente momento o problema de saúde pública não foi resolvido no nosso país.

Desse modo, para evitar a contaminação da doença, foi exigido um distanciamento social com o objetivo de minimizar o contato físico entre as pessoas, evitando aglomerações, sendo esse um dos entraves para esse estudo, o que impactou a coleta de dados que passou a ser virtual. Além disso, o funcionamento das igrejas também foi afetado, pois as instituições tiveram de suspender os cultos presenciais por vários meses, todavia, ao retornar, os cultos presenciais tiveram uma baixa significativa no seu público devido às orientações da Organização Mundial de Saúde.

Mediante essas apreciações, buscamos compreender as dinâmicas socioculturais e religiosas que tangenciam tanto as relações de poder do nível institucional ao individual, como as múltiplas possibilidades de experiências individuais e coletivas que constituem as diversas formas de religiosidade possíveis na história, evocando constituir uma análise sociocultural, portanto, contextual da expressão da fé humana. Segundo Gomes Filho (2011, s/p),

há mais de um século os estudos do fenômeno religioso deixaram de ser um domínio exclusivo da Teologia, ou das Ciências da Religião. Sua incorporação pela Antropologia, Sociologia, Geografia e História trouxe a tais estudos uma versatilidade e abordagens impensadas em tempos anteriores.

Dessa forma, tornaram-se possíveis estudos nos recortes temáticos, o que favoreceu a realização de importantes pesquisas e debates sobre esses fenômenos nos meios acadêmicos e científicos. Percebemos como se dá e em que medida fatores internos e externos aos indivíduos e às instituições religiosas interferem nas mudanças sociais e nos instigam a estudá-los, pois esses nos alertam sobre a importância de compreender como a religião, a história da sociedade e da própria diversidade sexual influenciam na constituição do ser humano. Com isso, o desajustamento nesses âmbitos promove consequências significativas no olhar do outro e de si mesmo como sujeito social, partindo daí a relevância dessa pesquisa.

CAPÍTULO 1

PERSPECTIVAS TEÓRICAS:

HOMOSSEXUALIDADE, DIVERSIDADE RELIGIOSA E IGREJAS INCLUSIVAS

Neste capítulo abordaremos três eixos conceituais. No primeiro, analisaremos os conceitos de sexualidade e homossexualidade, no segundo, os conceitos de Religião e Laicidade e, no terceiro, a construção do termo Igreja Inclusiva. Esses conceitos são importantes teorias que norteiam a discussão nos capítulos subsequentes que abordarão a construção histórica das igrejas inclusivas em Goiás e a análise dos dados coletados na pesquisa de campo.

1.1 SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE: BREVES APONTAMENTOS CONCEITUAIS

A sexualidade humana é um assunto complexo, extenso e alvo de inúmeras discussões, porém é um assunto importante que norteia os principais comportamentos da sociedade, por isso ganha notoriedade e gera polêmicas que divergem culturas de diversos países e gera desconforto até mesmo dentro de determinadas religiões. No que diz respeito à sexualidade, há países que consideram crimes certos comportamentos sexuais como a homossexualidade, semelhante ao que ocorre em diversas religiões cristãs e não cristãs, a homossexualidade é, em alguns lugares, algo abominável e pecaminoso.

Conforme o pesquisador André Musskopf (2008, p.98), “os séculos XIX e XX trouxeram grandes mudanças para a vivência e compreensão da homossexualidade no Brasil”. Assim, o desconhecimento sobre questões de sexualidade contribui para que a sociedade continue agindo de forma errônea e até mesmo ignorante, perpetuando e fomentando preconceitos advindos não apenas da falta de informação, como também das interpretações equivocadas acerca de conceitos relacionados a gênero, sexo e sexualidade.

Nos estudos sobre sexualidade humana, o livro de conteúdo denominado de Gênero e Diversidade na Escola (2009, p.115) explicita que,

a sexualidade envolve um processo contínuo, e não linear, de aprendizado e reflexão por meio do qual, entre outras coisas, elaboramos a percepção de

quem somos. Esse é um processo que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas. Nascemos dotadas e dotados de determinadas capacidades biológicas. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida. Por isso, as expressões da sexualidade humana são tão diversas.

Nessa perspectiva, a sexualidade é um processo não tão fechado, mas sim ainda bem aberto, pois é por meio da sexualidade que descobrimos um pouco de nossa identidade. Todo indivíduo nasce com o potencial biológico em si e o restante da sexualidade vai sendo construído no decorrer da cultura social e história em que ele está inserido, ao longo de sua vida. Para o livro de conteúdo denominado de Gênero e Diversidade na Escola (2009, p.178), o conceito de Sexualidade,

refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas.

Nesse viés, apesar de encontrarmos conceitos de que sexualidade e de gênero estão ligados ao ato sexual do coito em si, a sexualidade abrange muito mais além, ela vai ao campo dos sentimentos, das sensações, da mente e do corpo do ser humano. Além disso, ainda que sejam feitas múltiplas interpretações de conceitos já existentes a respeito de sexualidade e gênero, podemos afirmar que sexualidade é um assunto que ainda está em constante desenvolvimento e é objeto de inúmeras pesquisas. É possível, inclusive, enxergar uma diferença dentro do campo da sexualidade e do gênero.

Sexualidade e gênero são dimensões diferentes que integram a identidade pessoal de cada indivíduo. Ambos surgem, são afetados e se transformam conforme os valores sociais vigentes em uma dada época. São partes, assim, da cultura, construídas em determinado período histórico, ajudando a organizar a vida individual e coletiva das pessoas. Em síntese, é a cultura que constrói o gênero, simbolizando as atividades como masculinas e femininas. (GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA, 2009, p. 46)

Sendo assim, a cultura social vai ditando o que vem a nortear as composições da identidade humana no campo do que é masculino e do que é feminino. Entretanto, no decorrer das mudanças históricas, esses papéis vão também sofrendo

transformações que são influenciadoras na sexualidade humana. Hoje, chegamos a um ponto em que não se pode mais afirmar, como foi feito em outros períodos históricos, que existe uma normalidade ou um padrão sexual. A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) define o conceito de normalidade sexual da seguinte forma:

Normalidade sexual: Ao se tratar de sexualidade, não existe padrão de normalidade ou anormalidade. A manifestação sexual/afetiva é de caráter individual e íntimo dos indivíduos. Falar de “normalidade” de uma identidade ou orientação sexual pressupõe que existe um “desvio da norma”, uma “anormalidade”. Portanto, é uma expressão que deve ser evitada ao referir-se aos segmentos LGBT, pois pode reforçar conceitos relacionados ao preconceito e discriminação. (ABGLT, 2010, p.14)

Não se pode, então, ser dito que existe um padrão de normal ou anormal para a sexualidade na sociedade atual, pois a sexualidade humana está ligada a afetividade, ao caráter e a identidade de cada pessoa que compõe o coletivo.

Considerando, então, essa conceituação, o olhar padrão heterossexual leva o indivíduo a enxergar a si mesmo e aos outros somente pela lente do padrão hétero. Dessa forma, a padronização do comportamento sexual amparado no viés heterossexual poderia ser chamada de heteronormatividade ou padrão heteronormativo que, segundo a ABGLT (2010, p. 13), é uma

expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual. Esse padrão de comportamento é condizente com a ideia de que o padrão heterossexual de conduta é o único válido socialmente e que não seguir essa postura social e cultural coloca o cidadão em desvantagem perante o restante da sociedade. Esse conceito é a base de argumentos discriminatórios e preconceituosos contra LGBT, principalmente aos relacionados à formação de família e expressão pública.

Esse ‘padrão’ heteronormativo fere os princípios do individual, do coletivo e da própria diversidade humana. Esse formato, muitas vezes, já está imposto na história da sociedade, adotá-lo seria ditar que exista um padrão normal para sexualidade, e ditar também que todos os outros estão fora dele, isto é, seja anormal e não oficial, podendo reforçar conceitos e pensamentos errôneos.

Esse ‘padrão’ heteronormativo fere os princípios do individual, do coletivo e da própria diversidade humana. É preciso reconhecer que existem diversos moldes da sexualidade e eles são normais e compõem a diversidade sexual humana, por isso os

posicionamentos contrários à abordagem de existência da diversidade promovem atitudes de preconceitos. Preconceitos esses que podem, inclusive, extrapolar limites e resultar em atos que ferem a integridade de indivíduos que fazem parte da comunidade LGBTI+. Conforme a Organização das Nações Unidas (ONU, 2019, s/p),

atitudes homofóbicas e transfóbicas ainda estão, infelizmente, profundamente arraigadas em todos os cantos do planeta expondo lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) de todas as idades a flagrantes violações de direitos humanos. Infelizmente, no Brasil não é diferente. De acordo com os dados do 2º Relatório Sobre Violência Homofóbica de 2012, publicado pela Secretaria dos Direitos Humanos, somente em 2012 foram quase 10 mil (9.982) denúncias de violações de direitos humanos relacionadas à população LGBT registradas pelo governo federal. Em 2011 esse número não chegou a sete mil (6.809), o que demonstra um aumento preocupante da violência homofóbica no país.

Há, na atualidade, como apontam os dados da ONU, atitudes preconceituosas contra a diversidade sexual humana, principalmente no que diz respeito ao público LGBTI+ e isso vai contra os direitos humanos. Conforme o porta de Agência de Notícias da AIDS:

Em 2020, 237 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia: 224 homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%). É o que mostra o Relatório: Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil. (AGÊNCIA AIDS, 2020, s/p)

Ademais, a violência contra essa parcela da população está aumentando a cada ano e isso se torna um assunto que exige reflexão por parte de toda a sociedade. O crescimento nos números relacionados à violência contra esses grupos, decorrentes de sua orientação sexual, dizem muito a respeito de como essa temática tem sido abordada na atualidade e evidencia uma falha estrutural no corpo social no que tange à luta pelo fim da homofobia. Gênero (2018, p.28) aponta alguns aspectos referentes a esse preconceito e às lutas dos movimentos LGBTI+.

O preconceito contra pessoas com orientação sexual diferenciada vem sendo fortemente combatido pelo Movimento LGBT. Consideradas, no passado, um pecado pela religião (e por muitos até hoje), uma doença pela medicina, um desvio de conduta pela psicologia, as práticas homoeróticas, nas últimas décadas, têm contribuído para a superação do estigma que as reprovava e perseguiu.

Logo, constata-se que o preconceito está arraigado no ser humano por meio de uma cultura histórica: por um lado, dentro da religião cristã, percebe-se essa diversidade sexual como pecaminosa; por outro, a medicina por tempos a enxergou

como desvios sexuais. Além disso, a maior parte da sociedade, respaldada por seu senso comum, concebe as manifestações de diversidade sexual como práticas abomináveis e reprováveis. Sabemos que já existe uma parcela da sociedade que tem revisto seus pensamentos e posicionado de forma diferente. Por isso, os chamados movimentos LGBTI+ têm se posicionado com as Organizações Não-Governamentais (ONGs) e dentro das políticas públicas para lutar pelos direitos básicos dessa comunidade.

No que se refere ao “movimento homossexual”, Facchini (2003, p.4) explicita que

o termo movimento homossexual é aqui entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento.

O termo “movimento homossexual” utilizado é compreendido como indivíduos que se agrupam em ONGs e instituições formalizadas pelas leis brasileiras para lutarem pela defesa dos direitos humanos que envolvem a diversidade sexual, mais especificamente do grupo LGBTI+, atuando nas políticas públicas que, amparadas pelas leis vigentes do país, possibilitam pressionar a sociedade para um posicionamento reflexivo diante do diferente.

Fachini (2005), considera também importante entender um pouco das siglas que permeiam essa diversidade sexual e são tão comuns nas lutas dos movimentos homossexuais, pois

antes de falarmos sobre o histórico do movimento LGBT, é preciso entender o que é LGBT. É uma sigla que designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Em alguns locais no Brasil, o T, que representa a presença de travestis e transexuais no movimento, também diz respeito a transgêneros, ou seja, pessoas cuja identidade de gênero não se alinha de modo contínuo ao sexo que foi designado no nascimento (crossdressers, drag queens, transformistas, entre outros). (FACCHINI, 2005, p.04)

Podemos perceber, contudo, que, ao longo dos anos, essa sigla sofreu alterações e foi sendo adaptada para incluir os novos desígnios da sexualidade humana, como observado na declaração da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis/Transsexuais) em 2010.

Sigla que se popularizou por designar, em uma única sigla, não só os “gays” e “lésbicas”, mas também aqueles que, independentemente de orientação sexual ou identidade de gênero, são solidários, abertos e “simpatizantes” em relação à diversidade LGBT. GLS também é utilizado para descrever as atividades culturais e mercadológicas comuns a este grupo de pessoas. A sigla GLS é excludente porque não identifica as pessoas bissexuais, travestis e transexuais. Dessa forma, não deve ser empregada como referência à esfera política das diversas vertentes dos movimentos LGBT. (ABGLT, 2010, p.12)

A associação declara que, de início, a sigla usada era GLS que se limitava a incluir Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Os simpatizantes, nesse contexto, eram todas as outras variações da sexualidade humana. Entretanto, a nomenclatura evoluiu para LGBT, representando uma conquista dos bissexuais, travestis e transsexuais que não se sentiam representados por esses movimentos e não eram contemplados pelas classificações da diversidade sexual. Seguindo essa ideia de evolução, Ciscati (2019) explica que

ao longo dos anos, a sigla mudou e se expandiu, acompanhando mudanças na estratégia política do movimento — e respondendo às reivindicações de diferentes grupos e identidades. No Brasil, a ABGLT adota o acrônimo LGBTI+. Há quem proponha, fora do país, versões estendidas, como LGBTTIQQ2SA+. É um conjunto polêmico.

No decorrer da história da sexualidade, houve uma expansão dessa sigla que foi adotada em diversos lugares, no Brasil, por exemplo, pela ABGLT. Essa expansão foi realizada nos últimos anos e passou a ser denominada no Brasil de LGBTI+, porém, em outros países, essa sigla também pode sofrer variações, o que elucida o fato de encontrarmos ela de diferentes formas nos textos e campanhas midiáticas.

Nesse trabalho utilizaremos o termo adotado pela ONU (Organização das Nações Unidas) e pela ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis/Transexuais) que é LGBTI+. No entanto, ressaltamos que veremos ainda as diferentes representações dessa sigla e como elas foram usadas nos documentos oficiais e extraoficiais no Brasil e em outros países. Conforme podemos ver na declaração do Caderno Globo 12, por exemplo, uma publicação do Globo Universidade em parceria com a Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro-RJ cuja temática foi “Corpo - Artigo Indefinido”, uma das variantes da sigla é

LGBTQIA+: acrônimo utilizado para se referir às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis, queers, questionando, intersexuais, assexuais e outras sexualidades e identidades de gênero ainda

não incluídas. Em alguns casos, usa-se o A como “aliados”. (CADERNO GLOBO 12, p.11, 2017)

Nesse formato, a sigla objetiva alcançar a representatividade de uma forma mais ampla desses movimentos.

A GLAAD, uma organização não-governamental cuja sigla em inglês representa “Aliança de Gays e Lésbicas Contra Difamação”, tem como objetivo homenagear artistas, jornalistas e outras personalidades da mídia que usaram suas plataformas para, de alguma forma, ajudar a comunidade LGBT, atuando nos Estados Unidos da América (EUA), também na vanguarda das mudanças culturais, acelerando a aceitação pela comunidade LGBTQ. De acordo com a organização, a sigla LGBTQ é um

acrônimo de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e homossexuais. Às vezes, quando o Q é visto no final do LGBT, também pode significar questionamento. LGBT e/ou GLBT também são frequentemente usados. O termo "comunidade gay" deve ser evitado, pois não reflete com precisão a diversidade da comunidade. Em vez disso, a comunidade LGBTQ é preferida. (GLAAD, 2016, p.6)

Segundo a GLAAD, a sigla utilizada em 2016 seria a LGBTQ, conforme os significados descritos acima, e que a inclusão da letra Q estaria dando visibilidade aos grupos chamados de “questionamentos”, que entendemos também como Queer/queens etc.

Quanto ao uso das siglas para representação dos grupos de minoria, Ciscati (2019) esclareceu que

a alteração feita em 2008, a mais recente a envolver uma votação num fórum nacional, não foi a primeira. E, na opinião de ativistas, dificilmente será a última: “Em 1978, tínhamos o movimento homossexual. Em 1993, ocorreu o encontro de homossexuais e lésbicas. Em 1995, passamos a falar em movimento de gays, lésbicas e travestis. Em 2001, entraram os bissexuais. Em 2005, passamos a usar a palavra transexual”, enumera Toni Reis, fundador do Grupo Dignidade.

Em 2008, essa questão foi discutida, no Brasil e no mundo, analisando a evolução nos próprios temas dos encontros nacionais que discutiam as militâncias dos grupos homossexuais. Foi feita uma votação na I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada em Brasília (DF), entre 5 e 8 de junho de 2008, promovido pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência de República Federativa do Brasil. Nesse evento, os participantes

chegaram à conclusão de usarem oficialmente a sigla LGBTI+, que foi imediatamente adotada pela ABGLT, assim como por outros órgãos oficiais do governo brasileiro. É importante salientar que a sigla era usada pela ONU e a encontramos também em documentos do Ministério da Saúde. Nesse sentido, Ciscati (2019) afirma que

hoje, utilizamos “LGBTI+”, resume, citando o acrônimo adotado pelo Dignidade e pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais (ABGLT). Com expressão nacional, a ABGLT reúne mais de 300 organizações LGBTI+ — é a maior associação do gênero na América Latina. “O ‘mais’ indica que há pessoas com orientações sexuais e identidades de gênero que não aparecem nesse acrônimo. Como as pessoas agênero e as não-binárias, além de tantas outras”, explica. (ABGLT 2008, *apud CISCATI, 2019, s/p.*)

O autor elucida que o melhor a ser utilizado é a sigla LGBTI+, pois o + inserido está representando pessoas com orientações e identidades sexuais que não aparecem nessa sigla, mas que mesmo assim são representadas pelo movimento de militâncias e políticas públicas.

Considerando toda a complexibilidade que a sexualidade humana contempla, apresentaremos alguns conceitos gerais a respeito de como se compõe a construção dessa sexualidade humana, bem como os conceitos básicos que dão significado a cada letra que forma a sigla LGBTI+, do movimento homossexual, representativa de toda diversidade sexual existente. Como forma introdutória da abordagem conceitual, observemos a ilustração a seguir:



FIGURA 1: Identidade e expressão de gênero

Fonte: REIS, T., etc. Manual de Comunicação LGBTI+. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018

Partiremos dos conceitos, conforme exemplificados na imagem acima que está oficialmente publicada no último Manual de comunicação LGBTI+, elaborado pela Aliança Nacional LGBTI+, juntamente com a Aliança Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis/Transsexuais. Essa abordagem foi alinhada com a Organização Gay Latino-Americana e a Organização das Nações Unidas, Organização Mundial da Saúde e o Conselho Federal de Psicologia.

Iniciaremos com o conceito de 'Expressão de gênero', que basicamente é a maneira como o indivíduo se identifica com os papéis sociais de feminino, masculino ou até mesmo de forma híbrida. Essa manifestação é sua expressão da identidade de gênero, que foi construída ao longo dos anos em sua trajetória, e será visível de forma pública, por meio do nome que pode ser de batismo ou principalmente pelo uso do nome social, contemplando, ainda, a forma de vestir, seus aparatos pessoais de comportamento, características físicas e de personalidade. Conforme a GLADD (2016, p.10),

Expressão de gênero é como a pessoa manifesta publicamente a sua identidade de gênero, por meio do seu nome, da vestimenta, do corte de cabelo, dos comportamentos, da voz e/ou características corporais e da

forma como interage com as demais pessoas. A expressão de gênero da pessoa nem sempre corresponde ao seu sexo biológico.

Essa expressão de gênero está alinhada com a identidade de gênero, mas nem sempre será igual ao sexo biológico, pois o sexo biológico da pessoa pode ser masculino e sua expressão e identidade de gênero ser feminina ou vice-versa. Segundo a Associação para o Planejamento da Família APF (2016):

Expressão de gênero – Diz respeito aos comportamentos, forma de vestir, forma de apresentação, aspecto físico, gostos e atitudes. Uma pessoa andrógina exprime-se de uma forma ambivalente, ou seja, apresenta uma combinação de traços físicos quer masculinos, quer femininos ou uma aparência que não permite identificar claramente o seu gênero.

A expressão de gênero está relacionada aos comportamentos sociais que o indivíduo adota para sua forma de viver dentro da sociedade, com isso, o comportamento está ligado claramente à sua identidade sexual. Corroborando com a perspectiva da GLAAD (2016) que é expressa nos aspectos físicos, como vestimentas, atitudes e expressões da personalidade e que nem sempre será igual ao sexo biológico.

A APF (2016) exemplifica o caso da androginia como um comportamento em que a pessoa se expressará de forma híbrida em relação aos papéis sociais referentes ao masculino e ao feminino, considerando que o indivíduo terá sempre a intenção, por meio de suas atitudes, de não ser rotulado por nenhum dos papéis de gênero. Dessa forma, a identidade de gênero está relacionada a expressão de gênero, sendo também a forma com que o indivíduo tem a percepção de si mesmo dentro desses encargos sociais em torno do masculino e feminino.

Conforme a ABGLT (2010, p.16), androginia é um “termo genérico usado para descrever qualquer indivíduo que assuma postura social, especialmente a relacionada à vestimenta, comum a ambos os gêneros”. Assim, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis/Transexuais também define que a

identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher). (ABGLT, 2010, p. 16)

Ou seja, a ABGLT conceitua a identidade de gênero como sendo a certeza interior que a pessoa tem de identificação com os papéis do gênero masculino ou gênero feminino, descrevendo a abordagem de uma forma mais detalhada e com capacidade melhor de elucidar o que é essa definição. Para a ABGLT (2010, p.16),

Identidade de gênero: É uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. Identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher).

A Associação esclarece que o conceito de identidade de gênero pode ser compreendido como a experiência que a pessoa tem em suas relações de referências sociais e isso pode ou não se identificar com o mesmo sexo biológico com o qual ela nasceu. Não se trata, então, de como a sociedade rotula o indivíduo, mas sim de como essa pessoa se vê enquanto partícipe da sociedade, uma certeza interior do indivíduo. Nessa discussão conceitual, Reis (2018, p. 33) elucida que identidade de gênero é a

forma como cada pessoa sente que ela é em relação ao gênero masculino e feminino, lembrando que nem todas as pessoas se enquadram, e nem desejam se enquadrar, na noção binária de homem/mulher, como no caso de pessoas agênero e Queer, por exemplo.

Para o autor, a identidade de gênero, contudo, nem sempre se enquadrará de acordo com o que nós vemos no exterior das vestimentas, pois esses não são aspectos necessariamente determinantes para a manifestação da identificação de gênero de cada ser humano. Esse é, por exemplo, o contexto que vivenciam as pessoas agênero, Queer e não binárias.

A partir dessas conceituações, notamos que há uma convergência nas abordagens de Reis (2018) e ABGLT (2010) com a de Gênero (2009, p.119), ao conceber, esse último, que a identidade de gênero “diz respeito à percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres”. Em relação ao conceito

do termo “gênero”, o livro de conteúdo denominado Gênero e Diversidade na Escola (2009, p. 178) traz a seguinte concepção:

Gênero: Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do pensamento feminista. Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero refere-se à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

Nessa perspectiva, o conceito em torno de gênero, no campo das ciências sociais e humanas, está relacionado à construção social dos papéis sociais e foi elaborado para separar a parte física do sexo biológico (pênis e vagina) das personificações construídas socialmente do que é masculino e feminino (homem e mulher). Assim, fazendo com que homens e mulheres sejam reproduções do que a sociedade dita como sendo seus papéis e suas atribuições masculinas e femininas, na forma de vestir, trabalhar, comportar etc. Logo,

gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. Por exemplo, o fato de as mulheres, em razão da reprodução, serem tidas como mais próximas da natureza, tem sido apropriado por diferentes culturas como símbolo de sua fragilidade ou de sujeição à ordem natural, que as destinaria sempre à maternidade. (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009, p. 39)

Ainda segundo os conceitos elucidados pelo livro de conteúdo (2018), a questão dos gêneros sofre influências da cultura social e religiosa imposta na sociedade como, por exemplo, a realidade das mulheres terem sido associadas ao papel da reprodução, da fragilidade e de serem sujeitas às ordens de terem que ser sempre reprodutoras. Por esse ângulo,

questões de gênero, religião, raça/etnia ou orientação sexual e sua combinação direcionam práticas preconceituosas e discriminatórias da sociedade contemporânea. Se o estereótipo e o preconceito estão no campo das ideias, a discriminação está no campo da ação, ou seja, é uma atitude. É a atitude de discriminar, de negar oportunidades, de negar acesso, de negar humanidade. Nessa perspectiva, a omissão e a invisibilidade também são consideradas atitudes, também se constituem em discriminação. (GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA, 2009, p. 29)

As questões de gênero estão ligadas ao campo das ideologias, que são usadas pela sociedade atual para vincular as atitudes preconceituosas ligadas ao

estereótipo e ao não enquadramento ao que é considerado normativo e padrão, na visão da maioria. Nessa linha conceitual, evoca-se aqui a discussão a respeito da 'orientação sexual':

Refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a heterossexualidade (atração física e emocional pelo "sexo oposto"); a homossexualidade (atração física e emocional pelo "mesmo sexo"); e a bissexualidade (atração física e emocional tanto pelo "mesmo sexo" quanto pelo "sexo oposto"). (GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA, 2009, p. 79)

Essa concepção se refere às atrações físicas e emocionais ligadas ao mesmo sexo ou ao sexo oposto, considerando três orientações sexuais reconhecidas até o presente momento: heterossexuais, homossexuais e bissexuais, assim como eles foram conceituados anteriormente. Para REIS (2018, p. 33), orientação sexual é a

inclinação involuntária de cada pessoa em sentir atração sexual, afetiva e emocional por indivíduos de gênero diferente, de mais de um gênero ou do mesmo gênero. Relembrando: as três orientações sexuais preponderantes mencionadas acima não são as únicas. Existe uma gama de possibilidades.

Na abordagem de Gênero e Diversidade na Escola (2009), a orientação sexual é o desejo voluntário que cada indivíduo tem pelo outro, enquanto para Reis (2018), a inclinação é involuntária, mas ambos concordam que essa formulação envolve os desejos sexuais, físicos, emocionais e afetivos por pessoas de sexo oposto, do mesmo sexo, ou os dois sexos. Importante destacar, no entanto, que a definição de Gênero e Diversidade na Escola (2009) diverge da de Reis (2018), quando esse último admite que há uma série de possibilidades muito mais ampla em relação ao que envolve as definições de quais são as orientações sexuais existentes do que apenas ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

Outro conceito dos estudos da sexualidade trata-se do "sexo biológico". Segundo Reis (2018, p.34), "sexo biológico é o que existe objetivamente: órgãos, hormônios e cromossomos. Feminino = vagina, ovários, cromossomos xx; masculino = pênis, testículos, cromossomos xy; intersexual = combinação dos dois". Seguindo essa lógica, Gênero e Diversidade na Escola (2018, p. 119) concebe que sexo biológico é o "conjunto de informações cromossômicas, órgãos genitais, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que distinguem machos e fêmeas".

Cabe ressaltar que a expressão “opção sexual”, muito usada ao longo da história da sexualidade, não é mais adequada, como explica a ABGLT (2010, p.14):

Essa expressão é incorreta. O termo aceito é “orientação sexual”. A explicação provém do fato de que ninguém “opta”, conscientemente, por sua orientação sexual. Assim como o heterossexual não escolheu essa forma de desejo, o homossexual (tanto feminino como masculino) também não.

Desse modo, ao usar a expressão “opção sexual” estaríamos dizendo que o homossexual escolheu ser homossexual. Entretanto, está consolidado que a orientação sexual não se trata de uma escolha consciente, nem para o “hétero” nem para o homossexual. Ainda na perspectiva dessa conceituação, há três categorias nas quais o indivíduo pode ser classificado, segundo sua atração: heterossexual, homossexual e bissexual. Segundo a ABGLT (2018, p.13), heterossexual é o “indivíduo amorosamente, fisicamente e afetivamente atraído por pessoas do sexo/gênero oposto. Heterossexuais não precisam, necessariamente, terem tido experiências sexuais com pessoas do outro sexo/gênero para se identificarem como tal”.

Então, heterossexualidade é concebida como a atração física e emocional de alguém por uma pessoa que seja diferente do seu sexo biológico, chamado de sexo oposto. Nesse viés, o contrário evoca o conceito de homossexualidade, que ocorre quando indivíduos têm atração contrária a esse conceito, ou seja, atração afetiva e sexual pelo sexo igual ao seu sexo biológico, sendo denominados homossexuais.

Homossexual: É a pessoa que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero. Homossexualidade: É a atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo/gênero. Homossexualismo: Termo incorreto e preconceituoso devido ao sufixo “ismo”, que denota doença, anormalidade. O termo substitutivo é homossexualidade, que se refere da forma correta à orientação sexual do indivíduo, indicando “modo de ser”. (ABGLT, 2010, p.14)

A pessoa homossexual é aquela que tem desejos sexuais e afetivos por pessoas do mesmo sexo biológico e gênero que o seu. Salientamos que o termo “homossexualismo” é inadequado, porque o sufixo “ismo” remete a patologia ou mesmo a algo tido como anormal. Considerando o contexto brasileiro, a homossexualidade já foi desconsiderada como uma patologia pelo Conselho de Medicina, Psicologia e Psiquiatria (1990), não sendo mais reconhecida como doença ou anormalidade, e sim como aspecto natural da diversidade sexual humana.

Por esses fatores, o uso dos termos homossexual e homossexualidade são os mais usuais e adequados, por isso serão os termos adotados no decorrer desse trabalho. *Gênero e Diversidade na Escola* (2019, p.47) elucida que a homossexualidade é a “atração sexual por pessoas do mesmo gênero e relacionamento afetivo-sexual com elas” e apropria sua abordagem por meio de um termo cunhado no ambiente jurídico pela então desembargadora Maria Berenice Dias – Homoafetivo.

Homoafetivo: Adjetivo utilizado para descrever a complexidade e a multiplicidade de relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero. Este termo não é sinônimo de homoerótico e homossexual, pois conota também os aspectos emocionais e afetivos envolvidos na relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo/gênero. É um termo muito utilizado no mundo do Direito. Não é usado para descrever pessoas, mas sim as relações entre as pessoas do mesmo sexo/gênero. (ABGLT, 2010, p.13)

O termo “homoafetivo” foi adotado pelos movimentos homossexuais, assim como por boa parte do meio jurídico e é comum que seja utilizado dentro das igrejas cristãs inclusivas no Brasil. Esse termo representa uma tentativa política de evidenciar a homossexualidade não apenas como algo ligado ao sexo, ao profano, promíscuo a que os homossexuais foram sendo associados e rotulados ao longo dos tempos. Para Ferreira (2016, p. 26), a expressão cunhada por Maria Berenice Dias é “menos depreciativa ao segmento homossexual”, pois não carrega consigo o tom preconceituoso com o qual essa orientação sexual é comumente abordada.

Homoafetivo se tornou uma forma de dizer que os LGBTI+ são indivíduos que estão ligados aos mesmos sexos por sentimentos afetivos e aspectos emocionais. Envolve uma imagem mais respeitosa e expressa que os homossexuais desejam ter relacionamentos longos e duradouros como qualquer ser humano, bem como constituírem famílias e terem seus direitos humanos conquistados em todas as esferas da necessidade básica de um cidadão.

Tal como mostramos acima, dentro das expressões homossexuais, homossexualidade e homoafetivos, ainda temos um percurso conceitual para definir cada letra e sinal contemplado na sigla LGBTI+. Como é o caso das palavras Gay e Lésbica, mais usuais e pioneiras dentro das lutas pela sexualidade e nos movimentos sociais de militâncias pró LGBTI+.

Gay: Pessoa do gênero masculino que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino.
Lésbica: Pessoa do gênero feminino que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero feminino.
(GÊNERO, 2018, p. 79)

Geralmente, categoriza-se como Gays os homens do gênero masculino que se atraem fisicamente e afetivamente por outros homens que pertencem ao mesmo gênero. Enquanto as Lésbicas são as mulheres do gênero feminino que se atraem afetivamente e fisicamente por outras mulheres do gênero feminino. Nesse liame, Ciscati (2019) esclarece que “L e G - Referem-se a ‘lésbicas’ e ‘gays’”. Quando surgiu no Brasil, o movimento LGBTI+ era conhecido como homossexual. Ou, simplesmente, ‘gay’. O entendimento, à época, era que o termo podia abrigar diferentes identidades. As lésbicas seriam incluídas na nomenclatura em 1993”.

Para a ABGLT (2010, p.14), lésbica é a “mulher que é atraída afetivamente e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero. Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas”. É interessante salientar que, muitas vezes, pelo impacto social do termo gay, há casos em que as próprias lésbicas se categorizam como “gays”, usualmente, algumas lésbicas se autodenominam dessa maneira.

Quanto ao significado da letra “B”, inserida historicamente e que permanece na sigla atual LGBTI+, trata-se da representação das pessoas que se denominam bissexuais, ou seja, pessoas que se atraem pelos dois sexos biológicos.

Bissexual: É a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros. Bi é uma forma reduzida de falar de pessoas Bissexuais. Bissexualidade: Termo utilizado para descrever a experiência bissexual em sentido amplo. (ABLGT, 2010, p. 11)

Bissexual é aquele indivíduo que se relaciona sexualmente e afetivamente com pessoas dos dois gêneros sexuais e isso pode acontecer de forma simultânea ou até mesmo isolada. Geralmente, o termo bissexual é reduzido, tornando-se o rótulo popular “Bi”.

São mulheres e homens bissexuais. A letra entrou para a sigla brasileira em 2001. A compreensão de que a bissexualidade é uma orientação sexual é recente: remonta aos anos 1990. Conforme lembra Marinalva Santana, do Matizes, o grupo hoje luta por maior visibilidade, e para desconstruir mal-entendidos — como o que sustenta que pessoas bissexuais seriam, na verdade, gays ou lésbicas indecisas. (CISCATI, 2019)

Ciscati (2019), além de confirmar os significados adotados pela ABGLT, traz dados históricos de que os bissexuais entraram para a sigla em 2001 e de que o entendimento dessa definição como orientação sexual também foi recente. Essa discussão provém do cenário de lutas da década de 90, que foi capaz de representar o movimento que tem buscado maior visibilidade e reconhecimento dos seus direitos.

A letra “T”, durante muito tempo, era representada pela letra T aparecendo duas vezes (TT) ou até mesmo três (TTT), mas foi simplificada com apenas um T, ficando LGBTI+. Esse T representa o grupo de pessoas transgêneros, composto por: travestis e transexuais. Informalmente, para substituir esses termos, aplica-se a abreviação “Trans” que resume todo o sentido abarcado pelos dois conceitos. A ABGLT (2010, p. 17) classifica transgênero como uma “terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade”. Em consonância, *Gênero e Diversidade na Escola* (2018, p. 174) esclarece que “transgênero ou ‘trans’ são termos utilizados para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais como sujeitos que realizam um trânsito entre um gênero e outro”. Já para a ABGLT (2010, p.17), transexual é a

peessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) a sua identidade de gênero constituída.

No conceito da ABGLT (2010), transexuais são as pessoas que possuem uma identidade de gênero diferentes do seu sexo biológico. Por exemplo, o indivíduo nasceu biologicamente com a genitália do sexo masculino, porém ele se identifica com o gênero feminino, logo ele possui como sexo biológico o masculino e a identidade de gênero como feminina. Assim, sua expressão de gênero é feminina, por isso, a pessoa manifesta o desejo pelas intervenções médico-cirúrgicas. Nesse processo de identificação sexual, surge a necessidade de adequar sua imagem a sua identidade, tornando-se então, uma Mulher trans.

Muitos se perguntam: *Por que Mulher Trans?*

“Mulher” porque esta era a identidade de gênero com a qual o indivíduo se identificava e é a expressão desejada. “Trans” porque nasceu biologicamente em

um corpo com características masculinas e precisou de intervenções para se adequar. Ao inverso dessa situação, a mulher que nasceu com o sexo biológico feminino e se identifica com a identidade e expressão de gênero masculina, decidindo-se, por fim, a passar por intervenções médico-cirúrgicas, dá-se o nome de Homem Trans.

As pessoas transexuais podem ser homens ou mulheres, que procuram se adequar à sua identidade de gênero. Algumas pessoas recorrem a tratamentos médicos, que vão da terapia hormonal à cirurgia de redesignação sexual. São usadas as expressões homem trans e mulher transexual. (CADERNO, 2017, P.113)

As expressões “homem trans” e “mulher trans” também são usadas de forma oficialmente e bem aceita pela comunidade como forma respeitosa, mais adequado do que termos usualmente aplicados às mulheres transexuais em situações de humilhação e com viés pejorativo como “travas, travecos etc.”. Sobre a letra T, representação para transexuais e travestis, Ciscati (2019) informa que

Na América Latina, a primeira organização política de transexuais surgiu no Rio de Janeiro em 1992: a Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro (Astral). O objetivo do grupo era impedir a prisão indiscriminada de travestis que ocorria na cidade, e se opor à violência policial. A letra foi adicionada à sigla geral do movimento em 1995.

Ciscati (2019) contextualiza que transexuais e travestis foram representadas de forma pioneira na década de 1990, por meio da Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro (Astral), marcada pela luta pelos direitos desse grupo, de forma a tentar impedir as prisões e atos de violência que ocorreriam contra essas pessoas na época em questão. Ainda assim, o termo travesti muitas vezes é usado de forma inadequada e preconceituosa contra esse grupo.

Outra informação importante é compreender que utilizar a expressão “o travesti” é considerado uma ofensa porque a pessoa travesti se identifica com o gênero feminino, ou seja, o termo mais adequado de se usar é “a travesti”, pois o artigo definido “o”, nesse caso, faz uma marcação de gênero no masculino, o que não é adequado nessas circunstâncias.

Travesti: Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos através de hormonioterapias, aplicações de silicone

e/ou cirurgias plásticas, porém vale ressaltar que isso não é regra para todas (Definição adotada pela Conferência Nacional LGBT em 2008). (GÊNERO, 2018, p. 47)

Travesti, é a pessoa que nasce com um sexo biológico e se identifica com outro sexo diferente do seu da mesma forma que um transexual, porém, pode ter sofrido adequações no seu corpo ou ainda estar passando pelo processo de adequações. Há ainda travestis que optam por não ressignificar seus órgãos genitais, mantendo os mesmos do corpo de nascimento. Nesse caso, a travesti está dentro de uma variação da pessoa transexual, por terem significados bem semelhantes. Por isso, usualmente aplica-se apenas o termo transexual ou trans para se referir a essas pessoas, evitando, dessa forma, o desconforto do preconceito que foi embutido ao longo dos anos na palavra travesti.

A letra “Q”, inserida na sigla LGBTQ, faz referência a palavra Queer. Em alguns contextos foi, assim como a letra “T”, utilizada de forma repetida, como em LGBTQQQ. Todavia, atualmente aparece como LGBTQI+ ou simplesmente inserida na representação do +. A GLAAD (2016) classifica que a letra Q tenha o seguinte significado:

QUEER: um adjetivo usado por algumas pessoas, principalmente pessoas mais jovens, cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual (por exemplo, pessoa queer, mulher queer). Normalmente, para aqueles que se identificam como esquisitos, os termos *lésbica*, *gay* e *bissexual* são percebidos como muito limitantes e / ou repletos de conotações culturais que eles acham que não se aplicam a eles. Algumas pessoas podem usar queer, ou mais comumente, genderqueer, para descrever sua identidade de gênero e / ou expressão de gênero uma vez considerado um termo pejorativo, o queer foi reivindicado por algumas pessoas LGBT para se descrever; no entanto, não é um termo universalmente aceito, mesmo dentro da comunidade LGBT. Quando Q é visto no final do LGBT, normalmente significa queer e, com menos frequência, questionamento. (GLAAD, 2016, p.6)

Nessa perspectiva, o “Q” representa o grupo *Queer*, que são as pessoas geralmente mais jovens, cuja orientação sexual não seja considerada normal, além de ser vista como esquisita. Entretanto, o termo também pode ser usado para classificar um grupo específico de pessoas que não tem uma classificação exata de sua identidade de gênero, que são os não binários, aqueles que têm identidade de gênero femininas e masculinas e expressam seus comportamentos de forma que não querem se adequar a nenhum gênero. Conforme Ciscati (2019), “as pessoas que se

identificam como Queer, de maneira geral, entendem que termos como “lésbica” ou “gay” são restritivos”. Para o Caderno o Globo 12 (2017, p. 113), Queer é um

termo que tem uma variedade de significados, já foi usado como pejorativo. Tanto que em dicionários da língua inglesa conta com acepções como “esquisito”, “estranho”, “excêntrico”. Atualmente, pode ser utilizado como um adjetivo, um verbo (queering), um substantivo, uma identidade, uma orientação afetivo-sexual e uma identidade de gênero (como na identificação genderqueer: gênero queer). Nesse caso, significa que as pessoas que se auto identificam como gênero queer transitam entre os gêneros masculino e feminino ou, até, estão além deles, em um lugar onde o binarismo não faz sentido. Um termo oposto à heterocisnormatividade.

Segundo o Caderno o Globo 12 (2017), o termo Queer tem diversos significados e já foi muito utilizado para reforçar ações de preconceitos, devido ao fato de que, na língua inglesa, tem o significado de esquisito, estranho. Todavia, atualmente pode ser usado como uma identificação de gênero Queer, representando o grupo de pessoas que transitam entre os dois gêneros sexuais de forma livremente, sem se prenderem a nenhum estereótipo.

Ainda em relação à letra Q, considerando seus aspectos semânticos, não poderíamos deixar de fazer referência às Drag Queens. Conforme a ABGLT (2010, p.16), Drag Queen é o

homem que se veste com roupas femininas de forma satírica e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos. Uma drag queen não deixa de ser um tipo de “transformista” pois o uso das roupas está ligado a questões artísticas – a diferença é que a produção necessariamente focaliza o humor, o exagero. Drag king: Versão “masculina” da drag queen, ou seja, trata-se de uma mulher que se veste com roupas masculinas para fins de trabalho.

Drag Queens são pessoas que se montam de personagens diferentes de seus gêneros sexuais, geralmente para fins artísticos, algo muito comum na área do humor e da comédia. Geralmente, esses personagens são bem caricatos em suas transformações, representações de vestimentas, linguagem e maquiagem, além de se apresentarem de maneira bastante exagerada. O homem que se monta de mulher é chamado de Drag Queen e a mulher que se monta de homem é chamada de Drag King. Normalmente, as “drags” podem, também, ser denominadas transformistas.

A Letra “I”, inserida mais recentemente na sigla LGBTI+ representa o grupo de Intersexuais, pessoas que anteriormente eram chamadas de hermafroditas. Esse

último termo, de cunho muitas vezes pejorativo, aplicado para uso preconceituoso, ainda é consolidado na sociedade brasileira.

Intersex é um termo abrangente que descreve pessoas nascidas com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão cromossômico que não pode ser classificado como tipicamente masculino ou feminino. Essas variações também são chamadas de Diferenças de Desenvolvimento Sexual (DDS). Evite o termo ultrapassado e depreciativo "hermafrodita". Enquanto algumas pessoas podem ter uma condição intersero e se identificarem como transgêneros, as duas são separadas e não devem ser confundidas. (GLAAD, 2016, p.06)

Intersexual é a pessoa que nasce com órgãos genitais de ambos os sexos, masculino e feminino, em seu corpo. Esses órgãos podem ter um desenvolvimento mútuo, quando os dois órgãos progridem igualmente, ou singular, quando apenas um dos órgãos evolui no corpo do indivíduo. Por essas especificidades, a identidade de gênero também pode ser construída e manifesta para os dois gêneros ou para apenas um. Ademais, cabe salientar que a letra "I", por conta da possibilidade de transição entre os gêneros, também inclui o intersexo como classificação para pessoas transgênero.

A ABGLT (2010, p.14) descreve que intersexual é "o termo geral adotado para se referir a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino". Ciscati (2019) contextualiza e define pontualmente esse termo ao explicitar que intersexuais

são pessoas que nascem com anatomia reprodutiva — ou uma composição de cromossomos — que não pode ser classificada como tipicamente masculina ou feminina. Há casos de genitália ambígua, por exemplo. Com frequência, pessoas intersexo passam por procedimentos cirúrgicos logo ao nascer, para eliminar essa ambiguidade. Antes dos 24 meses de vida, os médicos decidem se a criança será, na aparência, do sexo feminino ou masculino. Muitas relatam não se adaptar ao sexo designado por meio dessa cirurgia. (CISCATI,2019)

As pessoas intersexuais nascem com anatomias reprodutivas ou, até mesmo, com cromossomos que não podem ser classificados, ao nascerem, como masculino ou feminino, por isso podem passar por intervenções médico-cirúrgicas ou não. Essas intervenções optadas pelos médicos em conjunto com a família da criança podem ser positivas, mas também podem interferir na não adaptação do indivíduo adulto com sua identidade de gênero. Fazendo com que surja, nesse indivíduo, a

necessidade de transição de gênero, o que explica a possibilidade de pessoas intersexo serem também transgênero.

O sinal + (mais), inserido na sigla LGBTI+, representa outros grupos da sexualidade e da militância. Um desses grupos é o dos assexuais, que o Caderno (2017, p.110) classifica como

peessoa que não tem desejo de manter relações sexuais e, em alguns casos, nem amorosas com outras pessoas. Segundo a comunidade Aven (Asexual Visibility and Education Network), pessoas assexuais podem ter ou não interesse amoroso. Daí decorrem classificações, tais como: assexual romântico (tem interesse amoroso por outras pessoas), arromântico (sem interesse amoroso), demissexual (consegue sentir atração sexual apenas se houver um forte laço emocional) e gray-assexual ou gray-a (pode sentir atração sexual em circunstâncias específicas).

Nessa abordagem conceitual, assexuais são as pessoas que não têm desejos de relações sexuais, podendo ter ou não desejos afetivos e amorosos, entrando, assim, nas variações de arromântico, romântico, demissexual, entre outros. Ciscati (2019) aponta também para a importância de se compreender que, por serem indivíduos que não se sentem atraídos sexualmente por outras pessoas, os assexuais não devem ser confundidos com os celibatários, pois esses últimos não são desprovidos do desejo, eles apenas optam por não manterem relações sexuais, decisão que pode ser motivada por crenças religiosas, como nos casos de padres e sacerdotes, ou como um estilo de vida.

Dentro dessas variações em torno do símbolo +, temos também o pansexual que, segundo a ABGLT (2010, p.15), é um “termo polêmico que se refere a pessoas cujo desejo sexual é abrangente, podendo se dirigir inclusive a objetos”. Ciscati (2019) esclarece que a letra “P”, podendo ser vista em algumas formulações da sigla, significa pansexuais. O termo “Pan” tem origem grega e quer dizer “tudo”. Logo, o conceito abarca a ideia de que o pansexual se sente atraído por pessoas independentemente da orientação sexual ou da identidade de gênero de tais indivíduos.

Para finalizar os conceitos incorporados no símbolo +, conforme a ABGLT (2010) classificou, existe a representação dos *T-Lover*, que se refere a pessoas que assumem, normalmente, a identidade de heterossexuais ou bissexuais, e se sentem atraídas por travestis e/ou transexuais.

Por fim, após esse percurso conceitual, é preciso salientar também que o movimento homossexual, representado pelas militâncias na sigla LGBTI+ tem um símbolo representativo - o arco-íris, trazido na bandeira que une de forma universal os grupos que representa. Pelo fato de o arco-íris ser colorido, há nele a beleza da diversidade de cores. Politicamente, é utilizado em todas as expressões e manifestações como sinal do orgulho dos indivíduos que são parte desse grupo de serem quem são. De acordo com a ABGLT (2010), o arco-íris foi criado, em 1978, para a Parada Gay da Liberdade de São Francisco (EUA). A partir daí, tornou-se, então, o principal símbolo do orgulho LGBTI+ pelo mundo. O grupo passou a utilizar o arco-íris em bandeiras e diversos outros objetos para manifestar a simbologia que as cores trazem para o movimento.

Dessa forma, o arco-íris tornou-se o principal símbolo de representação da diversidade sexual humana. A usada pelo movimento faz referências aos seguintes significados, conforme a ABGLT (2010, p. 40):

A bandeira LGBT é formada por seis barras com cores diferentes, cada uma com seu significado. A bandeira não possui “a primeira barra”, ou seja, a bandeira pode começar do vermelho assim como pode começar do lilás. Vermelho: Luz, Laranja: Cura, Amarelo: Sol, Verde: Calma, Azul: Arte, Lilás: Espírito, além da versão com seis barras, ainda são vistas atualmente outras versões da bandeira arco-íris em manifestações LGBT. Desde versões com uma barra preta, simbolizando os homossexuais mortos pela AIDS, há bandeiras que misturam as cores do arco-íris com símbolos nacionais ou regionais, pretendendo assim representar a população LGBT desse país ou região.

Reis (2018) acrescenta que a bandeira, criada por Gilbert Baker, também foi adotada pelo Pride Parade Committe, após o assassinato de Harvey Milk, um político e ativista gay norte-americano, e que, além das seis cores atuais, havia mais duas: o rosa, significando sexualidade e o índigo, com sentido de harmonia.

Com base nos conceitos analisados acima, percebe-se que a sexualidade e as identidades humanas são complexas, o que faz com que muitas vezes não possam ser discutidas nos ambientes formativos do ser humano, pois ainda permanecem sendo associadas a elementos que evocam um tabu social. Vimos anteriormente, por exemplo, o significado para a comunidade LGBTI+ do arco-íris, que é, ironicamente, adotado também pelo Cristianismo, o Islamismo e o Judaísmo. Para essas religiões, o arco-íris representa a aliança de Deus com o homem, fazendo referência à situação pós-dilúvio, na história da Arca de Noé, conforme descrito em Gênesis 9:11-17.

Estabeleço uma aliança com vocês: "Nunca mais será ceifada nenhuma forma de vida pelas águas de um dilúvio; nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra".

E Deus prosseguiu: "Este é o sinal da aliança que estou fazendo entre mim e vocês e com todos os seres vivos que estão com vocês, para todas as gerações futuras:

o meu arco que coloquei nas nuvens. Será o sinal da minha aliança com a terra.

Quando eu trazer nuvens sobre a terra e nelas aparecer o **arco-íris**, então me **lembrarei da minha aliança com vocês** e com os seres vivos de todas as espécies. Nunca mais as águas se tornarão um dilúvio para destruir toda forma de vida. Toda vez que o **arco-íris** estiver nas nuvens, **olharei para ele e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos** de todas as espécies que vivem na terra". Concluindo, disse Deus a Noé: "**Esse é o sinal da aliança que estabeleci entre mim e toda forma de vida que há sobre a terra**". (GRIFO NOSSO)

No contexto bíblico, tanto para as igrejas tradicionais como para as Igrejas Cristãs Inclusivas, o simbolismo presente na imagem do arco-íris está associado ao compromisso, à fé e à fidelidade de Deus com o homem, enquanto, no contexto da militância, o arco-íris evoca a luta e a união das minorias da sociedade. Todavia, em ambos os contextos, o arco-íris representa o sinal de esperança de dias melhores.

Mediante essas apreciações, compreendemos que a sexualidade está totalmente ligada à essência interior e exterior do ser humano e tem impactos diretos na sociedade, sofrendo influências diretas e indiretas dessa mesma sociedade. Entretanto, é fundamental que a diversidade sexual seja discutida e compreendida para assim termos informações e conhecimentos mais adequados e consolidados socialmente, que norteiem as discussões, sendo capazes de promover a transformação da sociedade.

Portanto, é por meio do conhecimento que a sociedade constrói e reconstrói conceitos, imagens e impressões sobre o indivíduo que apresenta características que divergem da maioria. A conscientização sobre os aspectos da religião e da sexualidade pode resultar em mudança ou respeito de pontos de vista discordantes, bem como pode refletir em atitudes transformadoras e inovadoras no processo de aceitação do outro. Dessa maneira, seremos capazes de conviver com as sexualidades e identidades de cada indivíduo de forma saudável, promovendo o respeito e o amor ao que é diferente.

1.2 LAICIDADE, DIVERSIDADE E PLURALISMO RELIGIOSO NO BRASIL

O termo Religião vem da tradução do termo latino *Religare*, que significa algo que religa a criatura (homem) ao seu criador (Deus). Assim, a religião de forma geral tem o papel de conectar o ser humano ao ser sagrado e superior que rege o universo, desde o princípio. De acordo com o sociólogo Anthony Giddens, a religião é entendida de uma maneira formal, por conta da sua liturgia eclesiástica, que envolve atividades coletivas, como o culto, por exemplo. Giddens (2005) afirma que as religiões abrangem um conjunto de símbolos que podem evocar no indivíduo sentimentos de reverência ou temor. Além disso, o autor destaca que as religiões estão ligadas a rituais e cerimoniais, dos quais participa uma comunidade, que pode, inclusive, atribuir fidelidade, temor ou admiração não apenas aos deuses, mas também a outros seres e objetos.

Assim sendo, segundo o autor, as religiões são expressões culturais que podem sofrer mudanças de uma determinada cultura para outra. Mas, em sua maioria, as culturas estabelecem a religião como tendo um ou mais seres sagrados superiores, que podem ou não ser representados por objetos, símbolos materiais e imateriais, para que seja prestada a reverência e adoração em forma de manifestações e serviços religiosos, que envolvem a comunidade de pessoas que seguem aquela cultura religiosa específica.

Na perspectiva de Emile Durkheim, “a religião é compreendida como um lugar de reflexão e proporciona uma análise profunda do coletivo” Esse lugar de reflexão é importante e permanente na humanidade, quando concebida como fenômeno social. Por isso a religião é essencial para a definição de uma sociedade e precisa ser encarada como objeto de análise científica. Nessa óptica, Durkheim compreende a religião como

[...] um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. (Durkheim, 2000, p. 32)

O ser humano, para suprir suas necessidades, está em constante busca por novas experiências e faz isso também pelo viés da religião. Sendo assim, o cenário religioso moderno configura-se como um plural de religiões, em que cada uma, com

características específicas, é capaz de atender aos interesses individuais do homem. Contudo, essa pluralidade de religiões também provoca desconforto e se apresenta como ameaça às instituições que possuem estruturas tradicionais.

De acordo com Berger (1994), o pluralismo abre brechas para um estado de incerteza em relação a como se deve viver e em que se deve crer. No entanto, o ser humano abomina o sentimento de incerteza e, a partir do momento em que o relativismo se torna intenso, ele acaba por evocar, em contrapartida, o absolutismo em determinados discursos. O autor ainda reconhece que esse relativismo das verdades nos pluralismos não é algo fácil de se lidar dentro das religiões modernas.

Numa perspectiva filosófica, o desafio do pluralismo moderno às religiões pode ser definido nestes termos: é um desafio de manter as convicções sem dissolvê-las em pura e simples relatividade e sem recolhê-las nos falsos absolutos do fanatismo. É um desafio difícil, mas não impossível. (BERGER, 1994, p. 49)

Para o sociólogo e teólogo, esse pluralismo religioso moderno é sempre um desafio no que diz respeito a manter as certezas estabelecidas frente as relatividades. O Brasil é diverso em todas as suas nuances, no campo religioso não seria diferente, pois o país é laico e estabelece o direito de exercício de todas as religiões, a proteção ao direito de cultos de cada indivíduo conforme sua cultura particular. Dessa forma, é garantido o direito de existência de uma diversidade religiosa bem pluralista, como podemos perceber desde o início da história da colonização do Brasil.

Partindo dessa óptica, o pesquisador André Musskopf (2013) reconhece que os povos nativos, no Brasil pré-colonial, já desenvolviam e expressavam múltiplas formas de religiosidade. Apesar de serem, muitas vezes, enquadrados como um grupo homogêneo, esses povos que já habitavam essas terras, antes da chegada das Grandes Navegações, possuíam práticas religiosas particulares, distintas e plurais. Musskopf (2013) afirma, então, que essas pluralidades religiosas são reais no cenário brasileiro e manifestam diversas formas de expressões de fé. Sendo assim, as múltiplas formas de expressão da religião, até mesmo aquelas advindas do contexto do cristianismo, que foram trazidas pelos colonizadores, tiveram de conviver e se misturar a outras crenças e práticas já existentes entre aqueles povos. Contudo,

ainda que a liberdade de culto no Brasil já esteja presente na Constituição de 1824 (mantendo o catolicismo romano como religião oficial do país), e a separação de Igreja e Estado (dentro da perspectiva de um Estado laico) tenha sido oficializada com a Constituição de 1891, essas questões continuam sendo um desafio para o Estado e a sociedade brasileira. (MUSSKOPF, 2013, p. 160)

Segundo Musskopf (2013), o campo religioso brasileiro é composto por uma diversidade de manifestações religiosas, amparada pela Constituição Federal de 1988, que, no Art. 5 aponta que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (BRASIL, 2016). Essa liberdade de consciência e de crença assegura o direito de exercício dos cultos e manifestações religiosas, além de oferecer proteção aos locais de culto e suas liturgias, conforme o Art. 19.

É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:
I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;
II - recusar fé aos documentos públicos;
III - criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si.
(BRASIL, 2016)

O Brasil é um país laico, isto é, tem uma posição neutra no campo religioso, permitindo a liberdade religiosa. Isso significa que esse país deveria ser livre de toda e qualquer imposição religiosa. As igrejas inclusivas, igrejas de matrizes afro-brasileiras, islâmicas são provas de que não é bem assim. Entretanto, é necessário que haja uma normatização abrangente para garantir a perpetuação desse ambiente de diversidade religiosa. Como afirma Musskopf (2013), ainda que exista o reconhecimento da liberdade religiosa, enquanto um direito humano, além de uma garantia constitucional, a concretização e manifestação de tal liberdade continuar a ser um desafio para o Estado no cotidiano. Isso porque é o Estado o responsável por assegurar a efetivação de tais direitos.

De acordo com Musskopf (2013), sabemos que a laicidade expressa a luta de agentes sociais na construção de uma ordem social baseada na razão e na ciência, não sendo legitimada por um poder religioso. Conforme Hervieu-Léger (2008, p.34), “para designar o processo de emancipação, fala-se de laicização das sociedades modernas”, ou seja, cada indivíduo busca sua emancipação religiosa. Isso posto,

Musskopf (2013) afirma que a questão primordial em relação a essa laicização é que para que se tenha liberdade religiosa, é imprescindível que se tenha também o reconhecimento da pluralidade. Com isso, a descrição dessa modernidade religiosa se organiza a partir de uma característica maior, que é a tendência geral à individualização e à subjetividade das crenças religiosas. Todas as pesquisas confirmam que o duplo movimento afeta, ao mesmo tempo, as formas de experiência, da expressão e da sociabilidade religiosas (HERVIEU-LÉGER, 2008).

A diversidade das religiões no Brasil é marcada por fatos sociais e mudanças políticas que interferiram significativamente nas formas de liberdade e expressão da fé. Essa trajetória foi iniciada no final do século XV, em virtude da colonização da Ilha de Vera Cruz, quando os portugueses trouxeram o Catolicismo e promoveram a institucionalização da Igreja Católica nessa terra, sendo a religião parte integrante e principal aliada do governo. Com isso, de forma coercitiva e condicionada, os padres Jesuítas catequisaram os povos que aqui habitavam, os índios (nativos) e os negros (escravos) que haviam sido trazidos da África para cá.

Desse modo, durante todo o período colonial até a Independência, em 1822, o catolicismo permaneceu como única religião aceita no país. Na Constituição Federal de 1824, é marcada a predominância do catolicismo como religião determinante na sua construção sociocultural e política, como pode ser constatado no Art. 5: “A Religião Catholica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de Templo” (BRASIL, 1824). Esse mesmo documento acrescentava no Art.179, inciso V, que “Ninguém pode ser perseguido por motivo de Religião, uma vez que respeite a do Estado, e não ofenda a Moral Pública” (BRASIL, 1984). Nessa Constituição, o Catolicismo foi estabelecido como a religião única e oficial do Brasil. Logo, quem tivesse outra religião não poderia praticá-la de forma pública, mas em particular, por meio de cultos domésticos. Além disso, para exercer funções públicas, o cidadão deveria fazer o juramento de manter-se católico.

No contexto brasileiro, a influência da Igreja Católica, junto ao poder público, mostrou-se notória, influenciando as relações entre religião e Estado, desde sua origem. Atualmente, ainda está presente na constituição da diversidade religiosa brasileira, composta por três matrizes: catolicismo (portugueses), religiões de matriz

africana e as crenças, rituais e deuses, advindas da natureza e dos antepassados (indígenas). A partir dessa formulação, observa-se a predominância do Catolicismo, contudo, percebe-se a diversidade por meio do sincretismo. Desde o início, a religião católica tornou-se a instituição social mais poderosa do país, sendo capaz de influenciar a cultura social e histórica, ditando valores morais, crenças e rituais de expressão de fé, além de estabelecer símbolos e ritos sagrados a esses povos dominados. Índios e negros foram aderindo às práticas católicas, consolidando, portanto, uma fusão de suas crenças com as novas experiências impostas, dando início ao sincretismo² religioso no Brasil.

Em 1890, sob influências do liberalismo e do positivismo, houve o decreto da separação da Igreja Católica e do Estado. O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República Brasileira, também emitiu o Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890:

Art. 1º É proibido a autoridade federal, assim como a dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e criar diferenças entre os habitantes do país, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crenças, ou opiniões philosophicas ou religiosas.

Art. 2º A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos actos particulares ou públicos, que interessem o exercício deste decreto.

Art. 3º A liberdade aqui instituída abrange não só os indivíduos nos actos individuais, senão também as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituírem e viverem collectivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder publicar.

Art. 4º Fica extinto o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerrogativas.

Art. 5º A todas as igrejas e confissões religiosas se reconhece a personalidade jurídica, para adquirirem bens e os administrarem, sob os limites postos pelas leis concernentes à propriedade de mão-morta, mantendo-se a cada uma o domínio de seus haveres atuais, bem como dos seus edificios de culto.

² Costuma-se atribuir também o termo sincretismo em nosso país, quase que exclusivamente ao catolicismo popular e às religiões afro-brasileiras. Mas o sincretismo está presente tanto na Umbanda e em outras tradições religiosas africanas, quanto no Catolicismo primitivo ou atual, popular ou erudito, como em qualquer religião. O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constituiu uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas. (FERRETI, 1997, p.02)

Mais tarde, após o decreto, foi sancionado, na Constituição Federal de 1891, no Art.11, nos vetos dos Estados, com à União, “Estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercício de cultos religiosos” (BALEEIRO, 2012, p. 67). Esse documento concedia plena liberdade de culto para todas as pessoas exercerem suas crenças publicamente, podendo iniciar a secularização. Em relação à questão da secularização das sociedades modernas, Hervieu-Léger (2008, p. 37) afirma que ela não se resume apenas “ao processo de evicção social e cultural da religião com o qual ela é confundida, muitas vezes”. Trata-se, portanto, da perda do monopólio da influência que os grandes sistemas religiosos exercem sobre uma sociedade que não mais aceita que tais instituições orientem suas vidas e seus destinos e passa a exigir o direito de pensar por si mesma, de ser autônoma.

A secularização que tomou conta da sociedade moderna trouxe uma transformação cultural religiosa no cidadão, ocasionando o despertar do interior e da capacidade individual de reflexão sobre seus atos e suas escolhas. Nessa lógica, alguns pensadores positivistas, como Spencer e Augusto Comte, consideraram a possibilidade de que esse processo de modernidade e secularização faria com que a religião perdesse sua importância. Pensavam assim, esses autores, porque o homem seria dono de suas próprias decisões e pensamentos, tornando-se igualmente capaz de raciocinar e colaborar com a transformação social, sendo desnecessária a direção de seus atos por parte de uma instituição religiosa dominante. Para Hervieu-Léger (2008), a partir do momento em que a sociedade passa a ser cada vez menos submetida às regras que são ditadas por instituições religiosas, significa dizer, então, que ela é laica. Nesse cenário, a religião não fornece mais, nem a indivíduos nem a grupos, referências, normas, valores ou símbolos. Tais conjuntos não fazem mais parte da vida ou das experiências dessa sociedade, por isso, a tradição religiosa deixa de se constituir enquanto código que se impõe diante de todos.

Para Peter Berger, a secularização pode ser vista como a constituição decisiva no processo histórico de formação da sociedade moderna ocidental, em virtude da separação do Estado e da Igreja, concomitante, ao regime republicano. O autor

definiu como o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos [...] a secularização é mais que um processo sócio estrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo.

Mais ainda, subentende-se que a secularização também tem um lado subjetivo. Assim como há uma secularização da sociedade e da cultura, também há uma secularização da consciência. Isso significa, simplificando, que o ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas. (BERGER, 1985, p. 119)

Nesse sentido, a secularização acabou não fazendo com que a religião perdesse sua importância, ao contrário, gerou o nascimento oficial de uma diversidade religiosa mais tolerada e mais abrangente, porque mesmo antes do advento da modernidade já existia a diversidade religiosa, ainda que menos tolerada. Essa diversidade foi chamada de pluralismo religioso e surgiu com a democratização no campo religioso ocidental, proporcionando uma heterogeneidade de crenças.

Na década de 1960, a Igreja Católica passou por uma mudança que buscava dialogar com o pluralismo. Essa mudança ocorrida foi o Concílio do Vaticano II, em 25 de dezembro de 1961, por meio da bula papal "Humanae salutis", pelo Papa João XXIII. Nesse concílio, a Igreja Católica era pressionada a se posicionar em relação à secularização que acontecia naquele momento e o pluralismo que dava liberdade religiosa às pessoas. Peter Berger menciona o "Dignitatis Humanae", documento importante para que a Igreja Católica se pronunciasse nesse tempo.

Este documento afirma que a liberdade de religião, longe de ser uma aberração moderna como *Syllabus* a tinha considerado, era um direito fundamental enraizado na dignidade de todo ser humano. Isto constitui uma virada de cento e oitenta graus na relação da Igreja com o pluralismo. Daí por diante a afirmação da liberdade religiosa pela Igreja não foi mais uma concessão relutante ao espírito da época, mas uma posição teologicamente enraizada numa compreensão cristã da humanidade. (BERGER, 2017, p. 87-88)

A Igreja católica acabou se posicionando de forma política como principal aliada da democracia e da luta pelos direitos humanos. Esse novo discurso da Igreja Católica foi um dos fatores cruciais para que diversos países pudessem aderir à tão esperada democracia.

[...] A Igreja Católica Romana foi uma defensora confiável da democracia e dos direitos humanos, incluindo o direito de escolher e praticar a própria religião – um direito não somente para católicos, mas para todos, incluindo muitos que a Igreja considerava estarem em grave erro. O novo papel da Igreja como defensora dos direitos humanos e das liberdades se tornou importante fato das múltiplas transições para democracia em lugares tão diversos como a Europa Oriental, a América Latina e as Filipinas. (BERGER, 2017, p. 88)

A Igreja Católica perdia espaço e poder político, perdia adeptos para outras religiões. Ao se posicionar pelo pluralismo, ela aceitou a validade de outras crenças. Obviamente, nem todos os católicos concordaram plenamente com o pluralismo religioso, porém, aqueles que posicionaram ao lado desse novo papel da Igreja tiveram total apoio da autoridade doutrinária da instituição. Todavia, desde João Paulo II (1979), a Igreja Católica começou a voltar atrás nessa concepção. Agora, no entanto, com o Papa Francisco (2013), ela torna a defender as posições acordadas no Concílio do Vaticano II (1961).

Em decorrência desse fato, a Igreja estimulou que as pessoas tivessem agora o direito de se associarem a ela de forma voluntária e não mais de maneira imposta ou hereditária, como era nos tempos anteriores. Uma só forma de crença e prática religiosa não poderia mais ser dada como única e verdadeira, pois existem agora vários outros moldes de vivências religiosas. Berger (1985, p. 162) explicita que

a crise de credibilidade que acompanha a situação pluralista afeta igualmente a religião: 'A situação pluralista, ao acabar com o monopólio religioso, faz com que fique cada vez mais difícil manter ou construir novamente estruturas de plausibilidade viáveis para a religião. As estruturas de plausibilidade perdem solidez porque não podem mais apresentar a sociedade como um todo para servir ao propósito da confirmação social. Em termos simples, sempre há 'todos os outros' que se recusam a confirmar o mundo religioso em questão. Torna-se cada vez mais difícil para os 'habitantes' de um dado religioso permanecer entre nós na sociedade contemporânea'.

Esse pluralismo religioso trouxe a crise da credibilidade religiosa e, ao mesmo tempo, levou o reforço dessa racionalização e burocratização como uma resposta ao mercado religioso, que exigia das igrejas maior organização. Em virtude desse perfil identitário eclesiástico ideal, surge uma competição no cenário plural religioso, as instituições religiosas agora aderem ao sistema de mercado religioso para adequar o seu produto e discurso religioso às necessidades de cada indivíduo. Nesse sentido, Berger (2017) afirma que o processo para se chegar ao voluntarismo pode ser visto como uma forma de "desinstitucionalização", ou seja, uma ou mais escolhas feitas por parte dos indivíduos resulta em afirmações religiosas não mais dadas como certas. Por conseguinte, entende-se que, de acordo com o autor, a desinstitucionalização tem como aspecto individual a subjetivação.

À vista disso, o indivíduo pode escolher com liberdade sua religião e a forma de viver sua fé individual. A instituição religiosa perdeu o poder que tinha sobre a vida religiosa do ser humano e passou a ser um campo diversificado, dentro do contexto

do capitalismo vivido na era moderna. Nesse sentido, pode-se observar que, como afirma Hervieu-Léger (2008), nenhuma instituição religiosa ou política pode determinar a quem quer que seja o indivíduo quais serão as crenças a serem seguidas e como deve ser sua participação religiosa. Isso porque, nas sociedades modernas, todas essas questões são assuntos individuais, particulares, que procedem unicamente da consciência de cada ser humano.

Para Hervieu-Léger (2008), essa diversidade religiosa existente fez com que a religião perdesse sua credibilidade e seu total domínio sobre as pessoas, tornando-se uma questão de escolha pessoal e particular. Nesse misto de possibilidades religiosas, do tradicional ao moderno, há um certo romper de posturas e condutas sociais, pois a política, a legislação e os fatos sociais acabam corroborando na constituição da identidade dos fenômenos religiosos.

Desse modo, se olharmos desde a constituição histórica do povo brasileiro, notamos que, desde aquela época, já havia o pluralismo, de maneira que cada grupo étnico trouxe elementos culturais distintos e, conseqüentemente, experiências religiosas díspares e individuais. Portanto, o homem não precisa se adequar obrigatoriamente à rigidez normativa de uma religião, ele agora pode escolher, dentre um vasto cardápio religioso, pela religião que mais lhe atenda naquele momento, o que é um fenômeno típico da modernidade tardia, conceito abordado por Antony Giddens, para definir as características desse período temporal. Para Giddens (2002), a abordagem dessa modernidade é concebida como modernidade tardia,

o mundo moderno tardio - o mundo do que chamo de alta modernidade é apocalíptico não porque se dirija inevitavelmente à calamidade, mas porque introduz riscos que gerações anteriores não tiveram que enfrentar. (GIDDENS, 2002, p. 12)

Ainda de acordo com Giddens (2002, p. 25), “a modernidade é essencialmente uma ordem pós tradicional. A transformação do tempo e do espaço, em conjunto com os mecanismos de desencaixe, afasta a vida social da influência de práticas e preceitos preestabelecidos” (GIDDENS, 2002, p. 25). Logo, com a modernidade, houve o rompimento do referencial protetor da pequena comunidade e tradição. Com isso, essas esferas de manifestação da fé são substituídas por organizações maiores e impessoais e o indivíduo se vê privado de apoio psicológico e sentimento de segurança ofertados anteriormente em ambientes mais tradicionais.

Corroborando com Giddens (2002), Hervieu-Léger (2008), em virtude do rompimento com o mundo de tradição religiosa, afirma que se pode compreender que a pluralidade religiosa se constitui como um possível indício de modernidade,

mas, ao destacar essa oposição, provavelmente se toca com o dedo o traço mais fundamental da Modernidade, que é aquele que marca a cisão com o mundo da tradição: a afirmação segundo a qual o homem é legislador de sua própria vida, capaz igualmente, em cooperação com outros no centro do corpo cidadão que com ele forma, de determinar as orientações que pretende dar ao mundo que o rodeia. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 32-33)

Uma realidade plural, agitada, imediatista e diversa faz com que o sujeito social precise se adequar às novas rotinas e novos hábitos e, com sua liberdade religiosa, esse ser pode mudar sua religião a qualquer momento, conforme sua necessidade vai sendo transformada e a religião anterior não mais lhe atende. Nesse sentido, surge, então, a necessidade de produzir, conhecer e comunicar em maior proporção e com mais rapidez. Essa é, de acordo com Hervieu-Léger (2008), a lógica da antecipação, formada no cerne de uma cultura moderna que, estando em um espaço de renovações, é dominada pela racionalidade científica e técnica.

Nesse âmbito, o status social de um indivíduo não está mais ligado à hereditariedade da tradição que carrega o sobrenome de sua família nem à sua tradicional religião. O homem corre contra o tempo para acompanhar o tão sonhado progresso, o que era essencial ontem já não mais tem sentido hoje, porque para o amanhã já se espera uma nova tecnologia, uma novidade da ciência, dentre outras mudanças recorrentes dessa modernidade.

As sociedades modernas vivem em um estado permanente de antecipação: é verdade, no domínio das ciências, em que cada descoberta nova faz surgir outras tantas questões que demandam um esforço redobrado de conhecimento, é verdade, na economia, onde o aumento de bens produzidos e de meios de produção faz continuamente surgirem novas necessidades, etc. A dinâmica utópica da modernidade situa-se inteiramente nessa valorização da inovação, ela mesma ligada a um estado permanente de insatisfação. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 38-39)

Assim, segundo Hervieu-Léger (2008), as necessidades do homem moderno, passam a ser completamente diferentes das necessidades do homem tradicional dos tempos passados. O que antes era estático, concreto, retilíneo e previsível, agora, na modernidade, torna-se incerto, relativo e mutável a todo instante. Para a socióloga, a

modernidade evoca um universo de incertezas, causando um vazio social e cultural nos indivíduos, gerando, assim, esse efeito de instabilidade.

As religiões que existem na sociedade atual, especialmente as cristãs, precisam construir sua identidade para se adaptar às necessidades do homem moderno. Desse modo, a religião pode perder sua falibilidade e sua autoridade sobre o homem, pois ela precisa modificar o seu discurso religioso para alcançar esse indivíduo racional e crítico, que possui novas necessidades que, aliás, estão em constantes transformações. Como consequência dessas exigências modernas, determinadas religiões acabam se colocando em posição de competição com outras, ofertando soluções e produtos religiosos diversificados.

Por esse ângulo, Hervieu-Léger (2008), afirma que as instituições religiosas não têm mais capacidade de manter seu status de ambiente social e cultural que impõe e regula as crenças e práticas de seus fiéis. Além disso, elas perdem seguidores constantemente, pois esses acabam migrando para outras religiões, a partir de suas necessidades momentâneas. Em razão desse pluralismo que encontramos no campo religioso moderno, podemos perceber instituições religiosas se especializando em determinados segmentos da sociedade.

A oposição entre as contradições do presente e o horizonte do cumprimento do futuro cria, no coração da Modernidade, um espaço de expectativas no qual se desenvolvem, conforme o caso, novas formas de religiosidade que permitem superar essa tensão: novas representações do sagrado, ou novas apropriações das tradições das religiões históricas. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 40)

As novas configurações religiosas constituem novas representações do sagrado, que se apropriam, contudo, das tradições das religiões históricas. Dentro do cristianismo, por exemplo, temos o surgimento do movimento de igrejas cristãs inclusivas, que são igrejas voltadas especificamente para o grupo de pessoas LGBTI+. Conforme Musskopf (2013) evidência em sua reflexão sobre a livre orientação sexual e o conflito com a liberdade religiosa,

da mesma forma em relação à liberdade religiosa, a livre orientação sexual e a identidade de gênero colocam-se na pauta política e social como uma questão de direitos humanos e constitucionais. O que se tem visto, no entanto, é um aparente conflito colocado entre essas duas questões, especialmente quando se considera o princípio da laicidade do Estado. (MUSSKOPF, 2013, p. 166)

Portanto, de acordo com Musskopf (2013), a laicidade garante a liberdade e a diversidade religiosa no Brasil, porém entram em conflito de interesses esses dois campos. Assim, essas instituições constituem uma das faces representativas da modernidade religiosa, uma vez que o indivíduo pertencente ao grupo LGBTI+ não tem suas necessidades atendidas pelas igrejas tradicionais. Por isso, esse grupo vai em busca de sua liberdade religiosa e seu direito de culto e crença, dando origem a uma nova forma institucional religiosa que lhe atende e lhe acolhe em suas necessidades religiosas.

Nesse sentido, o aspecto mais decisivo para Hervieu-Léger (2008) é a “perda de regulamentação”, que aparece principalmente na liberdade com que os indivíduos constroem seus próprios sistemas de fé. Reconhece-se que esses novos moldes estão fora de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente validado. Uma vez que a laicidade se torna um elemento central para a garantia da liberdade religiosa no país, essa mesma liberdade religiosa pode ser ameaçada, na medida em que o Estado tende a afirmar uma religião específica, isso pode determinar e excluir os valores das outras religiões.

Em relação aos impactos da modernidade no campo religioso brasileiro, tendo como referência a possível “segurança” que as pequenas e tradicionais comunidades de fé possuíam, nota-se que as novas configurações religiosas modernas com templos de grande porte e instituições departamentalizadas fazem com que muitos confundam igreja com empresas. Além desse aspecto, os avanços na legislação brasileira que beneficiaram os grupos de minoria com o casamento de pessoas de mesmo sexo e adoção por casais homoafetivos também refletiu nos espaços religiosos, que tiveram de se adequar ou se inovar para atender a esse público.

Como podemos perceber em um país considerado laico, todas as religiões e manifestações religiosas devem ou, pelo menos, deveriam ser respeitadas. Considerando essa concepção, o aumento da visibilidade do público LGBTI+ e o movimento midiático contemplando o tema homossexualidade e religião, há uma percepção mais abrangente da necessidade dos homossexuais de viverem sua sexualidade e atuarem por meio de seus talentos e dons como forma de reverenciarem a Deus. Conforme Musskopf (2012), as igrejas inclusivas constituem perfis particulares em suas expressões religiosas. Para ele, tais igrejas são

representação de uma tentativa de tentar harmonizar tanto as orientações sexuais como as identidades de gênero não heterocêntricas com as experiências de fé.

Esses fatores fizeram com que as igrejas cristãs inclusivas fossem surgindo e, hoje, elas estão ao longo de mais de uma década conquistando um espaço na sociedade, fazendo crescer seus números de templos e fiéis. Nesses espaços religiosos, os homossexuais têm encontrado respostas e confortos interiores, o que talvez, atualmente, ainda não seja uma preocupação tão iminente para as igrejas cristãs que seguem as normas e crenças consideradas mais tradicionais. Todavia, acreditamos que isso poderá se tornar realidade em breve.

Notamos que as igrejas cristãs tradicionais demonstram relutância em se abrirem para essa discussão. Ademais, é possível que existam certas instituições que, por medo de enfrentarem algo tão complexo e polêmico, preferem não discutir essa pauta em sua comunidade eclesial. Isso porque essas igrejas cristãs tradicionais têm suas próprias convicções interpretativas da escritura sagrada, que são declaradas de maneira incisiva e teológica como sendo uma interpretação imutável, inerrante e infalível.

Diante desse fato, essa abordagem de questões de gênero e religião poderá ainda evocar discussões dentro das igrejas cristãs tradicionais, assim que elas perceberem que precisam rever conceitos e se abrirem para diálogo quanto ao conhecimento acerca da sexualidade humana, em especial, sobre a homossexualidade. Embora as igrejas inclusivas não se declarem exclusivas para o público LGBTI+, na maioria das vezes, é composta quase que em sua totalidade por esse público. Em vista disso, essas instituições trabalham com a afirmação em torno da orientação sexual. Desse modo, como explica Muskkopf (2013, p. 168),

embora não sejam igrejas “exclusivas” para pessoas LGBT, como muitas vezes se quer parecer, e sejam muito diversas entre si, seu ponto de partida comum é justamente o reconhecimento da livre orientação sexual e identidade de gênero como parte de sua expressão de fé. Dessa forma, somam-se à variedade de discursos e práticas no campo das religiões que precisam ser consideradas na discussão sobre liberdade religiosa, particularmente no que diz respeito aos posicionamentos sobre diversidade sexual.

Para Muskkopf (2013), as igrejas inclusivas partem da premissa de uma discussão em torno do reconhecimento da sexualidade como parte integrante do seu direito de expressão de fé. Isso está ligado ao direito de liberdade religiosa e livre

orientação sexual. O que, segundo Alan Brash (1998), é uma discussão que, antes de tudo, gira em torno de pessoas enquanto seres humanos, não apenas como seres que desempenham papéis em relação a alguma orientação sexual. Essas pessoas, inclusive, podem ser boas ou más, ou simplesmente boas e más ao mesmo tempo. O que não se pode negar, para Brash (1998), é que o debate sobre homossexualidade não se trata apenas de uma questão ideológica, mas humana, já que essas pessoas são seres humanos com capacidade comum e igual à de todos os outros. Por esse motivo, essas pessoas precisam e desejam também um espaço dentro das instituições para serem compreendidas, acolhidas e exercerem suas manifestações religiosas.

Ressaltamos que a homossexualidade é um dos muitos tópicos que a Igreja Cristã Tradicional precisaria rever de forma teológica e sociocultural para obter um novo posicionamento diante da sociedade LGBTI+, visto que a homossexualidade é ainda um tabu para muitos e um grande desafio para que as igrejas sejam, de fato, solidárias e vivam efetivamente o que é concebido como amor ao próximo. Entretanto, enquanto as igrejas tradicionais persistem em suas dificuldades em debater acerca do assunto, a inclusão dos homossexuais no espaço religioso já tem feito com que, no mundo e, inclusive, no Brasil, surjam novos segmentos religiosos como as Igrejas Cristãs Inclusivas. Sendo assim, percebemos que reconhecer a diversidade religiosa resulta no reconhecimento da diversidade de concepções e políticas relacionadas a identidades de gênero e orientações sexuais (MUSSKOPF, 2013).

1.3 IGREJAS INCLUSIVAS: NOVAS E POSSÍVEIS VERTENTES CRISTÃS NO BRASIL

O conceito de igrejas inclusivas conforme o pesquisador Jesus (2010, p.132), “Igreja Inclusiva é o termo controverso pelo qual se designam essas igrejas, que em geral pode ser definida por compatibilizar sexualidades não heterossexuais e religiosidades cristãs, majoritariamente evangélicas”. Trata-se de uma autodenominação e rótulo social por parte dessas igrejas. Em um sentido amplo, essas instituições se consideram inclusivas não no sentido etimológico da palavra ou pelo significado extenso que tem em outros contextos, como na educação e em discussões sobre acessibilidade. De acordo com Musskopf (2008, p. 169),

O surgimento de “igrejas gays” tem sido noticiado desde sempre como algo inusitado, estranho, muitas vezes em tom jocoso, como se organizações ou instituições deste tipo fossem uma contradição em si mesmas. Isto gera uma compreensão errônea e distorcida sobre o objetivo e a forma destes grupos. Supõe-se que queiram justificar o injustificável promovendo práticas e comportamentos moral e eticamente reprováveis.

Para o pesquisador, sempre que se fala a respeito de igrejas para gays, isso é colocado como algo pejorativo e depreciativo, em tom de chacota e piada, o que para ele contribui para uma interpretação errada e desconstrutiva acerca do sentido dessas igrejas. Conforme Musskopf (2008, p. 169),

no entanto, a própria expressão “igreja gay”, além de não ser usada por estes grupos, não reflete sua proposta de “ser igreja”. Em muitos casos pode-se falar de uma igreja para pessoas GLBT, que surgem e se organizam justamente por estas pessoas não poderem viver sua religiosidade nas igrejas tradicionalmente constituídas. Outras preferem definir-se como organizações “inclusivas”, no sentido de que estão abertas a todas as pessoas, especialmente àquelas que se sentem “excluídas” de outros espaços.

Sendo assim, para Musskopf (2008), o rótulo “Igreja Gay” não é o adequado para ser utilizado, uma vez que nem as próprias instituições do movimento se apropriam dessa nomenclatura. Além disso, trata-se de um termo que não reflete o propósito dessas igrejas. Dessa maneira, o autor afirma que desde 2008 o termo que está sendo solidificado é o de Igrejas ou Organizações “Inclusivas”, tentando expressar que essas igrejas visam acolher e incluir a todos os que se sentem excluídos.

A abordagem de Igreja Cristã Inclusiva se aplica em virtude do fato de essas instituições religiosas incluírem os homossexuais e os demais membros das comunidades LGBTI+ na prática da religiosidade cristã. Essa inserção tem ocorrido com a formação de igrejas e comunidades eclesiais específicas que levantam a bandeira em prol da aceitação e do acolhimento dessas comunidades de minoria, que outrora foram excluídas pelos grupos majoritários das comunidades cristãs em geral. No sentido restrito, para Alexandre Feitosa (2018, p.15),

As Igrejas Inclusivas são denominações cristãs projetadas para acolher toda a diversidade humana. Especialmente inspiradas no Ministério de Cristo e na Igreja Primitiva, tais denominações buscam unir pessoas excluídas dos grupos cristãos convencionais. Em sua abordagem teológica, as igrejas

inclusivas priorizam a inclusão da diversidade sexual excluída das denominações cristãs convencionais, mas não se restringem a esse grupo.

Considerando as duas últimas décadas que marcam a inserção das igrejas cristãs inclusivas no contexto brasileiro, as igrejas inclusivas possuem especificidades no acolhimento da diversidade humana. Enquanto abordagem teológica, compreendem a legislação vigente em prol das minorias como avanços que aprimoram a convivência e o respeito entre os cristãos e amparam os grupos excluídos socialmente pelas comunidades tradicionais e conservadoras.

A identidade religiosa inclusiva, contudo, ainda está em construção, estruturando-se de forma eclesiástica e teológica, de acordo com o teólogo Marvel Sousa (2012). O autor ainda afirma que as igrejas inclusivas defendem que são inspiradas em Cristo e na Igreja Cristã Primitiva para promoverem a unidade de todas as pessoas, principalmente, àquelas excluídas dos grupos religiosos cristãos mais comuns. Nesse sentido, o principal campo de abrangência dessas igrejas é incluir as pessoas de orientação sexual não aceitas pelas denominações convencionais.

Feitosa (2018) defende que esse movimento de igrejas inclusivas no Brasil pode ser concebido como fenômeno, pois, visto que os cristãos LGBTI+ estão, cada vez mais, saindo de uma posição de invisibilidade para um lugar mais notório na sociedade, crescendo em números, no Brasil e no mundo, trata-se de um acontecimento difícil de ignorar. Para o autor, essas igrejas inclusivas no Brasil constituíram uma manifestação religiosa expressiva e podem ser inseridas dentro do campo da fenomenologia religiosa, por se tornarem grupos visíveis e expressivos na sociedade em decorrência do crescimento numérico pelo Brasil e em outros países.

Os estudos de Feitosa (2018) corroboram com os apontamentos de Jesus (2013, p. 7), que afirma que

a oferta religiosa para LGBTs tem aumentado significativamente nos últimos anos e a proliferação de Igrejas Inclusivas no Brasil segue uma dinâmica semelhante ao campo religioso (neo) pentecostal brasileiro (marcado por cismas e “revelações”) tanto nas estratégias para agregar adeptos, na estrutura hierárquica e organizacional, como nas formas de ler e interpretar o texto bíblico.

Para Jesus (2013), o aumento relevante de igrejas inclusivas no Brasil torna o cenário favorável para o surgimento de uma pluralidade de igrejas de diferentes formatos doutrinários que somam como ofertas para o público LGBTI+ em suas

escolhas religiosas. Nesse sentido, Jesus (2013) esclarece que as igrejas inclusivas acabam por repetir os mesmos padrões de estruturas, organizações e doutrinas das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais. É importante salientar que a maioria das igrejas cristãs inclusivas são de características evangélicas. Nesse seguimento, Musskopf (2008, p. 197) explica que

embora algumas destas lideranças tenham formação teológica acadêmica, não é a este cânon que respondem as perspectivas assumidas. A sua tradição religiosa de origem não é negada, mas retrabalhada e desenvolvida, pois elas também não respondem a uma autoridade eclesiástica exógena. Em alguns casos há um trânsito religioso por diferentes denominações e, mesmo no caso de lideranças de origem evangélica, há uma influência de outras práticas e concepções.

Desse modo, outra característica das instituições religiosas inclusivas trazidas da cultura das igrejas cristãs tradicionais, é o tão comum 'cisma' – divisões de templos, em decorrência da discordância dos líderes em algum ponto doutrinário ou administrativo, assim um líder sai do grupo de origem, geralmente com um determinado grupo de pessoas, iniciando uma nova denominação. De acordo com Jesus (2010, p.136),

grande parte destas igrejas é autônoma e existem apenas no país. Pelo conteúdo dos sites percebe-se que as "igrejas inclusivas" possuem discursos diferentes e conflitantes, doutrinários e com respeito as suas prescrições morais e que, apesar disto, todas têm ligação – e a utilizam como discurso fundador – com Igrejas tradicionais (Igrejas Protestantes, Pentecostais e Católica).

Conforme a autora, no Brasil, o funcionamento das igrejas cristãs inclusivas é independente e geralmente existe apenas uma unidade na cidade ou no Brasil. Por esse fator, considerando sua autonomia, essas instituições acabam sendo denominações com organizações e doutrinas diferentes uma da outra, como é comum nas igrejas evangélicas. Como consequência, as doutrinas, os posicionamentos teológicos e dogmáticos dessas instituições inclusivas, muitas vezes, parecem ser conflitantes uns com os outros, principalmente, no que refere às condutas morais e ritos do sagrado, tendo em vista que os líderes religiosos amparam a organização interna das comunidades de fé aos ritos, aos elementos e às experiências que trazem de suas jornadas ministeriais. Segundo Jesus (2013, p.8),

As trajetórias religiosas anteriores dos/as líderes fundadores/as das igrejas inclusivas (grande parte advindos de igrejas pentecostais e neopentecostais) são fundamentais para a compreensão da dinâmica das instituições e de suas hierarquias e cosmologias. Tais semelhanças têm impacto na agenda moral destes grupos, na maior ou menor flexibilização de práticas sexuais, no acolhimento e visibilidade dos “trânsitos de gênero”.

Para a autora, geralmente, fundadores dessas igrejas cristãs inclusivas seguem os modelos de igrejas tradicionais e, normalmente, são até mesmo igrejas baseadas nos fundamentos das instituições de onde eles originam. Mesmo assim, a disparidade entre as instituições religiosas dessa categoria promove o pluralismo. Segundo Alves (2009), a pluralidade enquanto marca das igrejas inclusivas, por não estarem conectadas a uma hierarquia religiosa, como acontece na Igreja Católica, acaba por abarcar uma possibilidade de flexibilidade e liberdade para vivência de diversos moldes de religiosidade, o que é facilitado por sua correlação com o contexto da vertente evangélica.

Esse tempo assinalado pela modernidade tardia é marcado pelo pluralismo religioso que pode ser considerado como um fenômeno em nossa sociedade, o que proporciona uma nova postura do indivíduo dentro das diversidades religiosas, permitindo ao homem usufruir do direito de escolher livremente sua religião dentro da cosmovisão que mais se adequar as suas crenças. Para Alves (2009), as igrejas inclusivas têm como marca a pluralidade que está ligada a semelhança com as igrejas evangélicas, pois nessa doutrina se obtém uma liberdade maior de expressão de suas práticas religiosas, pelo fato de trabalharem de forma autônoma e independente de outras hierarquias eclesiásticas, pois

a organização destas igrejas inclusivas é algo que poderemos considerar novo, permitindo uma maior flexibilidade na construção de conceitos e regras de comportamento. A participação não se limita ao grupo L.G.B.T., o que faz com que o grupo possa ganhar ainda mais adeptos. A religião ocupa um espaço importante na vida das pessoas e a ideia de inclusão acaba sendo bastante difundida nesta sociedade que tem trabalhado para a inclusão dos mais diferentes grupos em diversas áreas da sociedade. (ALVES, 2009, p.11)

A estruturação e organização dessas igrejas inclusivas é algo novo, o que favorece o processo de construção de sua identidade como igreja inclusiva, não havendo ainda um conceito que possa ser fechado ou conclusivo. No entanto, há um desafio a ser enfrentando, pois a todo momento essas instituições são confundidas com diferentes denominações religiosas, considerando alguns elementos do templo e dos ritos sagrados.

A igreja inclusiva exerce um papel relevante na vida da comunidade LGBTI+, por isso tem potencial de acolhimento, por não limitar o seu público apenas a esse grupo, mas por abranger a inclusão do público em geral. Isso inclui também a recepção dos heterossexuais simpatizantes ou membros das famílias dos “inclusivos” que participam dessas comunidades religiosas (JESUS, 2013). Nessa perspectiva, as igrejas inclusivas trabalham no campo da inclusão social, voltada para incluir a homossexualidade, mas também avança em não ser um grupo religioso unicamente exclusivo para os homossexuais, visto que, para essas organizações, a não aceitação das diversas formas de amor nada mais do que a constituição de um pensamento preconceituoso e excludente. Logo, da mesma forma que a homossexualidade não é vista como um pecado ou uma doença, a heterossexualidade também não é vista como algo a ser combatido. O objetivo dessas igrejas, então, é defender que existem outros moldes fora da heteronormatividade (JESUS, 2010).

Natividade (2016, p. 139), corroborando com Furtado e Caldeira (2010), explicita que

é nesse contexto que a sexualidade, antes restrita ao domínio do privado, se torna matéria de discussão na cena pública, incluindo uma perspectiva crítica dos supostos constrangimentos sociais que incidiriam sobre a mesma. É possível dizer que uma percepção sociológica das sexualidades se difundiu entre diferentes atores, organizações e movimentos sociais, pluralizando discursos e instituindo novas zonas de legitimidade e ilegitimidade. Com efeito, o tema da exclusão da diversidade sexual pelas religiões despontou, por meio de uma crítica à homofobia supostamente presente na tradição cristã e à consequente vinculação de tal prática sexual ao tema do pecado, da “abominação”, da antinatureza.

Natividade (2016) vem de encontro com as autoras supracitadas, quando afirma que a sexualidade antes era um assunto privado, sigiloso e ditado pela maioria religiosa e normativa machista. Entretanto, a sexualidade humana se tornou um assunto de domínio público, o que gera críticas e novas construções dentro da sociedade atual, trazendo diversos conceitos a respeito da temática, alguns mal-elaborados e replicados em contextos errôneos. Assim, a interpretação tradicional acerca da homossexualidade passa a ser vista em sua maioria com base em um pensamento de preconceito homofóbico.

Para Jesus (2010, p.134), “é possível perceber que a Igreja exerce um papel fundamental na normalização da vida social das pessoas, seja por força dos dogmas ou simplesmente por padrões morais aos quais os fiéis se engajam formando a

identidade do grupo”. Nesse sentido, em relação ao importante papel social das igrejas inclusivas, as impressões de Alves (2009) vêm ao encontro das de Jesus (2010), pois a igreja inclusiva tem exercido um papel de suma relevância na sociedade pelo papel moral, social e teológico que vem cumprindo no construir dessa identidade do cristão homossexual.

Desde os séculos anteriores, o Cristianismo esteve em conflito com questões de diversidade sexual na sociedade, pois nessa discussão o segmento cristão utilizou a bíblia como ferramenta para legitimar seu discurso contrário à diversidade sexual para praticar a exclusão do que era diferente do padrão heteronormativo e monogâmico defendido pela Bíblia e pela história primitiva do cristianismo. Segundo Caldeira e Furtado (2010, p.1),

cristianismo e diversidade sexual há séculos caminham em conflito e a Bíblia vem sendo utilizada como um veículo excludente, e gerador de violência. Mas mudanças ocorreram na sua interpretação através da hermenêutica bíblica e das ciências. Transformações que começaram a influenciar na sociedade, e obrigar, pouco a pouco, as igrejas cristãs a repensarem e reavaliarem seus conceitos em relação à diversidade sexual.

Para Caldeira e Furtado (2010), no decorrer das alterações sociais e culturais na história, muitas mudanças ocorreram no contexto da sociedade e com certeza isso influencia as transformações e novas interpretações dos textos bíblicos, considerados sagrados pelas igrejas cristãs. Por esse ângulo, Alves (2009) esclarece que o posicionamento das igrejas inclusivas é de integrar um movimento religioso que não enxerga a homossexualidade como um fato excludente dos direitos de acesso ao sagrado ou muito menos como uma patologia da sociedade. Essas instituições inclusivas não trabalham em ataque ou combate a heterossexualidade, mas sim na defesa de que existe diversidade sexual na humanidade e essa diversidade é criação de Deus e pode ser incluída no campo do sagrado. Na perspectiva da visão inclusiva, o fato de a sociedade não aceitar esse conceito evoca um ato de homofobia religiosa que gera exclusão.

As igrejas cristãs inclusivas promovem em seus discursos ensinamentos cristãos numa nova perspectiva de interpretação da Bíblia amparada no livro sagrado, considerando pontos de vista que não modificam o que está escrito, mas sim analisam em detalhes os textos que fazem menção a homossexualidade. Segundo Alves (2009, p.10),

a hermenêutica usada por estas igrejas utiliza textos da bíblia e faz uma reinterpretação para defender, por exemplo, a homossexualidade interpretando várias histórias bíblicas como prova para suas conclusões. A sexualidade passa a ser vista como um santo dom de Deus e integra-se uma espiritualidade de corpo e alma.

Nessa perspectiva, no campo teológico, as igrejas inclusivas utilizam de um método de interpretação das Escrituras chamado de Hermenêutica. Essa reflexão é diferente das teologias tradicionais nos aspectos específicos que norteiam os textos sagrados que citam a classe LGBTI+ e envolvem o direito a salvação. Esse método de hermenêutica, empregado em ambas as teologias, utiliza dos próprios textos da Bíblia para explicar a si mesmo e dar uma nova interpretação. Desse modo, os estudos da teologia inclusiva apontam que a homossexualidade não pode ser vista como algo profano, mas pode sim integrar o campo sagrado. Conforme Feitosa (2016, p.91),

a Teologia Inclusiva, quando surgiu, seu propósito era desconstruir uma teologia anti-homossexualidade e possibilitar o acesso de gays e lésbicas à vida da Igreja, mas também contribuir para a descriminalização de seus relacionamentos. Na teoria, a nova abordagem tinha como propósito promover a inclusão e a afirmação de pessoas homossexuais, já que o preconceito e a exclusão tinham origem em uma interpretação literalista das Escrituras. A TI (Teologia Inclusiva) lançou-se como uma abordagem de fato evangélica, já que o Evangelho não faz acepção de pessoas.

O método da hermenêutica contextualiza os discursos. Dessa forma, a Teologia Inclusiva utiliza-se desse viés para realizar suas interpretações da Bíblia. É importante ressaltar que a nomenclatura de teologia inclusiva foi dada pelo fato de ser a principal teologia usada pelo movimento de igrejas consideradas cristãs inclusivas. Assim, um dos principais pontos dessa teologia é incluir os LGBTI+ ao campo do sagrado e religioso, entendendo, para isso, o contexto histórico e sociocultural dos textos bíblicos que é diferente do contexto atual deste século. Ademais, há a apropriação da máxima do discurso cristão sobre o amor incondicional, do perdão, do Divino para com os seres humanos e da Graça inaugurada pela figura do Messias, difundida no Cristianismo em geral.

Segundo Alves (2009, p.9), nesses últimos anos, o termo “inclusão”, muito comum no contexto, ganhou uma nova conotação no cenário religioso. Nesse sentido, compreendemos que os termos “inclusão” e “inclusiva”, adotados no âmbito religioso

nas igrejas cristãs inclusivas, passam a ter um valor semântico um pouco diferente do usual do campo da educação. Para Alves (2009, p.1),

por “igreja inclusiva” entendemos as igrejas abertas para a comunidade L.G.B.T., e que trazem uma proposta de inclusão para todos os que estão excluídos das outras vertentes religiosas presentes no Brasil. A presença das igrejas inclusivas no universo religioso do nosso país tem gerado os mais diferentes tipos de manifestações, desde o ataque direto e contundente a forma de pensar teológico destes grupos até a total indiferença para esta nova realidade.

Desse modo, entendemos que as igrejas cristãs inclusivas são aquelas igrejas cristãs que estão abertas para toda a diversidade sexual humana, sem exercer o preconceito ou a exclusão dessas pessoas no direito de acesso ao sagrado e religioso. Nesse viés, essas instituições que trabalham promovendo o acolhimento de pessoas são excluídas do sistema religioso cristão tradicional, por isso sofrem ataques diretos das estruturas eclesiais tradicionais, bem como da sociedade mais tradicionalista.

As igrejas cristãs inclusivas exercem um papel relevante para a sociedade LGBTI+ e seus núcleos familiares, tanto pela promoção de ações sociais solidárias como também por conta de sua contribuição no processo de reaproximação dos membros e suas famílias. Desse modo, esses espaços religiosos transformaram-se em lugares de resgate social, esfera de convivência de expressão de gênero e local de liberdade de crença e fé, embora ainda estejam em processo de construção de sua identidade histórica, social e, principalmente, teológica.

CAPÍTULO 2

PERSPECTIVAS HISTÓRICAS:

A CONSTRUÇÃO DAS IGREJAS INCLUSIVAS NO BRASIL

No capítulo anterior, discorreremos sobre as principais teorias que norteiam os conceitos que envolvem sexualidade e homossexualidade, religião, laicidade, diversidade e pluralismo, bem como conceitos importantes sobre as igrejas inclusivas. Agora que temos esse conhecimento sobre os elementos teóricos que conduziram essa pesquisa, vamos continuar com a perspectiva histórica: A Construção das igrejas inclusivas no Brasil. Esse capítulo, construído com base em dados e fontes orais, traz as premissas históricas das igrejas inclusivas no Brasil, contemplando-as até chegar em Goiás e, principalmente, na capital, Goiânia.

2.1 PREMISSAS HISTÓRICAS DAS IGREJAS INCLUSIVAS NO BRASIL

As possíveis novas vertentes religiosas do segmento cristão, denominadas aqui no Brasil de “igrejas inclusivas” teve como nascedouro os Estados Unidos da América em 1968. Vamos partir desse princípio para entendermos a chegada desse segmento religioso ao Brasil e depois ao estado de Goiás. De acordo com o pesquisador Alexandre Feitosa (2018), o precursor das igrejas cristãs inclusivas no mundo foi o reverendo Troy Deroy Perry Jr, nascido em 27 de julho de 1940. Ele estudou Teologia na *Moody Bible Institute* (MBI) e foi criado na tradição da Igreja Batista dos EUA, na qual teve seu primeiro casamento heterossexual, nesse matrimônio teve seus dois filhos. Segundo o pesquisador,

A primeira igreja inclusiva do mundo nasceu nos Estados Unidos. A Metropolitan Community Church (Igreja da comunidade Metropolitana - ICM) iniciou seus trabalhos em 1968. A ICM tornou-se a maior denominação inclusiva do mundo e hoje está presente em mais de 40 nações. Seu nascimento teve como protagonista um jovem pastor chamado Troy Deroy Perry Jr. (FEITOSA, 2018, p.19)

Feitosa (2018) esclarece que Troy Perry exerceu a função sacerdotal na Igreja Batista dos EUA e na *Church of God of Prophecy* (Igreja de Deus da Profecia). Segundo fontes do site oficial da *Metropolitan Community Churches* (2020), após se divorciar de sua esposa e ter sua sexualidade exposta, o reverendo foi forçado pelo

clérigo de ambas as igrejas a renunciar seu sacerdócio. Em 1965, Perry foi convocado a servir o exército na Alemanha, até 1967 e, no ano de 1970, tornou-se um dos fundadores da primeira parada LGBTI+ dos EUA. Vejamos a figura abaixo.

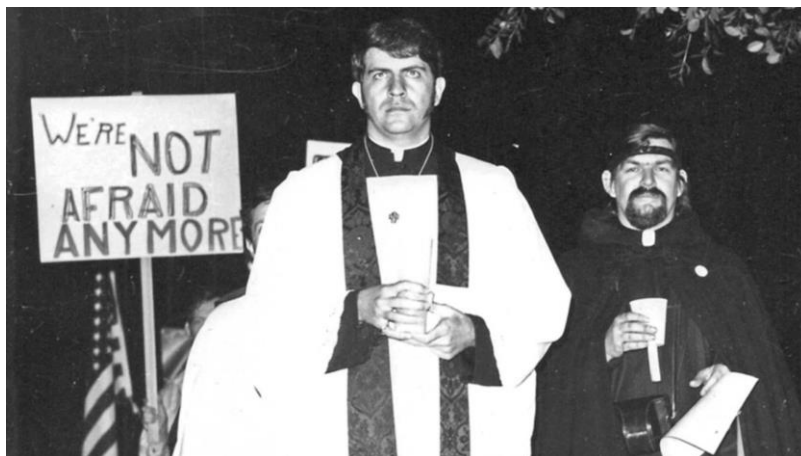


FIGURA 2 - Troy Perry, fundador da Metropolitan Community Church em 1968

Fonte: <<https://www.thedailybeast.com/how-troy-perry-metropolitan-community-church-founder-made-lgbtq-history-with-gods-help>>

O Reverendo Troy Perry, que está na imagem acima, em uma entrevista ao site institucional da *Metropolitan Community Church*, explicitou que

esses eventos, um relacionamento fracassado, uma tentativa de suicídio, uma reconexão com Deus, uma profecia inesperada e o nascimento de um sonho levaram ao primeiro culto da MCC: uma reunião de 12 pessoas na sala de estar do Rev. Troy Perry em Huntington Park, Califórnia em 6 de outubro de 1968. (PERRY, 2004, s/p.)

Após diversas frustrações em sua vida religiosa e pessoal, provocadas por não se encaixar nos moldes tradicionais da fé cristã, Troy Perry se sentiu impulsionado a retomar a vocação sacerdotal e decidiu se debruçar sobre os estudos da teologia para encontrar uma maneira para que ele e seus amigos LGBTI+ pudessem exercer sua fé livremente. Surgiu, então, a inspiração de iniciar um movimento cristão para acolher a comunidade Gay.

Em 1968, um ano antes dos distúrbios de Stonewall em Nova York, uma série de eventos improváveis no sul da Califórnia resultou no nascimento do primeiro grupo de igrejas do mundo com um ministério primário e positivo para gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. (PERRY, 2004, s/p.)

No decorrer de sua trajetória inclusiva, o Reverendo buscou estudos teológicos e produziu os primeiros artigos e livros com a temática religião e homossexualidade, que mais tarde ficou conhecida como Teologia Inclusiva. Por conta disso, o Reverendo é apelidado de “Pai” da Igreja Inclusiva e da Teologia Cristã Inclusiva.

Em 06 de outubro de 1968, aconteceu o primeiro culto dominical que se realizava na sala de estar do Reverendo Troy D. Perry, com 12 pessoas presentes, no subúrbio de Los Angeles. A respeito desse evento, ele apresenta alguns detalhes e dados sobre a Comunidade Metropolitana.

Esse primeiro culto no subúrbio de Los Angeles em 1968 lançou o movimento internacional das Igrejas da Comunidade Metropolitana, que hoje cresceu para 43.000 membros e seguidores em quase 300 congregações em 22 países. Nos últimos 36 anos, o testemunho profético da MCC mudou para sempre a face do cristianismo e ajudou a alimentar a luta internacional pelos direitos e igualdade LGBT. (PERRY, 2004, s/p.)

Em relação a trajetória histórica da igreja inclusiva, a MCC (em português ICM) é considerada a primeira igreja inclusiva do mundo. Segundo o Antropólogo Marcelo Natividade (2018), confirma-se esse status da ICM, pois os dados atestam que

a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), dos Estados Unidos, que foi fundada em 1968. Era um momento de muita efervescência política em que o movimento LGBT ganhou força com Stonewall. Entre 1970 e 1980, a ICM também ganhou um forte viés de luta contra a AIDS. Essa experiência, que existe até hoje e atualmente está no Brasil também, influenciou todas as posteriores. (NATIVIDADE, 2016, s/p.)

A Igreja da Comunidade Metropolitana é uma comunidade religiosa que nasceu com características litúrgicas tradicionais dos Estados Unidos e, à medida em que vem se difundindo pelo mundo, apropria-se de características do contexto em que está sendo inserida. Desse modo, a origem do movimento de igrejas cristãs inclusivas tem aspectos semelhantes às vertentes evangélicas protestantes americanas, que defendiam a inclusão dos homossexuais. A vertente religiosa nasceu a partir de um cenário Cristão Tradicional nos Estados Unidos em relação à inclusão e à exclusão dos homossexuais que viviam dentro das comunidades.



FIGURA 3 – Troy Perry em celebração do 50 de MCC dos EUA.

Fonte: <https://www.losangelesblade.com/2018/10/09/rev-troy-perry-celebrates-mccs-50th-anniversary/>

Nos EUA, tal tendência era chamada de "Inclusive Church", traduzido para o português "Igrejas Inclusivas". Contudo, algumas denominações deixaram de usar o termo, mesmo que sejam lugares que acolhem o público LGBTI+. A maioria prefere usar o termo "Affirmative Church", traduzido para "igrejas afirmativas" ou "Open door Church", "igrejas de portas abertas", sendo chamadas também de "Gay Friendly Church", ou seja, "igreja amiga dos gays". No Brasil, acabou sendo firmado o termo igrejas inclusivas.

No cenário brasileiro da igreja cristã tradicional, as pessoas homoafetivas ainda não se sentem aceitas pelas comunidades religiosas, pois não conseguem se sentir acolhidas. Por exemplo, muitas vezes, para uma pessoa homoafetiva exercer qualquer função voluntária e colaborativa nas instituições religiosas tradicionais, exige-se um compromisso de mudança na sua orientação sexual, o que gera o sentimento de exclusão e rejeição por parte das igrejas.

Para muitos cristãos, membros dessas comunidades tradicionais, o assunto homossexualidade ainda é considerado como um "tabu". É preferível não se discutir. Essas igrejas cristãs atuais entendem o homossexual como promíscuo e libertino. Segundo as pesquisadoras Furtado e Caldeira (2010, p. 6),

de modo geral, as igrejas pentecostais e neopentecostais acreditam que a homossexualidade deva ser profundamente recriminada, pois é uma conduta antinatural e pecaminosa. Para essas igrejas, que ainda fazem uma leitura literal da Bíblia, as passagens bíblicas que falam sobre a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo mostram a vontade de Deus em relação aos que a utilizam, e a homossexualidade, independente do que dizem as ciências, continua a ser uma perversão. Os homossexuais devem ser acolhidos, desde

que reconheçam precisar de ajuda para modificar os seus comportamentos, que acreditam possam ser revertidos. (FURTADO; CALDEIRA, 2010, p. 6)

Nesse sentido, em alguns casos, a liderança da igreja pede sigilo quanto à orientação sexual, para que o indivíduo contribua sem precisar se assumir. Todavia, muitos se tornam reféns da situação, temendo que isso se torne um problema posteriormente. No contexto religioso, essas instituições tradicionais utilizam textos bíblicos com interpretações literais para condenar os homossexuais, gerando, muitas vezes, o desconforto e a exclusão desses indivíduos da convivência e dos direitos religiosos daquela comunidade eclesiástica tradicional, em que ele eventualmente está inserido.

Essas interpretações literais não levam em consideração o contexto histórico e cultural em que os textos estavam inseridos. Com isso, as igrejas se tornam inflexíveis em seus argumentos e posicionamentos e acabam colocando os membros homoafetivos em situações que os façam se sentir forçados a deixar a sua orientação sexual, caso essa seja contrária aos moldes da heterossexualidade normativa defendida pela Igreja Cristã Tradicional. Furtado e Caldeira (2010) esclarecem que o amor por pessoas do mesmo sexo sempre existiu, em todas as épocas e culturas. Aceitar ou rejeitar o ato sexual entre iguais é, então, uma questão cultural. Normalmente, as sociedades que rejeitam essa relação são aquelas que as consideram pecaminosas, enquanto as comunidades que as aceitam percebem essas práticas como naturais. De acordo com as autoras, essa questão de rejeição ou aceitação do envolvimento entre pessoas do mesmo sexo corroboram com atitudes excludentes, o que contribui para o avanço das igrejas inclusivas no Brasil.

A propagação das instituições religiosas inclusivas se deve ao fato de que cristãos identificados como homoafetivos, em grande parte evangélicos, de acordo com essa pesquisa, são privados de expressar sua fé livremente. Desse modo, considerando que alguns desses indivíduos são somente membros atuantes enquanto outros são líderes de “peso”, isso os leva a procurar espaços em outras religiões ou, até mesmo, em outros formatos do Cristianismo para exercerem e expressarem sua fé, constituindo diferentes culturas religiosas inclusivas.

Por esses fatores, esses sujeitos excluídos que buscam preservar sua fé foram se agrupando e, assim, foram surgindo grupos cristãos que almejam ter um espaço

para compartilhar suas experiências religiosas. De acordo com Barrucho (2012, s/p), em entrevista à BBC Brasil,

o embrião das igrejas inclusivas começou a surgir no Brasil na década de 90, em pequenas reuniões feitas normalmente sob sigilo. Nos Estados Unidos, entretanto, elas já existem há pelo menos quatro décadas, praticando o que chamam de "teologia inclusiva", com um discurso aberto à diversidade.

Alinhando-nos à perspectiva do autor, esses movimentos inclusivos surgiram no Brasil, nos meados de 1990, compostos por grupos de cristãos excluídos de outras denominações cristãs. A princípio, tratava-se de reuniões sigilosas e discretas por medo de perseguições dos líderes das antigas igrejas a que eles pertenciam. Embora nos EUA já existisse o movimento da Igreja Comunidade Metropolitana, há 40 anos, isso ainda era uma novidade no Brasil. Assim, Jesus (2010) considerou o movimento das igrejas inclusivas um fenômeno recente no Brasil.

As igrejas inclusivas são um fenômeno recente no Brasil, surgido a partir do final dos anos 1990 com a articulação de alguns grupos que discutiam religião e homossexualidade a partir da experiência de LGBTs em suas igrejas de origem. Mas é somente a partir do início dos anos 2000 que acontece uma proliferação de diversas denominações religiosas inclusivas no Brasil. (JESUS, 2010, p.132)

A ICM veio para o Brasil em 2000 e ficou sendo a pioneira em nosso país. Hoje a ICM Brasil conta com 16 templos distribuídos em 15 estados brasileiros. Em entrevista ao Jornal *El País*, Marcelo Natividade (2016) afirma que “as igrejas inclusivas chegaram no Brasil no início dos anos 2000 e nos últimos dez anos não pararam de aumentar em número”.

Na página oficial da Igreja Comunidade Metropolitana no Brasil, há apontamentos sobre sua história no país. Segundo registros,

a ICM começou a sua atividade no Brasil em maio de 2004. Quer dizer, assim dizem os documentos escritos, as matérias jornalísticas, as atas fundacionais da primeira ICM, a do Rio. Mas, de fato, maio de 2004 foi apenas um “start” oficial de um movimento espiritual que já vinha ensaiando sua presença no Brasil há alguns anos. (ICM RIO, 2020, s/p.)

Marcelo Natividade, na entrevista ao jornal *El País* (2016), também informa que, antes da ICM se estabelecer, havia outros movimentos importantes para o cenário cristão inclusivo em concomitância.

Na década de 1990, o pastor Nehemias Marien aceitava homossexuais em sua Igreja Presbiteriana Bethesda, em Copacabana. Depois ele acabou sendo expulso da congregação, sua igreja fechou anos depois e só nos anos 2000, uma movimentação que trouxe a ICM para o Brasil deu início à abertura de igrejas inclusivas. Só de dez anos para cá que elas aumentaram significativamente em número. Hoje, há várias delas. (NATIVIDADE, 2016, s/p.)

Segundo Natividade (2016), no Brasil, em 2002 começaram a surgir ramificações de igrejas cristãs inclusivas e a segunda pioneira foi a Igreja Acalanto. Essa instituição religiosa inclusiva foi fundada pelo pastor Chileno Victor Orellana, naturalizado brasileiro há mais de 27 anos, que era Teólogo formado pelo Instituto Betel, com Especialização em Ciência e Religião. A Acalanto foi estabelecida na tradição cristã da Igreja Metodista de São Paulo, no entanto, o pastor Victor Orellana foi ordenado pela Igreja Assembleia de Deus. Na figura abaixo, aparece o Pastor Victor Orellana em uma matéria da revista Época em 2003.



FIGURA 4 – Pastor Victor Orellana - Igreja Acalanto (2003)

Fonte: <http://www.extestemunhasdejeova.net/forum/viewtopic.php?f=24&t=17337>

A figura 4, em que aparece Victor Orellana segurando uma Bíblia, corresponde à foto publicada pela Revista Época (2003), quando divulgou uma entrevista concedida pelo pastor.

Muitos jovens entram em conflito porque pensam em exercer a espiritualidade cristã e as igrejas os impedem. São espezinhados, excluídos ou humilhados. Penso que a igreja não pode ser parcial nisso. Não pode escolher alguns e deixar outros de fora de seu rebanho. Ela é a representante de Deus na Terra e deve acolher a todos. Cristo jamais lançou fora ninguém, ele tem amor

incondicional. Eu pessoalmente já passei por preconceitos quando fui ordenado pastor. Disseram-me que eu estava errado, em pecado. (ORELLANA, 2003, s/p.)

Para o pastor, a igreja deve tomar uma posição quanto à homossexualidade vivida pelos jovens dentro das igrejas, em vez de excluí-los de seus “rebanhos”. Para ele, a igreja é representante de Deus na terra e deve expressar o amor incondicional, por isso Victor fundou sua igreja tendo como objetivo expressar o amor incondicional de Deus sobre os jovens homossexuais.

Ainda segundo as informações dadas na Revista *Época* (2003), a instituição religiosa dirigida pelo pastor Orellana se espalhou também por vários países e foi assunto de diversas matérias em revistas e jornais brasileiros. Anos mais tarde, a igreja veio a se desfazer, por motivos de discordâncias entre a liderança eclesiástica daquela época, o que resultou na origem de muitas outras denominações Cristãs Inclusivas como: Comunidade Família Cristã Athos de Brasília (DF), liderada pelos pastores Ivaldo Gitirana e Márcia Dias; Igreja Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE), liderada pelo Pr. Justino Luiz em São Paulo (SP) e a Igreja Para Todos em São Paulo (SP), liderada pela Pra. Indira, dentre outras.

O crescimento das igrejas cristãs inclusivas no Brasil tem chamado a atenção da mídia e de estudiosos da religião e da sociedade nas universidades. Conforme Barrucho, em entrevista à BBC Brasil (2012, s/p), as igrejas inclusivas estão

concentradas, principalmente, no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, elas somam em torno de 10 mil fiéis, ou seja, 0,005% da população brasileira. A maioria dos membros (70%) é composta por homens, incluindo solteiros e casais, de diferentes níveis sociais. O crescimento das igrejas inclusivas ganhou força com o surgimento de políticas de combate à homofobia, ao passo que o preconceito também diminuiu, alegam especialistas.

Na atualidade, estamos vivendo um momento em que a discussão sobre as minorias tem sido intensificada. Sendo assim, as igrejas cristãs inclusivas no Brasil têm conquistado forças, pois essas instituições religiosas têm surgido com o discurso de inclusão das minorias e das classes excluídas pela sociedade e pela própria religião tradicional. Cabe salientar que o conceito de minoria, nesse contexto, é utilizado seguindo a definição de Louis Wirth:

Wirth indica que podemos definir uma minoria como um grupo de indivíduos que, por suas características físicas ou culturais, se diferenciam do resto da sociedade em que vivem por tratamento diferencial ou igualitário, e que se

consideram objeto de discriminação coletiva. Por conseguinte, a existência de um grupo minoritário implica a existência de um grupo correspondente majoritário dominante, que possui maior status e maiores privilégios. O status minoritário está associado à exclusão de participação total na vida da sociedade, e a minoria é tratada e se compreende como um grupo (talvez, ainda melhor, como um “povo”) à parte. (WIRTH apud GREEN; TRINDADE, 2005, p.56)

Os líderes das igrejas inclusivas propagam discursos receptivos de que o indivíduo é acolhido sem distinção de pessoas, o que atrai também as minorias marginalizadas. Dessa forma, todos aqueles que não se encaixam nos padrões heteronormativos das grandes igrejas cristãs atuais encontram nelas seu “lugar ao sol”, ou melhor, sua possibilidade de ter um lugar no céu. A busca ativa por membros nas igrejas inclusivas é comum e essa temática de acolhimento foi incorporada aos discursos a fim de ir à procura das minorias. Assim, essas comunidades inclusivas persistem, sobrevivem e renovam seu rol de membros no país, como tem sido feito ao longo do tempo.

Como exemplo de uso dessa estratégia, temos a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) de São Paulo (SP), que celebrou em 2020 seus 19 anos de existência e 16 anos de consolidação; a Igreja Cristã Contemporânea do Rio de Janeiro (RJ), que comemora 14 anos de ministério; a Comunidade Família Cristã Athos de Brasília (DF), que, em dezembro de 2020, celebrou 14 anos de vida eclesiástica; a Cidade de Refúgio de São Paulo (SP), que comemora 8 anos de existência e a Comunidade Cristã Nova Esperança, que possui 14 anos de trabalho religioso.

Conforme Barrucho (2012, s/p),

O número de frequentadores dessas igrejas - que são abertas a fiéis de qualquer orientação sexual - acompanhou também a emancipação das congregações. Se, há dez anos, os fiéis totalizavam menos de 500 pessoas; hoje, já são quase 10 mil - número que, segundo os fundadores dessas igrejas, deve dobrar nos próximos cinco anos.

As igrejas cristãs inclusivas no Brasil têm um enorme campo a ser explorado, tendo em vista que, segundo fontes do IBGE 2010³, no Brasil há cerca de 60 mil casais

³ IBGE: Fonte no site do IBGE 2010. www.ibge.gov.br. Cabe ressaltar que não foi possível a coleta dos dados mais atualizados, tendo em vista que o recenseamento de 2020 foi adiado para segundo semestre 2021 em decorrência da pandemia do covid-19.

homossexuais. No que tange aos dados dos grupos de militantes LGBTI+ no país, o número de homossexuais está estimado entre 6 a 10 milhões de pessoas. Há ainda uma perspectiva de que em relação aos frequentadores de igrejas inclusivas, contando dez anos, desde que o movimento religioso inclusivo brasileiro se iniciou, os números indicavam cerca de 500 fiéis, mas, após mais uma década, eles constituem um grupo de cerca de 10 mil fiéis. Nesse liame, estima-se que nos próximos cinco anos esse número poderá ser duplicado. Nesse sentido,

na medida em que o homossexual consegue efetuar contatos e descobre que existem outras pessoas na sociedade semelhantes a ele, também excluídos do grupo majoritário, ele tende a encarar de outra forma suas experiências, e ressignifica sua afirmação pessoal como homossexual, atrelando-se cada vez mais a essa categoria. (GREEN; TRINDADE, 2005, p.33)

O avanço das igrejas inclusivas no Brasil ganhou forte impulso no seu crescimento em virtude do surgimento e promoção das políticas públicas para combater a homofobia, em decorrência de discussões nas mídias, Câmara do Senado e outras instâncias de poder, além dos inúmeros atentados aos LGBTI+, dentre outros fatores. Essas manifestações públicas dão visibilidade ao tema homossexualidade e religião o tempo todo, colocando-as como uma dicotomia de oposição, o que gera um despertar das partes envolvidas no assunto e provoca uma procura por conhecimento a respeito das igrejas inclusivas nos territórios em que os indivíduos estejam inseridos. Com isso, essas instituições se tornam cada vez mais comuns entre pessoas heterossexuais e homossexuais.

Nas igrejas inclusivas, percebemos que a membresia⁴ é composta em sua maioria por pessoas homoafetivas, até mesmo devido ao fato de que a abordagem principal é direcionada a esse público, ainda que haja a presença de fiéis heterossexuais como parte dessas instituições, principalmente familiares e amigos dos homoafetivos.

As igrejas cristãs inclusivas têm doutrinas, dogmas e liturgias influenciadas pelas igrejas cristãs tradicionais. Considerando que a maior parte dos membros inclusivos são ex-membros de diversas denominações protestantes e católicas, acaba havendo uma pluralidade de sistemas religiosos sendo formados dentro das comunidades inclusivas no Brasil. Nesse sentido, cada denominação cristã inclusiva

⁴ Membresia: Fiéis que compõem corpo de membros das igrejas.

acaba tendo sua própria identidade religiosa e já conseguimos distinguir que os segmentos Cristãos de igrejas inclusivas já estão subdivididos em possíveis vertentes/correntes como: Ecumênicos, Católicos, Protestantes Tradicionais, Pentecostais, Neopentecostais e todos com o diferencial do novo segmento intitulado de igrejas inclusivas. A partir disso, surgem diversas correntes/denominações do cristianismo. Conforme o pesquisador Ricardo Mariano (2005, p. 10) propõe em sua classificação que é designado o seguinte:

Designa tanto a igrejas Protestantes Históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista) Como as Pentecostais (Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus etc.). Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas, cura e discernimento de espírito. (MARIANO, 2005, p. 10)

Mariano (2005) designa aqui as vertentes protestantes históricas que também são chamadas de tradicionais e as vertentes protestantes pentecostais. Logo, nas igrejas inclusivas, há, em algumas denominações, as influências desses dois grupos religiosos como também dos outros grupos já mencionados anteriormente. Para o pesquisador, os grupos neopentecostais são:

as igrejas neopentecostais, formadas a partir da década de 70, que realizaram as mais profundas acomodações à sociedade, abandonando vários traços sectários, hábitos ascéticos e o velho estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, implacavelmente, estigmatizados. (MARIANO, 2005, p. 8)

As igrejas inclusivas seguem a linha de uma “Igreja fundamentalista”, pregando os ensinamentos das escrituras sagradas e muitos dos rituais das igrejas tradicionais como: Os sacramentos do batismo, casamento, eucaristia (ceia), o crescimento espiritual, a Palavra, o conhecimento de Deus e de toda a escritura sagrada (Bíblia). É interessante que nos cultos dessas igrejas quase não se ouve falando do assunto homossexualidade. Geralmente, orienta-se aos membros em discipulados, Escola Bíblica, Seminários específicos e livros da chamada “Teologia Inclusiva”.

Segundo o pesquisador e teólogo Marvel Sousa (2012, p.12), “o movimento cristão inclusivo no Brasil encontra-se em processo de estruturação eclesiástica e teológica até as conjunturas cristãs tradicionais”. Para ele, as igrejas cristãs inclusivas

estão ainda no meio de um processo de estruturação e identificação teológica. Sendo assim, essas igrejas pregam a necessidade de uma vida, seja ela heterossexual ou homossexual, pautada na santificação à luz das escrituras sagradas. Além disso, ensinam a importância de uma conduta discreta, longe da imoralidade e promiscuidade e orienta que se tenham relacionamentos monogâmicos. A prioridade das igrejas para com os fiéis que as procuram é que eles encontrem restauração espiritual, esperança de salvação, direito de servir e cultuar a Deus, comunhão e amor ao próximo, além de fazerem a diferença na sociedade sendo Cristãos Inclusivos, diferenciando-se dos padrões seculares.

Identificamos muitas semelhanças entre as igrejas inclusivas e as igrejas cristãs tradicionais. Além das liturgias, dos ensinamentos e das doutrinas, há também os louvores e pregações que, muitas vezes, têm como referências os cantores e pregadores do meio evangélico e católico brasileiro, como em qualquer outra Igreja Cristã Tradicional. Visto isso, podemos identificar que a principal diferença existente, até o momento, entre esse segmento de igrejas cristãs inclusivas e o segmento convencional ou fundamentalista, trata-se de uma questão de elas não enxergarem a homossexualidade como algo pecaminoso e passível de mudança ou escolha por parte do indivíduo. De acordo com Feitosa (2012, p. 67),

a mensagem desse Evangelho e da Graça oferecida por meio de Cristo deveria ser suficiente para que gays, lésbicas, bissexuais, e transgêneros fossem incluídos ao Corpo de Cristo, como já ocorre aos demais cristãos. Entretanto, os LGBT, histórica e teologicamente, estiveram impedidos de ocupar seu lugar na Igreja, embora se venha proclamando um Deus que não faz distinção de pessoas.

Para esse autor, a mensagem de Cristo verdadeira deve ser a inclusão com base na Graça e no Evangelho. Logo, as igrejas cristãs inclusivas acreditam que cada pessoa nasce com sua sexualidade e orientação que lhe foi permitida por Deus. Desse modo, essas instituições religiosas inclusivas permitem que a pessoa possa viver a sexualidade normalmente, incluindo a constituição de casamentos, famílias, filhos, além de poderem cultuar a Deus com a certeza de uma salvação inclusiva, por parte de um Deus que não discrimina pessoas e tem base no amor incondicional e na graça salvadora.

Outro ponto importante de se destacar em relação à propagação das igrejas inclusivas no Brasil é a participação conjunta e o diálogo entre os líderes dessas

instituições. Na figura abaixo, temos a foto do Terceiro encontro Nacional de Líderes de Igrejas Inclusivas do Brasil. Na foto estão os principais líderes que se uniram ao Conselho de Igrejas Inclusivas do Brasil (CONII Brasil) Brasil.



FIGURA 5: Encontro Nacional de Líderes de Igrejas Inclusivas.

Fonte: < <https://web.facebook.com/PastorEdsonSantanaIRIS/photos> > acesso 29 de agosto de 2020.

Para começar a abordagem sobre conselhos de igrejas inclusivas de forma cronológica, partimos do ano de 2011, quando se iniciou uma tentativa de fundar e consolidar um conselho no Brasil, por meio de duas tentativas: uma em São Paulo (2011) e outra no Rio de Janeiro (2012). Nesse contexto, era discutida a importância de se criar um órgão que pudesse representar esse movimento de igrejas inclusivas no país. Ao longo desse período, essas tentativas caminhavam simultaneamente a fim de promover a unidade e parceria dessas igrejas em cada região do Brasil para que se pudesse, posteriormente, compor conselhos regionais vinculados ao grupo nacional.

Em 2012, na cidade de Goiânia (GO), os pastores Osvaldo Jefferson e eu, Fagner Brandão, realizamos quatro encontros com os líderes das igrejas inclusivas existentes no estado de Goiás. Dentre seus participantes, estavam os líderes das igrejas inclusivas no Distrito Federal, Alexandre Feitosa e Marvel Souza, na época presbíteros representando a Comunidade Família Athos; o reverendo Elias Vergara, líder da Igreja Anglicana de Goiânia, responsável, na época, pela Paróquia São Filipe, que trabalha com uma pastoral da diversidade sexual; o pastor Edson e José Humberto, da Igreja Íris; o pastor Órion da Catedral Inclusiva, que iniciava suas atividades naquele mesmo ano e os anfitriões da Igreja Athos & Vida.

Nesses encontros chamados de “Café com Pastores e Líderes Eclesiásticos”, eram discutidas pautas voltadas para assuntos como inclusão eclesial, diversidade sexual, unidade e parceria das igrejas para fortalecimento das instituições parceiras. No *blog* Alianci Nacional (2012), criado pelos pastores Osvaldo Jefferson e Fagner Brandão, o movimento fez a seguinte declaração:

Somos a Aliança Nacional das Igrejas Cristãs Inclusivas (ALIANCI), iniciamos nosso trabalho em janeiro de 2012 tendo a cidade de Goiânia-GO como nossa principal sede. Somos uma instituição sem fins lucrativos, composta por Igrejas Cristãs e Inclusivas no principal âmbito do acolhimento das pessoas Homoafetivas de nossa nação. (ALIANCI, 2012, s/p.)

O foco, então, era fortalecer o movimento inclusivo religioso por meio da parceria entre as instituições de mesma linha de trabalho. Ressaltamos que o *blog* foi elaborado, mas não chegou a ser oficializado. Contudo, a intenção era tentar estruturar as ideias e divulgar os encontros, por isso a página ainda está disponível até o presente momento em que essa pesquisa está sendo construída.

Em 2013, esses cafés já não tiveram mais êxito nem continuidade na cidade de Goiânia. A respeito dos conselhos de igrejas inclusivas, Feitosa (2018, p. 53) declarou que

tentativas de construir e consolidar um Conselho Nacional de Igrejas Inclusivas têm sido feitas há alguns anos, quando se realizaram dois encontros nacionais com lideranças inclusivas: um em São Paulo (2011) e outro no Rio de Janeiro (2012). Além disso várias reuniões têm sido empreendidas em nível regional, com exceção da região norte.

Dessa maneira, as tentativas anteriores foram sem êxito, mas fizeram parte de movimentos precursores que tiveram ideias para a criação de um órgão que representasse, unisse e lutasse pelas igrejas inclusivas no Brasil. Em 2016, porém, surgiu outra iniciativa, dando origem ao Mover Inclusivo Brasil, organização que era independente e com a intenção de acolher todas as igrejas inclusivas do país. Sendo assim, foi realizado o primeiro encontro na cidade de Brasília, na Comunidade Athos; o segundo encontro aconteceu em 2017, em São Paulo, na Igreja Todos Iguais e, em 2018, o terceiro encontro nacional ocorreu em Fortaleza. Cabe ressaltar, que o Mover Inclusivo no Brasil foi oficializado e levou o nome de Conselho de Igrejas Inclusivas do Brasil - CONII Brasil com a adesão de mais de 20 denominações de Igrejas inclusivas (FEITOSA, 2018).

Constata-se que esses movimentos de constituição de conselhos em prol das igrejas inclusivas não se consolidaram. Todavia, em 2018, o CONII Brasil foi constituído pelas lideranças oficiais que foram eleitas no encontro presencial onde todos os representantes das denominações afiliadas votaram elegendo a diretoria e lideranças regionais, este encontro aconteceu na cidade de Fortaleza-CE, contendo a seguinte estrutura:

QUADRO 1 – Diretoria Nacional e Lideranças Regionais do CONII Brasil, 2018-2020

| Diretoria Nacional 2018/2022 |
|--|
| Presidente: Pra. Márcia Dias Secretário: Pr. Abrão Santos Tesoureiro: Ap. Chlisman Toniazzo |
| Liderança regional 2018/2020 |
| Região Norte: Bp. Renato de Souza Região Nordeste: Ap. Alan Luz Região Centro-Oeste: Pra. Mônica Souza Região Sudeste: Bp. Jerry Madeira Região Sul: Ap. Jota Macedo |

Fonte: Fonte Oral com base na entrevista feita com a Pastora Mônica Ferreira de Souza, no dia 01/07/2020 (entrevista em anexo)

O objetivo do conselho é promover a unidade e parceria entre as igrejas, mesmo que sejam denominações diferentes e que mantenham suas administrações locais independentes do Conselho. O CONII tem a intenção de fortalecer o movimento inclusivo, ganhar representatividade e visibilidade nas políticas públicas e sociais que possam envolver as demandas das igrejas inclusivas no Brasil. A criação do CONII é um processo de luta e resistência que envolve interesses e embates próprios no movimentos.

No dia 18 de dezembro de 2016, o Conselho chegou a produzir em conjunto uma carta aberta, considerada um manifesto e um marco para as igrejas inclusivas. Essa epístola foi entregue em espaços públicos importantes como o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal e a OAB.

2.2 - PREMISSAS HISTÓRICAS DAS IGREJAS INCLUSIVAS EM GOIÁS

O Estado de Goiás está localizado na região Centro-oeste do Brasil e foi descoberto no século XVII, por volta de 1650, pelos bandeirantes paulistas. Na história de Goiás, o bandeirante mais famoso é chamado de Bartolomeu Bueno da Silva e sua capitania veio para a região em busca de explorar ouro e pedras preciosas. De acordo com o IBGE, Goiás é o 5º estado brasileiro mais populoso, sendo que sua economia se baseia principalmente na agropecuária e tem atraído também muitos investidores da área da indústria.

Segundo dados do IBGE (2010), o Estado de Goiás possui 7.018.354 (Sete milhões, dezoito mil e trezentos e cinquenta e quatro) habitantes distribuídos em seus 246 municípios, sendo a cidade de Goiânia a capital do estado. Ainda conforme dados do instituto, a população cristã goiana explicita sua fé vinculada às seguintes igrejas:

QUADRO 2 – Auto declaração da população goiana quanto à confissão de fé

| Denominação | Quantidade de pessoas |
|--------------------------------|---|
| Católica Apostólica Brasileira | 9.838 (Nove mil e oitocentos e trinta e oito) |
| Católica Apostólica Romana | 3.535.980 (Três milhões e quinhentos e trinta e cinco mil e novecentos e oitenta) |
| Católica Ortodoxa | 5.181 (Cinco mil e cento e oitenta e um) |
| Evangélica | 1.685.680 (Um milhão, seiscentos e oitenta e cinco mil e seiscentos e oitenta) |
| Outras religiões Cristãs | 41.236 (quarenta e um mil e duzentos e trinta e seis) |

Fonte: IBGE (2010)

Conforme o Quadro 2, constata-se que a população que se autodenomina Católica Apostólica Romana é a mais expressiva e, em segundo lugar, está o grupo dos Evangélicos, isto é, protestantes.

A seguir, observa-se as igrejas inclusivas presentes em Goiás, segundo dados coletados por mim, por meio de entrevistas.

QUADRO 3 - igrejas cristãs inclusivas em funcionamento no Estado de Goiás até 31/12/2020

| Denominação | Vertente/Movimento | Cidade | Fundadores | Liderança em 2020 |
|---------------------------|--------------------------------|---------|-----------------------------|------------------------------|
| 1. Igreja Ministério Vida | Protestante: Neopentecostal | Goiânia | Pr. Agenor e Pr. Marcelo | Pra. Roberta e Pb. George |

| | | | | |
|---|--|----------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 2. Comunidade Cristã Renascer | Protestante: Calvinista | Goiânia | Pra Mônica Souza e Pr. Samir Salomão | Pra Mônica Souza e Pr. Samir Salomão |
| 3. Igreja Metodista – Incluídos Pela Graça | Protestante: Histórica - (Igreja Reconciliadora) | Goiânia | Pr. Marvel Souza e Pr. Raphael | Pr. Marvel Souza e Pr. Raphael |
| 4. Igreja Anglicana do Brasil – Paróquia São Filipe | Anglicana e Católico Incluem LGBTI+. | Goiânia | Rev. Elias Meyer Vergara | Rev. Isaias Torquato |
| 5. Igreja <i>Fire Church</i> | Protestante: Neopentecostal | Goiânia | Fernando Palma | Fernando Palma |
| 6. Igreja Metodista – Incluídos pela Graça | Protestante: Histórica- (Igreja Reconciliadora) | Luziânia | Pr. Marvel Souza e Pr. Raphael | Pr. Marvel Souza e Pr. Raphael |
| 7. Igreja Renovada Inclusiva da Salvação | Protestante: neopentecostal | Aparecida de Goiânia | Pr. Edson Santana | Pr. Edson Santana |

Fonte: Fontes orais relatados em coleta de entrevista.

Com base nos dados elencados no Quadro 3, constata-se que o estado de Goiás possui 11 instituições religiosas denominadas igrejas inclusivas. Na cidade de Goiânia, há seis igrejas inclusivas, na vertente cristã protestante; uma Igreja Anglicana na vertente Católica que, embora seja uma igreja histórica, desde 2018 incluem o público LGBTI+ em seu rol de membros e ainda realizam ordenações sacerdotais. Na cidade de Aparecida de Goiânia, que faz divisa com a capital, há duas igrejas inclusivas na vertente Cristã Protestante. Em Anápolis, situada a cerca de 50km de Goiânia, foi identificada a existência de uma igreja Anglo Católica que inclui o público LGBTI+ em seu rol de membros e realiza ordenações sacerdotais. Em Luziânia, situada a cerca de 20km da capital do estado, constata-se uma igreja inclusiva na vertente cristã protestante.

No período de 1981 até 2019, havia outras denominações inclusivas que foram precursoras do segmento inclusivo em Goiás. Por esse motivo, essas instituições religiosas aparecem a todo momento como pano de fundo no discurso internalizado das atuais instituições que, por sua vez, formam ramificações das igrejas já extintas. Vejamos:

QUADRO 4 - Igrejas Cristãs Inclusivas extintas, porém precursoras em Goiás

| Nº | Denominação | Vertente | Cidade | Período | Fundadores |
|----|---------------------------|--------------------------|-----------|-----------|-------------|
| 1 | Igreja da Irmandade | Anabatista | Rio Verde | 1977-1996 | Pr. Onaldo |
| 2 | Igreja Nação Ágape | Cristã: ecumênica | Goiânia | 2007-2008 | Pr. Patrick |
| 3 | Igreja Catedral Inclusiva | Protestante: pentecostal | Goiânia | 2011-2012 | Pr. Orion |

| | | | | | |
|----|--|--|----------------------|-----------|--|
| 4 | Comunidade Cristã Athos e Vida | Protestante: neopentecostal | Goiânia | 2010-2015 | Pr. Fagner Brandão e Pr. Osvaldo Jefferson |
| 5 | Comunidade Família Cristã Athos | Protestante: tradicional | Goiânia | 2011-2011 | Pra Márcia Dias e Pr. Ivaldo Gitirana |
| 6 | Igreja Caminho da Inclusão | Protestante: neopentecostal | Goiânia | 2015-2018 | Pr. Fagner Brandão e Pr. Osvaldo Jefferson |
| 7 | Igreja Templo de Adoração | Protestante: pentecostal | Goiânia | 2012-2012 | Carlos Neves e Henrique |
| 8 | Igreja Cristã Conquista Plena | Protestante: tradicional | Goiânia | 2013-2020 | Pr. José Ricardo Souza |
| 9 | Comunidade Cristã Athos e Vida | Protestante: neopentecostal | Anápolis | 2014-2015 | Pr. Fagner Brandão e Pr. Osvaldo Jefferson |
| 10 | Comunidade Cristã Aprisco | Protestante: neopentecostal | Anápolis | 2016-2017 | Pr. Rafael Mendes |
| 11 | Comunidade Viver em Cristo | Protestante: pentecostal | Anápolis | 2015-2016 | Pb. Diones e Rafael Mendes |
| 12 | Igreja Anglo – Católica de Anápolis | Católica - Anglicana – Incluem LGBTI+. | Anápolis | 2016-2020 | Pe. Rafael Mendes e Pe. Eudlon Bertoni |
| 13 | Comunidade Cristã Athos e Vida | Protestante: neopentecostal | Aparecida de Goiânia | 2013-2015 | Pr. Fagner Brandão e Pr. Osvaldo Jefferson |
| 14 | Igreja Cristã Inclusiva | Protestante: pentecostal | Aparecida de Goiânia | 2019-2019 | Pr. Marcelo Reis e Pr. Evanilson |
| 15 | Igreja Jesus Cristo é o Amor- Ministério Ágape | Protestante: pentecostal | Aparecida de Goiânia | 2019-2020 | Pr. Evanilson e Pra. Rejane |

Fonte: Fontes orais por meio de coleta de entrevista.

Numa perspectiva histórica, por meio desse levantamento de dados realizado em Goiás, identifica-se o aparecimento das novas igrejas no século XXI em solo goiano, viabilizada pela aceitação dos homossexuais em espaços religiosos por meio de um olhar sem preconceitos ou, pelo menos, acredita-se que seja assim. As igrejas denominadas “inclusivas” revelam uma abertura para a diversidade humana nos espaços religiosos e surgem como uma tentativa de identificar, caracterizar e elucidar essa diversidade sexual dentro dos moldes e conceitos evocados neste século.

Essa abertura para a aceitação da diversidade sexual na esfera religiosa cristã promove o diálogo dessa temática nos espaços religiosos não inclusivos, porque essas instituições que incluem os indivíduos homoafetivos expõem de forma clara o seu posicionamento e as diversas interpretações e discursos doutrinários da bíblia dentro das religiões cristãs, que passam a apresentar suas fragilidades quanto à aceitação dos homossexuais.

Segundo Feitosa (2018, p. 33),

o processo de nascimento de inclusão dos homossexuais nas igrejas cristãs em Goiás teve início em 1985 quando a Igreja da Irmandade, Tunker se instalou na cidade de Rio Verde-Goiás, tendo como precursor o Pastor Onaldo Alves Pereira.

Pastor Onaldo, com outros líderes, fundou diversas igrejas pelo Brasil, no período de 1977 até 1996. Em entrevista oral concedida a mim, no dia 10 de julho de 2020, conforme entrevista em anexo, o pastor Onaldo Alves Pereira afirma o seguinte:

Em 1977 iniciamos a Igreja da Irmandade, Tunker, na cidade de Rio Verde (Goiás), esta igreja era ligada a uma matriz que tem sede nos Estados Unidos. Eu comecei a Igreja da Irmandade, Tunker, por minha conta em 1977, sem pedir a permissão deles, porque sabia que eles não tinham interesse em uma missão aqui no Brasil. Depois de funcionar por um longo tempo, eu fui atrás de buscar a aceitação e o reconhecimento deles. (PEREIRA, 2020, s/p)

Com base no exposto acima, a Igreja da Irmandade começa seus trabalhos em 1977 em Goiás. Como podemos ver na imagem abaixo, a logomarca da igreja impressa em uma revista informativa era fornecida na comunidade. É possível vermos também o interior do templo da época, contendo o púlpito e o altar, bem como o pastor Onaldo ungindo com a imposição de mãos um dos membros da igreja.



FIGURA 6: Pastor Onaldo e Igreja da Irmandade
Fonte: Arquivo pessoal de Onaldo Alves Pereira

Desse modo, em 1994, o movimento ganhou certa notoriedade quando o Pr. Onaldo foi até Salvador (BA) e realizou o casamento de cinco casais homoafetivos.

1994 - Em abril, o pastor Onaldo Alves Pereira, da Igreja da Irmandade, realizava o casamento de cinco casais homoafetivos, em Salvador-Ba. O casamento foi noticiado pelo jornal Folha de São Paulo em 29 de abril do mesmo ano. Na ocasião, Pereira afirmou: "nós pregamos o amor acima de tudo. Nós não chamamos a união de homossexuais de casamento. O nome

que damos é bênção. Nós não somos uma Igreja Gay. Apenas concordamos com essa união. Nos EUA há outras linhas que também admitem o casamento homossexual”. (FEITOSA, 2018, p. 33).

Esse ato da Igreja da Irmandade ganhou visibilidade na mídia nacional e trouxe várias perseguições ao pastor e ao movimento. De acordo com Feitosa (2018, p. 33), “como resultado do casamento em Salvador, foi ameaçado de morte em Rio Verde e teve sua casa apedrejada 14 vezes em um ano, por grupos pentecostais e católicos carismáticos”. Por causa dessa notoriedade que ganhou e excesso de perseguições polêmicas, o pastor Onaldo acabou sendo expulso da Igreja da Irmandade e relata o fato ocorrido em sua entrevista como um desses episódios de perseguição sofrido na época:

após cerca de uma semana eu acordei com uma serenata na minha janela, eram pessoas cantando hinos da harpa/cantor cristão, era até aquele hino que diz “mais alvo que a neve”, era cerca de 04h da madrugada. Acordamos e abrimos a janela de casa para apreciar a serenata. Mas de repente, começaram a jogar pedras contra nós, nós nos deitamos no chão e esperamos eles pararem. Durou cerca de 1 hora, eles cataram, oraram, expulsaram os demônios e foram embora, descobrimos que eram um grupo evangélico. (PEREIRA, 2020, s/p)

A Igreja da Irmandade - Tunker exerceu suas atividades e militância na cidade de Rio Verde, no estado de Goiás, de 1985 até 1995, assim o movimento se encerrou em Goiás em 1995 e em outros estados do Brasil em 1996.

Em entrevista no dia 10 de julho de 2020, conforme anexo, o pastor Onaldo, esclareceu como foi o processo de encerramento da igreja.

A Marina Santana era vereadora em Goiânia pelo PT, ela ficou sabendo o que eu estava passando e enviou um diretor do sindicato dos radialistas para vir me visitar e ver como poderiam me ajudar. Vendo a minha situação e minhas necessidades daquele momento, ela me levou para Goiânia junto com meu filho, ali ela alugou uma casa em Goiânia e nos colocou dentro. Com isso eu fechei as atividades da Igreja da Irmandade em Rio Verde, até porque já tinha acabado, não restava mais muitas pessoas mesmo. (PEREIRA, 2020, s/p)

A Igreja da Irmandade era uma comunidade pequena com poucos adeptos que tinha maior exercício ligado às militâncias políticas e sociais das causas LGBTI+. Na mesma entrevista supracitada, o pastor explicitou que a igreja chegou, por um determinado momento, a conquistar uma expressão relevante diante da sociedade de Rio Verde. Segundo o Pastor:

Chegamos a construir um templo na cidade, realizamos casamentos, conseguimos parcerias para um trabalho totalmente ecumênico. Tínhamos cerca de 150 a 200 membros em comunhão com a irmandade. Nossa igreja da Irmandade tinha tantos membros heterossexuais quanto membros homossexuais, mas sempre contamos a presença de mais membros héteros que homossexuais. (PEREIRA, 2020, s/p)

Embora a Igreja da Irmandade, nas décadas de 1980 e 1990, não carregasse esse rótulo de identificação como sendo inclusiva, já inseria homossexuais na igreja sem preconceito, sendo esse movimento considerado um dos precursores para o nascimento das igrejas inclusivas em Goiás. Em entrevista, o pastor Onaldo, quando perguntado sobre se considerar um precursor do movimento de igrejas inclusivas em Goiás, responde:

Acredito que a Igreja Cristã Inclusiva não tenha uma conexão direta ao nosso trabalho da Igreja da Irmandade, embora alguns tiveram contato conosco. Não conheci os líderes dos movimentos de igrejas cristãs inclusivas que vieram para Goiás e nunca fui procurado por eles. Mas acredito que o nosso trabalho de lutas, perseguições e conquistas tenha sido uma motivação e uma influência para as demais existirem. (PEREIRA, 2020, s/p)

Pastor Onaldo acredita que tem sido inspiração ou estímulo para alguns líderes, mas ainda não consegue enxergar uma ligação desses movimentos com o movimento que ele teve na década de 1990, pois são de características bem diferentes daquele que foi iniciado por ele. No entanto, ele reconhece que tem o mesmo objetivo de acolher homossexuais sem preconceito e levá-lo até Deus.

Paralelo a esse movimento, houve o movimento da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – IEAB, por meio da Paróquia São Felipe, situada na cidade de Goiânia, tendo como líder religioso o Reverendo Elias Vergara. Esse segmento veio para o Brasil há cerca de 120 anos e está presente em Goiás desde 2000. Conforme informações na página oficial da IEAB (2020, s/p),

os anglicanos celebram a sua liturgia em terras brasileiras desde 1810, através de várias capelanias espalhadas pelo país e subordinadas à Igreja da Inglaterra. Essas foram as primeiras igrejas não-romanas estabelecidas nestas terras. Entretanto, a igreja voltada especialmente para os brasileiros começou intencionalmente em 1890.

Assim, percebemos que a IEAB é uma igreja de linha histórica dentro da vertente Anglicana no Brasil e em Goiás. Abaixo, na figura 07, podemos ver a foto do templo da Igreja Anglicana de Goiânia, Paróquia São Felipe.



FIGURA 7: Igreja Anglicana de Goiânia

Fonte: <https://www.dab.org.br/project/instalacao-do-ministro-encarregado-da-paroquia-anglicana-sao-felipe/> acesso 04 de janeiro de 2021.

A IEAB é ao mesmo tempo católica e protestante, caracterizando o que eles mesmos definem como anglo-católicos. De acordo com a publicação na página oficial da IEAB, no que diz respeito a Anglicanismo e variabilidade litúrgica e teológica, é declarado que

o Anglicanismo também é caracterizado por sua flexibilidade teológica. Por ser uma igreja não-confessional, é permitido aos anglicanos discordar em assuntos não-essenciais de nossa fé, descrita nos credos históricos. Também não possuímos um teólogo de vulto ou grande reformador, centrado no qual traçamos nossa teologia. Pelo contrário, lançamos mão do que escreveram grandes homens e mulheres cristãos, não necessariamente anglicanos, ao longo da história da Igreja. O chamado tripé Escritura-Tradição-Razão é o cerne do modo de se fazer teologia anglicana. Simboliza que esses três elementos devem estar em equilíbrio constante, a fim de perceber o que o Espírito Santo está a dizer para a Igreja. (IEAB, 2020, s/p)

Assim, a IEAB declara que existe uma variedade litúrgica e teológica aceita dentro de sua comunidade religiosa. Sendo eles flexíveis aos diversos pensamentos teológicos e expressões de fé, acabam não se enquadrando necessariamente em um único formato do cristianismo, seja ele católico, protestante ou anglicano, mas sim sendo flexível às três formas dentro de uma única igreja. Como podemos notar na declaração abaixo,

os anglo-católicos buscaram restaurar elementos teológicos e litúrgicos da Igreja Britânica Pré-Reforma. Usavam no culto público o uso de imagens, velas, crucifixo, incenso, água benta, invocação aos santos e confissão auricular. Foram vitais no renascimento das ordens monásticas anglicanas. (IEAB, 2020, s/p)

A IEAB registra que se denominam anglo-católicos porque também buscaram o resgate de elementos teológicos e litúrgicos que foram adotados pela igreja Inglesa Pré-reformada, bem como elementos característicos das liturgias católicas. Podemos perceber no próprio nome de suas paróquias que são homenagens a santos conhecidos popularmente como católicos. Como exemplo temos a paróquia de Goiânia, ilustrada na figura 07, que se chama Paróquia São Felipe. Porém, ao adentrar o templo, não se visualiza imagens de santos, mas se consegue perceber velas, incensos, água benta, e elementos ritualísticos tipicamente católicos. Segundo a declaração da IEAB,

a igreja baixa primava pela simplicidade do cerimonial litúrgico e espírito evangélico de evangelização. Teologicamente, eram protestantes clássicos, reconhecendo certos elementos católicos como os sacramentos e o episcopado histórico. Os anglo-evangélicos foram os grandes responsáveis pelo reavivamento evangélico na Inglaterra e em outros países, com forte preocupação missionária. (IEAB, 2020, s/p)

Dessa forma, também houve o resgate de movimentos evangélicos na forma cerimonial e de evangelização. Assim, a IEAB se considera protestante clássica que ainda reconhece e adota importantes elementos dos ritos católicos, assim como reconhecem também outras ações importantes dos movimentos evangélicos e incorporam-nos em suas liturgias e ações. Na Paróquia Anglicana São Felipe da cidade de Goiânia, nota-se na liturgia cânticos conhecidos no contexto evangélico bem como orações, campanhas, apelos, orações por imposição de mãos e unção, também típicos dos rituais protestantes. De acordo com eles,

a igreja ampla era, de início, um grupo minoritário, mas muito influente devido às suas posições moderadas. Sempre foram o fiel da balança entre o ritualismo anglo-católico e o despojamento evangélico. Hoje, pode-se dizer que boa parte de nossas paróquias se enquadra na igreja ampla. (IEAB, 2020, s/p)

Por esse ângulo, percebe-se que a igreja busca um equilíbrio dentro do que eles chamam de anglo-católico, não abandonando os ritos evangélicos. Mesmo assim, ainda se consideram parte do protestantismo clássico. São igrejas autônomas em suas decisões, existindo vários segmentos de Igrejas Anglicanas pelo mundo. No viés específico da IEAB, eles são flexíveis a diversos assuntos polêmicos e contraditórios na sociedade atual que envolvem a religião e a ética. Dessa forma, por mais de 30 anos a IEAB vem discutindo sobre a sexualidade humana em suas pastorais e

concílios. De acordo com Barbosa (2011, s/p), no texto publicado na página oficial da IEAB,

a IEAB não é uma denominação estritamente Gay ou somente para homossexuais e seus familiares, como é algumas denominações fundadas nos últimos 50 anos. A IEAB é uma denominação cristã que é para todas as pessoas que queiram abraçar a fé cristã e professá-la na maneira anglicana, inclusive para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros.

A IEAB tem como marca a luta constante pelos direitos humanos e participação histórica nas militâncias que envolvem a dignidade humana. Sempre declarou não ser uma igreja exclusivamente homossexual, e sim uma igreja aberta a todas as pessoas, mas com a abertura para se dialogar com as pessoas homossexuais e acolhê-las como membros de suas comunidades. Segundo Barbosa (2011, s/p),

a IEAB, seguindo o direcionamento da Conferência de Lambert (reunião decenal de bispos anglicanos do mundo inteiro, que dialogam sobre vários assuntos e fazem recomendações para a Comunhão Anglicana), começou a discutir sobre sexualidade humana há mais de 30 anos, especialmente começou a dialogar com pessoas LGBT's. E assim como muitas Igrejas Anglicanas de outros países, a IEAB chegou a um consenso que as pessoas LGBT's também são filhos de Deus, têm a mesma dignidade humana que qualquer heterossexual e por isto têm o mesmo direito de ser membros da Igreja e professar a fé cristã, sem restrições.

O reverendo Elias Vergara, em Goiânia, abriu a pastoral da diversidade sexual que se reunia mensalmente em um espaço neutro, fora do templo, para discutir sobre os diversos temas que envolvem a sexualidade. Tendo como umas das principais ênfases a sexualidade LGBTI+, essas rodas de conversas proporcionaram a inserção e o acolhimento de frequentantes e membros do público LGBTI+.

A Pastoral da Diversidade Sexual é uma ação da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil - Paróquia São Felipe - Goiânia. O Café com Cinema é um evento mensal onde discutimos temas relacionados à sexualidade humana, sempre orientados por um vídeo/filme/documentário específico ao tema e com a participação de profissionais especialistas da área, que conduzem a discussão com os demais participantes. Nosso objetivo é a conscientização, o conhecimento e o respeito às minorias, sempre baseados no amor e na comunhão. (BARBOSA, 2011, s/p)

Essas pastorais ganharam espaço e chegaram a ter publicações e participações em eventos sobre essa mesma temática. A IEAB, em 3 de julho de 2018, decidiu votar no sínodo geral sobre a liberação do casamento de pessoas do mesmo

sexo que, com maioria dos votos a favor, foi aprovado e autorizado a todas as IEAB. Tal liberação havia sido requisitada por meio de votação outras duas outras vezes, nos sínodos anteriores, mas não obteve aprovação da maioria e era uma pauta reivindicada desde 1997. De acordo com a reportagem publicada pelo jornal GUIAME (2018, s/p),

a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) decidiu aceitar o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Em votação, a grande maioria votou que “sim”, a entidade cristã deve “estender o matrimônio a casais do mesmo sexo”. Sobre a votação, foram 57 a favor, três votos contra e duas abstenções. Segundo o site oficial da igreja, que classifica a decisão como um “momento histórico”, esta foi a terceira vez que o assunto foi levado à consideração do Sínodo Geral.

Segundo a GUIAME, antes dessa decisão considerada histórica, a IEAB aprovou também a ordenação de mulheres para exercerem o ofício de ministras e sacerdotisas, assim como também houve a aprovação para a ordenação de pessoas assumidamente LGBTI+ a esses ofícios. Esse movimento também pode ser considerado dentre os precursores da inclusão de pessoas do público LGBTI+ na participação da vida religiosa das comunidades cristãs de Goiás.

Levando essa discussão em consideração, na cidade de Goiânia, em 2008, nascia oficialmente a primeira Igreja Cristã Inclusiva. Ferreira (2016), esclarece que a forma de iniciar as igrejas é uma característica comum entre os movimentos de igrejas cristãs inclusivas. De acordo a autora,

as características iniciais destes movimentos de grupos religiosos inclusivos em sua maioria são semelhantes, no sentido de que as pessoas que os iniciam são geralmente “excluídas” de suas igrejas de origem, justamente pela sua orientação sexual (homossexual). Em sua maioria são pessoas egressas de igrejas evangélicas tradicionais, tanto que grande parte das igrejas inclusivas são evangélicas, conseqüentemente por conta da origem de seus fundadores e membresia, e em menor grau pessoas egressas da Igreja Católica, espíritas etc. (FERREIRA, 2016, p.41)

A cidade de Goiânia, marcada como nascedouro das igrejas cristãs inclusivas, é a capital do estado de Goiás e a maior cidade do estado. Foi projetada e, posteriormente, fundada em 24 de outubro de 1933 por Pedro Ludovico Teixeira. É importante ressaltar que, a partir deste dia, a capital do estado de Goiás foi transferida da cidade de Goiás para Goiânia.

Goiânia ficou localizada em território onde era o antigo município de Campinas, atualmente o Bairro Campinas, que de forma carinhosa foi chamada de “Campininha das Flores”.

O decreto estadual nº 3.359, de 18 de maio de 1933, determinou a escolha da região às margens do córrego Botafogo, compreendida pelas fazendas Crimeia, Vaca Brava e Botafogo, no então município de Campinas, para a edificação da nova capital de Goiás. Em 24 de outubro de 1933, em local definido pelo engenheiro, arquiteto, urbanista e paisagista Atílio Corrêa Lima, responsável pelo projeto urbanístico da nova capital, Pedro Ludovico lançou a pedra fundamental de Goiânia. A data foi escolhida para homenagear os três anos da revolução de 1930. (PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2020, s/p.)

Dada essa contextualização, nascia, então, em 2008, o Ministério Nação Ágape, considerada a primeira igreja declaradamente Cristã Inclusiva de Goiás, fundada pelo pastor Patrick Henrique Bonfim. A Nação Ágape tinha como sede a cidade de Brasília (DF), desde 2006. Em Goiânia, o ministério tinha um grupo filial. Esse grupo obteve grande expressão dentro dos movimentos de militâncias LGBTI+, chegando a realizar casamentos gays na parada LGBTI+ de Goiânia e em boates gays. No entanto, passou por uma dissolução e, por isso, surgiu uma nova igreja. A Nação Ágape realizou ainda outras tentativas sem muito sucesso de se restabelecer em Goiânia nos anos seguintes.

Em 2008 surgia a Igreja Renovada Inclusiva da Salvação (IRIS), fundada pelo pastor Edson Santana, podendo ser considerada a segunda igreja cristã inclusiva de Goiás. Na época, a IRIS ficou conhecida pela grande participação de seu fundador nas lideranças de ONGs em prol dos direitos LGBTI+ de Goiás, pois ele atuou lado a lado na organização e apoio das paradas gay de Goiânia, entre outras cidades do estado de Goiás.

Conforme ilustração na figura 8 abaixo, podemos ver um cartaz contendo um slogan da Igreja IRIS, ao lado de uma bandeira LGBTI+, bem como a Logomarca da igreja e, por último, uma imagem do pastor Edson Santana celebrando casamentos LGBTI+ na parada Gay de Goiânia.

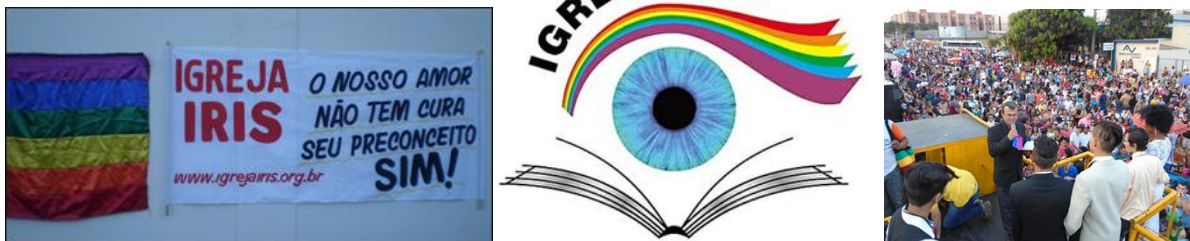


FIGURA 8: Igreja IRIS

Fonte: Imagens disponíveis: < <https://web.facebook.com/PastorEdsonSantanaIRIS/photos> > acesso 29 de agosto de 2020.

Em entrevista, no dia 03 de julho de 2020, concedida pelo pastor Edson Santana do Nascimento, que está ilustrado na figura 8 acima, ele afirma que

em junho de 2008, começamos a igreja e não nos chamávamos IRIS, nosso nome era Nação AGAPE, que foi fundada pelo pastor Patrick Henrique Bonfim, que era de Brasília e veio abrir esta igreja filial aqui em Goiânia. Através de um ativista da militância LGBTI+ de Goiás que nós fomos apresentados e assim iniciamos um trabalho, de caráter evangélico, como Nação Ágape. Em setembro de 2008, já estávamos com o núcleo de reuniões no setor Fama, na casa de uma mulher transexual, a Karla Bianca, ali reuníamos cerca de 20 pessoas. Fui ordenado ao ministério pastoral durante este trabalho Nação Ágape em 2008, pelo pastor Patrick Henrique Bomfim. (NASCIMENTO, 2020, s/p)

Um fator interessante a ser mencionado é o de que foi na IRIS que ocorreu a pioneira ordenação de mulher transexual ao sacerdócio, quando em 2009 foi ordenada Karla Bianca como a pastora auxiliar da comunidade.

A Igreja IRIS atua hoje na cidade de Goiânia e em Aparecida de Goiânia, embora não possua templo e endereço fixo. Segundo o pastor Edson Santana do Nascimento informou:

Trabalhamos juntos até 2009, mas chegou um momento que houve divergências de pensamentos a respeito das doutrinas, e visão institucional da denominação. Meus pensamentos eram completamente diferentes do dele, e logo no início de 2009, houve a cisão, e o pastor Patrick Henrique Bonfim continuou com a Nação Ágape em Goiânia sob a responsabilidade do Thiago Henrique e eu, pastor Edson Santana, iniciei o novo ministério como Igreja IRIS. A Nação Ágape passou a se reunir em locais públicos, como por exemplo o Cine Ouro durante muito tempo. Este trabalho logo acabou também, não sei precisar o ano, mas 2010 ou 2011. (NASCIMENTO, 2020, s/p)

As reuniões da IRIS ocorrem de forma mensal nas residências dos membros e do pastor e há uma parceria ativa da instituição com o funcionamento do projeto social Casa de Renovo, uma casa de apoio a pessoas LGBTI+ em vulnerabilidade. Esta casa funciona em um sítio na zona rural da cidade de Aparecida de Goiânia e proporciona acolhimento e orientação às pessoas. Segundo o Pastor Edson Santana do Nascimento,

o projeto social Casa de Renovo, onde abrigamos pessoas com vulnerabilidade social, tentamos ajudá-los na moradia, no trabalho, no encaminhamento a questões de saúde. Distribuimos cestas de alimentos as pessoas que necessitam. Já acolhemos mulheres vítimas de violência doméstica. Recebemos famílias que foram despejadas e foram acolhidas até conseguir outro lugar para morarem. Acolhemos no projeto qualquer pessoa independente de sua orientação sexual. (NASCIMENTO, 2020, s/p)

A instituição adotou o nome Casa de Renovo/Igreja IRIS para suas divulgações oficiais, com o endereço de administração Rua Barão do Bananal, Parque Real-Aparecida de Goiânia (GO), sendo esse local a residência do pastor titular, onde também acontecem as reuniões eclesiais do ministério.

Conforme podemos ver abaixo na figura 9, temos o pastor Edson na fábrica de sabão, os produtos fabricados e o dormitório da Casa de Renovo/Igreja IRIS.



FIGURA 9: Casa de Renovo – Igreja IRIS

Fonte: Imagens disponíveis: < <https://web.facebook.com/PastorEdsonSantanaIRIS/photos> > acesso 29 de agosto de 2020.

Em 2010, a Comunidade Athos de Brasília, por meio do pastor Ivaldo Gitirana, da pastora Márcia Dias e do presbítero Alexandre Feitosa, estabeleceu contato com um grupo de jovens (Eu - Fagner Brandão, Osvaldo Jefferson, Ricardo Ribeiro e José Ricardo) que pediram uma igreja na cidade de Goiânia com visão semelhante.

No início de 2010, atendendo solicitações de irmãos de Goiânia, a Comunidade Athos envia lideranças a fim de estabelecer um diálogo e a implantação de uma célula na capital goiana. Para a missão, foram designados o pastor Ivaldo Gitirana, o presbítero Alexandre Feitosa e obreiro Oliver Fábio. A iniciativa deu certo e ainda em 2010, a Comunidade Athos estava estabelecida sob a liderança de Fagner Brandão, à época diácono. O Trabalho prosperou e logo a Comunidade Athos tornou-se conhecida, inclusive pela imprensa local. (FEITOSA, 2018, p.51)

Em 26 de junho de 2010, os jovens goianos iniciaram as reuniões na casa dos pastores Osvaldo Jefferson e Fagner Brandão (eu). No entanto, após alguns meses, houve a dissolução dos líderes da comunidade em Brasília, o que ocasionou no rompimento do Pr. Ivaldo Gitirana com a instituição, abrindo, então, um novo ministério em Taguatinga (DF). Assim, a pastora Márcia Dias assumiu a presidência da instituição Comunidade Família Athos.

A Comunidade Athos de Brasília fez outras tentativas de se restabelecer com a implantação de uma comunidade filial na cidade de Goiânia, nos anos de 2011 e 2012, por meio do envio de missionários, o que levantou também líderes locais, mas acabou não dando continuidade às atividades. Osvaldo Jefferson da Silva explicita, em entrevista concedida à pesquisadora Ferreira (2016, p.42), que

no dia 26 de junho de 2010, começamos um grupo de oração no lar dos jovens e, com o crescimento do número de participantes, a primeira sala alugada para a realização dos cultos foi no centro de Goiânia e comportava apenas vinte pessoas, mas com o tempo foi necessário ampliar o espaço, além disso, visando uma boa localização geográfica e de fácil acesso a igreja foi transferida para o setor Campinas nesta capital.

Ainda segundo a declaração de Jefferson a Ferreira, após a mudança de endereço e melhor localização, a igreja passou por um crescimento considerável. Nesse contexto, ganhou visibilidade na mídia do estado, tendo diversas reportagens nos meios de comunicação impressos, televisivos e sendo também motivo de polêmicas em debates nas igrejas evangélicas da cidade. O grupo denominado Comunidade Athos de Goiânia decidiu, por fim, também romper com a instituição de origem e continuar a jornada no estado de Goiás de forma independente como Igreja Athos & Vida. Assim, de acordo com Feitosa (2018, p. 51),

como é comum ocorrer no protestantismo, divergências de ordem litúrgica e administrativa fizeram com que o grupo goiano se desligasse de Brasília, as igrejas, entretanto, seguiram como coirmãs. A Igreja de Goiânia passou a denominar-se Athos e Vida, nome que a definiu até 2015, quando se tornou Caminho da Inclusão.

Esses dados foram confirmados pelo Pr. Osvaldo Jefferson, cofundador da Igreja Athos & Vida de Goiânia, citado por Miriam Laboissiere de Carvalho Ferreira em sua dissertação de mestrado.

Abaixo temos, na figura 10, a logomarca do início da Igreja Athos & Vida, os pastores Fagner Brandão e Osvaldo Jefferson, em uma matéria publicada pelo jornal impresso Diário da Manhã e uma foto do templo Athos & Vida em 2014.



FIGURA 10: Igreja Athos & Vida – Goiânia

Fonte: Imagens disponíveis: < <https://web.facebook.com/grupodeamesrose/photos> > acesso 29 de agosto de 2020

No início das atividades, houve uma aliança firmada que deu sustento e base para começar os trabalhos ministeriais. Porém, após alguns meses, por motivos de diferenças doutrinárias, o grupo goiano percebeu estar em caminhos distintos, portanto, foi necessário seguir como instituição autônoma. Osvaldo Jefferson da Silva declara, em entrevista concedida à pesquisadora Ferreira (2016, p.42), que

no dia 7 de julho de 2010, foi firmada aliança com a Comunidade de Brasília (DF), entretanto, após identificarmos disparidades doutrinárias e encontrarmos estilos distintos de gestão eclesial, houve a autonomia do ministério de Goiânia e em 2011 tornamo-nos Igreja Athos & Vida devidamente registrada na Receita Federal.

Desse modo, em 2010 surgiu a Igreja Athos & Vida, fundada pelos pastores Osvaldo Jefferson e eu, Fagner Brandão, e os jovens Ricardo Ribeiro e José Ricardo que atuaram na diaconia da comunidade na época. A Comunidade de fé ficou reconhecida no estado de Goiás como Athos & Vida e instalou templo, com endereço fixo, no setor Campinas da cidade de Goiânia. De acordo com Ferreira (2016, p. 42),

a comunidade Athos & Vida surge em 26 de junho de 2010, em Goiânia. Criada pelo pr. Fagner e seu companheiro, pr. Jefferson. De instância eclesial cristã inclusiva, aberta a todos (assim, diz o pr. Fagner, junho/2014), esta Igreja inclusiva nasce de uma necessidade pessoal identificada pelo seu líder de encontrar uma experiência de fé que correspondesse à sua “orientação sexual”. Inicialmente os encontros aconteciam em residências (o que nos recorda a experiência de Troy Perry – fundador da MCC). “Nosso foco está sempre centrado na Palavra de Deus, com leituras e discussões” (Pr. Fagner, junho/2014). O que percebemos é que a comunidade tem como base a fé e os princípios que a regem, a Palavra de Deus.

Em 2013, a igreja contava com cerca de 160 membros e possuía 3 templos no estado de Goiás, sendo a sede em Goiânia e uma filial na cidade de Aparecida de Goiânia e outra em Anápolis. O grupo era atuante, participava efetivamente nas paradas gays da cidade, em que se instalaram fazendo um trabalho de divulgação desse espaço para acolhimento do público e manifestando em prol dos direitos do cristão gay em Goiás. Além disso, outro aspecto importante, que era marca da instituição, eram os trabalhos de ação social, com distribuição de cestas básicas e assistência a pessoas carentes, bem como a divulgação de vagas de emprego conforme o perfil de cada indivíduo que necessitava desse auxílio.

Com o propósito de alterar a denominação da instituição religiosa inclusiva para marcar uma mudança de fase, ainda em sua entrevista, Osvaldo Jefferson esclarece que “no dia 1º de março de 2015, a Igreja Athos & Vida passou por mudanças e decidimos dar novos rumos ao ministério e nos tornamos Igreja Caminho da Inclusão” (FERREIRA, 2016, p.42). A respeito desse assunto, identificou-se no site oficial da Igreja Caminho da Inclusão a seguinte declaração sobre esse momento mudança:

Iniciamos no dia 26 de junho de 2010 um grupo de oração na residência do casal, oficial com o nome Igreja Athos & Vida, em março de 2015 decidem mudar o nome da igreja para CAMINHO DA INCLUSÃO, tendo agora um novo nome, marcando o começo de uma nova identidade eclesial. (CAMINHO DA INCLUSÃO, 2015, s/p.)

Dessa maneira, no início de 2015, a Comunidade Athos & Vida passou por transformações internas em sua forma de trabalho e estrutura administrativa. Isso ocasionou rupturas de líderes e parcerias. Segundo Ferreira (2016, p. 42),

– Igreja Athos & Vida – posteriormente no início de 2015 ela muda de nome, adotando o nome de Igreja Caminho da Inclusão. Esta igreja se apresenta no

mercado religioso goiano como uma entidade confessional inclusiva, declaradamente homoafetiva e institucionalmente constituída sob os pilares teológicos tradicionais do cristianismo ocidental, porém abraçando uma nova releitura teológica inclusiva.

Como Caminho da Inclusão, a instituição teve um novo formato de trabalho, abraçando ainda mais a ação social de ajuda a moradores de rua e famílias homoafetivas em situações carentes.

Conforme podemos ver na figura 11, temos a logomarca da Igreja Caminho da Inclusão, ao lado podemos ver a foto dos pastores Fagner Brandão e Osvaldo Jefferson, no púlpito da igreja, bem como um mosaico de imagens de pessoas dentro do templo, durante a realização de cultos.



FIGURA 11: Igreja Caminho da Inclusão – Goiânia

Fonte: Imagens disponíveis: < <https://web.facebook.com/grupodeamesrose/photos> > acesso 29 de agosto de 2020

Isso posto, a Igreja declara em suas páginas oficiais se identificar com as características de igrejas protestantes, ou seja, evangélicas e, ao mesmo tempo, fazer parte do movimento de igrejas inclusivas. Conforme citação abaixo, podemos perceber um pouco da visão, missão e valores que eram objetivados pela instituição:

Ser uma Igreja Cristã, Protestante e Inclusiva que viva verdadeiramente os "Athos" e a "Vida" de Cristo na terra, e leve vidas ao verdadeiro "CAMINHO DE INCLUSÃO", expressando em seus valores e princípios o amor a Deus e ao próximo, anunciando o Evangelho a toda criatura, sem fazer acepção de pessoas, levando a restauração e a cura dos corações pelo poder do Espírito Santo, bem como conduzir todas as pessoas a buscarem e desenvolverem a salvação em Jesus Cristo, o único e suficiente Salvador da humanidade. (CAMINHO DA INCLUSÃO, 2015, s/p.)

Nota-se que a instituição faz questão de deixar claro que é uma continuação da extinta Igreja Athos & Vida, destacando seus objetivos, missão e visão, além de reforçar o compromisso de ensinar o caminho cristão por meio das Escrituras Sagradas, bem como os princípios cristãos e valores morais do movimento. Ressalta-se, ainda, que a igreja não faz distinção de pessoas, ou seja, deixa claro que qualquer pessoa é bem-vinda, fazendo menção a uma expressão conhecida pelo movimento inclusivo do Brasil, que é “sem fazer acepção de pessoas”.

Todo esse processo de cisão e reconstrução ocorreu a partir de um evento particular ocorrido com o casal de pastores que conduzia a igreja – um choque para toda a comunidade – o que em poucos meses resultou na desagregação da igreja e afastamento de muitos dos fiéis. (FERREIRA, 2016, p.50)

A Igreja Caminho da Inclusão esteve em funcionamento até fevereiro de 2018, encerrando, assim, de uma vez por todas as atividades do ministério Athos & Vida e Caminho da Inclusão em Goiás. Seus pastores, até o momento dessa pesquisa, não estão associados a nenhuma outra denominação religiosa.

Após o encerramento da Athos & Vida e a mudança na estrutura, houve novas cisões que contribuíram para o nascimento de outras denominações também oriundas da mesma raiz Athos & Vida.

Iniciaram-se cisões a partir dos dirigentes das filiais (Aparecida de Goiânia e Anápolis) e matriz (Goiânia) que culminam no fechamento das filiais e da própria igreja “Athos & Vida”. Ao mesmo tempo surgiram outras comunidades encabeçadas por lideranças que auxiliavam na condução das filiais em Aparecida de Goiânia, na cidade de Anápolis e na própria sede. (FERREIRA, 2016, p.50)

Nesse movimento de desvinculação eclesial com a Igreja Athos & Vida, em 2012 surgiu a Igreja Templo de Adoração, fundada por Carlos Neves e Henrique, em Goiânia, que teve seu encerramento no mesmo ano.

De acordo com Ferreira (2016, p.41), a “Comunidade Cristã Inclusiva Ministério Vida – cidade de Goiânia-GO. Surge em janeiro de 2015 a partir da cisão da Igreja Athos e Vida. Pastor presidente Agenor Machado de Moraes e pastor vice-presidente Marcelo Neves Silva de Moraes”. A instituição esteve em exercício até dezembro de 2020. Este fundadores renunciaram e deixaram a instituição no segundo semestre de 2019. Sendo eleita a nova presidência com pastora Márcia Portuguese que renunciou no mesmo ano e a vice pastora Roberta assumiu a liderança da igreja. Pra Roberta

renuncia a liderança da instituição e deixa a igreja no final de 2020. Assume a presidência o então presbítero George que em 2021 já se desliga ministerialmente e entrega o comando para pastora Sarah. Dezembro de 2020 a Igreja Vida se desfez após uma cisão entre a liderança eclesial e alguns remanescentes fundarem o a Igreja Aprisco Inclusivo, já na condução do agora pastor George e Sarah.

Em 2015 surgiu a Igreja Unidos para Cristo, fundada por Márcia Rodrigues e Elder Teles, também na cidade de Goiânia, instituição que encerrou suas atividades no ano seguinte, em 2016. Concomitantemente, ainda em 2015, a filial Athos & Vida de Anápolis se rompe e se torna independente administrativamente com o novo nome de Igreja Viver em Cristo, fundada por Diones Sousa e Rafael Mendes, posteriormente mudando o nome para Comunidade Aprisco, sob a liderança somente de Rafael Mendes, que também veio a encerrar as atividades no ano de 2017.

A Igreja Cristã Conquista Plena surgiu em 2013, fundada por José Ricardo e Monica Ferreira, sendo iniciada, também, com um pequeno grupo nas residências e logo seguindo para um templo com um local fixo na cidade de Goiânia. Os líderes definem a instituição como uma igreja inclusiva e que se posiciona com distanciamento das outras igrejas evangélicas tradicionais.

A igreja Conquista Plena tem cerca de um ano de fundação, ela faz uso da teologia inclusiva e mantém um distanciamento de outras vertentes religiosas tradicionais, porém em questão de segmento religioso eles possuem uma postura tradicionalista, sendo que há algumas normas onde os fiéis não podem frequentar ambientes considerados impróprios, e não há prática sexual antes do casamento. (ALVES; MELO; COUTINHO, 2014, p.11)

Assim, a Igreja Cristã Conquista Plena marcou o cenário na cidade de Goiânia, estabelecendo-se na defesa das doutrinas inclusivas e na propagação de estudos teológicos para a comunidade cristã LGBTI+. Mas, de acordo com os autores, a instituição ainda permaneceu com características dentro do viés mais tradicional.

Conforme pode ser visto na figura 11, temos a logomarca da igreja e imagens públicas de cultos realizados pela comunidade.



FIGURA 12: Igreja Conquista Plena – Goiânia

Fonte: Imagens disponíveis: < <https://web.facebook.com/ConquistaPlenaChurch>> acesso em 29 de agosto de 2020.

No final de 2016, ocorreu uma cisão da estrutura administrativa e eclesiástica da Igreja Cristã Conquista Plena e a então pastora Mônica Ferreira decide se desligar do ministério e, com um grupo de pessoas, implantar uma outra denominação com o nome de Comunidade Cristã Renascer. Assim, a Igreja Cristã Conquista Plena deu continuidade aos seus trabalhos até os dias atuais de 2020, sob o comando apenas do pastor José Ricardo, seguindo hoje com características mais pluralistas e preferindo não se rotular de igreja inclusiva, mas apenas igreja cristã.

Em 2020 a Igreja Cristã Conquista Plena, decide entregar o templo físico onde se reuniam e voltar a fazer as reuniões na residência do pastor José Ricardo. A decisão foi tomada com base nas dificuldades financeiras enfrentadas pela instituição e pela redução da quantidade dos fiéis que obtinham um compromisso com a comunidade. Sendo assim, a igreja estabeleceu os seus cultos todas as quartas-feiras para intercessão, domingos às 19h para culto de Louvor e Adoração, sendo esse o culto principal, além de contar com eventos esporadicamente aos sábados para o Cine Conquista Plena, em que é transmitido filmes com discussões temáticas. Além disso, a instituição realiza uma vez por mês o culto de santa ceia. Em termos de organização, essa igreja se dispõe de forma hierárquica com obreiros, diáconos, presbíteros e pastores, sendo estruturada em departamentos chamados de ministérios para o envolvimento dos fiéis com a construção e exercício da comunidade. Esses ministérios são identificados como Casais, Intercessão, Obreiros, Louvor, Ação social e ensino.

José Ricardo e Mônica Ferreira, ambos ex-integrantes da Athos & Vida, estão com suas instituições em funcionamento até os dias atuais de 2020, conforme suas especificidades já apresentadas. Todavia, atualmente a Pra. Mônica Souza é líder da Igreja Renascer em Cristo e o Pr. José Ricardo da Conquista Plena.

A Comunidade Cristã Inclusiva Ministério Vida nasceu em janeiro de 2015, tendo como presidentes fundadores o casal Agenor Machado de Moraes Neto e Marcelo Neves Silva de Moraes, situada na Av. Castelo Branco nº 4721, Setor Rodoviário. Sala 3, no 3º Andar - Goiânia, Goiás. O jornal O Popular, versão digital, explica melhor a origem da instituição, em uma matéria construída a partir de relatos de Agenor Machado de Moraes.

O pastor presidente, Agenor Machado de Moraes, 30 anos, casado há dois anos com o pastor vice-presidente Marcelo Neves Silva de Moraes, da mesma cidade, explica que a igreja surgiu da dissolução de outra igreja inclusiva de Goiânia. Atualmente, no total são quatro comunidades com o mesmo propósito. (O POPULAR, 2016, s/p)

A Comunidade Cristã Inclusiva Ministério Vida ganha bastante visibilidade em suas ações pela mídia e pela interação e presença nas redes sociais. A instituição assumiu uma postura religiosa e doutrinária como cristã protestante inclusiva e com atividades ligadas à visão de igreja em células.

Na figura 12 abaixo, vemos uma ilustração publicada no site oficial da igreja em 2020, que traz a logomarca da igreja, bem como os principais líderes da instituição no ano de 2020.

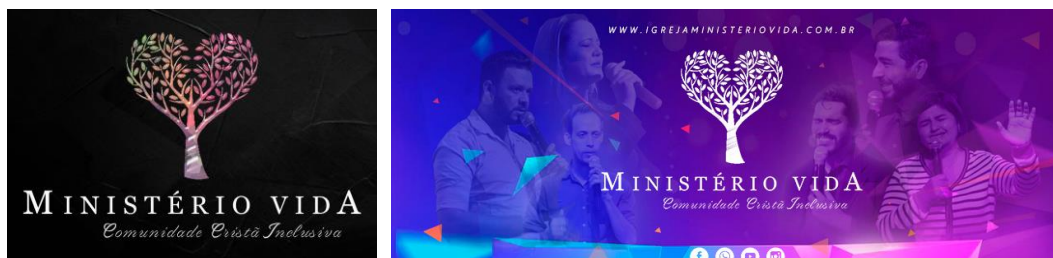


FIGURA 13: Igreja Ministério Vida – Goiânia-GO

Fonte: Imagens disponíveis:< <https://web.facebook.com/ministeriovidagoiania/photos>> acesso 29 de agosto de 2020.

Podemos ver uma melhor definição dessa instituição religiosa por meio de uma reportagem feita pelo jornal impresso O Popular, em janeiro de 2016, quando a igreja comemorava um ano de existência.

Os balões amarelos, azuis e vermelhos enfeitam a igreja Ministério Vida, que se autodenomina “inclusiva”, voltada a receber todas as pessoas, independente da orientação sexual ou do gênero. Das 59 pessoas no local, oito delas são mulheres. A comunidade é formada em sua maioria por gays

e lésbicas, tendo também famílias heterossexuais e transexuais. No total são 130 membros, sendo 70 assíduos. (O POPULAR, 2016, s/p.)

Dessa maneira, com esse diferencial de células no meio cristão inclusivo, a igreja espalhou diversos pontos de pregação na cidade de Goiânia. Entretanto, em 2019, o Ministério Vida sofreu um cisma, no qual os líderes de células Fernando Palma e Aline Bernardo romperam com a instituição e implantaram uma nova denominação chamada *Fire Church*. Ainda no início de 2019, a Igreja passou por uma mudança interna em que foi realizada uma eleição do novo conselho administrativo e assim foi eleita para a presidência eclesiástica a pastora Márcia Rodrigues Portuguez e como vice a pastora Roberta Ferreira. Todavia, no final do mesmo ano, a pastora Márcia Rodrigues renunciou à presidência eclesiástica.

Assim, na página oficial da igreja no Instagram⁵, no dia 25 de fevereiro de 2020, foi publicada a seguinte nota:

Nossa igreja passou por algumas transformações, como tudo neste mundo. Somos muito gratos aos líderes que passaram por nossa igreja e contribuíram para o crescimento de nossa igreja, foram instrumentos vivos nas mãos de Deus para que hoje estivéssemos aqui. Assim cremos que nosso ministério continuará a cumprir o propósito de salvar vidas neste mundo, através de nossos líderes, corpo eclesiástico e membros amados. Na ordem postada segue o nome de nossos líderes atuais: Pastora Roberta Vieira - pastora presidente, Pastora Sara Uchôa - Líder da célula Adonai, Pb. George - líder da célula digital Yahweh, Pb. Igor - Líder da célula Benjamin, Diác. Reginaldo - Líder da célula Emanuel, Diác. Flávio - Líder do diaconato. (MINISTÉRIO VIDA, 2020, s/p.)

No início de 2020, a pastora Roberta Ferreira assumiu o comando eclesiástico ao lado do presbítero George Costa dos Santos, como presidente administrativa da instituição, ao lado de outros líderes mencionados acima. Os fundadores do ministério, pastor Agenor Machado de Moraes Neto e pastor Marcelo Neves Silva de Moraes, se afastaram das atividades pastorais, litúrgicas e administrativas. Em decorrência dos novos líderes nomeados, o pastor Agenor Neto se desvinculou da instituição, por motivos relatados como sendo de ordem pessoal. A partir desse episódio, a instituição passou a ter um recomeço organizacional e dogmático, contando em 2020 com aproximadamente 30 fiéis.

⁵ Instagram Oficial do Ministério Vida - (@ministeriovidagoiania) e site oficial: (www.igrejaministeriovida.com.br).

A Comunidade Cristã Inclusiva Ministério Vida possui departamentos ministeriais chamados de redes. Essas redes existem para fornecer apoio e suporte aos seus fiéis. Sendo assim, há as seguintes redes: Rede de casais; Culto de Intercessão, Cura e Libertação, que acontece na última sexta-feira do mês; Rede de solteiros; ação social; curso de novos membros; Crianças e Louvor.

No site oficial da igreja, eles ressaltam o cuidado da instituição para com o desenvolvimento de seus fiéis e declara uma visão específica e peculiar de sua comunidade:

A Igreja presa pelo bem-estar de seus membros acompanhando seu desenvolvimento como cristãos para obra do Senhor. Nossas células são ministradas durante a semana e assim, unindo ainda mais essa grande família em Cristo. Expondo opiniões e propondo debates sobre temas dentro da palavra de Deus. (MINISTÉRIO VIDA, 2020, s/p.)

Essa comunidade tem uma visão de trabalho peculiar para as igrejas inclusivas por ser em células, ou seja, trata-se de pessoas que se reúnem semanalmente em suas residências, com vários grupos pequenos e um líder, para a realização de estudos de textos bíblicos e a comunhão entre os seus fiéis. Essas células acontecem até mesmo de forma digital, com transmissão on-line para os fiéis que estão em locais de difícil acesso. A Igreja tem em sua estrutura hierárquica o sistema de membros, obreiros, diáconos, presbíteros e pastores. Os membros, para serem admitidos, precisam participar de um curso de novos membros e posteriormente serem apresentados no culto principal.

Sendo assim, durante o período desta pesquisa, em 1º de janeiro de 2021, a Igreja publicou uma nota informativa de que a instituição passaria por uma mudança administrativa e eclesial em que encerraria a razão social e o nome fantasia de Ministério Vida e passaria a ser chamada de Igreja Aprisco Inclusivo Atitude Cristã, sendo agora presidida pelo pastor George e a pastora Sara, com o conselho pastoral formado pela pastora Márcia Portugal, o presbítero Igor, entre outros. Foi informado também que a pastora Roberta, ex-presidente da instituição, também teria deixado o vínculo total com a instituição, não fazendo mais parte dessa nova formação que iniciava seus trabalhos a partir de 2021.

Conforme pode ser visto na figura 14, temos a nova logomarca, que foi divulgada no dia 01 de janeiro de 2021.



FIGURA 14: Aprisco Inclusivo – antiga Ministério Vida

Fonte: <https://web.facebook.com/apriscoinclusivoatitudedecrista> acesso em 05 de janeiro de 2021.

A Igreja *Fire Church* foi fundada em 2019, presidida por Fernando Palma. É uma igreja em células e que ainda se reúne com um pequeno grupo nas casas e nos parques sem pretensão de ter um templo com endereço fixo. É bem discreta e mais presente nas redes sociais. A comunidade utiliza bastante os meios digitais para propagação de seus objetivos eclesiais. A instituição está em funcionamento até os dias atuais de 2020, porém ainda não totalmente estruturada no âmbito organizacional com um templo físico, como é comum nas demais igrejas cristãs inclusivas.

Podemos observar, na figura 15, uma captura de tela da página pública da *Fire Church*.

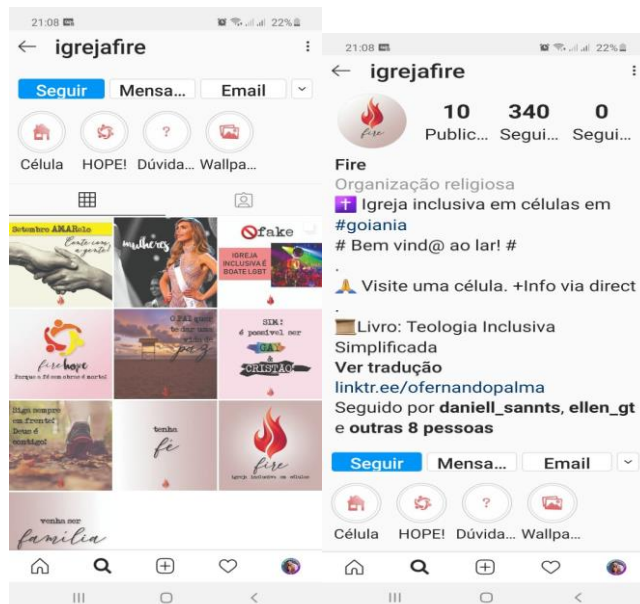


FIGURA 15: Fire Church

Fonte: Imagens disponíveis: < instagram público@igrejafire >. Acesso em: 29 de agosto de 2020.

Desde setembro de 2019, como pesquisador, tentei estabelecer contato com os líderes e com a página institucional para obter aproximação e maiores informações. Porém, a única resposta recebida foi pelo Instagram oficial da comunidade, em 13 de novembro de 2019, em que diziam que estavam em funcionamento, eram uma igreja em células aberta a todos, independentemente de sua sexualidade e não se reuniam em templos físicos. Dessa maneira, não houve mais contato e retorno desde então. Além disso, as últimas postagens na página foram em setembro de 2019. Não sabemos precisamente se a *Fire* está em funcionamento ou como está funcionando em 2020/2021 diante desse cenário de pandemia, por isso essas são as únicas informações obtidas e observadas até o momento desta pesquisa.

A Comunidade Cristã Renascer nasce em novembro de 2016, na região central da cidade de Goiânia, tendo como presidente e fundadora a pastora Mônica Ferreira. A instituição iniciou as atividades religiosas nas casas dos integrantes e da pastora, posteriormente definindo um endereço fixo para o templo no Setor Central da capital de Goiás. Um ano após seu surgimento, no entanto, houve a necessidade de se mudar para um templo maior. O novo local é situado na Avenida Independência, nº 5246, Setor Aeroporto, Goiânia (GO).

Podem ser vistas, na figura 15, a logomarca da igreja e imagens públicas de cultos realizados pela comunidade.



FIGURA 15: Comunidade Cristã Renascer - Goiânia

Fonte: Imagens disponíveis: < <https://web.facebook.com/comunidadecristarenasce/photos> > Acesso em 29 de agosto de 2020.

Conforme relatou a pastora Mônica Ferreira de Souza, em entrevista, no dia 1º de julho de 2020:

Há muito tempo eu recebi esse chamado e acreditei nessa vocação sobre minha vida. Quando cheguei na igreja Athos e Vida houve um pastor, pastor Fagner, que confirmou esse chamado sobre mim. Então chegou um tempo em 2016 que tive certeza de que Deus me direcionava a iniciar este

ministério. No dia 16/11/2016 tivemos os primeiros cultos na minha casa, éramos 07 pessoas. Em dezembro já estávamos no templo situado na rua 04 no setor central de Goiânia, ali ficamos por um ano, e depois fomos para um templo maior na av. independência, setor aeroporto, ali já tínhamos cerca de vinte e cinco pessoas como membros efetivos. (SOUZA, 2020, s/p)

O grupo fundante dessa instituição é oriundo de uma cisão acontecida, em 2016, na Igreja Conquista Plena, também situada na cidade de Goiânia, da qual a pastora Mônica foi cofundadora e vice-presidente por 4 anos.

A pastora Mônica Ferreira de Souza, em entrevista no dia 1º de julho de 2020, afirmou que a principal visão e características da igreja são:

Ser uma Comunidade cristã viva, protestante e inclusiva, pautada na palavra de Deus, na exposição da Bíblia, adorando, servindo e obedecendo a Deus, sem fazer acepção de pessoas, tendo cada membro comprometido com o crescimento do reino de Deus, com a excelência dos ministérios e com a comunhão entre os irmãos. (SOUZA, 2020, s/p)

Dessa forma, a Comunidade Cristã Renascer declara ser do grupo protestante e, ao mesmo tempo, do segmento de igrejas inclusivas, tendo como norteadora a Bíblia, que definem como Palavra de Deus. Além disso, afirmam ser uma igreja que não fará exclusão de pessoas e tem como visão dar a cada membro o envolvimento com as atividades ministeriais e promover a comunhão e unidade entre eles. Segundo a pastora Mônica Ferreira de Souza, a

comunidade Cristã Renascer denomina-se uma IGREJA INCLUSIVA que acolhe a todos sem distinção, exercendo amor de Deus tanto a Héteros como a HOMOAFETIVOS. Tem por finalidade promover cultos de adoração e louvor ao nosso Deus e divulgar o Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, tendo como regra de fé as Escrituras Sagradas. (SOUZA, 2020, s/p)

Aqui se reafirma a participação no movimento de igrejas inclusivas e seu papel de acolher todas as pessoas que receberem, sem fazer nenhum tipo de distinção. Além disso, fica evidente também a visão da comunidade de não diferenciar gêneros e o orientações sexuais, acolhendo tanto o grupo hétero como o homoafetivo, termo que preferem utilizar para se referir ao público LGBTI+ em geral.

Por meio da elucidação da líder eclesiástica, percebe-se a finalidade da igreja em oferecer cultos que contenham a característica litúrgica de adoração e louvores, a propagação dos evangelhos da Bíblia, que tem como Messias – O Salvador a figura de Jesus Cristo, pelo seu principal meio de conduzir os fiéis à fé: a Bíblia. Ainda em

declaração, a pastora Mônica Ferreira de Souza (2020, s/p) reforça como crença, valores e confissão de credo religioso o seguinte:

Creemos que há um só Deus vivo, verdadeiro e eterno, de infinito poder e sabedoria. Criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis, que na unidade de sua divindade há três pessoas de uma só substância, de existência Eterna, igual em Santidade, Justiça, Sabedoria, Poder e Dignidade: o PAI, o FILHO e o ESPÍRITO SANTO. Levar a salvação de Jesus Cristo a todos, sem acepção de pessoas, ensinando-as a terem um relacionamento intenso com Deus, e, desta forma, amando e servindo a Deus e ao próximo ao espalhar este amor (Mt 28.18-20).

Como fica mais uma vez destacado, a igreja se identifica com a confissão cristã ao declarar confissão em um único Deus criador do universo, na trindade e na figura do Messias cristão Jesus Cristo. Com isso, a crença também se ampara em princípios cristãos da eternidade, salvação por intermédio de Jesus Cristo e os valores máximos do cristianismo que é o amor ao próximo. Cabe ressaltar que essa igreja não faz nenhum tipo de separação de pessoas no momento da inserção e acolhida de seus membros, o que enfatiza a colocação da instituição ao movimento de igrejas cristãs inclusivas. A pastora Mônica Ferreira de Souza, na mesma entrevista, define a instituição:

A Comunidade Cristã Renascer é uma instituição religiosa, de caráter exclusivamente evangélico e sem fins lucrativos, composta por cristãos sem distinção de cor, raça, orientação sexual e/ou gênero, nacionalidade ou posição social. Hoje a Comunidade Cristã Renascer faz parte do Conselho de Igrejas Cristãs Inclusivas do Brasil (CONII BRASIL). (SOUZA, 2020, s/p)

A Comunidade Cristã Renascer se autodenomina de caráter religioso evangélico e enfatiza não ter nenhuma pretensão empresarial ou lucrativa com suas atividades. Ademais, dá destaque outra vez ao fato de que não fará separação por gêneros, orientações sexuais, tons de pele ou raças, situações socioeconômicas e nem a estrangeiros. Além disso, traz uma informação importante ao mencionar que faz parte de um Conselho de Igrejas Cristãs Inclusivas do Brasil.

A instituição possui uma programação fixa de reuniões que acontecem sempre no templo físico. Culto de celebração - Domingo às 19h; Reunião de intercessão - Quarta-feira às 19h; Discipulado - Quarta-feira às 20h e Domingo às 17h30. No primeiro domingo do mês, celebra-se a Santa Ceia em um culto especial. Como parte de sua programação, a comunidade se reúne uma vez ao ano fora do templo, em

alguma fazenda, com o chamado retiro espiritual. Promovem eventualmente seminários de estudos bíblicos e teológicos.

A Igreja se organiza em departamentos que são chamados de ministérios, cada departamento tem um líder e os fiéis podem ajudar de forma voluntária no exercício das atividades deste ministério. Os ministérios identificados são: Ação Social, Louvor, Crianças, Mulheres, Homens, Casais, Obreiros, Discipulado, Intercessão e Comunicação. Os atendimentos para orientação e aconselhamentos feitos pelos pastores e pastoras são realizados no final do culto ou com horários agendados no decorrer da semana.

No início da semana, no domingo, há o culto de Celebração às 19h, sendo essa a principal reunião da comunidade. Nesse culto, a liturgia tem bastante semelhança ao de uma igreja evangélica pentecostal. A celebração se inicia com uma breve oração e segue para o louvor conduzido por uma equipe de cantores e instrumentistas, tendo um ministro de louvor em específico que dá o tom da direção e ministração, conduzindo os outros membros da equipe de louvor denominados *backings vocals*. Os instrumentos utilizados geralmente são bateria, violão e teclado. As canções são de caráter gospel evangélico e, costumeiramente, os mesmos que são usados em uma igreja evangélica não considerada do movimento inclusivo.

Durante o momento dedicado ao louvor, acontece uma interrupção, para que seja feito um apelo para as doações de ofertas e dízimos. Nesse momento, os fiéis se levantam e depositam seus donativos em uma urna chamada gazofilácio. A pastora Mônica Ferreira de Souza confirma a relevância do momento do louvor para sua comunidade:

Sabemos que o louvor liberta, cura, transforma, consola, anima e nos leva a uma comunhão maior com Deus, revelado em Cristo Jesus. A Palavra diz que todo ser que respira louva ao Senhor. Mas só quem tem intimidade com o Criador, Senhor e Sustentador da vida pode adorá-lo na dimensão do Espírito Santo de Deus. (SOUZA, 2020, s/p.)

Por esse motivo, o momento do louvor é de relevância para a igreja, pois é nesse instante que há uma comoção por parte dos membros que louvam e expressam suas experiências religiosas, trata-se de um momento de reverência a Deus manifestado por todos da comunidade. Em seguida, quando termina o período de

louvor, o preletor (quem ministrará a Palavra) é chamado para que traga a pregação e explicação do Evangelho, tendo como base a Bíblia Cristã.

Concluindo a pregação, são feitas as orações e os apelos e, posteriormente, os avisos da semana, que envolvem as ações e eventos da comunidade. O culto se encerra com uma bênção final feita, geralmente, por um dos pastores ou pela pastora presidente. Após o culto, os pastores se disponibilizam para ter comunhão e dar orientações, conselhos e fazer orações individuais aos seus fiéis.

A reunião de intercessão segue acontecendo nas quartas-feiras, quando se reúne um grupo menor de participantes, mas é aberto a toda a comunidade e visitantes. A esse respeito, a pastora Mônica Ferreira de Souza enfatiza a importância do Ministério de Intercessão para a comunidade:

Os Intercessores do Reino é um ministério da Comunidade Cristã Renascer que desenvolve um trabalho de intercessão, que visa apoiar, interceder e fortalecer membros e demais ministérios, além de dar formação aos intercessores no sentido de sustentar na oração todos os projetos da Comunidade. (SOUZA, 2020, s/p)

Durante o período de uma hora seguida, são realizadas orações uns pelos outros, por imposição de mãos e orações pelos alvos, além de direcionarem o clamor pelos pedidos em comum de toda a comunidade, de fiéis e projetos gerais e específicos da igreja. Geralmente, nesse momento, são levantadas orações por alvos que alcancem a sociedade em geral, a nação e as situações emergenciais.

O Discipulado, método de ensino da doutrina e orientações da igreja, é conduzido antes do culto de domingo e/ou após a reunião de intercessão das quartas-feiras. Geralmente, um ou dois líderes em conjunto vão conduzir essa reunião organizada em grupos pequenos sentados em círculo que vão realizar um estudo dirigido de algum tema relacionado à teologia bíblica e teologia inclusiva. O discipulado é aberto a todos que quiserem participar, porém é uma exigência mais frequente feita aos fiéis que possuem comunhão com a comunidade.

A estrutura hierárquica de seus voluntários é organizada da seguinte forma: Membros, Obreiros, Diáconos, Presbíteros, Pastores. Desse modo, os frequentantes são considerados membros após conhecerem a igreja e passarem por um período de três meses visitando os cultos regularmente, além de passar por um momento de orientação e, ao decidirem se associar à comunidade, são recebidos oficialmente durante um culto de domingo.

Como membro, a pessoa tem direito a participar das atividades ministeriais e oficiais da igreja, direito ao voto para eleição dos conselhos administrativos e dos líderes da instituição. Os obreiros exercem a função de organização e manutenção do templo e de suas atividades, como limpeza, recepção e acolhida dos fiéis. Os diáconos têm a função de auxiliar na distribuição de alimentos nas ações sociais, no cuidado e na organização dos elementos da santa ceia e oferecem auxílio direto no funcionamento dos cultos. Os presbíteros, geralmente, são fiéis considerados mais experientes e maduros na fé e na visão da comunidade, eles exercem a função de lideranças, oração pelos enfermos e visitas aos fiéis, conduzem a liturgia dos cultos, pregam e podem dirigir igrejas filiais, pois são cooperadores diretos dos pastores. Enquanto isso, os pastores exercem a função principal de sacerdotes, conselheiros, responsabilizando-se pelas liturgias dos cultos, sacramentos e atividades em geral da comunidade. Eles são os administradores da comunidade e se reúnem todos para tomadas de decisão sobre a igreja.

A instituição está presente no mundo virtual através das redes sociais como Instagram, Facebook, Twitter, YouTube e site principal. Considerando o momento de distanciamento e isolamento social, em decorrência da pandemia causada pelo novo Coronavírus, a igreja também desenvolveu um aplicativo próprio para os fiéis baixarem em seus equipamentos eletrônicos e, assim, participarem interagindo e recebendo informações, notícias, músicas, estudos bíblicos, aconselhamentos e orientações, fotos e vídeos, assim como criaram também um grupo no WhatsApp com todos os fiéis da igreja e seus líderes para promoverem uma melhor interação e aproximação entre si.

No momento da pandemia da Covid-19 em 2020, a instituição atendeu prontamente aos decretos do governador do estado de Goiás e do prefeito da capital, por isso realizaram suas reuniões e atividades de forma virtual, por meio de transmissão on-line via YouTube e Instagram. A comunidade prestou atendimentos via WhatsApp e por meio do aplicativo, que foram utilizados para o envio de materiais de estudo para seus fiéis. Até mesmo a celebração especial da Santa Ceia foi feita virtualmente e cada fiel repetia em sua casa a ação pastoral transmitida. Os discipulados, durante a pandemia, são realizados por grupos específicos criados para o estudo dirigido on-line em dias pré-agendados. Enquanto isso, as doações, ofertas e dízimos são depositados diretamente na conta da igreja e controlados pelo

tesoureiro da instituição, que presta esclarecimentos e orientações também de forma virtual.

A partir de agora, passaremos a descrever o nascimento das igrejas cristãs inclusivas em outras cidades do estado de Goiás, passando por todo o histórico de igrejas extintas que fizeram parte desse cenário até as igrejas que estão em funcionamento durante o período desta pesquisa. Além de existirem igrejas na capital de Goiás, Goiânia, encontramos registros de igrejas cristãs inclusivas nas seguintes cidades do interior do estado: Aparecida de Goiânia, Anápolis, Luziânia e Rio Verde. Na unidade federativa goiana, é possível localizar o movimento de igrejas cristãs inclusivas em municípios localizados no interior do estado. Todavia, algumas dessas instituições têm polos na capital e, ao mesmo tempo, em outras localidades do território goiano.

Nessa perspectiva, existe a Igreja Metodista – IPEG, que tem sede na cidade de Taguatinga (DF), e está no processo de implantação das filiais na cidade de Luziânia e Goiânia. Por esse motivo, elas foram entrevistadas para compor o cenário de igrejas inclusivas no estado de Goiás. Essa denominação é presidida atualmente pelos fundadores reverendo Marvel Sousa e pastor Raphael Lira, conforme Sousa (2020, s/p) explicita:

Bem, nossa história começa em 02 de setembro de 2015, quando por iniciativa própria resolvemos conduzir um ministério que trabalhasse com o evangelho da afirmação, uma vez que aqui no Brasil nós tínhamos um evangelho muito voltado para inclusão, dentro da concepção de aceitação, mas não dentro de uma concepção de celebração da diversidade.

Sousa (2020) explicita que a Igreja começou a partir da necessidade pessoal de ter uma instituição que trabalhasse com o evangelho diferenciado teologicamente, na vertente de afirmação. Ele declara que no Brasil as igrejas eram voltadas só para Teologia Inclusiva simplificada e via a necessidade de algo mais profundo, que fosse além dessas concepções.

Neste início nos chamávamos Comunidade Cristã Incluídos Pela Graça, começamos com uma concepção de comunidade, na perspectiva de conseguir implantar aquilo que nós havíamos aprendido com o movimento de reconciliadores que já era um movimento muito consolidado, existente nos Estados Unidos desde 1982, que possuía até hoje o maior movimento de igrejas abertas ao público LGBTI+ do mundo. (SOUSA, 2020, s/p)

Segundo Marvel Sousa (2020), a Igreja iniciou seus trabalhos se chamando apenas Comunidade Cristã Incluídos Pela Graça, por isso a sigla IPEG os acompanha até hoje. Depois disso, passaram pelo encontro do movimento de Reconciliadores, que já era existente nos Estados Unidos. Segundo Marvel Sousa (2020), a igreja se fundiu ao movimento Metodista de Igreja Reconciliadora quando:

Em 2016, nós tivemos a oportunidade de ter uma reunião com o coordenador de projetos de reconciliadores, que conversou direto de São Francisco-EUA, e nos fez a proposta de passar a integrar oficialmente e fossemos representantes do movimento de reconciliadores aqui no Brasil. Nós aceitamos o convite, porque já era de nosso interesse. Somos os primeiros no Brasil e até o momento os únicos. (SOUSA, 2020, s/p)

De acordo com Marvel Sousa (2020), foi em 2016 que a igreja IPEG teve a oportunidade de receber o convite de se tornar Metodista Reconciliadora, quando participaram de um evento em São Francisco (EUA). Dessa maneira, a comunidade se tornou a primeira a representar esse seguimento aqui no Brasil. Como ele mesmo explica, o nome representa essa fusão das igrejas. Sendo assim, o reverendo prosseguiu dizendo como a igreja Metodista IPEG procede ao chegar em uma cidade ou bairro, quando vai iniciar o processo de abertura de uma nova igreja.

Todos os lugares que nós chegamos primeiro tentamos estabelecer parcerias com as instituições da cidade. Estas parcerias fazem parte de um dos fundamentos da visão metodista IPEG, que é santidade social, acreditamos que uma igreja se faz necessária em uma sociedade através de sua ação social. Em Luziânia, Goiás, estabelecemos parceria com uma casa/lar de idosos. (SOUSA, 2020, s/p)

Assim, de acordo com o reverendo, a Igreja ao chegar a um novo território tenta estabelecer uma conexão com a sociedade e se mostrar relevante, montando parcerias que possam ser úteis para um trabalho social. A exemplo disso, ele citou a cidade de Luziânia, onde está sendo iniciada a implantação de uma filial da igreja. Nesse sentido, ele complementa dizendo: “Temos parceria com psicólogos que atendem nossa comunidade por um preço acessível. Trabalhamos com a valorização da vocação, experiência e formação” (SOUSA, 2020, s/p). Além disso, ele explicou como funciona esse processo de implantação das igrejas:

Nós trabalhamos com os conceitos de ponto de pregação, congregação e igreja. O Ponto de pregação são os locais ainda sem estrutura que vamos pregar ou iniciar uma prospecção de trabalho. A congregação já é algo mais elaborada e consolidada, onde já temos um diácono, um presbítero enviado para estruturar e liderar naquele local. A Igreja já está solidificada com a estrutura eclesial, os ministros leigos e clérigos, entre eles o pastor e a capacidade de se sustentar de forma autônoma e independente. (SOUSA, 2020, s/p)

Segundo Marvel Sousa (2020), a igreja entende que o início do trabalho em uma cidade é definido como ponto de pregação, que podem ocorrer, inclusive, nas casas das pessoas da comunidade. Depois de solidificado, esse ponto de pregação é chamado de Congregação, onde já há um clérigo se formando. Por fim, a comunidade de fato se torna uma igreja quando já tem esta estrutura e um templo físico. O reverendo explicou que as duas cidades do estado de Goiás, onde se inicia o trabalho Metodista IPEG, estão definidos da seguinte forma:

Luziânia já estamos no estágio de congregação, pois já temos diáconos e presbíteros. Goiânia ainda estamos no estágio de ponto de pregação, ainda em fase inicial mesmo. Ainda não conseguimos enviar missionários devido os motivos financeiros e por falta de mantenedores. Pode ser enviado um pastor missionário ou levantado um pastor dentro da própria comunidade. (SOUSA, 2020, s/p)

A partir da explicitação de Marvel Sousa (2020), entendemos que, na cidade de Luziânia, o trabalho de implantação da Metodista IPEG já está em estágio mais avançado do que em Goiânia. Em Luziânia, já há pessoas que compõem o clérigo de lideranças locais para o grupo em formação. Desse modo, já evoluíram para o título de congregação. Enquanto isso, em Goiânia, ainda há apenas um ponto de pregação, por motivos de falta de pessoas para apoiar a obra de implantação, pois ainda não foi possível o envio de pessoas missionárias. Administrativamente, a estrutura da igreja funciona da seguinte maneira:

Essa Igreja ao tornar-se autossustentável ela fica ainda ligada a uma convenção das igrejas metodistas IPEG, que hoje são mais de 1300 igrejas por todo o mundo. Essa convenção vai resguardar as doutrinas metodistas e só interfere caso haja algum tipo de denúncia, escândalo ou desvio dessa doutrina metodista. Administrativamente ela se torna independente, tendo seu próprio conselho administrativo. Porém ainda com responsabilidades financeiras com a convenção, nos eventos e projetos missionários. (SOUSA, 2020, s/p)

Ainda segundo o reverendo, a visão administrativa da Metodista IPEG é a de que assim que a congregação se tornar igreja e conseguir seu sustento financeiro e andar com as próprias pernas, ela se tornará independente administrativamente, não tendo de prestar contas à Metodista IPEG de Brasília, presidida por ele. Cada templo é independente no âmbito administrativo e eclesiástico, apenas ficam ligados a uma espécie de convenção que protege e guarda as doutrinas de origem metodista, afirmativa e reconciliadora.

Nesse sentido, a convenção pode interferir apenas caso exista algum tipo de denúncia contra aquela estrutura local. Esse templo passa a contribuir com a convenção mediante as necessidades financeiras que forem surgindo. No Brasil essa convenção já existe e, conforme Sousa (2020, s/p), “aqui no Brasil a convenção é representada por mim, Marvel, na função de coordenador de projetos”. Exemplos desses projetos são as implantações de igrejas aqui em Goiás, no Chile e na Argentina. A convenção determina os gastos que os projetos terão e, conforme as igrejas que estão interligadas à convenção, há rateios dos custos, respeitando as condições financeiras reais de cada templo.

Desse modo, temos, então, a Igreja Metodista Incluídos pela Graça (IPEG), que iniciou seus trabalhos em meados de 2019, em Goiânia e em Luziânia, tendo como presidentes o casal de pastores Marvel Sousa e Raphael Jefferson.

Na cidade de Goiânia, os serviços da Igreja Metodista IPEG estão sendo realizados aos sábados, às 19h30. Com uma estrutura doutrinária pronta, líderes comprometidos com a pregação do Evangelho genuíno de Jesus Cristo e com portas abertas a todas as pessoas, independentemente de gênero, identidade de gênero, orientação sexual, raça, língua, nação, crença ou status social, a Igreja Metodista IPEG fixa suas bases na capital goiana. (CRISTÃO BSB, 2019, s/p.)

As reuniões ainda são mensais e ocorrem em auditórios de hotéis ou espaços públicos, não tendo ainda um endereço ou templo fixo. Os membros também acompanham os cultos da sede por transmissões on-line, nas redes sociais. Segundo declaração de 2019, no site⁶ oficial da igreja consta o seguinte:

Nós da Igreja Metodista IPEG alinhamos nossa prática religiosa à abertura da comunhão cristã a todos os LGBTQIs, assim como o Movimento de

⁶ Site oficial da Igreja Metodista Incluídos pela Graça. Link: <<http://cristaobsb.blogspot.com/>> Acesso em: ago. 2020.

Reconciliadores da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos o faz. Somos uma Igreja Reconciliadora, que entende a diversidade humana como uma dádiva divina, por meio da qual Deus manifesta à humanidade sua multiforme graça. Acreditamos que a salvação é realizada por meio da graça divina, mediante a fé em Jesus, que é um dom de Deus, dado independentemente de raça, gênero, identidade de gênero ou orientação sexual, pois Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer lugar, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável. (CRISTÃO BSB, 2019, s/p.)

A IPEG é uma igreja que não se identifica como igreja inclusiva e se autodenomina igreja reconciliadora, tendo cobertura da Igreja Metodista, mantendo o caráter doutrinário e litúrgico da metodista tradicional.

Na figura 16, podemos ver a logomarca da instituição, imagens internas da construção do novo templo e o reverendo Marvel celebrando um casamento de duas mulheres lésbicas.



FIGURA 16: Metodista IPEG

Fonte: Imagens disponíveis: < <https://web.facebook.com/metodistaipeg> > acesso em 29 de agosto de 2020.

A Metodista IPEG é bastante voltada para as missões e para o estudo aprofundado da teologia em geral. Segundo o pastor Marvel Sousa, que aparece na figura 16, em

Goiânia e Luziânia acontece os cultos principais aos sábados à noite e cultos nos lares no decorrer da semana. As outras programações são acompanhadas a igreja metodista de Taguatinga-DF. Geralmente estes cultos acontecem nas casas ou nos auditórios de hotéis que locamos. (SOUSA, 2020, S/P)

As igrejas vinculadas as IPEG, ao se tornarem autossustentáveis, ficam ainda ligadas a uma convenção das igrejas metodistas IPEG. Em 2020, são mais de 1.300 igrejas distribuídas por todo o mundo. O propósito da convenção é resguardar as doutrinas metodistas e ela só interfere caso haja algum tipo de denúncia, escândalo ou desvio dessa doutrina metodista. Administrativamente, a igreja se torna independente, tendo seu próprio conselho administrativo, porém ainda com responsabilidades financeiras com a convenção, nos eventos e projetos missionários.

Todavia, um dos desafios da IPEG se deve ao fato de que alguns grupos encontram apoio dos representantes de militâncias LGBTI+ para lutarem por seus direitos, o que cria uma linha tênue entre a religião e a política. Em Goiás, os grupos têm sua visão bem definida quanto ao momento religioso e o momento político para atuarem. Contudo, há exceções.

A cidade de Aparecida de Goiânia é considerada a segunda maior cidade do estado de Goiás e está localizada na região metropolitana da capital goiana, tendo seus limites e fronteiras já emendados com os de Goiânia.

Elevado à categoria de município com a denominação de Aparecida de Goiânia ex-Goialândia, pela Lei Estadual n.º 4.927, de 14-11-1963, desmembrado de Goiânia. Sede no atual distrito de Aparecida de Goiânia. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1964. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído do distrito sede. Pela Lei Estadual n.º 7.050, de 27-07-1968, é criado o distrito de Vila Brasília e anexado ao município de Aparecida de Goiânia. Em divisão territorial datada de 1-I-1979, o município é constituído de 2 distritos: Aparecida de Goiânia e Vila Brasília. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1983. (PREFEITURA DE APARECIDA, 2020, s/p)

De acordo com o IBGE, a cidade tem a estimativa de 578.179 habitantes. A sua população residente por religião foi definida como 212.405 Católicos Apostólicos Romanos, 169.338 Evangélicos, 9.372 Espíritas.

Aparecida de Goiânia contou com a presença da Igreja Cristã Inclusiva nos anos de 2013 até 2015, por meio do templo Comunidade Athos & Vida, que se situava na Avenida São João, Setor Jardim Nova Era. Esse templo contou com aproximadamente 30 fiéis durante sua existência e era filial da Comunidade Athos & Vida, que tinha sede fixa em Goiânia, sendo presidida pelos pastores Osvaldo Jefferson e eu, Fagner Brandão.

Em Aparecida, o templo foi conduzido pelos então presbíteros Agenor Machado Moraes Neto e Marcelo Neves Silva de Moraes e, posteriormente, pelo presbítero

Elder Teles de Miranda e o diácono Wilson José de Oliveira Júnior, até o encerramento das atividades, em janeiro de 2015, quando houve a dissolução administrativa e eclesiástica da igreja sede e, conseqüentemente, das filiais.

A Igreja Renovada Inclusiva da Salvação (IRIS), fundada pelo pastor Edson Santana, iniciou suas atividades em 2008, em Goiânia. Atualmente, ela está ativa com os seus trabalhos eclesiásticos e sociais na cidade de Aparecida de Goiânia. As reuniões da igreja são realizadas na residência do pastor titular, que mora no município de Aparecida de Goiânia. A fundação de acolhimento a pessoas em vulnerabilidade social e projetos de ordem social voltados ao público em geral, mas com olhar especial para a população LGBTI+, tem sua sede administrativa na rua Barão do Bananal, Qd. 51, Lt. 13, Setor Parque Real, Aparecida de Goiânia. Em 2020, a instituição incorporou o nome em suas divulgações e ações oficiais sendo chamada de Casa de Renovo/Igreja IRIS.

Em agosto de 2019, a Igreja Cristã Inclusiva (ICI) iniciou seus trabalhos eclesiásticos na avenida Liberdade, Setor Garavelo, em Aparecida de Goiânia, como uma filial de uma igreja da cidade de Uberlândia (MG). A instituição teve como presidente e fundador o pastor Marcelo Reis, contando ainda com os pastores locais Evanílson Carvalho Damasceno e Rejane Gonçalves. As portas do templo foram abertas em endereço fixo, realizando reuniões de ensino durante a semana e cultos principais aos domingos. No entanto, o grupo encerrou as atividades em Aparecida de Goiânia, em novembro de 2019, dando continuidade somente na cidade de Uberlândia.

Conforme podemos ver, na figura 17, temos a logomarca da igreja em um *banner* divulgado nas redes sociais e imagens de cultos que foram realizados pela igreja. No púlpito aparece a pastora Rejane.



FIGURA 17: Igreja Jesus Cristo é Amor – Aparecida de Goiânia

Fonte: Imagens disponíveis: < <https://web.facebook.com/REJANESGONCALVES>> acesso em 29 de agosto de 2020.

Em janeiro de 2020 surgiu, na cidade de Aparecida de Goiânia, outra denominação, a Igreja Jesus Cristo é o Amor - Ministério Ágape, fundada pelos pastores Evanílson Carvalho Damasceno e Rejane Gonçalves. Além disso, a comunidade contou também com o apoio dos líderes e fiéis remanescentes da extinta Igreja Cristã Inclusiva. Cabe ressaltar que essa igreja mantém cobertura de outra denominação com o mesmo nome que tem sede na cidade de Belo Horizonte (MG), fundada e presidida pelo pastor João Carlos. Conforme explica pastora Rejane Silva Gonçalves, na entrevista em anexo:

Tem por finalidade manter agências de missões em vários países bem como em todo território nacional da República Federativa do Brasil. Adotamos como preceitos, a não discriminação de raça, cor, sexo, orientação sexual ou religião. Os pastores presidentes, mantêm na sede o livro Ata e o Regimento Interno. A igreja de Aparecida de Goiânia é uma filial da Igreja de Belo Horizonte – MG. (GONÇALVES, 2020, s/p)

Segundo Rejane, a instituição está ainda na fase de implantação e captação dos fiéis, com reuniões que acontecem às quartas-feiras para ensino bíblico e aos domingos com os cultos principais. Essas reuniões acontecem com endereço fixo na residência oficial do pastor dirigente, situado na rua 49, esq. c/ 56, Qd. K33, Lt. 13, Bairro Independência, Aparecida de Goiânia. Em junho de 2020, a igreja decidiu encerrar suas atividades por motivos considerados de ordem pessoal, além de toda a dificuldade com o momento da pandemia.

A cidade de Anápolis está localizada no interior do estado de Goiás e hoje é considerada a terceira maior cidade do estado. Segundo o IBGE de 2010, a população Anapolina registrada era de 358.58 de habitantes.

Distrito criado com a denominação de Santana de Campos Ricos, pela Lei Provincial n.º 514, de 06-06-1873. Elevado à categoria de vila com a denominação de Santana das Antas, pela Lei Provincial n.º 811, de 15-09-1887, desmembrado do município de Meia Ponte (mais tarde Pirenópolis). Sede na antiga povoação de Santana de Campos Ricos. Instalado em 10-03-1892. Elevado à condição de cidade com a denominação de Anápolis, pela Lei Estadual n.º 320, de 31-07-1907. (PREFEITURA DE ANÁPOLIS, 2020, s/p.)

A estimativa do IBGE em 2019 é que a população tenha crescido para 386.923 habitantes. Ainda segundo o IBGE 2010, a população residente por religião é dívida nas três maiores vertentes religiosas, que são: 190.204 pessoas declararam-se Católicas Apostólicas Romanas, 115.244 declararam-se evangélicas, 4.587 pessoas declararam-se espíritas. Sendo que 48.565 declararam-se como sendo de outras religiões ou até mesmo sem religião.

A cidade de Anápolis teve a Igreja Athos & Vida, no ano de 2014, conduzida pelos líderes locais presbítero Diones Souza, diácono Samir Salomão e presbítero Elder Teles, situada na rua Barão do Rio Branco, Setor Central. A instituição funcionou como filial da Igreja Athos & Vida de Goiânia. Com a dissolução da igreja Athos & Vida sede, em janeiro de 2015, a igreja filial de Anápolis toma a decisão de seguir de forma autônoma e muda o nome para Igreja Viver em Cristo.

A Igreja Viver em Cristo nasce em janeiro de 2015, situada na rua Barão do Rio Branco, Setor Central, Anápolis, presidida pelo presbítero Diones Sousa e Rafael Mendes. A instituição teve suas atividades ativas até julho de 2015, quando passou por uma dissolução do seu governo local, tendo a renúncia do presidente Diones. Rafael Mendes assume o comando da comunidade e dá uma nova configuração às doutrinas e dogmas religiosos, muda de endereço e dá à igreja o nome de Aprisco Comunidade Cristã para marcar essa fase.

A Aprisco Comunidade Cristã nasce em julho de 2015, situada inicialmente também na rua Barão do Rio Branco, setor Central, Anápolis, presidida pelo então pastor Rafael Mendes. Essa comunidade deu segmento às atividades de inclusão ao público LGBTI+, participando de paradas e eventos específicos e se tornando a única do segmento com viés protestante, na cidade de Anápolis, naquele ano. O presidente pastor Rafael Mendes decide encerrar suas atividades eclesiais na Aprisco Comunidade Cristã, em julho de 2016, e voluntariamente se filia a uma instituição de característica Anglicana, denominada Anglo-Católica, e agora passa a ser denominado de reverendo ou padre Rafael Mendes.

A Diocese Anglo-Católica de Anápolis surgiu em 27 de agosto de 2016, situada na rua Orestes Batista Aguiar, Qd.22 Lt.11, Laranjeiras, Anápolis, fundada pelos padres Rafael Mendes e Eudlon Bertoni, que foram ordenados padres na cidade do Rio de Janeiro, em 2016. Eles seguem o código de direito canônico e litúrgico da Igreja da Inglaterra. A instituição agora tem um caráter de confissão Anglicana e Católica

reformada, é uma diocese autônoma associada e integrada à Arquidiocese da Argentina, do Uruguai e do Brasil, não mantendo nenhuma ligação com a Igreja Católica Apostólica Romana.

Na figura 18, temos a logomarca da instituição e a imagem do padre Eudlon, no púlpito do templo.



FIGURA 18: Igreja Anglo – Católica- Anápolis

Fonte: Imagens disponíveis:

<https://web.facebook.com/profile.php?id=100011432952990&sk=photos_of> acesso em 29 de agosto de 2020.

O reverendo Eudlon Martins Oliveira Junior, também chamado de padre Bertoni, em entrevista esclarece que:

Iniciamos nossas atividades em 4 setembro de 2016. Fui ordenado diácono 27 de agosto de 2016 e Padre 8 de Janeiro 2017. A Igreja se chama Anglo - Católica de Anápolis, no registro oficial está diocese Anglo-Católica / Anglicana de Anápolis. Na nossa tradição eu apresentei 05 nomes e foi aprovado o nome onomástico de Padre Bertoni. No segmento da nossa província só existe no Brasil uma única em Anápolis, mas existem outras províncias anglo-católicas que são parceiras nossa. (JUNIOR, 2020, s/p)

A comunidade possui um grupo pequeno de fiéis composto por pessoas heterossexuais e homossexuais. Com a ajuda da comunidade local, construíram um templo de porte pequeno para suas reuniões. A igreja declara devoção mariana, especialmente voltada para a Virgem Maria que denominam de Senhora de Walsingham, padroeira da Diocese. Padre Bertoni, em entrevista, conta que:

Somos uma Igreja que Acolhe a Todos. Somos Anglicanos na Teologia e Rito. Somos Católicos na Tradição Fé. Somos Cristãos. Acreditamos que a Bíblia Sagrada contém toda a revelação necessária para que a humanidade alcance vida plena e é suficiente para reger as consciências em matéria de fé e moral. Toda a nossa doutrina e liturgia sustentam-se nela. (JUNIOR, 2020, s/p)

A instituição se declara inclusiva por aceitar homossexuais como membros e no sacerdócio oficial. Além disso, celebra seminários de ensinamentos doutrinários e iniciação para futuros ministros, bem como estudos da modalidade inclusiva. No final de 2018, o reverendo Rafael Mendes decidiu entregar a direção da diocese ao reverendo Eudlon Bertoni e migrar para a Igreja Ortodoxa Bielorrussa Eslava, da cidade de Belo Horizonte. A diocese também encerrou sua atividade, em junho de 2020, conforme declaração do Padre Bertoni.

Em junho de 2020, pedi renúncia como sacerdote da paróquia de todas as funções que represento, por motivos de estarmos passando por muitas dificuldades, com dívidas e sem liberdade, rezei, pedi a Deus e tive a resposta de encerrar as atividades da igreja. O templo está sendo desmontado e entregue a administração internacional da ordem da igreja (JUNIOR, 2020, s/p)

De acordo com o padre Bertoni, a igreja chegou ao seu fim e foi entregue aos oficiais superiores da província Anglo-Católica. No momento, não há previsão de retorno das atividades para o estado de Goiás. O Reverendo justificou as dificuldades relacionadas ao momento específico ligado à pandemia da Covid-19, em que há um distanciamento social que, conseqüentemente, distancia os membros da instituição.

Diante do exposto, notamos que as igrejas cristãs inclusivas são bastante efêmeras, ou seja, de acordo com a análise dos relatos, percebemos que elas abrem e fecham em pouco tempo, pelo menos no que diz respeito ao estado de Goiás. Isso nada mais é do que um reflexo da própria modernidade tardia, em que essas instituições se veem em plena concorrência dentro do cenário do mercado religioso, competindo, assim, com as igrejas cristãs tradicionais que muitas vezes possuem grandes estruturas e culturas religiosas consolidadas.

Assim sendo, as igrejas cristãs inclusivas, parte desse pluralismo religioso existente na modernidade tardia que vivemos, tornam-se mais uma alternativa dentro do cardápio de denominações cristãs, sendo esta uma vertente cristã voltada para a inclusão e o acolhimento do público LGBTI+ e seus familiares ou pessoas consideradas mentes abertas.

CAPÍTULO 3

CENÁRIO E PERFIL DAS IGREJAS INCLUSIVAS EM GOIÁS

No Capítulo 3, daremos continuidade à elucidação do objetivo desta pesquisa. Aqui traremos os aspectos que determinam cenário e perfil das igrejas cristãs inclusivas em Goiás, por meio de materiais coletados e analisados pelo pesquisador. Trabalhamos com o objeto metodológico de coleta e análise de dados. Traçamos uma caracterização das comunidades inclusivas, o perfil dos participantes das comunidades, as expressões religiosas: doutrinas, liturgias, símbolos, mito e rito, bem como o discurso teológico: análise comparada entre comunidades inclusivas e igrejas tradicionais.

Esse capítulo tem como propósito discorrer sobre a metodologia e análise dos dados da pesquisa, em especial, as informações coletadas virtualmente e em campo, visando subsidiar as discussões. A pesquisa de campo foi realizada, a princípio, por meio de questionários on-line, fazendo uso da ferramenta do *Google* Formulário.⁷

Nesse sentido, a metodologia de pesquisa é usada com base nos métodos de pesquisa que, segundo Fachin (2001, p. 125), definem-se como “o ato de ler, selecionar, fichar, organizar e arquivar tópicos de interesse para a pesquisa [...] é a base para as demais pesquisas e pode-se dizer que é uma constante na vida de quem se propõe estudar”. De acordo com o autor, o exercício de ler, estudar, selecionar um tema de interesse e organizar maneiras de arquivar informações é a base de uma pesquisa e de um pesquisador.

Nesse trabalho, utilizamos também do método de pesquisa bibliográfica para a construção da parte teórica e para o registro de informações adicionais a respeito da história das igrejas inclusivas de Goiás. Conforme conceitua Proetti (2005, p. 94), na pesquisa bibliográfica, “faz-se uso dos materiais já publicados, escritos ou gravados mecânica ou eletronicamente, que contenham informações de diversas áreas”. De acordo com ele, esse tipo de pesquisa utiliza de matérias que já foram outrora publicadas ou escritas nas suas mais diversas formas de registro como textos, fotos, sites, redes sociais, revistas, livros, entre outros, que se tornaram memória com dados e informações a respeito daquele tema escolhido. Nesse sentido, esse método foi

⁷ As autorizações, termos de anuências, questionários respondidos entrevistas e arquivos de fotos estão em posse do pesquisador para consulta caso seja necessário.

utilizado para conseguirmos tabular os dados teóricos no capítulo um e parte do capítulo dois com algumas informações sobre a Igreja Inclusiva.

Além disso, na coleta de dados, utilizamos também materiais audiovisuais como jornais impressos, reportagens televisivas e depoimentos disponíveis em bibliotecas acadêmicas e bancos de dados digitais, além de trabalhos de conclusão relacionados aos cursos de História, Teologia e Cinema, estruturados como monografias, dissertações de mestrado e curta-metragem, que abordaram a história da igreja inclusiva no Brasil, bem como a relação entre religião e homossexualidade.

Como registros históricos, tivemos acesso a acervos pessoais, dos líderes das comunidades, e institucionais, das igrejas cristãs inclusivas. Dessa forma, foi possível selecionar fotos e reportagens que cobriram algumas lacunas temporais, porém simultaneamente criaram outras. Há, ainda, alguns escritores e pesquisadores que estudaram a história da igreja inclusiva no Brasil e nos Estados Unidos, além de filmes baseados em fatos sobre a propagação da cultura inclusiva nos espaços religiosos.

Essa pesquisa, portanto, pode se enquadrar como quantitativa e qualitativa. Segundo Santos (2000, p. 30),

quantitativa é aquela pesquisa onde [SIC!] é importante a coleta e a análise quantificada dos dados, e, de cuja quantificação, resultados automaticamente apareçam. Qualitativa é aquela pesquisa cujos dados só fazem sentido através de um tratamento lógico secundário, feito pelo pesquisador.

Santos (2000) explicita que a pesquisa quantitativa é construída com base na seleção de dados e análise deles. Os objetivos desses dados coletados é o de quantificar possíveis resultados. A pesquisa qualitativa, por sua vez, configura-se quando esses dados coletados sobre o tema determinado são organizados com base em uma perspectiva lógica e sequencial pelo pesquisador. Nesse trabalho houve pesquisa quantitativa e qualitativa, por meio do uso de aplicação de questionário online para levantar o perfil socioeconômico e impressões dos membros das igrejas inclusivas de Goiás. Esses dados estão tabulados e organizados na sessão 3.1 deste capítulo.

Os dados em questão foram coletados por amostragem, contando com a participação de membros das igrejas cristãs inclusivas que realmente estão em atividade em Goiás. Além disso, os líderes eclesiais e os obreiros das denominações responderam aos questionários para traçarmos um perfil dos

integrantes dessas instituições. A partir da triangulação dos dados, será possível identificar a percepção e o perfil socioeconômico dos membros das igrejas inclusivas, além de apontar discursos e expressões comuns por parte dos participantes das comunidades inclusivas.

Nesse seguimento, Godoy (1995) orienta que o estudo de caso é importante para uma pesquisa que tenha como foco a análise de um tema aprofundado. Segundo Godoy (1995b, p. 25), “o estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular”. Para Godoy (1995b), uma pesquisa utiliza o estudo de caso com o foco principal de aprofundar o tema escolhido em suas análises, fazendo uma apuração mais específica e minuciosa de um caso. Sendo assim, esse trabalho estudou de forma mais intrínseca e aprofundada o caso das igrejas cristãs inclusivas em Goiás, tendo como eixo o levantamento da história e dos aspectos socioculturais e religiosos dessas comunidades, método utilizado que, conforme Alberti (2005, p. 52) conceitua, é

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos etc.

Assim, segundo Alberti (2005), o método de pesquisa que utiliza de entrevistas para a construção das informações está estudando acontecimentos históricos bem como grupo sociais e movimentos para elaborar a estruturação de um mundo. Desse modo, esse método foi usado para entrevistar os líderes eclesiais e, por conseguinte, construir informações importantes que fundamentaram parte desse trabalho. Por isso, ao utilizar as entrevistas, estamos usando do método de história e fonte oral. Como define Thompson (1998), a história oral tem a oportunidade de devolver a própria história das pessoas a elas mesmas, na medida em que vão narrando os acontecimentos e assim eles são registrados. Nessa perspectiva, ele complementa dizendo que

a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A

memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992, p. 17)

Segundo o autor, a história oral é uma grande contribuição para resgatar a história das pessoas, de um determinado grupo e é um método bastante importante na realização de pesquisas que têm como objetivo resgatar a memória histórica. Ele afirma ser necessário a preservação dessa memória, seja a de uma pessoa específica ou a de um grupo, de forma a respeitar o tempo e o espaço em que essas memórias são geradas. Alberti (2005) diz que a história oral pode ser usada em temas da atualidade que visem olhar para o registro de fatos do passado. Conforme ela explica,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos. (ALBERTI, 2005, p. 4)

Assim, segundo a autora, essa história oral tem o objetivo de alcançar a memória dos seres humanos que são entrevistados, durante a pesquisa, e esses pesquisados se tornam atores e ou testemunhas de fatos históricos. Essas entrevistas são também fontes de consulta para a pesquisa e outros pesquisadores. Nesse sentido, ela completa dizendo que as entrevistas com fontes orais podem ocorrer de duas maneiras:

É possível que em determinado projeto de pesquisa sejam escolhidos ambos os tipos de entrevista como forma de trabalho. Nada impede que se façam algumas entrevistas mais longas, de história de vida, com pessoas consideradas em especial representativas ou cujo envolvimento com o tema seja avaliado como mais estratégico, ao lado de entrevistas temáticas com outros autores e/ou testemunhas. (ALBERTI, 2005, p. 176)

De acordo com a autora, a pesquisa com fontes orais pode se dar por meio de entrevistas mais longas, que geralmente são usadas para histórias e depoimentos de vida, como também pode se realizar de forma mais breve, pontual, partindo de perguntas que tenham como foco o tema escolhido no trabalho. Segundo Daniele Voldman (1996a, p. 256),

no caso específico da história oral, ela se constitui quando um profissional de história, o historiador no caso, visando a prestar contas, a uma posteridade mediada pela técnica histórica, da ação da testemunha, tomando-se a palavra

'ação' num sentido muito amplo que engloba o fato, o acontecimento, o sentimento e a opinião, o comentário e a lembrança do passado.

Assim, segundo a autora, na história oral, o pesquisador, no caso desse trabalho o historiador, tem a missão de prestar contas dos registros que está fazendo, prestar contas a uma geração futura que vai ter acesso apenas ao que está escrito. Esse registro precisa ter precisão, neutralidade, porque envolve o recontar de um passado que contém sentimentos, memórias e uma identidade. Por esse ângulo, Garrido (1993, p. 33) destaca que

um dos aspectos mais interessantes do uso de fontes orais é que não apenas se chega a um conhecimento dos fatos, mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu. É de importância capital resgatar a subjetividade, mas é um grave erro passar a confundi-la com fatos objetivos. Esta aproximação crítica ao testemunho oral consegue-se mediante dois procedimentos de caráter interativo: um, com a documentação escrita existente, e outro, com o resto do corpus de documentos orais. Daí a importância de se estabelecer uma relação dialética entre os diversos tipos de fontes.

De acordo com o que é apontado por Garrido (1993), as fontes orais são importantes e interessantes porque, além do registro do conhecimento dos fatos, ela permite a experiência do pesquisador com os sentimentos do grupo entrevistado. Ele ressalta que é importante estabelecer um diálogo e um equilíbrio dentro dos diversos tipos de fonte usados em uma pesquisa para a reconstrução dessa história.

As entrevistas que compõem esse trabalho aconteceram por meio de encontros entre o pesquisador e os pesquisados, sendo alguns presenciais e outros virtualmente, conforme o pedido de alguns dos pesquisados, respeitando as medidas de segurança dos participantes e as determinações dos decretos e notas técnicas governamentais, em virtude do momento de pandemia, decorrente da contaminação pela COVID-19 que estamos vivendo no Brasil. Segundo Voldman (1996a), a pessoa pesquisada que aceita conceder uma entrevista e dar um depoimento ao pesquisador está consciente de que suas palavras vão ser reproduzidas e transformadas em informações históricas. Ela define esse processo da seguinte forma:

o indivíduo que aceita dar seu depoimento ao historiador está consciente de ter uma mensagem a transmitir. [...] Para os militantes [...] dar uma versão e uma visão do passado, formar para a história um ponto de vista sobre os fatos e permitir estabelecer a sua veracidade também é controlar a posteridade, ter domínio sobre a imagem que será legada à eternidade: em suma, deter ou

acreditar deter a legitimidade de todo o movimento. (VOLDMAN, 1996a, p. 257-258)

Segundo a autora, esse pesquisado se torna militante de um processo temático específico quando ele reconta uma história e contribui para que ela seja registrada, ele dá também o seu próprio olhar sobre aqueles acontecimentos e essas informações são responsáveis por legitimar a história e a veracidade de um movimento.

Contudo, evidenciamos que tivemos de nos adaptar e nos dispor de todas as metodologias, recursos e estratégias de que pudemos lançar mão para a coleta de dados, na tentativa de respeitar o distanciamento social para evitar contatos físicos e aglomerações, a fim de não disseminarmos o vírus. Isso acabou influenciando também no funcionamento e na dinâmica de atividades de todas as igrejas pesquisadas, porque elas tiveram de suspender os cultos presenciais por vários meses e, ao retornar, receberam um público bem reduzido, devido às orientações de limitação de fiéis da Organização Mundial de Saúde.

Além disso, cabe salientar que a questão da pandemia afetou as igrejas e influenciou o encerramento das atividades de algumas delas, tendo em vista que essas comunidades geralmente fazem uso de imóveis alugados, sem contar com a dispersão que houve de membros e frequentantes, alguns deles pertencentes ao grupo de risco. Sendo assim, contamos com entrevistas realizadas com os líderes e membros das igrejas e movimentos religiosos cristãos inclusivos de Goiás dos seis espaços ainda abertos e, também, das instituições que encerraram suas atividades eclesiais, durante o processo da pesquisa, e ainda assim foram solícitos em participar do estudo. Além das entrevistas, realizamos visitas aos cultos e eventos das igrejas inclusivas que permitiram a observação para que fosse possível vivenciar algumas experiências. Devido à pandemia, alguns desses cultos, orações e eventos aconteceram de forma virtual.

3.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES DAS COMUNIDADES INCLUSIVAS DE GOIÁS

Apresentaremos aqui o perfil dos participantes das Comunidades Inclusivas de Goiás, que foi traçado a partir de dados coletados por meio do método de questionário on-line da plataforma *Google* Formulário. Nesse questionário, cada participante foi voluntário, não sendo necessário a identificação do seu nome, ou seja, foi totalmente

anônimo. Fizemos a pesquisa de campo que contou com 34 participantes (acima de 18 anos) das igrejas cristãs inclusivas de Goiás. Tendo em vista quem em Goiás até 31/12/2020 temos uma estimativa de 150 membros frequentando as igrejas inclusivas de forma assídua e participativa.

Os participantes, em sua maioria, foram da igreja Comunidade Cristã Renascer (Goiânia), mas também houve contribuição dos integrantes das denominações Igreja Metodista Independente Incluídos pela Graça (Luziânia e Goiânia), Igreja Anglo-Católica (Anápolis), Igreja IRIS (Aparecida de Goiânia e Goiânia), Igreja Jesus Cristo é Amor (Aparecida de Goiânia).

Os questionários, aplicados pelo Google Formulário, foram enviados, por meio de um link de acesso, a cada participante. Os participantes receberam o convite para participar da pesquisa por indicação de seus pastores, que repassaram seus contatos ao pesquisador e divulgaram o estudo em questão em seus grupos internos. Ao entrar em contato com cada um, orientamos a todos sobre como funcionava a pesquisa e a respeito de todas as reponsabilidades do pesquisador e do participante. Assim, na medida em que eles foram concordando com as condições da pesquisa, o formulário era enviado. Toda a pesquisa encontra-se disponível via link do Google Formulário nos arquivos pessoais do pesquisador.

Sendo assim, por meio do formulário respondido foi possível identificar a percepção e o perfil socioeconômico dos membros dessas igrejas inclusivas, além de apontar discursos e expressões comuns por parte desses participantes. Mostraremos, por intermédio de tabulações e legendas, esse perfil. É importante ressaltar que o cenário demonstrado corresponde ao período pesquisado de maio de 2020 até outubro do mesmo ano.

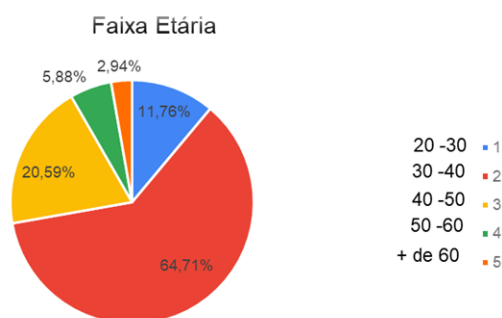


GRÁFICO 1 – Idade dos frequentadores das Igrejas Inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Em relação à idade dos participantes das igrejas inclusivas em Goiás, no período de 2020, notamos que 64,71% possuem a faixa etária entre 30 e 40 anos, 20,59% têm a idade entre 40 e 50 anos, 11,76% com a idade de 20 a 30 anos, 5,88% na faixa etária de 50 a 60 anos e 2,94% com mais de 60 anos. Percebemos que os grupos considerados terceira idade, os idosos com mais de 60 anos, ainda representam uma minoria dentro dessas igrejas. Porém, o grupo de adultos na faixa etária de 20 a 60 anos compõe a maioria das participações, totalizando 97% dos integrantes atualmente. Identificamos que quase não existem menores de 20 anos fazendo parte dessas igrejas na atualidade.

A pesquisadora Miriam Ferreira, em sua pesquisa de campo realizada nos anos de 2014 e 2015, feita por amostragem na denominação inclusiva Athos & Vida/Caminho da Inclusão, que atuava em Goiânia, Aparecida de Goiânia e Anápolis, ressaltava que

sobre a idade, percebemos que em sua maioria é uma igreja de jovens. 50,00% das mulheres com idade entre 18 a 29 anos; e 78,57% dos homens com idade entre 18 a 29 anos. Ainda sobre a idade das mulheres 37,50% com idade acima de 40 anos; 12,50% entre 30 a 39 anos. Entre os homens 21,43% entre 30 a 39 anos. (FERREIRA, 2016, p. 61)

Ferreira (2016) destaca que, na época de sua pesquisa, o cenário das igrejas inclusivas em Goiânia era em sua maioria de jovens entre 18 e 29 anos, afirmando ser uma igreja composta por jovens. Não tendo, na ocasião, nenhuma porcentagem de pessoas acima de 40 anos como participantes. Podemos mencionar que, após 4 ou 5 anos da pesquisa de Ferreira, houve uma mudança no cenário real das igrejas inclusivas. Atualmente, ele é composto por uma faixa etária de 30 a 40 anos e uma quantidade significativa de membros acima dos 40 anos de idade. Outra mudança no cenário é a de que quase não há jovens com menos de 20 anos e, agora, já se encontra membros com mais de 60 anos de idade.

Além disso, identificamos também que existem crianças dentro dessas igrejas, que são atendidas em suas necessidades espirituais em salinhas de crianças com formatos de cultos próprios para suas idades. Geralmente elas são os filhos dos próprios integrantes que os acompanham aos cultos. Notamos a realidade de muitas

famílias homo parentais, compostas por casais homossexuais e/ou lésbicas que já se encontram com seus filhos adotivos, beneficiados pelo sistema de adoção nacional de nosso país. A pesquisadora Ferreira (2016, p. 60) também constatou a presença de crianças nas igrejas:

Ressaltamos a presença de crianças em nossa observação in loco na igreja, principalmente nos cultos dominicais – são filhos/filhas em sua maioria de mulheres lésbicas. Assim, como também a tentativa da igreja de formar uma “escola dominical” para os pequenos, porém, sem sucesso (falta de alguém para assumir esse ministério). No entanto, mesmo durante os cultos vimos lideranças da igreja providenciando papéis e pinceis coloridos para as crianças e forrando um tecido/tapete no chão para acomodar as crianças presentes no culto.

Se compararmos os recortes temporais, notamos que ainda há a presença de crianças nos cultos, entre os participantes ativos das igrejas inclusivas em Goiás. O que podemos observar como diferencial, no entanto, é que hoje existem crianças que são filhas de casais homossexuais e não somente de casais formados por lésbicas. Além disso, algumas dessas crianças são frutos do processo de adoção. A estrutura de salinhas para atender as necessidades das crianças continua com as mesmas dificuldades, afinal, ainda faltam pessoas para dar um formato e uma melhor estrutura a esse departamento.

7-Segundo classificação socioeconômica apresentada pelo IBGE, marque sua renda.
34 respostas

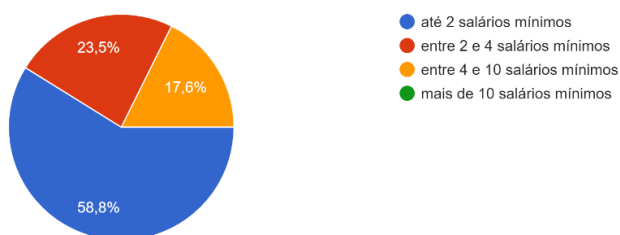


GRÁFICO 2 – Renda dos frequentadores das Igrejas Inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Em relação à classificação socioeconômica, para estabelecer um critério que melhor atendesse aos nossos objetivos, foi utilizado o padrão de categorização do IBGE. Assim, 58,8% declararam ter uma renda mensal de até dois salários-mínimos. 23,5% declararam ganhar entre dois e quatro salários e 17,6% ganham entre quatro

e dez salários. O valor do salário no Brasil, em 2020, estava em R\$ 1.045,00. De acordo com a pesquisadora Ferreira (2016, p. 60),

em relação à classificação socioeconômica 75,00% das mulheres tem renda mensal até dois salários-mínimos; e dos homens 64,29% tem renda mensal entre dois a quatro salários-mínimos. Consideramos que, por ser uma igreja jovem (a maior parte de jovens entre 18-29 anos) a formação profissional e salarial dos membros/as em sua maioria estaria em formação.

De acordo com Ferreira (2016), os integrantes das igrejas inclusivas em Goiás recebiam, em sua maioria, até dois salários, o que vem a confirmar que essa ainda é a renda da maioria dos membros na atualidade. Porém, é possível perceber um alto número de membros com a renda acima de dois salários. Ainda de acordo com as classificações socioeconômicas do IBGE, temos uma maior quantidade de pessoas pertencentes às classes C, D e E.

8-Nível de escolaridade
34 respostas

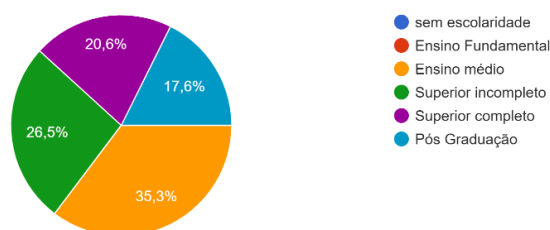


GRÁFICO 3 - Nível de escolaridade dos frequentadores das Igrejas Inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Quanto ao nível de escolaridade, 35,3% dos pesquisados possuem somente o ensino médio, 26,5% estão cursando o ensino superior ou não conseguiram concluí-lo, 20,6% possuem o ensino superior concluído e 17,6% já cursaram algum tipo de pós-graduação (especializações, mestrados e doutorados). Ferreira (2016) abordou que a escolaridade dos integrantes, na época de sua pesquisa, era a seguinte:

Em relação a escolaridade os dados entre o sexo feminino há um equilíbrio dentre o ensino médio e superior incompleto ambos com 37,50% e 25% superior completo. O masculino quase em sua maioria de superior completo com 50,00%; Ensino médio com 28,57% e superior incompleto com 21,43%. Esta é uma igreja com um nível de escolaridade superior acentuado e ou em

ascensão segundo o que o gráfico aponta, pois aqueles que estão com o superior incompleto estão na faculdade – cursando. (FERREIRA, 2016, p. 62)

A igreja que foi o foco da pesquisa dela, na ocasião, era composta por muitas pessoas com nível de escolaridade de ensino superior. Atualmente, percebemos que há um número maior de ensino médio completo, sem cursos superiores. Contudo, há um alto número de pessoas que já possuem o curso superior concluído e que têm até mesmo o nível de pós-graduação concluída, o que pode ser considerado uma evolução quanto ao nível de escolaridade dos membros das igrejas inclusivas em Goiás.

9- Qual a sua cor?
34 respostas

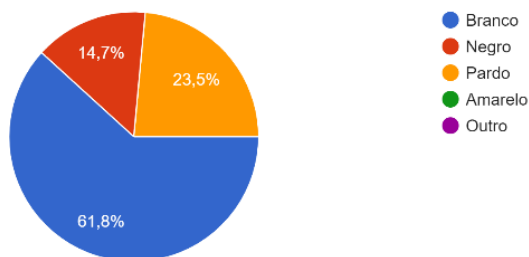


GRÁFICO 4 – Cor/Raça dos frequentadores das Igrejas Inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Quanto à cor, dos participantes que responderam, 61,8% se declaram de cor branca, 23,5% declararam ser de cor parda e 14,7% afirmaram serem de cor negra. Notamos, então, que a Igreja Inclusiva em Goiás atualmente tem como maioria, em sua comunidade, brancos, seguido de pardos e uma minoria de pretos como frequentantes. De acordo com o IBGE, existem as cores de pele branco, pardo e preto. O conjunto dos indivíduos de cor parda e preta constituem a categoria social negros. Portanto, o número de indivíduos negros é obtido a partir da soma do percentual dos pardos e pretos. Assim, 37,12% dos participantes nas Igrejas Inclusivas seriam negros e 61,8% brancos.

Em sua pesquisa, Ferreira (2016, p. 64) declarou que:

Sobre a cor, entre as mulheres há um equilíbrio entre pardo e branco, ambas com 50,00% cada; entre os homens 57,14% se disseram branco; 28,57% pardos, 7,14% negro (1) e 7,14% (1) outros. Pardos e brancos fazem parte de uma matriz sócio/racial muito tênue, não apresentando (de forma

generalizada) grandes distanciamentos de classe entre ambos. Até então a presença do único negro autodeclarado na comunidade não o difere em nada dos outros membros, é atuante na comunidade, inclusive recentemente foi sagrado a diácono. Como também está cursando ensino superior.

Ainda segundo Ferreira (2016), a igreja inclusiva de Goiânia, na época de sua pesquisa, era formada por uma maioria de brancos e pardos e tinha apenas 7,14% de negros. Nota-se um crescimento na participação dos negros que, atualmente, é de 14,7%, ou seja, dobrou em relação aos dados da pesquisadora, observados em 2016. Contudo, ainda não vemos muitos negros participando das lideranças representativas dessas comunidades em Goiás.

2- Sexo?
34 respostas

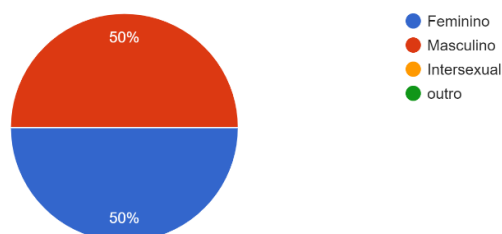


GRÁFICO 5 – Sexo dos frequentadores das igrejas inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Sobre o sexo biológico dos participantes, dentro das igrejas inclusivas de Goiás, observamos que 50% são compostos pelo sexo masculino e 50% pelo sexo feminino. A pesquisadora Ferreira (2016) observou, em sua pesquisa de campo que

em relação ao sexo observamos que a maioria dos membros/as é do sexo masculino, sendo do total 63,64%; e do total do sexo feminino de 36,36%. Dados semelhantes indicados pela BBC (2012), em que nas igrejas inclusivas em sua maioria seu público é do sexo masculino. Ou seja, na igreja Caminho da Inclusão não foge a esta realidade. (FERREIRA, 2016, p. 58)

Ferreira (2016) observou que, no tempo de sua pesquisa, as igrejas inclusivas eram compostas, em sua maioria, por pessoas do sexo masculino, 63,64%, e esses dados, na época, vinham ao encontro de dados publicados pela BBC, em 2012. Agora, em 2020, notamos que o cenário sofreu mudanças representativas, pois constituem uma homogeneidade de 50% de pessoas do sexo masculino e 50% do

sexo feminino, mostrando o alto crescimento da participação de mulheres nessas comunidades. Ferreira (2016) tinha relatado, sobre a participação das mulheres, que:

71,47% das mulheres respondentes disseram ser o acolhimento o fator primordial que as atraíram para a Igreja Inclusiva Caminho da Inclusão. Porém, neste momento de nossa pesquisa as mulheres não têm maior expressividade de atuação na igreja. Em nossa observação não nos parece ser por falta de convite em participar das atividades, pois os líderes estão sempre convidando a todos/as da comunidade a participarem dos ministérios – porém, percebemos mais envolvimento por parte dos homens. (FERREIRA, 2016, p. 58)

De acordo com Ferreira (2016), as mulheres, além de serem minoria dentro das igrejas inclusivas, não tinham expressividade representativa nas instituições e nem demonstravam muito interesse aparente por atuar ativamente na comunidade, por isso a representatividade era maior por parte do público masculino. Essa representatividade de que estamos falando se trata da participação nas lideranças das instituições. Até o momento da pesquisa, não há intersexuais declarados participando nessas igrejas.

Atualmente, no cenário de Goiás, existem sete mulheres como pastoras, liderando os cultos e uma estimativa de 15 mulheres atuando como obreiras/diaconisas e ou presbíteras, além das mulheres que estão presentes no altar das igrejas compondo os ministérios de louvor. Nesse contexto, as duas maiores igrejas, que estão em atividade com templo físico na cidade de Goiânia, são presididas por mulheres pastoras. São elas a Comunidade Cristã Renascer, presidida pela pastora Mônica Souza (2020) e o Ministério Vida, presidido pela pastora Roberta (2020). Existe o incentivo pela participação de mulheres e de pessoas heterossexuais nessas instituições, inclusive quando se trata de familiares dos homossexuais que pertencem à igreja. Ferreira (2016) também evidenciou o incentivo das participações das mulheres heterossexuais da seguinte forma:

Outro elemento observado, em relação às mulheres, nós percebemos que a igreja procura valorizar também a presença de mulheres heterossexuais, como mães, irmãs, tias, filhas de homossexuais que frequentam a igreja. Assim, como a igreja acha positiva e incentiva a presença de heterossexuais na comunidade, neste caso, as mulheres hétero têm uma representatividade bem maior do que a de homens hétero nesta comunidade. (FERREIRA, 2016, p. 59)

5-Orientação sexual
34 respostas

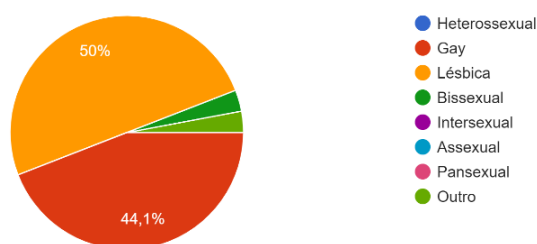


Gráfico 6 – Orientação sexual dos frequentadores das Igrejas Inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Quanto à orientação sexual, registramos que 50% se declaram como lésbicas e 44,1% se declaram como sendo gays, totalizando 94,1% de homossexuais como integrantes do rol de membresia, nas igrejas inclusivas em Goiás. Cerca de quase 6% se declaram como bissexuais ou “outro” em relação à orientação sexual. Interessante destacar que não houve declarações de heterossexuais, intersexuais, pansexuais, assexuais no ato da pesquisa.

Com isso, podemos perceber que a Igreja Inclusiva em Goiás ainda é formada por homossexuais, em sua maioria ou até mesmo em sua totalidade, não conseguindo ainda atrair heterossexuais. Os heterossexuais que encontramos são familiares dos membros que geralmente vão como visitantes e não se filiam ativamente como membros.

6 - Identidade de Gênero
32 respostas



GRÁFICO 7 – Identidade de Gênero dos frequentadores das igrejas inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

No que diz respeito à identidade de Gênero dos participantes nas igrejas inclusivas em Goiás, 100% dos pesquisados se declararam como cis gênero, ou seja,

peças que se identificam com o seu gênero/sexo biológico. A pesquisadora Ferreira (2016) também tinha feito uma observação a respeito disso:

Outra observação é a não presença das travestis na comunidade, há não ser em raros breves momentos – pois, elas não dão continuidade na igreja, apesar de nesta nova fase da igreja os líderes estariam abertos à acolhida – como já mencionamos no início da pesquisa. (FERREIRA, 2016, p. 58)

Ferreira (2016) observou que no tempo de sua pesquisa as “travestis” - como ela as nomeia, pois aqui preferimos nos referir a essas pessoas mais adequadamente como transexuais - não faziam parte das igrejas inclusivas em Goiânia e apenas visitavam os cultos em momentos esporádicos. Ela ressaltou que elas não conseguiam estabelecer vínculo apesar de as igrejas inclusivas se apresentarem abertas a essa acolhida. É relevante ressaltar que, na ocasião, não faziam parte das comunidades pessoas transexuais ou até mesmo intersexuais. Será que as igrejas inclusivas em Goiás não estão conseguindo atrair esse público?

16-Qual seu estado Civil?
34 respostas

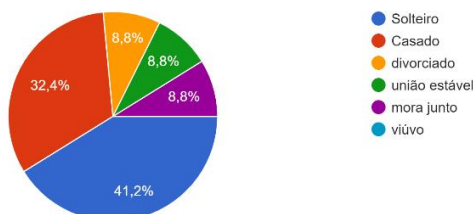


GRÁFICO 8 - Estado Civil dos frequentadores das igrejas inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Em relação ao estado civil dos participantes, notamos que 41,2% se declaram solteiros, ou seja, sem nenhum vínculo de relacionamentos afetivos. 32,4% se declararam casados, 8,8% moram juntos, 8,8% estão em uma união estável. Sendo assim, 41% dos que responderam ao questionário vivem como casados. Tendo em vista que existem igreja inclusivas que consideram essas três últimas nomenclaturas como “oficialmente casados”, definição essa que já consta no capítulo dois. Apenas 8,8% se declaram estarem divorciados, ou seja, já foram casados e estão atualmente separados.

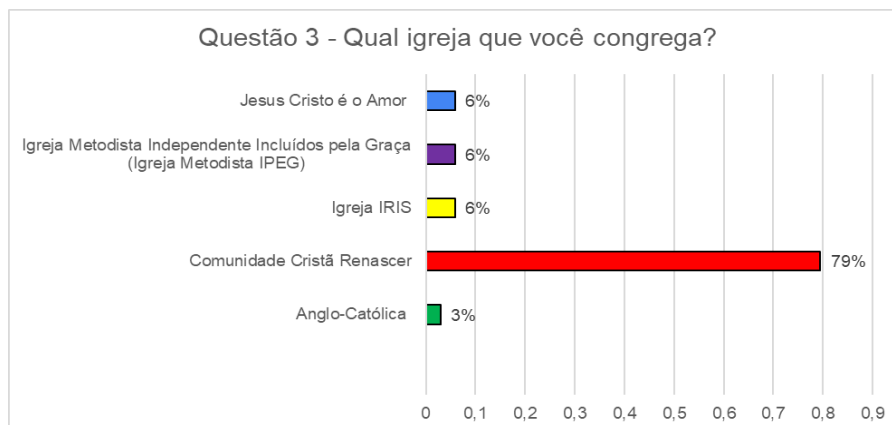


GRÁFICO 9 – Igreja em que congregam os frequentadores das igrejas inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Observamos que 79% dos participantes da pesquisa são pertencentes ao rol de membros da Comunidade Cristã Renascer, na cidade de Goiânia. Também podemos evidenciar que atualmente, no estado de Goiás, essa é considerada como sendo a denominação inclusiva com maior representatividade em suas ações e com maior quantidade de fiéis. Tivemos 6% dos participantes, afirmando ser parte da Igreja IRIS (Goiânia e Aparecida de Goiânia), 6% da Igreja Jesus é o Amor (Aparecida de Goiânia), 6% Igreja Metodista IPEG (Luziânia e Goiânia) e 3% da Igreja Anglo-católica (Anápolis).

Não houve participação nos questionários das outras denominações que passavam por momentos de reestruturação interna e/ou fechamento de suas instituições, pois essas optaram por não participar. O direito de cada líder e instituição quanto à não participação na aplicação do questionário foi respeitado.



GRÁFICO 10 – Função dos frequentadores dentro da Igreja Inclusiva em que congrega (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Em relação à função exercida dentro das igrejas, registramos que 54% das pessoas que responderam ao questionário são apenas membros. 26% são obreiros, ou seja, atuantes no clérigo da igreja e 20% são pastores. A visão majoritária dos pesquisados são de membros participantes dessas igrejas. Entender a função que eles desempenham se faz necessário para compreendermos que 46% dos participantes nessas igrejas são membros atuantes, ou seja, eles não apenas vão às igrejas, como também fazem parte de todo o sistema como uma sociedade, uma verdadeira comunidade. Confirmamos, então, que as igrejas inclusivas se encaixam nos moldes da modernidade tardia, em que o membro é também atuante, pensante e lhe é proporcionando espaço e oportunidades para isso.

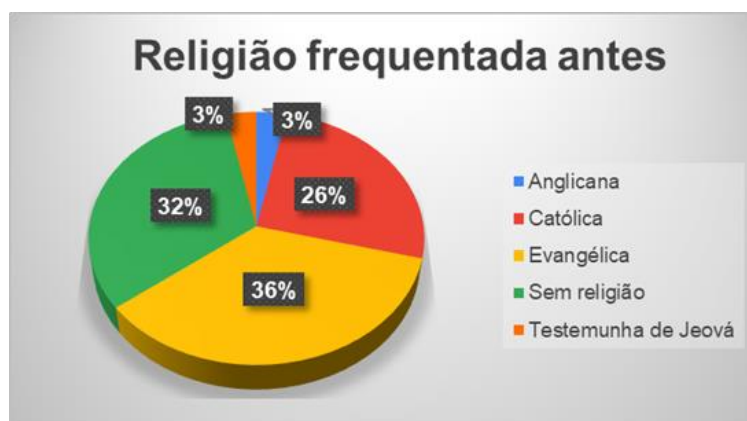


GRÁFICO 11 – Religião frequentada anteriormente pelos fiéis das Igrejas Inclusivas em Goiás (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

No que se refere à religião frequentada pelos pesquisados antes de eles estarem nas comunidades em que se encontram agora, tínhamos o objetivo de definir o percurso religioso dos membros participantes nas igrejas inclusivas de Goiás. Sendo assim, 36% dos participantes que responderam ao questionário disseram que vieram da vertente evangélica, antes de pertencerem a uma Igreja Inclusiva, sendo então, proporcionalmente, a maioria. 32% dos que responderam disseram que antes da escolha por uma Igreja Inclusiva não pertenciam a nenhuma religião específica. 26% disseram que são oriundos da vertente Católica do Cristianismo. 3% declararam ter vindo da Vertente Anglicana e 3% vieram dos Testemunhas de Jeová.

A esse respeito, a pesquisadora Ferreira (2016, p. 64) levantou dados sobre o que ela chama de “Trânsito” religioso:

Outro dado importante para análise é o “trânsito” religioso que todos os membros percorreram. Em sua maioria homens e mulheres passaram em média por três igrejas tradicionais até chegarem a conhecer a Igreja Caminho da Inclusão. Ou seja, o indivíduo permanece em trânsito religioso até encontrar a igreja inclusiva.

Ferreira (2016) descobriu que existia um trânsito religioso comum entres os membros das igrejas inclusivas em Goiânia, que se dava pela passagem dos pesquisados por igrejas que ela chamou de tradicionais. Em média, as pessoas tinham passado por até três igrejas antes de estarem na comunidade em que se encontravam no período do estudo de caso de Ferreira (2016). Entendemos que o termo igrejas tradicionais a que a pesquisadora está se referindo representa as igrejas de vertentes Católicas e/ou Evangélicas da religião Cristã. Sobre esse trânsito religioso, o pesquisador Almeida (2001, p. 92) o compara a uma metáfora de mercado e consumidor. Conforme ele diz,

uma das tentativas para compreender esse fenômeno reduziu a diversidade religiosa à metáfora do mercado. Estaria subjacente a esse enquadramento do pluralismo a ideia de que a racionalização do sagrado no mundo moderno realizar-se-ia pela transformação das crenças em mercadorias a serem consumidas pelos adeptos que, volúveis, escolheriam os produtos segundo suas necessidades imediatas. A redução do fenômeno do trânsito religioso ao processo de mercantilização dos bens de salvação acabou por deixar na sombra os mecanismos particulares de ressignificação das crenças religiosas.

Sendo assim, a diversidade religiosa, que pode ser um resultado do pluralismo religioso, é entendida pelo autor como mercantilismo religioso, no qual as crenças são reduzidas a mercadorias e ofertadas pelas instituições que, por sua vez, estão em busca de consumidores. Dessa forma, há uma justificativa para essa transição de igrejas por parte dos seguidores, que migram de acordo com suas demandas em relação ao que está sendo oferecido. Novamente há um reflexo da modernidade tardia em que vivemos, que insere o indivíduo como centro e atuante de todo o processo.

Desse modo, entendemos que as Igrejas Inclusivas atualmente são constituídas, pelos menos, grande parte delas, por pessoas que tiveram um percurso religioso no Cristianismo, em sua totalidade, e especialmente nas duas principais vertentes, a Católica e a Evangélica. O que é compreensível, tendo em vista que o

Brasil, embora seja um país laico, tem como maior porcentagem de religiosos os seguidores do Cristianismo em suas principais linhas, as duas tendências já citadas.

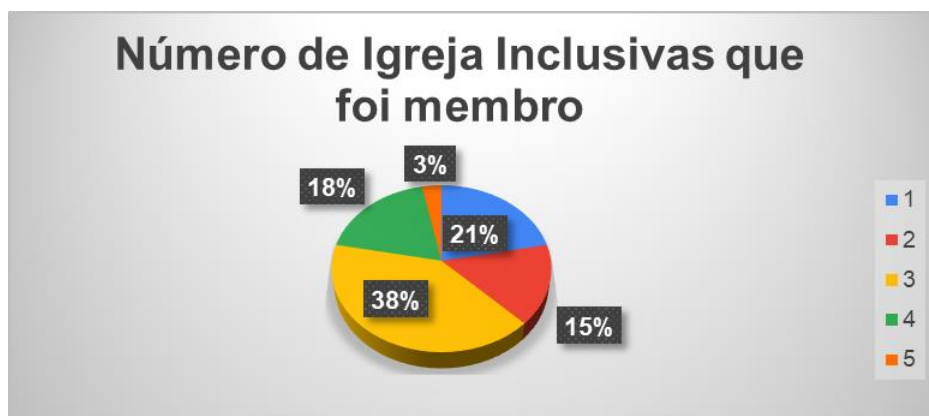


GRÁFICO 12 – Igrejas inclusivas das quais o participante da pesquisa já foi membro (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Ainda sobre o percurso religioso dos membros das igrejas inclusivas em Goiás, perguntamos a eles a respeito do número de igrejas/denominações Inclusivas de que eles participaram antes de chegarem até a denominação em que estão atualmente. Tínhamos o objetivo de perceber se existia uma rotatividade desses membros entre as igrejas inclusivas existentes durante todo o período histórico que compreendeu essa pesquisa. Na primeira parte da pergunta, eles responderam sobre a quantidade de denominações de que foram membros. A segunda parte da questão solicitava que eles mencionassem o nome das denominações a que outrora foram afiliados e participantes.

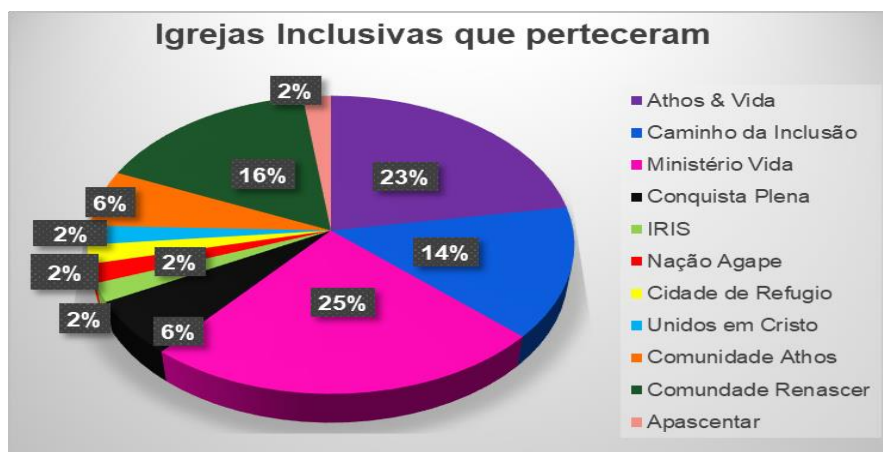


Gráfico 13 – Igrejas inclusivas a que já pertenceram os participantes da pesquisa (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

A partir das respostas recebidas, notamos que 38% dos participantes passaram por três denominações de igrejas Inclusivas de Goiás, antes de chegarem até a igreja atual a que pertencem. 21 % passaram apenas por uma denominação inclusiva, 18% já foram membros de quatro igrejas inclusivas, 15% pertenceram a duas comunidades e 3% já havia transitado por cinco instituições inclusivas antes de chegarem até a atual. Na pesquisa de Ferreira (2016, p. 64), o trânsito religioso se apresentou da seguinte forma:

Entre as mulheres 50,00% delas passaram por três igrejas; 25,00% por duas igrejas; 12,50% acima de cinco igrejas; e 12,50% por apenas uma igreja. Entre os homens 35,71% passaram por três igrejas; 28,57% por apenas uma igreja; 21,43% por duas igrejas; e 7,14% passaram por quatro e 7,14% por cinco igrejas.

Ferreira (2016) mostra, então, que já existia uma alta rotatividade dos fiéis das igrejas inclusivas de Goiânia. Essa rotatividade se dava dentro do próprio cristianismo entre igrejas tradicionais até que se chegasse à igreja inclusiva. Percebemos que essa alternância dos fiéis das igrejas inclusivas ainda existe na mesma proporção de antes de chegarem ao lugar onde estão hoje, quando ainda pertenciam às denominações chamadas de tradicionais. Atualmente, eles fazem um rodízio entre as próprias denominações de igrejas inclusivas existentes em Goiás.

De acordo com as respostas dadas pelos participantes no ato do questionário, constatamos que 25% dos membros transitaram pela Igreja Ministério Vida, ainda em funcionamento atualmente. 23% pertenceram à Igreja Athos & Vida, extinta desde janeiro de 2015. 14% participaram da Igreja Caminho da Inclusão, também extinta em fevereiro de 2018.

Seguindo com os números, 16% dos participantes disseram ter sido fiéis na Igreja Comunidade Cristã Renascer de Goiânia, ou seja, esses 16% pertenceram apenas a esta denominação e não passaram por nenhuma outra antes. 6% vieram da Igreja Conquista Plena, em processo de encerramento das atividades em 2020. Outros 10% passaram pelas Igrejas IRIS, Nação Ágape, Unidos em Cristo, Cidade de Refúgio, Comunidade Apascentar, sendo a proporção exata de 2% em cada denominação.

14-Qual o diferencial de uma Igreja Inclusiva para você?

34 respostas

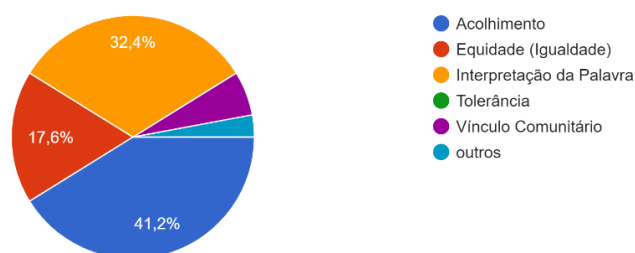


GRÁFICO 14 - Qual o diferencial de uma Igreja Inclusiva para os participantes da pesquisa (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Quando questionados sobre qual seria o diferencial de uma Igreja Inclusiva, 41,2% dos participantes responderam que consideram que o acolhimento seria a principal diferença e 32,4% disseram que a interpretação da Palavra, aqui se referindo à Bíblia, seria a principal distinção que os atraiu. Outros 17,6% responderam que a equidade, no sentido de igualdade promovida pelas igrejas inclusivas, seja o ponto crucial para determinar sua escolha. 10% disseram que o vínculo comunitário e outros motivos são os mais importantes no que diz respeito ao diferencial dessas instituições.

Ferreira (2016, p. 67) ressaltou em seu trabalho que,

quanto ao diferencial de uma igreja inclusiva, entre as mulheres, 71,47% disseram ser o acolhimento; 14,29%, a igualdade (equidade); e 14,29%, a interpretação da Palavra. Já entre os homens, 35,71% disseram que o diferencial da igreja inclusiva foi de acolhimento; 35,71%, a equidade (igualdade); 21,43%, a interpretação da Palavra; e 7,14%, a tolerância.

Conforme Ferreira (2016) levantou-se, os membros, na época de sua pesquisa, diziam que o principal diferencial era o acolhimento das igrejas inclusivas, sendo esse um aspecto expressivo na igreja da qual faziam parte, por isso estavam lá. Outra condição considerada importante foi a criação de um ambiente voltado para a igualdade, tolerância e interpretação da Bíblia. Notamos que os mesmos sentimentos ainda se encontram presentes na perspectiva de uma Igreja Inclusiva para os fiéis em relação às igrejas cristãs tradicionais. Há, porém, uma mudança no que lidera esse *ranking* atualmente. Agora, a questão de interpretação da Palavra tomou o segundo lugar e está bem próximo da atitude de acolhimento.

15-Como você ficou sabendo da existência da Igreja Inclusiva?

34 respostas

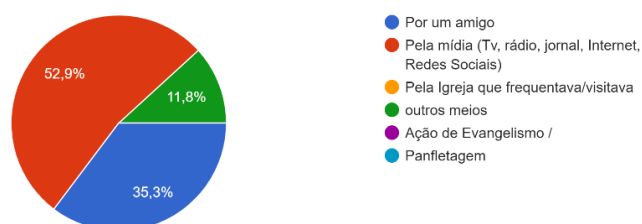


GRÁFICO 15 - Como os participantes da pesquisa ficaram sabendo da Igreja Inclusiva (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

No que diz respeito ao questionamento sobre como os participantes da pesquisa souberam da existência da Igreja Inclusiva, 52,9% responderam que tomaram conhecimento do fato por meio da mídia (TV, rádio, jornal, internet e redes sociais). Essa questão entra em consonância com o fato de que entre as principais ações das igrejas inclusivas está o engajamento nas mídias sociais. Outros 35,3% souberam da igreja por meio do convite de um amigo, 11,8% souberam por outros meios não declarados. Sobre esse ponto da análise, Ferreira (2016, p. 68) encontrou, em sua pesquisa, os seguintes dados:

Com esta questão identificamos como os membros souberam da existência da igreja. 50,00% das mulheres disseram que foi por um amigo/a; 25,00% pela internet e redes sociais; 12,50% pela mídia (Tv, rádio, jornal); 12,50% outros meios. Entre os homens 57,14% disseram que conheceram a igreja por um amigo; 21,43% pela internet, redes sociais; 14,29% por outros meios; e 7,14% pela mídia (Tv, rádio, jornal).

Ferreira (2016) identificou que a maior parte dos membros souberam de uma igreja inclusiva por meio do convite de um amigo. No contexto de pesquisa dela, um grupo menor havia descoberto a comunidade a partir das mídias sociais. Nesse sentido, comparando os dados no intervalo de cinco anos de uma pesquisa para a outra, podemos notar que houve um grande avanço da divulgação dessas instituições por meio das redes sociais. Ainda assim, as divulgações pelas mídias sociais e os convites de amigos continuam a ser o principal meio de atrair os fiéis para as igrejas inclusivas.

17-Quantos anos você participa das Igrejas Cristãs Inclusivas em Goiás?
34 respostas

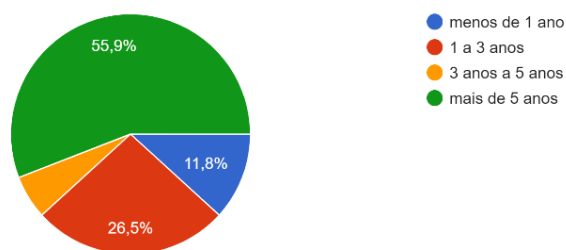


GRÁFICO 16- Tempo de participação na Igreja Inclusiva (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Em relação ao tempo de participação e permanência dessas pessoas na vertente cristã de igrejas inclusivas, tendo em vista que essas comunidades existem oficialmente no Brasil há cerca de 20 anos e em Goiás há um tempo aproximado de 14 anos, 55,9% responderam que participam das igrejas há mais de cinco anos, 26,5% há um período de um a três anos, 11,8% participam há menos de um ano e 5,9% entre os períodos de três a cinco anos.

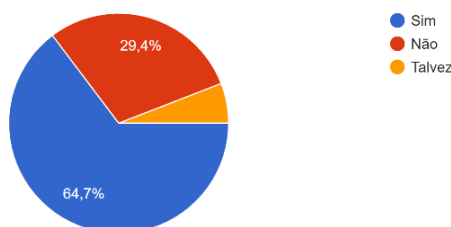


GRÁFICO 17 – O participante já sofreu preconceito por participar de uma Igreja Inclusiva? (2020)

Fonte: questionários aplicados pelo autor

Primeiramente, é imprescindível destacar que essa questão sobre o preconceito foi realizada porque sabemos que as igrejas inclusivas são um movimento ainda novo no Brasil e em Goiás, formadas por uma ideologia de aceitação e militância do público LGBTI+, que já sofre preconceitos e discriminação por suas orientações sexuais constantemente. Em relação a isso, 64,7% dos participantes afirmaram já terem sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação por declararem pertencer a uma Igreja Inclusiva. 29,4% disseram nunca terem sido vítimas de algum preconceito

relacionado a sua escolha religiosa. 5,9% responderam que talvez tenham sido alvos de preconceito.

A partir dos dados coletados e de acordo com a mostra de declarações sobre o sentimento dos fiéis nas igrejas inclusivas, podemos notar uma enorme sensação de bem-estar, de encontro pessoal e autoaceitação por parte dos indivíduos nessas comunidades. Percebemos também que existe um grande trânsito religioso dos membros, que migram de uma denominação para a outra. Contudo, esse dado é muito semelhante ao que ocorre entre as igrejas evangélicas tradicionais, em que os membros geralmente permanecem um curto tempo em cada denominação.

Dito isso, podemos refletir a respeito dos possíveis reflexos da modernidade tardia de Anthony Giddens, que afirma que vivemos num momento de crise na sociedade. Uma sociedade que vive a sensação de incerteza e desgaste, que parece a todo tempo estar ficando atrasada mediante o avanço das informações e mudanças que acontecem nela. Por conseguinte, isso tudo reflete na vida do indivíduo e em sua espiritualidade, nas escolhas pela igreja com a qual ele se identifica e que atende às suas necessidades.

Nesse contexto, as perseguições e preconceitos que essas igrejas e seguidores sofrem também têm se modificado. O pastor Edson Santana (2020) reconhece que atualmente existe perseguição, porém ela é menor do que quando essas igrejas iniciaram suas atividades.

Hoje existe bem menos perseguição do que antigamente. A perseguição vem mais por parte dos membros das igrejas cristãs tradicionais católicas e evangélicas, os líderes em si geralmente perseguem menos. A pior exclusão que eu vejo, que mais me assombra, é de quem está dentro e não quem está de fora, a pior homofobia é do próprio público LGBTI+. (SANTANA, 2020, s/p)

De acordo com Santana (2020), atualmente a Igreja IRIS e as demais igrejas inclusivas de Goiás sofrem menos perseguições do que inicialmente elas sofreram no movimento. Para ele, essas perseguições são típicas das igrejas cristãs tradicionais. Contudo, o pastor considera que o pior preconceito é aquele que vem de dentro das igrejas inclusivas, quando um determinado público, parte do movimento LGBTI+, não aceita as igrejas inclusivas e as rotula pejorativamente, rejeitando o movimento que tenta acolher a comunidade.

3.2 CARACTERÍSTICAS E EXPRESSÕES RELIGIOSAS DAS COMUNIDADES INCLUSIVAS DE GOIÁS

As expressões religiosas das igrejas inclusivas em Goiás estão em processo de construção a partir das realidades encontradas dentro de cada uma das denominações existentes. Nesse percurso de construção, encontramos ainda pontos de possíveis fragilidades (discutidos na sessão 3.3) em comparação às estruturas religiosas cristãs já históricas e solidificadas no tempo. Nesse sentido, Eliade (1989, p. 164), declara, a respeito da construção dessas expressões, que

o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico-religiosas, este modo específico é sempre reconhecível. Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o homo religiosus acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real.

Por conseguinte, entendemos que o ser humano tem em sua essência a necessidade de busca por uma religião, uma busca incessante e histórica por algo sobrenatural e superior a esse mundo terreno de compreensão humana. Nessa perspectiva, o autor afirma que

é, sobretudo evidente no desejo do “ser humano religioso”, mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado”, pois o espaço sagrado diverge do espaço profano, como um “ponto fixo” que orienta. (ELIADE, 1989, p. 23-27)

Segundo Eliade (1989), o homem que ele chama de “ser humano religioso” tem um desejo interno, ou seja, uma necessidade interior de se movimentar para algo sagrado, que desenvolve um espaço sagrado, na fabricação e crença de um ser sagrado para, assim, diferenciar um espaço sagrado e de outro profano. Em consonância a essa ideia, Miriam Ferreira (2016, p. 82) explica que

é em torno da comunidade religiosa cristã inclusiva que homens e mulheres reúnem-se para um encontro com Deus e sentem-se seguros em uma comunidade de iguais. Despem-se de todos os preconceitos inculcados durante suas existências e fazem uma experiência religiosa inclusiva.

Sendo assim, segundo a pesquisadora Ferreira (2016), a comunidade religiosa inclusiva une pessoas que têm um desejo de encontrar respostas por meio do sagrado e, nessa circunstância, sentem-se em segurança quando se reúnem e estão em família, ou seja, junto de pessoas que têm as mesmas necessidades e objetivos. Desse modo, veem-se livres de todos os preconceitos que os cercam e novamente se sentem incluídos ao ser divino e sagrado, conforme sua fé. Nessa lógica, Ferreira (2016, p. 83) ainda complementa:

A pertença é algo muito importante para este grupo, um espaço em que eles têm liberdade de fazerem seus cultos e adoração ao Senhor. Um local onde eles se sentem livres e seguros em sua expressão religiosa sem olhares de reprovação e condenação.

A pesquisadora também explica que as pessoas têm a necessidade de se sentirem pertencentes a um grupo da sociedade, e o espaço sagrado os faz vivenciarem a sensação de preenchimento em relação a essa necessidade. Isso, principalmente, porque a união entre ser social e ser religioso, nesse espaço, traz consigo a liberdade para expressarem suas ações de fé.

Desse modo, entendemos que o ser humano, com essa busca pelo sagrado, passa por um processo de retorno ao sagrado, na tentativa de encontrar respostas em relação à vida e à morte. Daí a questão tão inerente sobre salvação nas religiões. Conforme explicita Eliade (1989, p. 94), “é graças a este eterno retorno às fontes do sagrado e do real que a existência humana parece salvar-se do nada e da morte”. Assim, para ele, o homem vai em busca de um sagrado para lhe salvar dessa incerteza do que há além deste mundo terreno e além da morte.

É por esse caminho que se constroem os mitos da humanidade em torno das religiões. O que vemos não ser destoante na vertente de igrejas cristãs inclusivas de Goiás. Sobre o conceito de mito, Mircea Eliade (1989, p. 120) explica que

o mito garante ao homem que aquilo que ele se prepara para fazer já foi feito, ajuda-o a dissipar as dúvidas que poderia ter quanto ao resultado do seu cometimento. Por que hesitar perante uma expedição marítima, uma vez que o Herói mítico já a efetuou num Tempo lendário? Basta seguir seu exemplo. Do mesmo modo, porque temer instalar-se num território selvagem e desconhecido, se se sabe o que é necessário fazer? (...) O modelo mítico é susceptível de aplicações ilimitadas.

Segundo o autor, a construção e crença no mito dá a certeza ao ser humano de que existe um ser místico e sagrado, em outro plano, que esteja vendo e fazendo tudo aquilo que o homem com suas limitações terrenas não consegue fazer, antecipando-se, assim, como um herói acerca das coisas impossíveis. A partir dessa ideia, o indivíduo consegue estabelecer uma linha de compreensão e controle, ao mesmo tempo, dos mundos. De acordo com Eliade (1989, p. 122), “conhecendo a origem do mito, o homem torna-se capaz de controlar várias realidades cósmicas (por exemplo, o fogo, as colheitas, as serpentes etc.)”. Dessa forma, nesses mitos estão a construção de história e de heróis que constituem o mundo e tudo o que nele existe. Nesse sentido, Eliade (1989, p. 11) conceitua:

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio".

Portanto, para Mircea Eliade (1989), os mitos são de fato a narração de histórias sobre as origens das coisas, o que leva à discussão acerca do sagrado, do sobrenatural, da vida e da morte, do céu e da terra e, conseqüentemente, dos ícones que vão se tornando sagrados nessa construção narrativa. Além disso, eles também dão origem aos rituais. Segundo Eliade (1989), são constituídas duas modalidades de ser no mundo: o sagrado e o profano. Ao longo de sua história, o homem acaba por assumir essas duas identidades existenciais.

Nesse seguimento, o rito é uma repetição dramatizada de acontecimentos originais, ancestrais, que são de importância fundamental e sagrada para a religião ou para a sociedade. Assim, os ritos em torno do sagrado têm papel fundamental nas liturgias e expressões das comunidades religiosas. “O mito designa uma história verdadeira e, ademais, preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo” (ELIADE, 1988, p. 7). De acordo com o autor, é por meio de símbolos e rituais que o homem pode, simbolicamente, chegar ao Céu. Eliade (1989) afirma que rito e mito são elementos complementares e interdependentes, formando uma unidade complexa, responsável pelas características individualizantes de cada cultura. O rito,

então, é a expressão litúrgica do mito e do sagrado na expressão religiosa de uma comunidade específica.

Em vista desses breves conceitos acerca da construção dos mitos, ritos e experiências dos seres humanos na busca pelo sagrado, compreendemos que as pessoas que compõem as igrejas cristãs inclusivas estão em sintonia com essa mesma necessidade comum e inerente à essência do ser humano. Assim, encontraremos a seguir, nas expressões religiosas de cada denominação inclusiva descrita abaixo, características típicas que confirmam a discussão e explicação desses conceitos de Eliade e Ferreira acerca das experiências religiosas.

Portanto, se começarmos a falar das igrejas inclusivas em Goiás desde a sua raiz no estado, logo perceberemos essa matriz de diversidade religiosa nas vertentes. A Igreja da Irmandade (1977-1995), precursora da inclusão dos homossexuais em Goiás, tinha uma vertente teológica ligada ao movimento de Cristãos Anabatista, como explica Onaldo Pereira (2020, s/p):

Em 1977 iniciamos a Igreja da Irmandade, Tunker na cidade de Rio Verde-Goiás, esta igreja era ligada a uma matriz que tem sede nos Estados Unidos. Uma igreja que faz parte do movimento Anabatista que teve início em 1708 na Alemanha, como um racha deste movimento Anabatista... pés. Assim como foram surgindo diversas outras vertentes com divergências teológicas e doutrínarias.

Segundo Onaldo Pereira (2020), a igreja da Irmandade iniciou seus trabalhos na cidade de Rio Verde, na década de 1977 e tinha a declaração de fé Anabatista. Tendo como cobertura uma espécie de igreja mãe, a Igreja Anabatista do Estados Unidos, que tinha tradição histórica de dois séculos. Mas ele esclarece que surgiram diversas vertentes dentro do movimento Anabatista e a Igreja da Irmandade foi uma dessas vertentes. Onaldo Pereira (2020) também traz informações curiosas sobre como o movimento Anabatista se posicionou dentro da religião Cristã no mundo e, conseqüentemente, dentro do estado de Goiás, por meio da Igreja da Irmandade. Segundo ele,

a Igreja da Irmandade não se considera como protestante, eles se consideram existentes antes da reforma protestante, fizeram parte dos grupos denominados de hereges pela Igreja Católica. Também tinha a questão da Mulher que veio a ser ordenada ainda no século XIX, foi uma

igreja que se posicionou contra ter escravos, eles nunca tiveram escravos como outras igrejas protestantes tiveram. Aceitando os negros escravos como parte da membresia igualmente os brancos. (PEREIRA, 2020, p.)

Para Pereira (2020), a Igreja da Irmandade não se autodenominava como parte do movimento de cristãos protestantes, em alinhamento com a declaração histórica do movimento Anabatista. Isso porque, segundo ele, esse grupo iniciou seus movimentos antes da reforma protestante e foram declarados pela Igreja Católica, na época, como um movimento herege. De acordo com os registros históricos sobre os movimentos Anabatistas, encontramos que:

O anabatismo foi uma seita que tinha por principal característica a rejeição do batismo em idade infantil. A seita alegava que os indivíduos deveriam ser batizados em idade adulta, já que estariam aptos e maduros para fazê-lo. Os anabatistas logo se associaram ao movimento luterano, já que viam nele uma força aliada na subversão das premissas católicas. O principal líder do anabatismo foi o alemão Tomás Müntzer, o seguidor mais radical de Lutero. Sendo então considerado como um movimento paralelo a reforma protestante e posteriormente de aliados de Lutero. (FERNANDES, 2021, s/p)

Assim, segundo Fernandes (2021), esse movimento Anabatista acontecia de forma paralela ao movimento reformista de Lutero. Contudo, de acordo com ele, o fundador do movimento era um seguidor radical das ideias iniciais de Martinho Lutero. Desse modo, considera-se que, historicamente, um segmento de reforma aconteceu paralelamente e esse movimento que, tempos depois, tornou-se aliado da corrente de Lutero.

Abaixo, na figura 19, encontramos matérias que foram publicadas por jornais da época, com textos do pastor Onaldo sobre sexualidade, sobre ele ser reconhecido nos Estados Unidos e imagens de comunhão da Igreja da Irmandade.



FIGURA 19: Igreja da Irmandade sendo reconhecida nos EUA

Fonte: *Imagens disponíveis no arquivo pessoal fornecido pelo pastor Onaldo Alves Pereira no dia da entrevista em 10 de julho de 2020

De acordo com ele, o movimento Anabatista sempre andou na contramão dos movimentos protestantes em relação aos seus posicionamentos, por exemplo, quanto à ordenação feminina para os clérigos, às igrejas e os cristãos possuírem escravos e em relação à inclusão dos negros nas comunidades, tendo os mesmos direitos que os brancos. Por isso, não é de se estranhar que esse movimento da Igreja da Irmandade tenha se posicionado, ainda no ano de 1977, a favor da inclusão de homossexuais na comunidade. Segundo Pereira (2020, s/p),

isso me despertou a pesquisar e descobrir essa vertente que ainda era da mesma raiz do grupo Anabatista, que é a Igreja da Irmandade, Tunker, que aceitava homossexuais como membros da igreja e até exercerem ofícios, porém não celebrava casamentos homossexuais, eles acreditavam que o casamento era exclusivo para os Heterossexuais. Esse pensamento deles foi a partir de 1970.

Pereira (2020) afirma que se sentiu instigado a pesquisar sobre a inclusão de homossexuais na igreja ainda na década de 1970 e, assim, chegou até o movimento de igrejas Anabatistas da vertente Igreja da Irmandade, Tunker. Pereira (2020, s/p) explica os motivos para o nome *Tunker*.

Carregamos o nome Igreja da Irmandade - Tunker, porque a palavra Tunker significa Batista. Esse Tunker é uma parte que acrescentamos para identificar a origem do movimento. Tunker na língua alemã significa mergulhas em águas profundas. Atualmente quase não se utilizam mais o Tunker, usam também só o Igreja da Irmandade. No Brasil ainda existem três movimentos ainda bem pequenos e com pouca expressão atualmente.

Nesse contexto, percebemos que a Igreja da Irmandade já aceitava homossexuais desde 1970, nos Estados Unidos. Esses homossexuais poderiam ser incluídos na membresia da igreja, com direitos de exercerem funções no clérigo e participarem de todos os rituais, vivendo como homossexuais com suas famílias dentro da comunidade. Porém, não tinham o direito ainda de se casarem na igreja, devido ao pensamento de que o casamento era apenas para os heterossexuais.

Pereira (2020) explica como a Igreja da Irmandade, Tunker, se posiciona teologicamente em sua expressão de fé. Segundo ele,

eles pensam que todas as religiões levam a Deus e são contra o pensamento de fazer missões. Para eles não precisava levar a Igreja da Irmandade para lugar algum. São universalistas, que a salvação é universal, não é algo a ser adquirido é algo concedido por Deus. Deus seria irresponsável se criasse alguém para perdição. Deus é perfeito, e sua perfeição não me daria o direito de escolher ou rejeitar a salvação. (PEREIRA, 2020, s/p)

Pereira (2020) explicita que a Igreja da Irmandade tem um pensamento universalista no que diz respeito à questão teológica da salvação e do papel da igreja no mundo. Nesse sentido, eles acreditavam que não era necessário ganhar mais pessoas para a comunidade nem abrir instituições pelo mundo, pois a salvação é concedida por Deus e não é algo que nós, seres humanos, conquistamos. Logo, todos os seres humanos têm a salvação em Deus. Deus não criou nenhum ser humano para não conseguir entrar no plano dos céus, simplesmente porque esse Deus criado é perfeito e tudo o que Ele faz também é perfeito. Pereira (2020, s/p) ainda complementa dizendo:

Eu recebo por apreciação, eu estou salvo mesmo que não acredite em Deus. Deus ainda está criando a humanidade, quando ele terminar de criar aí sim será a humanidade perfeita. Os cristãos primitivos acreditam semelhante a este pensamento. Lá em Efésios 2, em Atos podemos encontrar melhor explicações como esta. Porém existia somente nos Estados Unidos, no Brasil ainda não era algo tangível.

De acordo com o pensamento de Pereira (2020), o ser humano recebe o direito da salvação a partir do momento em que ele aprecia esse fato e declara estar salvo. Um fato curioso, nesse contexto, é a visão da igreja de que, mesmo que o indivíduo não acredite na existência de Deus, ele já está salvo apenas por ser fruto da criação desse Deus superior. O pastor declara, ainda, que esse é um pensamento semelhante ao dos cristãos primitivos.

Portanto, a Igreja da Irmandade se organizava de forma litúrgica com base nessa concepção, uma noção diferenciada do que era considerado padrão pelas igrejas cristãs. De acordo com Onaldo Pereira (2020, s/p.), “em nossas reuniões, qualquer pessoa direcionada pelo Espírito de Deus poderia assumir a reunião, fazíamos um momento de silêncio e uma pessoa inspirada levantava e dirigia a

reunião”. Ou seja, quaisquer pessoas tinham o direito e a liberdade de compartilhar algum texto do evangelho e/ou alguma música durante o culto, sem necessidade de um planejamento antecipado, porque a comunidade acreditava que essa pessoa estava inspirada por Deus.

Ainda segundo Pereira (2020), a hierarquia dos oficiais da igreja era resumida em membros, diáconos e pastores, que tinham os mesmos direitos dentro da igreja, vistos com igualdade por todos.

Tínhamos como hierarquia eclesiástica somente pastores e diáconos, depois os membros aceitos. O membro da igreja pode fazer as mesmas coisas que um pastor ou diácono, não existe essa diferença de ofícios, ele se batiza hoje e já pode batizar outras pessoas amanhã, ele pode celebrar um culto, celebrar a ceia da mesma forma. Diáconos ficam responsáveis pela parte financeira da igreja, tínhamos quatro diáconos e um pastor, não trabalhávamos com a visão de muitos diáconos e pastores. (PEREIRA, 2020, s/p)

Essa hierarquia confirmada por Pereira (2020) é bem semelhante às estruturas de igrejas cristãs evangélicas, porém com o diferencial de que todos são vistos como equivalentes em seus ofícios. Logo, eles podem, igualmente, celebrar cultos, rituais como o batismo, entre outros trabalhos, independentemente do título que recebe. Todos adquirem esse direito por terem sido batizados pela igreja. Pereira (2020) conta que, no entanto, para ser membro da igreja havia uma premissa diferenciada das igrejas tradicionais que deveria ser levada em conta pelos fiéis.

Para ser membro tínhamos o requisito de aceitação dos princípios e dogmas da Igreja da Irmandade, como por exemplo questão do universalismo que norteia a salvação, a questão do pacifismo que era necessário não usar de violência, não portar armas, não servir ao exército e nem a polícia, não processar ninguém, não cobrar a força ninguém, ou seja, não se envolver em nada que não seja conflito ou contenda, promovendo sempre a pacificação. (PEREIRA, 2020, s/p)

Pereira (2020) explicou que os membros eram aceitos a partir da declaração pública de aceitarem todos os princípios e dogmas da Igreja da Irmandade. Esses preceitos estavam voltados principalmente para a promoção da paz e da questão teológica do universalismo. O membro da igreja não poderia sequer servir ao exército ou ser portador de alguma arma, não poderia se envolver em brigas, contendas ou nada que usasse a força, devendo promover sempre a paz por onde ele andasse.

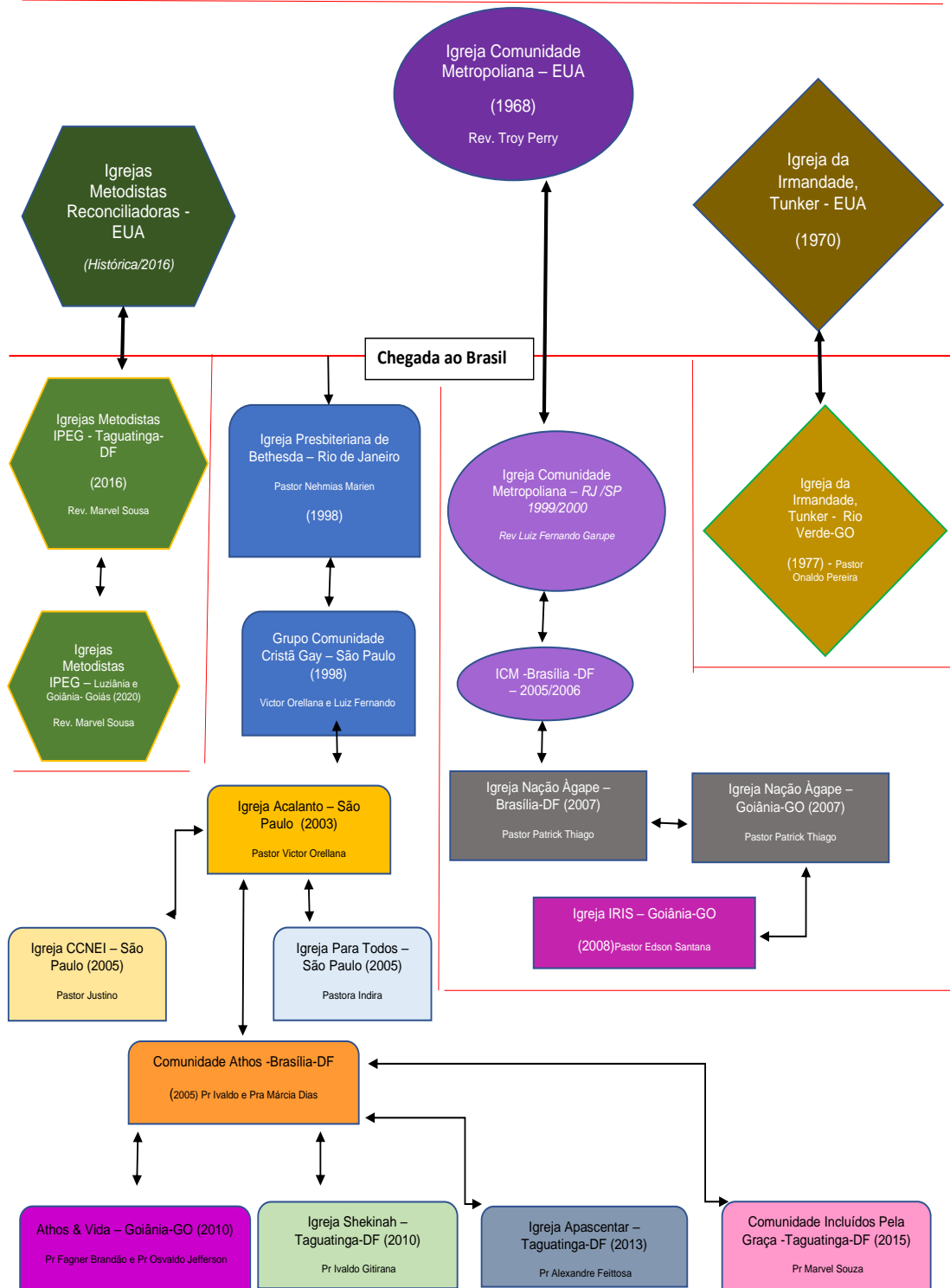
Pereira (2020) afirma que havia cerca de 150 a 200 membros em comunhão com a Irmandade.

Diante de todas essas questões, Onaldo Pereira (2020) aponta que a Igreja da Irmandade sofreu com perseguições por parte das igrejas cristãs de Rio Verde e de outras cidades do estado de Goiás. Essas perseguições foram motivadas depois de o pastor, em 1995, celebrar o casamento de um casal homossexual em Salvador (BA). O acontecimento tomou visibilidade e incomodou os líderes de diversas igrejas cristãs católicas, evangélicas e espíritas da época, tanto na cidade de Rio Verde e como em outras próximas da região. Esses fatos levaram a Igreja da Irmandade ao fim de suas atividades eclesiais no estado de Goiás, conforme descrito com detalhes no capítulo dois. Ainda assim, historicamente, essa foi a primeira vertente de igreja que promoveu a inclusão de homossexuais no estado de Goiás.

Desse modo, compreendemos que foram necessários alguns anos, coincidindo com a virada de um século, para que surgisse uma nova igreja que promovesse a inclusão dos homossexuais no estado de Goiás. Agora, com o surgimento dessa nova igreja, nascia o posicionamento como parte do movimento de Igrejas Inclusivas do Brasil, movimento que já tinha surgido no final do século XX para o início do século XXI, na região de São Paulo.

Para compreender um pouco melhor as linhagens de vertentes de igrejas Inclusivas em Goiás, fizemos uma árvore genealógica, com a tentativa de registrar de forma ilustrada essa ascendência, que se deu a partir de rompimentos e dissidências entre os líderes e as igrejas.

Estados Unidos – O Nascedouro



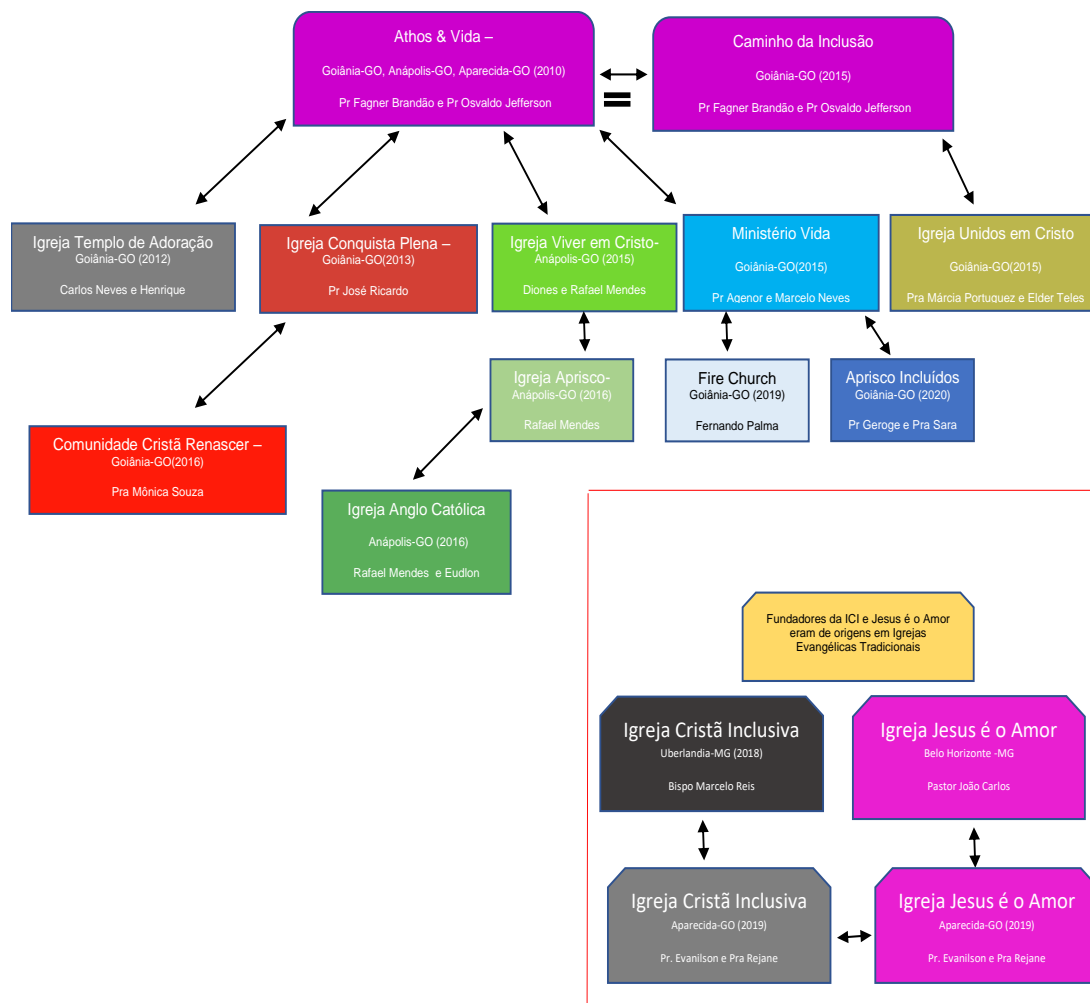


FIGURA 20: Árvore Genealógica das Igrejas Inclusivas em Goiás

Fonte: Informações levantadas pelo pesquisador.

Com base na árvore Genealógica acima, temos a confirmação da raiz histórica das igrejas cristãs inclusivas que fazem parte da historiografia de Goiás. Confirmamos vertentes paralelas que se iniciaram no Brasil, como, por exemplo, a vertente da Igreja da Irmandade, Tunker, que não foi inclusiva, porém lutou por uma inclusão de homossexuais. Essa igreja não teve filiais e tornou-se extinta.

Temos, ainda, de forma simultânea, o movimento que parte do pastor Neemias Mariehn, pertencente à Presbiteriana Bethesda, do Rio de Janeiro, que fundou na Universidade de São Paulo (USP) um grupo ligado à sua igreja, uma espécie de pastoral, denominado de Comunidade Cristã Gay, onde ele consagrou pastores. A partir dessa ação, origina-se uma raiz importante de igrejas inclusivas que é a Igreja Acalanto, talvez a linha que mais tenha se multiplicado em outras denominações. Essa

é considerada por muitos do meio inclusivo como a primeira igreja inclusiva oficial no Brasil. Além dela, há também a linhagem das igrejas Comunidade Metropolitana.

De forma isolada, vemos novas vertentes como a Metodista IPEG, que surge em 2016 e chega até Goiás, embora o seu fundador, Marvel Sousa, tenha passado por outras igrejas inclusivas em Brasília, como a Comunidade Athos e a Cidade de Refúgio. Temos também a raiz de igrejas em Aparecida de Goiânia, que se originaram de comunidades no estado de Minas Gerais, denominações essas que não tiveram ligação genealógica a outras denominações inclusivas anteriores.

Em 2008 é fundada a primeira igreja oficialmente inclusiva no estado de Goiás, denominada de Igreja Nação Ágape, com sede em Brasília, liderada pelo pastor Patrick Bonfim e, posteriormente, pelo pastor Edson Santana. Conforme Edson Santana (2020, s/p) afirma, “a nação Ágape passou a se reunir em locais públicos, como por exemplo o Cine Ouro durante muito tempo. Este trabalho logo acabou também, não sei precisar o ano, mas 2010 ou 2011”. A Igreja, de acordo com o pastor, tinha a visão de não ter templos e não se reunir em prédios. A denominação durou pouco tempo. Após passar por cisões, deu origem a outra igreja, chamada de Igreja IRIS, fundada pelo pastor Edson Santana. Não encontramos muitos registros da Nação Ágape e não conseguimos encontrar o pastor Patrick Bomfim. Conforme afirma Santana (2020, s/p),

Trabalhamos juntos até 2009, mas chegou um momento que houve divergências de pensamentos a respeito das doutrinas, e visão institucional da denominação. Meus pensamentos eram completamente diferentes do dele, e logo no início de 2009, houve a cisão, e o pastor Patrick Henrique Bomfim continuou com a Nação ágape em Goiânia sob a responsabilidade do Thiago Henrique e eu pastor Edson Santana iniciei o novo ministério como Igreja IRIS.

Dessa forma, constata-se que a segunda igreja a incluir homossexuais, oficialmente, tenha sido a Igreja IRIS, na cidade de Goiânia, no ano de 2009. Segundo a declaração de Edson Santana (2020, s/p):

Eu continuei com a Igreja IRIS no prédio da Av. Araguaia, no centro de Goiânia. A visão de nossa igreja sempre foi reunir nos lares com pequenos grupos, em 2011 tentamos novamente nos reunir em prédio fixo no setor vila nova, mas acabou tomando muito tempo e nos engessando, o Templo físico nos toma tempo e dinheiro, as despesas acabam saindo muito altas, percebemos que os gastos com a manutenção do prédio poderíamos utilizar

com investimentos em ação social. Assim nós desistimos deste formato e retornamos para o modelo de reunir nas casas.

Conforme a afirmação de Santana (2020), a Igreja IRIS seguiu a partir de 2009. Nessa época, a comunidade tentou, inicialmente, ter um templo físico para se reunir, mas, tempos depois, essa visão da instituição foi modificada e eles passaram a se reunir em locais públicos, abertos e até mesmo em pequenos grupos nos lares dos membros. Essa mudança na visão da Igreja nos remete a um retorno à estratégia semelhante ao da Igreja geradora do movimento, a Igreja Nação Ágape.

Desse modo, a terceira igreja oficialmente inclusiva existente no estado de Goiás foi a Igreja Athos & Vida/Caminho da Inclusão, que manteve suas atividades de junho de 2010 até fevereiro de 2018, presidida pelos pastores Fagner Brandão e Osvaldo Jefferson. A igreja em questão é a comunidade da qual o pesquisador foi fundador e atuante, como personagem da construção da história das igrejas inclusivas em Goiás. A Igreja Athos & Vida/Caminho da Inclusão tinha como posicionamento a vertente religiosa de estilo neopentecostal. Nesse sentido, na página oficial da igreja, que ainda permanece ativa na internet, é declarado que:

Ser uma Igreja Cristã, Protestante e Inclusiva que viva verdadeiramente os Athos & a vida de Cristo na terra, e leve vidas ao verdadeiro "CAMINHO DE INCLUSÃO", expressando em seus valores e princípios o amor a Deus e ao próximo, anunciando o Evangelho a toda criatura, sem fazer acepção de pessoas, levando a restauração e a cura dos corações pelo poder do Espírito Santo, bem como conduzir todas as pessoas a buscarem e desenvolverem a salvação em Jesus Cristo, o único e suficiente Salvador da humanidade. (CAMINHO DA INCLUSÃO, 2015, s/p)

Assim, conforme a explicação na página oficial da instituição, essa igreja teve como expressão religiosa ser protestante, inclusiva, neopentecostal e com a principal missão de apregoar o amor ao próximo a todas as pessoas, sem exclusão de ninguém. Em termos de crença, a comunidade expressou ser monoteísta, com a confissão de um só Deus, e cristã, com a confissão de um salvador que é reconhecido como sendo Jesus Cristo. Trata-se de um ponto em comum entre as igrejas evangélicas, de modo geral. A pesquisadora Ferreira (2016, p. 42) escreveu sobre essa instituição relatando o seguinte:

De instância eclesial cristã inclusiva, aberta a todos (assim, diz o pr. Fagner, junho/2014), esta igreja inclusiva nasce de uma necessidade pessoal

identificada pelo seu líder de encontrar uma experiência de fé que correspondesse à sua “orientação sexual” deste ritual desde que acreditassem em Cristo como salvador.

Conforme Ferreira (2016), essa igreja tinha como propósito a inclusão dos homossexuais e a tentativa de levar os indivíduos a terem uma experiência de fé com Deus, sem se preocuparem com sua orientação sexual. De acordo com Ferreira (2016), no que diz respeito à estrutura, a comunidade Caminho da Inclusão apresenta um modelo de organização semelhante ao de outras igrejas evangélicas tradicionais, formando-se a partir da hierarquia: membros, diáconos, presbíteros e pastores.

Assim como outras instituições, a Igreja celebrava o batismo por imersão nas águas e não batizava crianças. Além disso, cumpria o rito de eucaristia, a “ceia”, crendo na representação dos símbolos e elementos para apontamento de Cristo, permitindo a participação de todas as pessoas. Ferreira (2020) também afirmou que a comunidade tinha como bases primordiais a fé e os princípios voltados para a palavra de Deus. Nesse sentido, a pesquisadora também esclareceu o seguinte:

Características desta agência religiosa, a Igreja Cristã Caminho da Inclusão é de confissão Protestante e se autodenomina neopentecostal. É formada por cristãos que seguem os princípios da Sagrada Escritura, mas com uma característica particular denominada de Teologia Inclusiva – uma teologia que não condena a homossexualidade. (FERREIRA 2016, p. 43)

Assim, segundo Ferreira (2016), a Igreja declarou ter confissão protestante e neopentecostal, como já mencionado anteriormente. Dessa forma, a igreja crê na salvação de forma a se posicionar teologicamente a favor do pensamento Arminiano, pelo qual se crê na salvação para todos os seres humanos e livre arbítrio para escolher a salvação ou rejeitá-la. Ademais, é importante destacar que a instituição atuou na prática da ação social, por meio de atividades como distribuição de cestas, sopão aos moradores de rua, parcerias com casas de recuperação de dependentes químicos, entre outras atividades. Sendo assim, a Igreja Athos & Vida/Caminho da Inclusão contribuiu de forma relevante para o cenário de construção da história e identidade das igrejas inclusivas em Goiás. A partir de dissidências no interior administrativo dessa instituição, foram geradas outras denominações inclusivas no cenário do estado, conforme já detalhado no capítulo dois.

Diante disso, notamos que, inicialmente, houve três raízes de vertentes religiosas para as igrejas inclusivas em Goiás. Como precursora no âmbito da inclusão

dos homossexuais ainda no século XX, tivemos a Igreja da Irmandade, Tunker, do segmento Anabatista, fundada por Onaldo Pereira. Já no início do século XXI, no ano de 2008, tivemos a Igreja Nação Ágape, fundada pelo então pastor Patrick Bomfim, que tinha como berço ideológico a Igreja Comunidade Metropolitana do Brasil (ICM). E como terceira vertente tivemos a Igreja Athos & Vida, que foi originada da instituição de Brasília, Comunidade Athos, que antigamente se chamava Igreja Acalanto de Brasília.

Atualmente, a Igreja IRIS permanece em atividade, seguindo a direção da Igreja Nação Ágape e da ICM Brasil. Em relação à tendência da Igreja da Irmandade, do movimento Anabatista, não temos mais nenhuma igreja ou dissidência. No que diz respeito à linha de pensamento e crença advinda da Igreja Acalanto/Comunidade Athos de Brasília, houve o gerar das seguintes denominações: Igreja Templo de Adoração (2012), Igreja Conquista Plena (2013), Igreja Unidos em Cristo (2015), Comunidade Viver em Cristo (2015), Comunidade Aprisco (2016), Ministério Vida (2015).

Na mesma linhagem, a Igreja Conquista Plena passou por dissidências e originou a Comunidade Cristã Renascer (2016). Do mesmo modo, o Ministério Vida passou por dissensões e originou a Igreja Fire Church (2019). Temos agora no cenário uma nova vertente, que, já que estamos elencando tais aspectos, poderia ser considerada como a quarta tendência. Trata-se da Igreja Metodista IPEG, que tem origem nas Igrejas Metodistas Reconciliadoras, embora seus pastores dirigentes Marvel Sousa e Raphael Lira sejam oriundos da Comunidade Athos de Brasília.

Encontramos também igrejas que, por questões de desarmonias internas, mudaram o nome e a razão social, como, por exemplo, a Athos & Vida, que mudou para Caminho da Inclusão; o Ministério Vida, que passou a ser Aprisco Inclusivo; a Igreja viver em Cristo que, primeiro, mudou para o nome de Aprisco de Anápolis, posteriormente migrando para outra vertente confessional, tornando-se a Igreja Anglo-Católica.

Até aqui, traçamos as principais características e expressões das seguintes igrejas: Igreja da Irmandade, Igreja Nação Ágape, Igreja Athos & Vida/Caminho da Inclusão, que também já têm registradas suas participações na história da igreja inclusiva em Goiás por meio da análise de dados bibliográficos no capítulo dois.

Portanto, prosseguiremos falando das principais características e expressões religiosas das comunidades inclusivas de Goiás que participaram da entrevista e ainda não foram mencionadas. De agora em diante, falaremos sobre as igrejas Comunidade Renascer, Igreja Anglo-Católica, Igreja Jesus é o Amor, Igreja Metodista IPEG, Igreja IRIS. Vamos traçar um paralelo sobre as semelhanças e as diferenças entre essas comunidades, com base em declarações feitas pelos pastores.

Perguntamos aos líderes dessas instituições sobre qual o posicionamento da Igreja enquanto uma vertente inserida dentro do movimento de igrejas cristãs inclusivas. A Comunidade Renascer, por intermédio da pastora Mônica Souza (2020, s/p) declarou que:

Para ser uma igreja inclusiva acredito que seja necessário termos uma base maior de inclusão aos negros, deficientes visuais, deficientes auditivos, e tantas outras áreas da sociedade que são desprezadas. Somos Igreja inclusiva pelo fato de acolhermos todas as pessoas sem preconceito. Hoje temos moradores de rua que nos intitulam de “igreja diferente” que nos buscam para ajuda social e para o acolhimento pastoral, com orações e orientações. Incluímos a todas as pessoas, mas mantemos como base de fé a bíblia para os parâmetros.

Segundo Souza (2020), a Comunidade Cristã Renascer é uma igreja que se encaixa no movimento de igrejas inclusivas. Embora isso não conste na razão social da igreja, em suas páginas oficiais, a igreja declara o foco de inclusão da comunidade. Sendo assim, a própria pastora faz uma reflexão sobre acreditar que existam mais ações de inclusão, em um sentido geral e amplo da palavra, para alcançar de fato todas as pessoas marginalizadas na sociedade, não apenas o grupo LGBTI+.

Semelhantemente a isso, o padre Bertoni, da Igreja Anglo-Católica, declarou que são cristãos, tendo Jesus como o Cristo e a Bíblia sagrada como regra básica de fé. Desse modo, ele também explicou melhor sobre o posicionamento da instituição quanto ao movimento de igrejas inclusivas. Conforme Junior (2020, s/p),

nossa Diocese caminha em via média, isto é, na realidade Católica Reformada. Somos, ainda, uma Diocese Inclusiva e Ecumênica, realizando, inclusive, Casamento Igualitário e Diálogo com outras Denominações Cristãs e não-Cristãs. Somos uma Comunidade Inclusiva pertencente à Diocese Anglicana de Anápolis, cuja missão é incluir efetivamente a Sociedade LGBT na pastoral e vida da Igreja.

Junior (2020) exemplifica que a diocese Anglo-Católica de Anápolis é inclusiva por aceitar os homossexuais como parte da membresia e do clérigo, sem a necessidade de mudança em sua orientação sexual. Seguindo essa mesma perspectiva, Rejane Gonçalves (2020, s/p), da Igreja Jesus é o Amor, explicou que a comunidade à qual ela pertence

é uma igreja evangélica inclusiva, sem fins econômicos, fundada em 22 de setembro de 2019, cuja sede se encontra na cidade de Belo Horizonte – MG. Tendo seus pastores presidentes: Pr. João Carlos André Conceição dos Santos (Presidente) e Pra Eliane André Pereira Conceição dos Santos (vice-presidente). Tem por finalidade manter agências de missões em vários países bem como em todo território nacional da República Federativa do Brasil. Adotamos como preceitos, a não discriminação de raça, cor, sexo, orientação sexual ou religião. Os pastores presidentes mantêm na sede o livro Ata e o Regimento Interno. A igreja de Aparecida de Goiânia é uma filial da Igreja de Belo Horizonte – MG.

Assim sendo, Rejane Gonçalves explica que a Igreja era de características Evangélicas e inclusivas. Inclusiva por não fazer distinção entre cor, raça, sexo ou orientação sexual. Além disso, a igreja também se considera parte do movimento de igrejas inclusivas, pois o público LGBTI+ pode compor o corpo de membros e participantes, sem que haja a necessidade de mudarem suas orientações sexuais. Ademais, a igreja possuía uma visão de não promover discriminação ou preconceito, mas acolher a todas as pessoas. A pastora também afirmou que a igreja é inclusiva por

receber e abraçar a todas as pessoas que chegam a nossa denominação, com o amor e o carinho que devem ser tratados indiferente se são heteronormativo ou homoafetivos. Mostrando dentro da própria Bíblia que Deus os aceita como são e que a homossexualidade não é pecado desde que não se confunda com permissividade. (GONÇALVES, 2020, s/p)

Dessa forma, Rejane Gonçalves (2020) confirma que a igreja se declara inclusiva por acolher as pessoas sem enxergar suas orientações sexuais como barreiras, mas como forma de incluí-las como parte da instituição. Assim como em outras denominações, a comunidade tem a Bíblia como principal orientadora das doutrinas e condutas morais e religiosas para a vida de cada pessoa integrante da instituição.

O Reverendo Marvel Sousa, da Igreja Metodista IPEG, declara-se pertencente ao movimento de igrejas inclusivas por acreditar na inclusão dos homossexuais como parte da igreja e na promoção dessa aceitação. Porém, ele destaca que não se trata de uma comunidade exclusiva para esse público, pois seus membros e líderes procuram incluir também outros segmentos que estejam marginalizados.

Quando dizemos no Brasil somos uma igreja inclusiva automaticamente entende-se que somos uma igreja exclusiva para LGBTI+, ou seja, até pouco tempo igreja inclusiva é sinônimo de igrejas gays. Mas quando dizemos que somos uma igreja reconciliadora estamos querendo dizer que somos uma igreja aberta não só para os LGBTI+, mas também as pessoas não brancas, espaço das mulheres, que tanto nos EUA quanto no Brasil são lutas intensas por desigualdades e direitos. (SOUSA, 2020, s/p)

Para ele, o termo igreja Inclusiva no Brasil virou sinônimo de Igreja Gay. Contudo, os membros de sua comunidade preferem ser chamados de reconciliadores, nomenclatura que atualmente tem se tornado comum também nas igrejas dos Estados Unidos. Nesse sentido, Marvel Sousa (2020, s/p) explica melhor a ideia afirmando que

nós usamos o termo Igreja de Inclusão Eclesial Plena. Porque o movimento só pode se dizer inclusivo se em algum momento ele excluiu. Uma igreja como a nossa nunca excluiu ninguém, então somos uma igreja de portas abertas. Muitas igrejas que se dizem inclusivas atualmente não exercem a inclusão plena. Podemos perceber isso quando chegamos a inclusão real das letrinhas como Trans, Travesti. Parece que aceitam até certo limite, como se fosse eu te incluo até a página dois. Não existe uma inclusão eclesial plena de fato. Acabam sendo igrejas exclusivas que ainda excluem determinados grupos do movimento LGBTI+.

Assim, o termo mais adequando, segundo Sousa (2020), é Inclusão Eclesial Plena, porque a Igreja Metodista IPEG nunca excluiu ninguém para se denominar como inclusiva, ou seja, eles são uma igreja de portas abertas a todas as pessoas. Para ele, muitas igrejas que se declaram inclusivas são na verdade grupos exclusivistas e que excluem pessoas da própria comunidade LGBTI+, como no caso das transexuais.

Edson Santana (2020), da Igreja IRIS, por sua vez, declarou que sua expressão de fé está direcionada da seguinte forma:

Considero a Igreja IRIS como uma igreja inclusiva, no próprio nome já deixamos de forma bem clara. Eu vejo que não é somos uma igreja diferente, somos abertos a todas as pessoas inclusive aos hetero, hoje temos um pastor

gay na direção, amanhã podemos ter um pastor hetero. Hoje temos um praticamente um empate de heteros e homossexuais dentro da membresia. (SANTANA, 2020, s/p.)

Santana (2020) afirma, então, a Igreja IRIS declara ser uma igreja oficialmente inclusiva e se orgulha disso, deixando tal aspecto claro no próprio nome da instituição. Entre a membresia, segundo o pastor, há a mesma proporção de membros heterossexuais e homossexuais.

Sendo assim, essas quatro denominações religiosas, embora diferentes em suas visões doutrinárias, possuem a mesma característica de se enquadrarem no movimento de igrejas cristãs inclusivas. Isso pode ser comprovado por meio das declarações que explicam seu aspecto de comunidades inclusivas por incluírem aquele que foi excluído das igrejas tradicionais, no caso o público LGBTI+. Importante ressaltar também que, no caso de algumas denominações, o termo “inclusivo” exige um pouco mais de reflexão. Mônica Souza, por exemplo, afirma ser essencial ainda discutir a amplitude do termo “Inclusiva”, enquanto Marvel Sousa disse que para ele o termo mais adequado seria o que a Metodista segue atualmente ao declarar “Inclusão Eclesial Plena”.

Outro ponto abordado pelo questionário foi em relação ao posicionamento das igrejas dentro das vertentes do cristianismo. Quanto a isso, a pastora Mônica Souza declarou manter como base de sua igreja a fé na Bíblia para nortear os parâmetros de doutrinas da igreja.

Ser uma Comunidade cristã viva, protestante e inclusiva, pautada na palavra de Deus, na exposição da Bíblia, adorando, servindo e obedecendo a Deus, sem fazer acepção de pessoas, tendo cada membro comprometido com o crescimento do reino de Deus, com a excelência dos ministérios e com a comunhão entre os irmãos. (SOUZA, 2020, s/p)

Souza (2020) explica que a comunidade se identifica como protestante e inclusiva ao mesmo tempo, tendo como base a Bíblia e a fé evangélica. Desse modo, a instituição tem como objetivo levar as pessoas a terem um comprometimento com a fé e a exercerem seus talentos de forma que contribuam com o crescimento da fé cristã inclusiva no mundo. A pastora ainda pontua como a igreja se posiciona teologicamente e afirma ser esse seu principal ponto diferenciador das demais igrejas inclusivas em Goiás.

Somos hoje em Goiânia a única igreja de confissão teológica calvinista. A maioria das pessoas que chegam a nossa igreja são oriundos de igrejas com confissão teologia arminiana, então, temos um grande trabalho de convencimento e estudos do nosso posicionamento teológico calvinista. Exigimos que os líderes de nossa igreja tenham este conhecimento teológico da visão calvinista em seus principais pontos, da eleição, da soberania de Deus, dos conflitos do não perder a salvação, do livre arbítrio. (SOUZA, 2020, s/p)

De acordo com Souza (2020), o posicionamento da igreja é de origem teológica calvinista, com base em sua trajetória pessoal de fé no movimento calvinista presbiteriano. Ela relata também que muitas pessoas, ao chegarem à igreja, não compreendem ainda essa diferença teológica que existe em suas doutrinas. A Igreja promove, então, estudos para elucidar tais diferenças teológicas quanto à interpretação da Bíblia e da fé cristã.

Quando Souza (2020) afirma acreditar ser a única denominação inclusiva de confissão calvinista em Goiás, ela mostra desconhecer a confissão de fé da Igreja IRIS, que também se declara calvinista. Segundo o pastor Edson Santana (2020, s/p), “cremos na confissão teológica Calvinista. Então cremos que a salvação é por predestinação. Consideramo-nos protestante, evangélica”. Portanto, a partir da afirmação de Edson Santana, ambas as comunidades são pertencentes à confissão calvinista.

De acordo com Santana (2020, s/p), em relação à sua comunidade:

Batismo acontece nas águas por imersão, não batizamos crianças. As crianças são apenas apresentadas a igreja para consagração. A Ceia, nós cremos ela é aberta a todos, é inclusiva de fato, todos podem cear, até mesmo as crianças, pessoas batizadas ou não batizadas. ...sabemos que acontece o sexo antes do casamento, sabemos que existe as uniões sem registros no cartório ou sacramentação religiosa. Não exigimos isso das pessoas, apenas exigimos fidelidade, e a não promiscuidade. Incentivamos a questão do casamento no civil ou ao menos a união estável por questão dos direitos legais mesmo.

Marvel Sousa (2020), por sua vez, afirma que a Igreja Metodista IPEG tem a visão afirmativa que, segundo o pastor, significa que

as pessoas precisam passar pelo processo de desconstrução teológica, porque por muito tempo foram ensinadas que não eram dignas, que não podiam permanecer na fé, e o exercício da fé era limitado. Afirmativa porque essas pessoas passariam agora a professar uma nova doutrina, uma nova fé, e dentro desta nova fé, os termos utilizados são os termos afirmativos, por isso nos nossos cultos nós estimulamos as pessoas a repetirem versículos bíblicos como por exemplo: “O Espírito de Deus se comunica como nosso espírito”, usamos termos como “filhos e filhas de Deus”, fazendo assim com

que as pessoas verdadeiramente se sintam motivadas e parte daquele movimento. (SOUSA, 2020, s/p)

Para Marvel Sousa (2020), a Metodista IPEG tem a visão afirmativa e se fundamenta no processo de desconstrução das bases teológicas dos indivíduos, com o objetivo de fazer com que eles se sintam aceitos pelo evangelho, uma vez que foram ensinados por muito tempo que eram excluídos desse mesmo evangelho. Esse termo “afirmativo” surge pelo fato de que agora as pessoas precisam declarar essa afirmação de inclusão e salvação pregada pela igreja. Além disso, o pastor afirma ainda que, na liturgia dos cultos, é muito comum as pessoas serem estimuladas a repetirem os versículos bíblicos que afirmam suas inclusões e direitos creditados na Bíblia. Ele acredita que esse seja um método de estímulo e motivação para as pessoas que frequentam sua comunidade.

Nesse contexto, o reverendo Marvel Sousa também aborda a conexão dessa vertente metodista com as outras igrejas Metodistas ao redor do mundo e do Brasil.

Dentro desta linha de trabalho afirmativa, foram surgindo outras afirmações de trabalho como a comunhão aberta, que significa dizer que hoje se eu entrar numa metodista brasileira, mesmo não fazendo parte dela e mesmo sendo homossexual casado se eu quiser participar da ceia ninguém pode me impedir. (SOUSA, 2020, s/p)

Sousa (2020) explica, então, que a linha afirmativa permite o que eles do segmento chamam de Comunhão aberta das igrejas Metodistas, no sentido de que, pelo simples fato de serem de fé Metodista, os indivíduos podem participar dos ritos e sacramentos de qualquer outra igreja Metodista sem serem impedidos, mesmo aqueles que são homossexuais. Para explicar melhor, ele afirma que

a Igreja Metodista Brasileira institucional é totalmente independente e não tem ligação doutrinária com nenhuma outra metodista. Por isso nós usamos o termo que fazemos parte do movimento metodista, por existir uma linha teológica que é ensinado inclusive dentro das igrejas fundamentalistas que o metodismo não é uma instituição. (SOUSA, 2020)

Marvel Sousa (2020) explicita que as igrejas da vertente Metodista são independentes e geralmente não têm uma ligação institucional hierarquizada. Pelo fato de usarem o nome Metodista, representam uma confissão de fé e de doutrinas

com base histórica do Metodismo⁸, a partir de John Wesley, logo, considerando-se parte do mesmo movimento. O reverendo deixou claro que as outras Igrejas Metodistas no Brasil ainda não aceitam os homossexuais como parte do rol de membros ou clérigos. Nessa perspectiva, ele explica que “depois dessa discussão sobre a comunhão aberta, passou a se falar sobre os elementos que já existiam dentro do movimento metodista e já eram abertos e poderiam se tornar elementos inclusivos” (SOUSA, 2020, s/p). Sendo assim, a Igreja entendeu a questão que gira em torno da comunhão aberta e passou a ter essa ligação dentro do movimento metodista, mesmo que ainda haja pontos doutrinários diferentes em relação a outros quesitos.

Diante disso, Marvel Sousa (2020) aponta que a Igreja Metodista tem suas bases teológicas bem alinhadas ao movimento metodista mundial e que se fortalece a cada dia em sua identidade teológica, possuindo, porém, uma boa relação com as outras denominações e religiões. A respeito disso, ele trata da ideia de conciliação.

Conciliação porque nós devemos desenvolver a capacidade de um diálogo inter-religioso, nós conciliamos as coisas, nós não separamos. Então conversamos com os católicos, dialogamos com os espíritas, dialogamos com os umbandistas ou com qualquer que seja a religião. Não é o ecumenismo, é um diálogo inter-religioso, nós não unimos as doutrinas, pelo contrário nós procuramos, prestar atenção naquilo que nos une não no que nos separa. (SOUSA, 2020, s/p)

O reverendo declara, então, que a Igreja acredita no que eles chamam de Reconciliação e Conciliação, que são conceitos que consideram a capacidade de manter uma boa relação e um diálogo de respeito com as outras religiões. Isso, contudo, não significa fundir as doutrinas e crenças, como seria no caso do ecumenismo, mas respeitar e entender as diferenças que existem entre umas e outras. Como ele mesmo diz, é preciso focar naquilo que é comum entre as crenças e respeitar o que é diferente, sem necessariamente praticarem as mesmas coisas.

Desse modo, no que concerne ao termo Reconciliação, para a igreja, trata-se da representação da missão da igreja em levar as pessoas a se religarem ao Deus Criador. Sendo assim, Sousa (2020, s/p) explica que

⁸ O metodismo - foi um movimento e hoje em dia é uma Igreja - surgiu na Inglaterra do século 18 como fruto da reflexão de um grupo de jovens estudantes. Inconformados com a situação de exclusão sócio-econômica de seu país e com os rumos da espiritualidade da Igreja oficial (Anglicana Episcopal). Em 1730, surgiu oficialmente o chamado "Clube Santo" João Wesley, seu irmão Carlos, William Morgan e Bob Kirkham começaram a reunir-se em Oxford para estudar juntos, organizando uma pequena sociedade. Na realidade, João Wesley não desejou fundar uma nova Igreja ou denominação. Fonte: (<http://portal.metodista.br/pastoral/reflexoes-da-pastoral/tradicao-metodista>)

a Reconciliação passa a ser exercida no sentido de levar as pessoas até Deus, primeiro a Cristo e depois a Deus. De forma abrangente passa a trabalhar com três fundamentos da reconciliação, que são: Todo ser humano precisa se reconciliar consigo mesmo, ou seja, uma resolução interna, eu preciso estar bem com o que eu sou, estar bem com a criação que Deus fez, ou seja, estamos falando da aceitação.

De acordo com Marvel Sousa (2020), a Igreja entende que a reconciliação do homem com o Deus criador é necessária e é uma missão da instituição. Desse modo, há a crença de que o ser humano precisa se reconectar consigo mesmo e passar por um processo interno para, em seguida, se reconectar com as outras pessoas e, por fim, com a divindade estabelecida. Para o reverendo, chegar ao estágio de estar bem com o próximo já significa ter encontrado Deus, pois é por meio da comunhão que Ele se revela.

De acordo com a exposição de Eudlon Junior/Padre Bertoni (2020), o segmento ao qual é filiado possui apenas uma denominação em todo o país, a que é presidida por ele, na cidade de Anápolis, embora trabalhem em parceria e irmandade com outras igrejas anglo-católicas e Anglicanas de outras províncias. O padre explica que existem diversas vertentes das Igrejas Anglicanas e Católicas, que são geralmente chamadas de províncias. Padre Bertoni também esclarece que

a Diocese Anglicana de Anápolis iniciou legalmente amparada pelas leis civis brasileiras, está constituída como jurisdição canônica, atualmente vacante quanto à sua liderança episcopal por tempo indeterminado, e está vinculada afetiva e espiritualmente à igreja irmã, Diocese do Rio de Janeiro da Igreja Anglicana Renovação em Amor, cujo bispo presidente é Dom Jefferson Anselmo Júnior, que neste período de vacância responde como nosso “Pai espiritual” e “Pastor”, e também legalmente nos ampara até a posse do bispo diocesano em Anápolis, e está filialmente subordinado à direção da Igreja Mãe em Cantuária, na Inglaterra. (JUNIOR, 2020, s/p)

Segundo Junior (2020), a Diocese Anglo-Católica se constitui legalmente, amparada pelas leis e regras exigidas pelo país. No momento atual, a instituição encontra-se temporariamente sem a figura de um bispo. Em termos de vínculo, a comunidade estabelece parceria com a Diocese do Rio de Janeiro, tendo, assim, essa igreja como uma espécie de “Igreja mãe” aqui no Brasil, que também está legalmente filiada à igreja maior na Inglaterra. Padre Bertoni explica que assumiu a diocese após o fundador reverendo padre Rafael ter renunciado a comunhão com a igreja e ter se

filiado a outra província e outro segmento católico, no estado de Minas Gerais. Conforme ele mesmo explica:

O Rev. Pe. Rafael Mendes Martins foi Vigário Episcopal, e residia na cidade de Anápolis, o qual responde em todo o território diocesano legal e canonicamente pela Diocese de Anápolis em todo o período de vacância. Mais tarde ele renunciou e passou o comando para mim Eudlon, então chamado de Padre Bertoni. (JUNIOR, 2020, s/p)

Ainda de acordo com padre Bertoni, esse processo em que ele assumiu o comando da diocese se deu de forma natural para a comunidade de seguidores. Contudo, ficaram em vacância alguns lugares na estrutura da igreja. Segundo ele:

Somos uma Igreja que Acolhe a Todos. Somos Anglicanos na Teologia e Rito. Somos Católicos na Tradição Fé. Somos Cristãos. Acreditamos que a Bíblia Sagrada contém toda a revelação necessária para que a humanidade alcance vida plena e é suficiente para reger as consciências em matéria de fé e moral. Toda a nossa doutrina e liturgia sustentam-se nela. (JUNIOR, 2020, s/p)

Conforme o padre explicita, a diocese Anglo-Católica é uma igreja preocupada em aceitar todas as pessoas. Além disso, a instituição tem características que se enquadram nas expressões religiosas de confissão Anglicanas principalmente no que concerne à parte teológica e aos ritos, porém, suas tradições se encaixam na confissão católica.

A partir da leitura e análise das declarações, encontramos semelhanças e diferenças entre as doutrinas e dogmas seguidos pelas instituições. Conforme a pastora Mônica Souza (2020, s/p),

a visão acredita que Deus tenha a soberania e tem misericórdia de uns e de outros não, ou seja, existem pessoas que são predestinadas a serem salvas e outras pessoas predestinadas a não serem salvas. É um dos principais pontos doutrinários que nos diferenciam das outras igrejas inclusivas em Goiânia.

Souza (2020) explica que os principais pontos do calvinismo que se colocam como diferenciais são as questões que envolvem a salvação. O calvinismo acredita na salvação por predestinação Divina, pela qual as pessoas não têm o livre arbítrio na escolha pela salvação. Existem pessoas predestinadas à salvação e pessoas predestinadas à perdição eterna. Como ela mesma diz, o conflito está entre o calvinismo e o arminianismo, um ensina que as pessoas podem perder sua salvação, o outro que todos podem ser salvos mediante o livre arbítrio.

Padre Bertoni, por sua vez, afirma que sua denominação segue os Credos Apostólicos e Niceno, que são credos inscritos pela Igreja Católica e constituem a confissão normativa da fé católica. No entanto, ele afirma que, quanto aos sacramentos, eles seguem os da Igreja Anglicana.

A Igreja Anglicana é uma Igreja Sacramental. Professamos o Batismo e a Eucaristia como legítimos sacramentos ordenados e instituídos por nosso Senhor e são, portanto, instrumentos da graça salvífica de Deus. Os demais gestos sacramentais têm seu valor histórico e simbólico, e produzem, na medida da fé, os frutos da graça santificante de Deus, são eles: a Confissão, a Crisma, a Ordem, o Matrimônio e a Unção dos enfermos. (JUNIOR, 2020, s/p)

Ainda conforme o padre Bertoni, a instituição segue os sacramentos principais conforme a tradição Anglicana, que se diferenciam em pequenos detalhes da tradição Católica. Desse modo, ele reafirma que a denominação segue, portanto, princípios do Anglicanismo e de toda a comunhão Anglicana, à qual eles pertencem espiritualmente, mas não juridicamente.

Rejane Gonçalves (2020, s/p), da Igreja Jesus é o Amor, afirmou que as principais crenças da comunidade são: “Acreditar em Deus, Jesus Cristo e no Espírito Santo: Não acreditar em nenhuma outra santidade ou ídolo. Batismo por imersão, Santa Ceia. Casamento igualitário, união estável ou o equivalente”. Ou seja, a igreja é Cristã por ter Jesus como Cristo, messias e salvador, acredita de forma evangélica na abolição de santos e outros ícones sagrados, tem o batismo por imersão nas águas e celebra a eucaristia como sendo o rito da santa ceia.

No que diz respeito à vida social/secular dos membros, em relação a frequentar bares, consumir bebidas alcoólicas etc., perguntamos aos líderes sobre qual é o posicionamento da igreja nesse quesito. Mônica Souza (2020) relatou que a opinião da Comunidade Renascer no que concerne à vida secular e social dos membros é o seguinte:

Não vemos a vida social secular, como ida a bares, boates, como um pecado, o problema é estar ali e deixar que situações do ambiente possa influenciar negativamente a vida da pessoa. Achamos difícil a pessoa se manter pura nestes ambientes. Frisamos que cada um tem o seu próprio limite, e sua consciência. Mas cremos como a bíblia diz que: Tudo me é lícito, mas nenhum tudo me convém. Se um membro quer continuar com essa prática de vida social ele pode. Mas um líder não conseguira conciliar essa vida social, porque acredito que não convém a um cristão. (SOUZA, 2020, s/p)

Para Souza (2020), os membros são livres para consumirem e participarem das coisas seculares, como bares, bebidas, festas, músicas, danças etc. A igreja não proíbe nem classifica tais circunstâncias como pecado, mas orienta sobre os riscos que as envolvem, como influências, vícios, dependências, entre outras questões. Como ela mesma descreve,

a bebida alcoólica, não consideramos o ato de beber como pecado e sim o embriagar, ou seja, o pecado está no excesso, no vício. Já o cigarro e as drogas consideramos algo que promove o vício de forma mais intensa e prejudicial. Não obrigamos ninguém a deixar, mas incentivamos a conscientização dos prejuízos causados por eles. (SOUZA, 2020, s/p)

Diante desses assuntos, Souza (2020) afirma que incentiva as pessoas a se conscientizarem a respeito de todos os prejuízos, em termos de saúde e moral, que podem ser causados à vida do indivíduo por conta dos vícios. Além disso, ela foi categórica ao dizer que um líder, em sua igreja, não é aconselhado a estar em lugares e/ou praticar ações que possam prejudicar a conciliação de suas atividades na igreja e causar possíveis escândalos para a fé cristã.

Marvel Sousa (2020, s/p), a respeito disso, afirmou que: “Nós trabalhamos que a igreja não pode construir um diálogo por meio do conflito e do contraditório. Trabalhamos com um relacionamento conciliador com a sociedade, a exemplo disso, nos envolvemos com os movimentos sociais”. Sendo assim, eles valorizam esse respeito para com as outras religiões, bem como em relação aos movimentos sociais que lutam em prol das militâncias LGBTI+. Portanto, em sua denominação, Sousa busca usar esses momentos a favor dos objetivos da comunidade. Ele explica, por exemplo, que no “Carnaval, nós vamos para a rua ver como está acontecendo e tentamos influenciar este ambiente de forma positiva. Bem como na Parada Gay, vamos para as ruas contribuir no sentido político e social” (SOUSA, 2020, s/p). Desse modo, percebemos que, do ponto de vista dele, não se trata de proibir as pessoas de frequentarem tais eventos, mas de trazer para tais circunstâncias um aspecto diferente.

A respeito da vida social dos membros em relação a bebidas alcoólicas, bares, boates, entre outros, a instituição se posiciona de forma a deixar a pessoa livre para decidir o que acha melhor para o seu corpo, cumprindo um papel de orientação sobre os benefícios e prejuízos. Conforme Sousa (2020, s/p),

a Bebida alcoólica acreditamos que não existe proibição bíblica alguma a respeito do consumo e sim do excesso. Está mais ligado ao fato do vício, da dependência em si. Assim poderíamos aplicar este ensino ao cigarro também. Promovemos ensino a cerca disto, para mostrar que existem culturas diferentes, mesmo dentro das igrejas.

Nesse sentido, Marvel Sousa (2020) aponta que para as bebidas alcoólicas, cigarros e drogas a orientação óbvia é que os vícios e dependências são prejudiciais e que existem outras culturas religiosas que não veem isso como problema. Desse modo, a igreja promove o ensino de que a pessoa precisa realizar uma autoavaliação e respeitar a decisão do outro, considerando tais diferenças ideológicas. Ademais, o pastor afirma que até mesmo que no rito de Santa Ceia a comunidade o faz com vinho, que contém álcool. Nesse sentido, a igreja tenta

promover um ambiente com que a pessoa não se sinta coibido de consumir uma bebida por estar perto do pastor ou da comunidade da igreja, mas sim que tenha conscientização da questão do excesso, do vício etc. Não podemos demonizar as coisas, sabemos que o problema está na questão até mesmo médica de uma dependência química. Não podemos impedir uma pessoa de sua salvação por conta de uma bebida. Orientamos que as pessoas que tenham a questão patológica da vício do álcool não use, e se você pensa que não deve, também não utilize. Em nossas festas, eventos oficiais não usamos bebidas alcoólicas, porque não sabemos se existe alguém ali que tenha a patologia da dependência do álcool. Mas não proibimos que se consuma as bebidas alcoólicas. (SOUSA, 2020, s/p)

De acordo com Marvel Sousa (2020), a Metodista IPEG se preocupa em promover uma orientação acerca dos vícios e dependências químicas por meio de ensinamentos, cursos etc. Além disso, a comunidade procura estabelecer uma cultura em que o membro se sinta à vontade para ser ele mesmo, estando ele perto ou longe dos pastores e líderes. Segundo ele, tais comportamentos não são vistos pela igreja como pecado ou algo que exclua o indivíduo da salvação. Nessa perspectiva, a instituição se preocupa em apenas preservar a postura de que, nas festas oficiais da igreja, não tenham o uso das bebidas com álcool em respeito às pessoas que possam ter algum tipo de patologia.

Edson Santana (2020), no contexto de sua denominação, afirma o seguinte:

Sobre a vida social dos membros em bares, boates entre outros, nós apenas perguntamos qual a motivação de estarem ali. Gosto de festas, é uma questão cultural também, cuidamos para que não escandalizem também os outros mais fracos na fé. Acho uma hipocrisia de muitos líderes religiosos e igrejas que proibem, porque é um peso muito grande sobre as costas dos membros e deles mesmo. (SANTANA, 2020, s/p)

Para Santana (2020), trata-se de hipocrisia igrejas e líderes proibirem que os membros participem de eventos que são culturais em nossa sociedade e, assim, privá-los de terem uma vida social externa ao mundo da igreja. Considerando isso, a Igreja IRIS não impede que seus membros façam uso de bebidas alcoólicas e/ou frequentem bares, além de outros locais diversos, a comunidade apenas orienta sobre as reais motivações de estarem ali e sobre os riscos a que os fiéis estão expostos, como os vícios.

Além dessas questões relacionadas à vida social e secular dos membros, perguntamos também a respeito de como as igrejas se articulam, no que se refere aos dogmas e suas interpretações, quando o assunto envolve sexo, namoro e casamento. Mônica Souza (2020, s/p) se posicionou a respeito do assunto da seguinte forma:

Entendemos que o sexo seja pecado a partir do momento que ele é praticado de forma livre, desenfreada, com promiscuidade. Orientamos que o sexo aconteça no momento certo em que se conheça de fato a pessoa e já tenha um objetivo futuro do relacionamento com a intenção de compromisso e casamento. O sexo fora de um compromisso é considerado por nós como uma promiscuidade.

Souza (2020) diz que a igreja não proíbe o sexo nem o rotula como pecado. Além disso, para ela, não se trata de acontecer antes ou depois do casamento. O que a Igreja classifica como pecado é o sexo feito como promiscuidade, fora de um relacionamento de compromisso e sem objetivos de amor. Nessa mesma linha de pensamento, Souza (2020, s/p) também afirma que a Igreja considera casamento os seguintes tipos de relacionamentos:

Casamento nós consideramos que a partir do momento que a pessoas está morando junto, já estão casadas. Assim como para sociedade é a união estável, nós já definimos que é um casal. Incentivamos o casamento civil por conta dos direitos legais que são garantidos na lei do nosso país. A cerimônia religiosa não é tanto uma prioridade, é uma opção, basta uma benção. Mas incentivamos que seja feita para questão mesmo de um bom testemunho dos familiares e sociedade no geral.

Mônica Souza (2020) aponta que na Comunidade Cristã Renascer são consideradas casadas todas as pessoas que decidem viver juntas, dividindo o mesmo lar. Sendo assim, não lhes é exigido que seja feito o casamento no civil para oficializar a união, no entanto, a denominação orienta que é importante tal oficialização para que haja garantias de direitos cabíveis nas leis do nosso país, como, por exemplo:

heranças, bens materiais, planos de saúde, pensões etc. A cerimônia religiosa é apenas aconselhada, como uma bênção, deixada como opção para os nubentes, sendo até mesmo realizada como uma simples oração sobre o casal. Ela reforça que esses acabam sendo protocolos para um bom exemplo diante da sociedade e da família tradicional brasileira, porém existem muitos casais que não têm esse desejo ou não têm condições financeiras para esses atos.

O reverendo Marvel Sousa (2020, s/p), no que diz respeito aos dogmas que envolvem casamento e sexo afirmou o seguinte:

Nosso ensino sobre o casamento é que todos têm o direito do exercício da fé e isso significa que também da constituição do casamento. Não temos nenhum tipo restrição de quando o sexo vai acontecer, não trabalhamos isso, ensinamos quando o sexo vai acontecer, cremos que não exista uma constituição bíblica fechada que fala sobre isso. O ensino bíblico sobre o casamento e sexo é extremamente fundamentalista. Hoje não temos mais relacionamento no formato do tempo bíblico e não há necessidade disso. Então trabalhamos como o sexo vai acontecer que está mais próximo do sentido de promiscuidade e compromisso.

De acordo com o reverendo, a Metodista IPEG ensina que o casamento é um direito concedido a todos, ou seja, homossexuais e heterossexuais. Quanto ao sexo, a igreja não regula quando o ato deve acontecer ou deixar de acontecer, apenas busca orientar sobre os cuidados que são necessários nessa circunstância, mas cada pessoa é dona do seu próprio corpo. Nessa perspectiva, a Igreja acredita que não há base suficiente para se criar regras acerca do sexo antes ou depois do casamento, nem mesmo para estabelecer padrões para um namoro. Para ele, o mundo hoje é contextualizado de uma forma muito distante do tempo da vivência e escrita da Bíblia.

Outro ponto que consideramos no questionário diz respeito ao que as igrejas consideram como principais aspectos doutrinários e como elas veem os elementos mais relevantes que compõem como base o rito, o mito e a liturgia nas igrejas cristãs. Quanto a isso, Mônica Souza (2020) expressa que suas principais doutrinas religiosas, como o rito da Santa Ceia e do batismo, além da crença na vida após a morte, estão em acordo com as igrejas evangélicas tradicionais, em alinhamento com a teologia calvinista.

Entendemos que o batismo por imersão, e só fazemos novamente se a pessoa tiver vindo de outras religiões como a católica e outras não cristãs. Batizamos a partir de 12 anos e não batizamos crianças. As crianças são apresentadas no altar da igreja com oração e declaração dos pais. (SOUZA, 2020, s/p)

Mônica Souza (2020) explica que, na Comunidade Cristã Renascer, o batismo é realizado por imersão nas águas e não por aspensão ou efusão, como em outras denominações religiosas tradicionais e até calvinistas. Esse tipo de batismo exige apenas que a pessoa tenha condições de entender a crença sagrada de vida e morte de Cristo como Salvador e Messias. Feito isso, o indivíduo está apto a se batizar. A denominação define que a idade ideal para o batismo seja acima dos 12 anos, pois assim já é possível que a pessoa tenha uma determinada maturidade. Menores de 12 anos são apenas apresentados no altar para uma oração de consagração específica. No que concerne à crença e à celebração em torno da eucaristia, ou seja, da Santa Ceia, Souza (2020, s/p) destaca que

a Santa ceia é um memorial do que Cristo já fez por nós ali na Cruz. Celebramos nós entendemos que essa ceia é aberta a todos, mesmo que você não seja membro da igreja, ou não seja batizado, você pode participar. Desde que você entenda e acredite que Jesus morreu na cruz para nos salvar e que vai voltar você está apto a participar.

Desse modo, segundo Mônica Souza (2020), a Santa Ceia é vista pela comunidade como apenas um referencial de memória, lembranças do que Jesus, tido como o Cristo, o Messias, realizou em seu sacrifício de morte na cruz e ressurreição. Essa cerimônia é livre para todas as pessoas que queiram participar, com o requisito de acreditarem no que estão realizando. Continuando, ela também elucida sobre como a Comunidade se posiciona em sua expressão sobre a vida após a morte. Segundo a pastora, não há a crença em reencarnações, como outras doutrinas acreditam existir. Eles apenas acreditam na ressurreição em Jesus e em sua segunda vinda a este mundo.

A Igreja Metodista, a esse respeito, afirma o seguinte:

Trabalhamos com doutrinas fundamentais, que são Graça, Amor, Reconciliação, conciliação. Trabalhamos a fundamentação doutrinária da salvação, fé, e santificação posicionada e progressiva. Também a Graça que manifesta de forma preveniente, justificadora, santificadora, todos os tipos da graça que o metodismo iluminou a teologia desde o século XVIII. E trabalhamos com a comunhão aberta a todas as pessoas. (SOUSA, 2020, s/p)

Conforme o reverendo Marvel Sousa (2020) aponta, as principais doutrinas da Igreja Metodista IPEG estão fundamentadas nos pilares da Graça, do Amor, da

Reconciliação e da Conciliação. Nesse sentido, a base de sustento dessa declaração de fé está na compreensão da salvação, fé e santificação que são posicionamentos progressistas e afirmativos que a igreja adotou. Por conseguinte, há a crença na comunhão para todas as pessoas, ou seja, na inclusão das pessoas na igreja.

Em seguida, o reverendo Marvel Sousa (2020) ainda relata fatos interessantes acerca dos dogmas e das doutrinas, como os sacramentos, que geralmente diferenciam uma vertente da outra dentro do cristianismo e, principalmente, dentro do segmento evangélico.

Nós praticamos o batismo por imersão e aspersão. A partir dos doze anos a pessoa pode se batizar, antes disso só com o consentimento dos pais. Não existe re-batismo, a não ser em casos específicos de pessoas que de repente não se lembre de como foi o batismo, a exemplo da igreja católica ou foram batizadas dentro de um contexto que não conseguiam compreender direito. Se ele entender que mesmo tendo sido batizado em outra religião a exemplo da católica, ele compreende o sentido real do batismo e não quer se batizar novamente, não vamos rebatizar ele. Daí o sentido do diálogo inter-religioso, que facilita essa aceitação. (SOUSA, 2020, s/p)

Segundo o reverendo, a Metodista IPEG acredita no sacramento do batismo e o faz por imersão, como a maioria dos evangélicos, mas também faz por aspersão como é o costume da Igreja Católica. Além do mais, a denominação não vê a necessidade de batizar a pessoa novamente, caso ela já seja batizada na igreja Católica ou Evangélica, pois acredita nesse batismo sobre a vida do indivíduo, logo, a Metodista o respeita e não o faz novamente. Marvel Sousa reforça ainda que essa é uma forma de praticar o diálogo inter-religioso, como parte da Conciliação mencionada anteriormente.

A respeito das doutrinas que envolvem a crença na salvação, o reverendo declara que a igreja Metodista IPEG crê nessa salvação de forma universal.

A Igreja metodista reconciliadora trabalha dentro de uma concepção de salvação universal, onde todas as pessoas são filhos e filhas da salvação. Só existe uma forma da pessoa não ter a salvação, se a pessoa de fato tendo conhecimento desta salvação não a aceitar, ou seja, decidir rejeitá-la. A salvação acontece pela graça mediante a fé. Ensinamos que a fé é um direito originário, esse direito originário significa dizer que todos já nasceram com esse direito. (SOUSA, 2020, s/p)

Sendo assim, a Igreja Metodista IPEG acredita que a salvação exista como um direito dado a todas as pessoas, e todo ser humano é filho criado por um Deus Criador. Nessa perspectiva, para ter acesso a essa salvação, a pessoa precisa acreditar e

aceitar isso como verdade em seu coração. Como consequência de sua crença, a salvação vai acontecer como um presente dado por Deus e, o caminho para receber esse presente é a fé. O papel da igreja, nesse sentido, é fortalecer essa fé na vida de cada pessoa, pois já nascemos com a capacidade da fé dentro de nós. Para o reverendo, a única forma de o indivíduo não obter a salvação é quando ele conhece essa verdade e mesmo assim a rejeita.

Relacionando essa concepção de salvação à ideologia de inclusão, Sousa (2020, s/p) ainda acrescenta dizendo: “Na metodista IPEG nós temos uma mulher transexual que é argentina e está fazendo o curso pastoral conosco, em breve será ordenada como sacerdotisa em nossa comunidade”. Dessa maneira, ele demonstra que tenta de fato praticar a inclusão plena na igreja. Além disso, o reverendo ainda faz uma crítica: “Existe um discurso de que acolhemos a todas as pessoas, mas não vemos essas pessoas exercendo as lideranças eclesiais”. Ou seja, para ele, existe muito mais um discurso de acolhimento do que uma prática de acolhimento verdadeiro para todas as pessoas. Nas lideranças dessas igrejas, existem poucos negros, poucas mulheres, poucas transexuais ou travestis.

A Igreja IRIS, por sua vez, segundo Edson Santana (2020), acredita no batismo semelhantemente à crença das igrejas evangélicas tradicionais, o mesmo acontece com a celebração da ceia e a liturgia das igrejas protestantes. Contudo, no que diz respeito à visão da igreja sobre sexo e casamento, há divergências em relação às denominações tradicionais. No caso da IRIS, o sexo não é proibido, mas há a exigência de que não aconteça o que se considera como promiscuidade. Sobre o casamento, a igreja tem como doutrina o incentivo à regularização do matrimônio nas esferas jurídicas do país.

No que concerne ao modo como as igrejas se organizam hierarquicamente, começamos com Edson Santana (2020), que explica que na Igreja IRIS existem hierarquias eclesiais que são dadas como:

Temos a seguinte hierarquia eclesial, temos pastores, diáconos e presbíteros e os membros. Para se ter alguma função eclesial é necessário ser membro da igreja. Aceitamos também que venha de outra igreja com alguma recomendação. (SANTANA, 2020, s/p)

Então, de acordo com Santana (2020), a Igreja IRIS é organizada hierarquicamente tendo membros, diáconos, presbíteros e pastores, uma forma organizacional comum entre as igrejas evangélicas tradicionais.

Os vínculos comunitários se estruturam através dos cultos nos lares e do envolvimento nos projetos da casa renovo. Sempre tem confraternizações o final dos cultos e os pastores fazem o acompanhamento dos membros e de seus familiares. (SANTANA, 2020, s/p)

Segundo ele, a Igreja tem a característica de uma família, quando se estrutura a partir de vínculos comunitários por meio das reuniões nos cultos, que acontecem nas casas dos membros. Isso facilita o trabalho de acompanhamento e cuidado por parte dos pastores.

Em relação ao funcionamento da igreja Metodista IPEG, o reverendo Marvel Sousa esclarece como se organiza a hierarquia interna da instituição e qual é a visão acerca desse ofício.

A igreja hoje tem bispos, pastores, evangelistas, presbíteros e diáconos. Nós dividimos em duas classes: ministros clérigos (bispos, pastores, evangelistas, presbíteros) e ministros leigos (diáconos), são leigos porque não podem exercer determinados ofícios da igreja, estão ainda em fase de aprendizagem. (SOUSA, 2020, s/p)

Nessa lógica, a igreja divide os ministros que exercem algum tipo de trabalho na comunidade em duas categorias, os clérigos e os chamados leigos. Essa estrutura é muito utilizada em igrejas, historicamente falando, como uma tradição, a exemplo de igrejas Anglicanas, Luteranas, entre outras. O reverendo afirma ainda que “não ordenamos nenhum líder que não tenha formação teológica”. O que, para ele, é uma forma de preparação e uma maior credibilidade para a instituição.

Marvel Sousa (2020) afirma ainda que os membros em sua igreja são geralmente pessoas que chegam e ficam por um bom tempo, que ali não existe uma rotatividade como algo preocupante. De acordo com ele, cerca de 70% dos membros atuais estão na comunidade há pelo menos dois ou três anos. Sobre isso, ele ainda detalha o seguinte:

Atualmente membros registrados nós temos 45 no geral da Metodista IPEG e temos os visitantes. Goiânia temos hoje 5 membros registrados e Luziânia também 5 membros registrados. Temos um fluxo hoje de cerca de 100 pessoas nos cultos da igreja entre membros registrados e visitantes. Quando

começamos os trabalhos em Goiás, foi por conta de pedidos que recebemos de pessoas moradoras nessas cidades que abriram suas casas para o início. Não foi um trabalho desbravador. (SOUSA, 2020, s/p)

Segundo Marvel Sousa (2020), a igreja possui pouca rotatividade e seus membros são contabilizados como oficiais/registrados e visitantes. Em Goiás, ele classifica a igreja como iniciante, com cerca de 5 membros em cada cidade, porém, ressalta que os que apenas visitam e não desejam se filiar oficialmente ainda não fazem parte dessa contagem.

Sobre a Comunidade Cristã Renascer, Mônica Souza (2020) acredita que a instituição seja, atualmente, uma denominação diferente litúrgica e teologicamente das demais igrejas existentes em Goiás e outras regiões.

Um dos nossos principais pontos de diferença seja a posição teológica calvinista, mas também as diferenças nos dogmas como o nosso posicionamento sobre a bebida alcoólica, o namoro, o casamento, o batismo, a ceia. A nossa forma de liturgia dos cultos é diferente do comum nas outras igrejas inclusivas. Considero que somos diferentes em tudo. (SOUZA, 2020, s/p)

Por esse ângulo, Mônica Souza (2020) crê que a Comunidade Renascer seja diferente das demais pelo seu posicionamento teologicamente de características calvinistas, que norteiam os dogmas e as doutrinas bases da instituição. Além disso, há ainda o parecer sobre a vida social dos membros que, de certa forma, é mais flexível e tenta promover a conscientização e não julgamentos e obrigatoriedades. Outrossim, a organização da liturgia dos cultos também é diferenciada.

Considerando o atual cenário do contexto religioso cristão brasileiro, notamos que essas igrejas inclusivas recebem influências diretas e indiretas dos avanços e dos retrocessos das conquistas que envolvem a diversidade sexual e a religião. Sobre isso, a pastora Mônica Souza (2020, s/p) afirma:

A igreja inclusiva no geral tem várias identidades e formatos diferentes de acordo com cada denominação. Encontramos igrejas inclusivas que são de características pentecostais, tradicionais, neopentecostais, católicas, ecumênicas, Anglicanas etc.

Segundo a pastora, a Igreja Inclusiva em Goiás tem características que compõem uma diversidade religiosa semelhante à diversidade de vertentes religiosas que

existem nas igrejas evangélicas tradicionais. Concordando com essa visão, André Musskopf (2012, p. 281) diz que:

De fato, as posturas e posicionamentos que os grupos vão assumindo não respondem a sistemas puros ou fechados. Elas se moldam a partir de uma variedade de fontes e códigos de referência e, principalmente, do envolvimento de suas lideranças e membros com questões concretas de sobrevivência e luta por dignidade. A sua tradição religiosa de origem não é negada, mas retrabalhada e desenvolvida, pois elas também não respondem a uma autoridade eclesial exógena.

Desse modo, para Musskopf (2012), as igrejas cristãs inclusivas têm em suas doutrinas, dogmas e liturgias influências das igrejas cristãs atuais, que são chamadas por eles de “igrejas fundamentalistas” ou também entendidas como igrejas evangélicas tradicionais. Como há, em sua maior parte, membros e líderes que outrora foram participantes de diversas denominações protestantes e católicas, acaba por existir uma pluralidade de sistemas religiosos sendo formados dentro das comunidades inclusivas no Brasil, com as mesmas expressões religiosas de fé e perfil de identificação parecidos.

Apesar disso, cada uma acaba tendo sua própria identidade religiosa e já conseguimos distinguir que existem grupos cristãos inclusivos divididos em: Ecumênicos, Anglicanos, Católicos, Protestantes, Tradicionais, Pentecostais, Neopentecostais e todos esses com o diferencial do novo segmento intitulado de “inclusivo”. O pesquisador e sociólogo Ricardo Mariano (2005, p. 10) classifica muito bem esses conceitos:

Designa tanto a igrejas Protestantes Históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista) Como as Pentecostais (Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus etc.). Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas, cura e discernimento de espírito.

Mariano (2005) designa aqui os grupos protestantes históricos, que também são chamados de tradicionais, e os grupos protestantes pentecostais. Nas igrejas inclusivas existem, em algumas denominações, as influências desses dois grupos religiosos, assim como dos outros grupos já mencionados anteriormente.

As igrejas Cristãs inclusivas estão ainda no meio de um processo de estruturação e identificação teológica. Sendo assim, essas instituições pregam a necessidade de uma vida, seja o indivíduo heterossexual ou homossexual, pautada na santificação à luz das escrituras sagradas. Por isso, ensinam a importância de uma conduta discreta, longe da imoralidade e promiscuidade, e orientam que se tenham relacionamentos monogâmicos. A prioridade das igrejas para com os fiéis que as procuram é que eles encontrem: restauração espiritual, a esperança de Salvação, direito de servir e cultuar a Deus, comunhão e amor ao próximo e que façam a diferença na sociedade enquanto Cristãos Inclusivos, diferenciando-se dos padrões seculares. Ainda de acordo com André Musskopf (2012, p. 280),

o grupo é um lugar acolhedor e de ouvidos abertos para a diversidade das experiências humanas no campo da sexualidade e da corporeidade. É um lugar onde cristãos podem reconstruir novas relações baseadas na justiça, companheirismo, amizade e afetividade. Um lugar onde podemos ouvir e ser ouvidos sobre diferentes experiências de Deus vivenciadas por cada um.

Para o pesquisador, as Igrejas Inclusivas possuem muitas semelhanças com as igrejas Cristãs atuais em suas liturgias e em todos os seus ensinamentos e doutrinas. Nos Louvores e pregações, muitas vezes, são tidos como referência os cantores e pregadores do meio evangélico e católico brasileiro, assim como em qualquer outra Igreja Cristã Tradicional. André Musskopf (2012, p. 283) também afirma que

uma das tendências que se percebe em alguns grupos é o desejo de não se identificar como “igreja”. Isto se dá, pela compreensão de que este conceito, e a instituição a qual se refere, não responde às necessidades das pessoas e facilmente demais se converte em instrumento de opressão e cerceamento da liberdade.

Segundo Musskopf (2012), podemos identificar que a principal diferença existente, até o momento, entre esse segmento de igrejas Cristãs Inclusivas e o segmento convencional/tradicional é a visão de cada um a respeito da homossexualidade. No caso das igrejas inclusivas, não se trata de algo pecaminoso nem passível de mudança ou escolha por parte da pessoa.

Dessa forma, entendemos que a Igreja Cristã Inclusiva em Goiás tem um perfil que está em construção e em busca de uma estabilidade. Assim, conseguimos elencar alguns aspectos que colocam essas instituições como parte do processo de

adaptação ao pluralismo existente dentro do mercado religioso e que são características visíveis da modernidade tardia.

3.3 AS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS EM GOIÁS E SUA INSERÇÃO NO MERCADO RELIGIOSO

A partir de agora, vamos dialogar sobre alguns pontos relacionados a como as igrejas cristãs inclusivas em Goiás se inserem na modernidade e como são afetadas por ela no processo de construção de sua identidade. De acordo com o que havia sido observado por Ferreira, em sua pesquisa, em 2016,

a igreja inclusiva encerra embates dentro de seu próprio 'campo' religioso inclusivo para poder tornar-se firme entre os seus – como discordâncias de comportamento, tensões, conflitos, dissidências que vão formando outras pequenas comunidades, dispersas. Ao que podemos inferir, desfazem qualquer forma de se fortalecerem no campo religioso, como igreja inclusiva em busca de se estabelecerem neste campo religioso, assim, observamos até o presente momento. (FERREIRA, 2016 p. 53)

Ferreira (2016) concluiu, em sua análise, que existiam adaptações dentro do campo religioso inclusivo de Goiânia. E essas adaptações eram vistas como embates internos sobre discordâncias de pensamentos e comportamentos que acabavam sendo os pontos geradores de dispersões dos fiéis, bem como das famosas dissidências, ou seja, rompimentos de líderes e surgimento de outras denominações religiosas, a partir dessas fragilidades. Ela também analisou que muitas vezes esses pontos de fragilidade poderiam ser até mesmo formas de essas comunidades se fortalecerem como instituição, porém eram usados como enfraquecimento e motivo de separação.

Nesse sentido, buscamos iniciar um diálogo acerca daquilo que pudemos observar nessa construção de identidade e solidificação das igrejas Inclusivas. Alguns desses pontos foram notados também pelos próprios entrevistados, que admitem estar trabalhando nisso como um ponto de ação em suas instituições. Algumas das questões levantadas foram: Quais são os motivos que levam as igrejas inclusivas a estarem nesse movimento de “abre e fecha”? Por que algumas comunidades rejeitam determinadas pessoas/identidades do grupo LGBTI+? O discurso teológico é frágil? A identidade está em construção? O termo Igreja Inclusiva está em desconstrução ou já está solidificado?

Na entrevista concedida por Onaldo Pereira (2020, s/p), o pastor da extinta Igreja da Irmandade, Tunker, menciona o seguinte: “Acredito que a Igreja Cristã Inclusiva não tenha uma conexão direta ao nosso trabalho da Igreja da Irmandade, embora alguns tiveram contato conosco”. Achamos esse ponto interessante, porque ele mesmo não se considera conectado às vertentes de igrejas inclusivas de Goiás, embora ele tenha exercido a função de pastor na Igreja da Irmandade, da vertente Anabatista, e tenha militado na causa de aceitação dos homossexuais, nas décadas de 1980 e 1990, na cidade de Rio Verde.

Segundo Feitosa (2018), o pastor Onaldo Pereira seria considerado por ele e pelo movimento como um precursor da inclusão dos homossexuais em Goiás. De acordo com o pesquisador,

o processo de nascimento de inclusão dos homossexuais nas igrejas cristãs em Goiás teve início em 1985 quando a Igreja da Irmandade, Tunker se instalou na cidade de Rio Verde-Goiás, tendo como precursor o Pastor Onaldo Alves Pereira. (FEITOSA, 2018, p.33)

Nas décadas em que Onaldo Pereira militou nessa causa, ainda não existia oficialmente o movimento de igrejas inclusivas no Brasil. Trata-se, então, de um período que antecede esse processo. A respeito dos movimentos das igrejas inclusivas em Goiás, Onaldo Pereira (2020, s/p) afirma:

Acho que as igrejas inclusivas são um movimento muito dividido e isso um testemunho ruim para o próprio movimento, é muito personalizado, cada pessoa fundando a sua igreja a redor de si mesmo. É uma replicação das igrejas tradicionais evangélicas, tentando traduzir o evangelho tradicional para acolher os gays e lésbicas.

Segundo Pereira (2020), as Igrejas inclusivas estão ainda muito segregadas, não conseguem trabalhar em unidade e parceria e, por isso, não conseguem se solidificar. Para ele, são movimentos que personalizam demais a comunidade, buscando ser diferentes, sendo assim, não se juntam em propósitos e repetem as mesmas fragilidades das igrejas evangélicas tradicionais. Onaldo Pereira (2020, s/p), acerca disso, faz uma observação: “Tem muito a questão do ranço dos evangélicos que quando se começa a crescer, vem alguém e rompe com o líder e abre uma nova denominação”. Tal constatação por parte do pastor demonstra que, assim, essas instituições apenas copiam os métodos das igrejas tradicionais e adaptam o evangelho para a aceitação dos homossexuais.

Do mesmo modo, Mônica Souza (2020, s/p) reflete que “não temos um modelo específico, temos muita dificuldade hoje porque cada membro que chega tem em sua bagagem um ideal de igreja que ele traz consigo mesmo”. Para a pastora, isso é um incômodo para a formação da identidade das igrejas inclusivas, pelo fato de que cada pessoa que chega para se tornar membro tem um ideal de igreja em sua mente e deseja replicar esse ideal na nova estrutura a que passa a pertencer.

Nesse sentido, tanto para Onaldo Pereira como para Mônica Souza, as igrejas inclusivas acabam se tornando uma cópia das estruturas religiosas evangélicas tradicionais, repetindo as doutrinas, os dogmas, as liturgias e os mitos, e, em seu contexto específico, apenas inserindo a aceitação dos homossexuais em seus discursos, apropriando-se das interpretações da teologia inclusiva. Em concordância com isso, Edson Santana (2020, s/p), pastor da Igreja IRIS, também afirma: “Vejo que dentro das igrejas Cristãs inclusivas um espelho de exclusão idêntico ao das igrejas evangélicas”. Para ele, as Igrejas Inclusivas se tornam espelho, ou seja, cópias, reflexos das igrejas evangélicas, opinião que vai ao encontro dos pontos de vista de Pereira e Souza.

Nesse mesmo sentido, o pastor Marvel Souza, da Igreja Metodista IPEG, também concorda com esse ponto de fragilidade apontado pelos outros três entrevistados. Para ele, as igrejas Inclusivas trazem características como heranças das igrejas evangélicas tradicionais.

Existe um medo de perder os membros, para isso ocorre um distanciamento, uma ausência de parceria e amizade. É muito prejudicial para todos nós cristãos das igrejas de inclusão plena, ou igreja inclusivas. Nós poderíamos ter um poder muito significativo no país, no potencial econômico e político para interferirmos na sociedade, para ganhar mais visibilidade e lutar pelos nossos direitos se fossemos mais unidos e tivéssemos mais amizade e intercâmbio entre as igrejas. Que acaba sendo uma característica herdada das igrejas evangélicas tradicionais. (Souza, 2016, s/p)

Segundo Marvel Souza (2020), os aspectos herdados, copiados ou repetidos das igrejas Evangélicas Tradicionais são como reflexos nas identidades das igrejas Inclusivas, que acabam se formando como posicionamentos negativos, que geram consequências e fragilidades. Marvel detalha pontos de fragilidade, como as disputas por fiéis, que formam barreiras de inseguranças e medos, transpostos entre as denominações, impedindo-as de se unirem e fazerem algum trabalho em parceria. Ele aponta que, se não fosse assim, as igrejas Inclusivas poderiam estar mais à frente e

mais fortalecidas em suas conquistas na sociedade. Edson Santana (2020) complementa ainda dizendo que até mesmo os defeitos e as deficiências estão sendo repetidos e isso tem trazido dificuldades para essas novas comunidades.

Sendo assim, em hipótese levantada pelo pesquisador, as igrejas Cristãs Inclusivas são reflexos ou cópias dos moldes de igrejas tradicionais, por serem pioneiras no modelo de inclusão e não terem um modelo pronto para ser seguido e estabelecido como padrão. Assim, são induzidas, pelas tradições dogmáticas e culturais trazidas pelos seus participantes, a repetirem mecanicamente aquilo que aprenderam outrora, nas estruturas tradicionais. Nesse contexto, essas comunidades demonstram um receio em ousarem ser diferentes em suas organizações, pela possibilidade de não serem aceitas pelas sociedades ou até mesmo pelos próprios membros. Sendo assim, consideram que seja confortável se parecer ou se identificar com um molde tradicional e já aceito socialmente.

Nessa perspectiva, Edson Santana (2020, s/p) também diz que “as pessoas por pensarem diferente, começam dentro do mesmo espaço eu começo a diminuir e segregar e promover divisões dentro dos ministérios”. Ou seja, essas deficiências, como não tolerar o pensar diferente, promovem o desrespeito e a discórdia, gerando as dissidências nas igrejas inclusivas. Para ele, “precisamos aprender a conviver com essas diferenças ou não seremos de fato inclusivos” (SANTANA, 2020, s/p). O pastor afirma, então, que a Igreja Inclusiva precisa aprender o que é de fato conviver com a diferença e a diversidade do ser humano.

Sempre que há uma divisão, é muito triste, porque sempre há uma perda de muitas pessoas. Acontece o desinteresse e a desilusão por parte de algumas pessoas que acabam ficando feridas com o processo de separação de líderes religiosos e cisão em igrejas. (SANTANA, 2020, s/p)

Santana (2020) diz que essas fragilidades, como a divisão, por exemplo, acabam proporcionando o afastamento de pessoas das igrejas inclusivas, gerando o sentimento de falta de credibilidade. Como consequência, as pessoas se machucam, não querendo mais pertencer aos movimentos de igrejas inclusivas.

Nesse mesmo sentido, Santana (2020 s/p) aponta que “as igrejas inclusivas não têm sobrevivido e vivem uma verdadeira abre e fecha, por conta da falta de respeito do conviver com os pensamentos diferentes.... Ninguém sobrevive sozinho”. Segundo ele, as igrejas inclusivas em Goiás não têm continuado em funcionamento,

iniciam seus trabalhos e rapidamente os encerram. Os motivos para isso são as dificuldades em conviver com as diferenças entre si. Concordando com Santana (2020), a pastora da Comunidade Renascer, Mônica Souza (2020) também afirma que as igrejas inclusivas abrem e fecham de forma muito rápida.

Tais apontamentos levam a um questionamento: Quais seriam esses motivos que fazem com que as igrejas inclusivas em Goiás não permaneçam em funcionamento e sobrevivam por tão pouco tempo?

A esse respeito, Marvel Souza (2020, s/p) exemplificou:

Esta questão teológica bateu muito forte, porque tem surgido pastores de fato preocupados em estudar esta temática mais a fundo. Aconteceu no início um “boom” de igrejas inclusivas, onde muitas pessoas abriam igrejas com uma fundamentação teológica, sem ter formação.

Marvel Souza (2020) indica que dentre os motivos do “abre e fecha” estão a falta de embasamento teológico forte e os pastores despreparados. Ele esclarece que o início foi motivado por um momento de explosão e sucesso, que levaram as pessoas a abrirem diversas igrejas. Porém, com o passar do tempo, essas mesmas pessoas, que não tinham um preparo adequado, não conseguiram permanecer nas instituições. Mônica Souza (2020, s/p) concorda com Marvel ao expressar: “A falta de preparação do conhecimento teológico, doutrinário, administrativo... Há uma rotatividade dos membros nas igrejas inclusivas... vão fazendo o rodízio”. Para ela, então, para além das questões teológicas e administrativas, há também a rotatividade dos membros como um problema.

Para Marvel Sousa (2020, s/p)

Fica muito claro pelos movimentos que abrem e fecham e pelas diversas situações que acontecem no cenário das igrejas inclusivas. Não existem uma convenção solidificada que de fato funcione ainda. Temos muito cacique para poucos índios. Temos uma teologia muito simplória, percebemos nas pregações dessas igrejas, o próprio formato do culto sem uma liturgia estabelecida, sem narração.

Para o reverendo, as igrejas inclusivas não permanecem em funcionamento por motivos importantes, como a falta de um órgão, como uma convenção solidificada, que organize a unidade e estabeleça parceria entre essas igrejas. Além disso, ainda existem, para ele, muitos líderes querendo ter autoridade e poucas pessoas para serem de fato lideradas. Outro problema que se coloca em questão é a falta de uma

teologia mais aprofundada e fortalecida que possa dar a base sólida a essas igrejas inclusivas. Em várias das manifestações de pastores que fecharam igrejas, foram citados problemas financeiros e/ou estruturais como motivador para o fechamento, além da falta de preparo dos líderes. Nesse contexto, o reverendo destaca que esses aspectos podem ser percebidos facilmente durante os cultos, as pregações e as exposições da bíblia, que são geralmente fracas, rasas, do ponto de vista teológico, além das liturgias confusas, sem uma organização lógica.

Ao afirmar que há ausência de uma convenção que tente proporcionar uma unidade e organização dessas igrejas inclusivas, o entrevistado Marvel Souza (2020) entra em contradição com a afirmação fornecida por outra entrevistada, a pastora Mônica Souza (2020, s/p) que aponta: “Sou líder da região centro oeste no conselho Nacional de Igreja Inclusivas do Brasil - CONII. Tenho a função de tentar reunir os líderes e promover uma representatividade para igreja inclusiva no Brasil”. A existência deste CONII é recente, porém ele tem a missão de lutar pela visibilidade e representatividade das Igrejas Inclusivas no Brasil. Sobre o CONII, o pesquisador Alexandre Feitosa (2018, p. 53) também informou o seguinte:

Tentativas de construir e consolidar um Conselho Nacional de Igrejas Inclusivas têm sido feitas há alguns anos, quando se realizaram dois encontros nacionais com lideranças inclusivas: um em São Paulo (2011) e outro no Rio de Janeiro (2012). Além disso várias reuniões têm sido empreendidas em nível regional, com exceção da região norte.

Além disso, Feitosa (2018, p. 54) também afirma que

sem êxito na formação de um conselho, outra iniciativa ocorreu em 2016, dando origem ao Mover Inclusivo Brasil, organização Inter denominacional que reúne lideranças inclusivas de todas as regiões do país. Até o momento, dois encontros nacionais já foram realizados com grande sucesso e, paulatinamente, a Diretoria executiva está sendo formada.

Segundo o pesquisador, as diversas tentativas iniciais ocorreram sem êxito e somente em 2016 foi criado o Mover Inclusivo Brasil que, mais tarde, após a criação do estatuto, se tornou Conselho Nacional das Igrejas Inclusivas no Brasil - CONII.

Contudo, ainda que exista um órgão que pretende unir as igrejas, podemos perceber pela fala dos entrevistados que essa união não se dá na prática. Mesmo existindo uma convenção, ela ainda não conseguiu seu objetivo de unir as várias denominações, algo que é bastante comum em diversas outras religiões. A simples

existência de um órgão, portanto, não é garantia de que ele irá conseguir efetivar a união entre as igrejas.

Isso abre portas para outra reflexão: Por que não se consegue essa união? Uma das explicações está na própria fala dos entrevistados: o fato de cada líder ter uma ideia de igreja para si próprio, que pode não ser a mesma dos outros. Como não há um modelo litúrgico único, um manual que diga como as igrejas devem ser organizadas, cada líder religioso quer organizar a igreja conforme suas próprias ideias. Isso pode, como consequência, entrar em contradição com um determinado órgão normatizador e centralizador. Os líderes, por sua vez, não parecem estar dispostos a aceitarem as normatizações de um órgão.

Outro ponto que gerou uma forte discussão foi o termo “igrejas inclusivas” e o seu real significado no Brasil. Essas discussões nortearam fragilidades reais e palpáveis do cenário atual, que ainda está em construção, e apontaram caminhos que a Igreja Inclusiva tem tomado para sua identidade institucional e histórica no futuro. De acordo com a pastora Mônica Souza (2020, s/p), “temos discutido o termo inclusão, ou igreja inclusiva, justamente por conta de muitos escândalos por parte de líderes que foram autores de escândalos, tem se questionado o termo inclusivo”. Ela relata que os termos “Inclusão” e “Igreja Inclusiva” se estabeleceram como motivo para debate por parte dos líderes eclesiásticos por conta da quantidade de problemas que a igreja tem sofrido, como, por exemplo, escândalos, falhas e erros de líderes e igrejas que fazem com que o termo seja questionado. Sobre isso, o pastor Edson Santana (2020) aponta que o termo “inclusivo” tem sido retirado até mesmo dos nomes fantasias e das razões sociais das igrejas inclusivas em Goiás e no Brasil.

Em hipótese analisada pelo pesquisador, com base nas entrevistas, isso acontece porque o rótulo de Igreja Inclusiva acabou ficando marcado para a sociedade como sinônimo de “Igreja Gay”, o que prejudica a construção de uma visão positiva a respeito dessas igrejas, além de afetar o angariamento de mais fiéis. A adoção do termo, nesse sentido, traz desvantagens e debilita as igrejas no mercado religioso, por isso, algumas dessas instituições estariam deixando de utilizá-lo. Por outro lado, essas comunidades vivem um paradoxo, uma vez que retirar totalmente o rótulo de igreja inclusiva pode levar a equívocos por parte de membros que os procuram sem saber que se trata de uma igreja inclusiva. Nessas circunstâncias, ao descobrir que se trata de uma denominação com essa carga ideológica, o indivíduo pode se

decepcionar, causando transtornos à comunidade. Como consequência, o termo “inclusiva” acaba não conseguindo abarcar, em sua totalidade, a inclusão plena que ele significaria.

De acordo com o pesquisador André Musskopf (2012, p. 239),

a própria expressão “igreja gay”, além de não ser usada por estes grupos, não reflete sua proposta de “ser igreja”. Outros preferem definir como organizações inclusivas, no sentido de serem abertas a todas as pessoas, especialmente aquelas que se sentem “excluídas” de outros espaços.

Segundo Musskopf (2012), a expressão “igrejas inclusivas”, ou como popularmente são chamadas, “Igrejas gays”, tem, de fato, deixado de ser usada. De acordo com ele, a expressão “Igreja gay” sequer é adequada para o uso, pois não expressa a intenção do movimento de ser igreja.

Para além dessa discussão acerca da relação entre os termos “inclusivo” e “gay”, o pastor Marvel Sousa (2020, s/p) também chama a atenção para o seguinte fato: “Muitas igrejas que se dizem inclusivas atualmente não exercem a inclusão plena... Acabam sendo igrejas exclusivas que ainda excluem determinados grupos do movimento LGBTI+”. Ele esclarece, então, que existem muitas igrejas que se declaram inclusivas, porém não promovem a inclusão plena da diversidade humana, de modo que acabam por se tornarem exclusivistas, ou seja, pequenos guetos fechados para o público exclusivo de homossexuais fazem parte dessas comunidades, enquanto outros grupos não.

A esse respeito, Edson Santana (2020, s/p) aponta que “a Igreja inclusiva ainda é excludente, e infelizmente age por conveniência”. Segundo ele, algumas igrejas atualmente têm excluído pessoas por ainda não se encaixarem nos seus padrões estabelecidos. Para o pastor, há uma dificuldade de diálogo com as igrejas que se autodenominam inclusivas e, quando o diálogo acontece, acaba não sendo produtivo.

Para Mônica Souza (2020) a igreja inclusiva possui uma multiplicidade de identidades. “A igreja inclusiva no geral tem várias identidades e formatos diferentes de acordo com cada denominação. Encontramos igrejas inclusivas que são pentecostais, tradicionais, neopentecostais, católicas, ecumênicas Etc.” (SOUZA, 2020, s/p). Ela esclarece que existem diversas sub-vertentes dentro das igrejas inclusivas, que são espelhadas nas igrejas evangélicas tradicionais. Para Marvel Sousa (2020, s/p), isso se dá pois “estamos ainda em um processo de construção de identidade do movimento de igrejas inclusivas no Brasil. Não temos uma identidade

formada e solidificada ainda”. Edson Santana (2020, s/p) concorda com a definição de Marvel, explicitando que “a Igreja Inclusiva no Brasil ainda está em construção, e neste processo de construção muitas vieram sendo construídas e desabaram por algum motivo...”. Do mesmo modo, Mônica Souza (2020, s/p) confirma que a igreja inclusiva ainda se encontra em construção e, por isso, não possui uma identidade.

Sendo assim, concluímos com a certeza de que as igrejas inclusivas em Goiás, e no Brasil, ainda estão no processo de construção de sua identidade institucional. Do ponto de vista histórico, elas são consideradas um movimento jovem, de duas décadas, e que ainda estão caminhando para a construção histórica de suas bases doutrinárias, teológicas e ideológicas. São igrejas que procuram incluir homossexuais no sistema religioso cristão, em moldes que muitas vezes são como reflexos das igrejas cristãs tradicionais, dando ao público LGBTI+ o direito de livre exercício de sua fé sem nenhuma condenação por sua sexualidade. O objetivo é levar essas pessoas à liberdade de expressão de fé, conforme a Constituição brasileira permite.

Para tanto, essas igrejas, como partícipes do mundo da modernidade tardia em que estamos vivendo, tentam estratégias de sobrevivência no mercado religioso, diante da concorrência entre elas mesmas e, principalmente, entre as igrejas tradicionais. Nesse contexto, as denominações inclusivas parecem ainda não terem conseguido total êxito em sua adaptação para essa competição. Dentro dos parâmetros da lei de oferta e procura do consumidor, muitas delas acabam fechando rapidamente.

São, portanto, igrejas que tendem a se reformular e, agora, após duas décadas de existência, estão encontrando sua própria linha de molde e suas características, dentro do mercado religioso. Podemos perceber, com base em nossas discussões, que fora do estado de Goiás existe a Igreja Comunidade Metropolitana, na cidade de São Paulo, que sobrevive oficialmente há cerca de 18 anos; a Igreja Contemporânea no Rio de Janeiro, que existe há 15 anos; e a Comunidade Athos de Brasília, que está também sobrevivendo há 15 anos. Essas, por serem mais antigas, vão se tornando referenciais para as igrejas mais jovens.

Contudo, ainda existem muitas fragilidades nesse contexto, conforme foi apontado anteriormente. Essas fragilidades causam retrocesso ou retardamento nos avanços das instituições de modo geral. Mas, assim como Onaldo Pereira (2020, s/p) afirma, “quanto mais coisas forem publicadas é melhor para essa memória da história

da igreja no Brasil”. Em sintonia com esse pensamento, o reverendo Marvel Sousa (2020, s/p) declara que é preciso “prestar atenção naquilo que nos une não no que nos separa... sempre encontrar o ponto que temos em comum”. Isso não exclui a possibilidade de as igrejas se organizarem e se posicionarem estrategicamente para que o movimento se fortifique e sobreviva ao tempo. Os apontamentos que têm entrado em discussão como a questão da existência de uma convenção e o debate sobre o termo “inclusão” já podem ser considerados pontos de partida importantíssimos para esse avanço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbrei a oportunidade, neste mestrado acadêmico, de pesquisar e ampliar ainda mais os conhecimentos sobre a historiografia e os aspectos socioculturais e religiosos das igrejas Inclusivas. O objetivo foi registrar de forma científica a história dessas igrejas inclusivas em Goiás e, assim, poder fornecer material bibliográfico para pesquisas futuras e apresentar um aparato teórico consistente e inovador, que lança mão de temáticas complexas, mas que compõe a formação dos indivíduos.

Dessa forma, fomos em busca de responder aos nossos problemas de pesquisa:

1. Como se deu o processo de surgimento e a trajetória histórica das igrejas inclusivas em Goiás?
2. Qual é a identidade das Igrejas inclusivas em Goiás e quais são as estratégias utilizadas para concorrer no mercado religioso local?
3. Qual é o perfil dos frequentadores das igrejas inclusivas e por que eles procuram essas igrejas? O que eles pretendem encontrar nelas que não encontram em outras denominações?

No que diz respeito à primeira questão do problema, notamos que a Igreja Cristã Inclusiva nasce, no mundo, na década de 1968, ainda no século XX, a partir da Igreja Comunidade Metropolitana nos Estados Unidos, por intermédio do fundador reverendo Troy Perry, inaugurando assim o movimento de igrejas oficialmente inclusivas.

No Brasil, essa igreja chega no ano 2000 e tem tentativas frustradas de se estabelecer até que em 2004 se fixam oficialmente. A ICM Brasil passou por dissidências e deu origem a diversas outras denominações inclusivas no Brasil, e no estado de Goiás, com a Nação Ágape e a Igreja IRIS.

Percebemos também que paralelo ao surgimento da ICM, houve a Igreja Presbiteriana Bethesda, do Rio de Janeiro, em 1998, que surge por intermédio do pastor Neemias Marihem, que militou pela inclusão de homossexuais no âmbito religioso. Ele fundou grupos que discutiam sobre a espiritualidade e a homossexualidade, um dos quais se reunia na Universidade de São Paulo (USP) e era denominado Grupo Comunidade Cristã Gay. Nesse grupo, o pastor Neemias chegou a consagrar ao pastorado dois homossexuais, sendo um deles o pastor Victor

Orellana. Após a morte de Neemias, a Igreja Presbiteriana não conseguiu continuar com os trabalhos dele de inclusão.

Esse movimento deu origem também à Igreja Acalanto, em 2003, fundada pelo pastor Victor Orellana. Igreja essa que teve seu funcionamento em vigor até 2005. Após dissidências internas, a partir da Acalanto surgiram outras denominações importantes em São Paulo (CCNEI, Para Todos) e em Brasília (Comunidade Athos). A Igreja Acalanto é considerada pela maioria como a primeira comunidade oficialmente inclusiva do Brasil, bem como o pastor Victor veio a ser o primeiro pastor inclusivo do país. Essa vertente talvez seja a que mais originou outras denominações no Brasil e principalmente em Goiás.

Além disso, descobrimos que, antes desses dois outros movimentos que marcaram o nascedouro das igrejas inclusivas no Brasil, houve a Igreja da Irmandade, Tunker, fundada pelo pastor Onaldo Pereira, na cidade de Rio Verde, que funcionou de 1978 até 1995. Essa Igreja não se enquadra como uma igreja Inclusiva e, por isso, não é considerada parte do movimento pelas demais, nem mesmo pelo próprio pastor Onaldo. Contudo, trata-se de uma igreja tradicional da vertente Anabatista que, por meio do pastor Onaldo Pereira, militou em prol da inclusão dos homossexuais na comunidade cristã. Sendo assim, ela é considerada por este pesquisador uma precursora da luta por inclusão de homossexuais no âmbito cristão, uma vez que o fundador teve a igreja fechada e sua vida perseguida por aceitar homossexuais e realizar um casamento gay na Bahia, em 1995.

Continuando nossa linha do tempo, em 2016 surge uma nova vertente de Igrejas Metodistas Reconciliadoras, oriundas dos Estados Unidos, que chega ao Brasil, à cidade de Taguatinga. Posteriormente, essa denominação se estende a Goiás, nas cidades de Luziânia e Goiânia. Erguem-se também duas outras vertentes, a Igreja Cristã Inclusiva e a Igreja Jesus é o Amor, advindas ambas do estado de Minas Gerais, para fundar filiais em Aparecida de Goiânia, sem ter ligação com as outras igrejas inclusivas no Brasil.

Na tentativa de responder a nossa outra pergunta problema: “Qual é a identidade das igrejas inclusivas em Goiás e quais são as estratégias utilizadas para concorrer no mercado religioso local?”, registramos a relevância dessas igrejas para a inserção do público LGBTI+ no âmbito religioso cristão. Esse público, na maioria das vezes, é composto por membros que foram participantes das igrejas cristãs

tradicionais, grande parte deles são cristãos evangélicos e outrora passaram por situações de exclusão na igreja, não sendo compreendidos e aceitos por sua sexualidade. Agora, no entanto, esses indivíduos encontram como refúgio a alternativa de expressarem sua fé nessa nova vertente religiosa, as Igrejas Cristãs Inclusivas.

Por conseguinte, descobrimos que a Igreja Cristã Inclusiva está ainda em processo de construção, tanto histórica como identitária. O que é compreensível quando olhamos dentro do recorte histórico de construção de outras religiões. Notamos, assim, que esse movimento existe há cerca de apenas 20 anos Brasil e 14 anos em Goiás. O movimento, no início, defendia fortemente o sentido do termo “inclusivo” para seu grupo e, agora, durante a pesquisa, percebemos que já existe uma corrente de denominações e líderes eclesiásticos que estão trabalhando para a desconstrução dessa nomenclatura.

A desconstrução do termo ou a nova reformulação de um termo para as vertentes do movimento se dá principalmente por compreenderem que ainda não conseguem promover a inclusão eclesiástica de forma plena a todos. Nesse novo posicionamento, as comunidades estão trabalhando com os termos “igrejas afirmativas”, “igrejas reconciliadoras”, “Igrejas progressistas”, ou simplesmente com a afirmação de que são apenas “igrejas cristãs abertas a todos”. Dessa forma, as denominações fogem principalmente do rótulo de “igrejas gays”, que consideram pejorativos.

Por meio das entrevistas com os pastores, dos questionários com os membros, e no próprio registro bibliográfico que foi feito aqui, percebemos que, no processo de construção das estruturas das igrejas Inclusivas em Goiás, elas passam por adequações pela sobrevivência dentro do mercado religioso, típico da pluralidade e modernidade contemporânea. São questões que demonstram pontos importantes para que o movimento ainda não tenha conquistado a visibilidade tão desejada nem conseguido uma expressão significativa de membros e instituições. Há ainda as famosas dissidências, que são causadas por pensamentos divergentes, que não conseguem ser superados e respeitados e, como consequência, geram o fechamento de denominações e o surgimento de outras a partir desses desentendimentos.

Outro problema percebido é o conhecido “abre e fecha” de igrejas inclusivas em Goiás, que é comum para o movimento no Brasil todo. Essa característica muitas

vezes é motivada pela forma como a igreja nasceu e por suas intenções; por possíveis despreparos por parte dos fundadores, sem uma base teológica, maturidade, capacidade administrativa; falta de comprometimento do público; ausência de uma visão bem alicerçada e assertiva, entre outros aspectos.

Existe, além disso, uma falta de unidade entre as denominações religiosas, que parecem mais estarem preocupadas em disputar do que se unir para conquistar um objetivo juntas. Isso também é uma característica observada dentro do próprio público LGBTI+, que trava disputas entre as militâncias, não se une com todas as classes que representam as letras da sigla LGBTI+. Trata-se, então, de um fato que, talvez, seja necessário ser trabalhado pelas igrejas diretamente, na desconstrução dessa possível rivalidade interna, que é invisível, mas que está sendo herdada para o movimento inclusivo.

Há, por exemplo, um negacionismo por parte das igrejas em explicitar suas origens eclesiais inclusivas anteriores. Assim como uma ausência de reconhecimento e honra dos patriarcas e antecessores históricos das Igrejas Inclusivas no Brasil, que lutaram e ainda lutam pelo movimento. Além disso, não há uma cultura que valida e fortalece os pesquisadores, teólogos, escritores, cantores oriundos do próprio movimento inclusivo.

Ademais, observamos que as igrejas inclusivas em Goiás buscam a solidificação teológica com base na teologia inclusiva difundida para o movimento e com raízes e influências nos estudos teológicos e doutrinários vindos das igrejas inclusivas dos Estados Unidos. Cada igreja busca levar os membros ao aprofundamento e à segurança dessa teologia inclusiva que, por sua vez, ainda é pautada nos estudos da hermenêutica e interpretação dos principais versículos bíblicos usados pela igreja tradicional para condenar os homossexuais. Desse modo, elas passaram pelo processo de conhecimento, convencimento e aceitação dessa nova interpretação, que permite tecer críticas históricas e contextuais ao texto bíblico tradicional.

Assim sendo, as igrejas cristãs inclusivas de Goiás, têm suas expressões religiosas como: dogmas, liturgias, ritos e mitos com características influenciadas pela Igreja Cristã Tradicional. O que, na maioria das vezes, é um perfil herdado pelo líder fundador ou dirigente da nova comunidade. Essa herança pode ser consciente ou

inconsciente e diz respeito à maneira como tal indivíduo enxerga o que é ser igreja e instituição eclesiástica.

Encontramos, em Goiás, Igrejas Inclusivas que se encaixam perfeitamente nos estilos de vertentes religiosas como: Anglicana, Católica, Ecumênica, Metodista, Pentecostal, neopentecostal e tradicional calvinista. Algo que pode ser explicado pela laicidade permitida em nosso país, que fundamenta a diversidade religiosa que temos.

Em resumo, compreendemos que as igrejas cristãs inclusivas promovem a abertura e a aceitação da diversidade sexual dentro da esfera religiosa cristã, mediante os debates e estudos a respeito desse tema dentro de suas comunidades. Outrossim, elas auxiliam no processo de aceitação do indivíduo no que se refere a sua sexualidade e na compreensão do seu direito de expressar sua fé e seu culto. Essas igrejas podem ser vistas como parte dos resultados das lutas militantes do público LGBTI+, porém ainda são minorias dentro da sociedade religiosa também.

Essas instituições inclusivas expõem de forma clara o seu posicionamento e as diversas interpretações e discursos doutrinários da Bíblia, produzindo o empoderamento do homossexual cristão. Além disso, elas contribuem para a relação entre a pessoa LGBTI+ e sua família, recebendo até mesmo familiares como membros das igrejas inclusivas. Portanto, a comunidade se torna uma alternativa viável e legítima para um LGBTI+, que não encontra espaço de acolhimento nas Igrejas Cristãs Tradicionais. Dessa maneira, essas instituições legitimam os membros das igrejas inclusivas como cristãos empoderados.

Na busca por responder a outra pergunta problema: “Qual é o perfil dos frequentadores das igrejas inclusivas e por que eles procuram essas igrejas? O que eles pretendem encontrar nelas que não encontram em outras denominações?”, notamos que os frequentadores das igrejas inclusivas são, em sua maioria, pessoas que compõem a diversidade sexual descrita na sigla LGBTI+. Trata-se de jovens e adultos entre 20 e 60 anos, que outrora foram cristãos evangélicos ou católicos e que, por conta de sua orientação sexual, foram excluídos de suas antigas igrejas.

Assim, os frequentadores buscam pelas igrejas inclusivas no anseio de terem suas necessidades espirituais e religiosas exercidas de forma livre. Suas referências, nesse caso, são as Igrejas inclusivas, por ali serem aceitos e acolhidos como são, identificando-se, nesse contexto, com o grupo sociocultural que possui as mesmas necessidades. Esses indivíduos se fortalecem, criando laços afetivos e de mesmos

interesses, justificando, assim, suas permanências. Uma boa parte deles sofre rejeição e exclusão dentro do próprio núcleo familiar. Sendo assim, identificam-se formando uma outra família afetiva, que promove acolhimento, aceitação, igualdade e liberdade de serem quem são, expressando sem amarras o direito de serem cristãos.

Por fim, desejamos que a Igreja Inclusiva se empodere de fato dessa identidade inclusiva como os cristãos inclusivos e relevantes que são e podem ser. Que a diversidade sexual seja mais discutida dentro dos espaços religiosos no geral, mas principalmente dentro das Igrejas Cristãs, não só as Inclusivas, mas as tradicionais católicas e evangélicas. Que essa discussão possa favorecer uma interpretação bíblica mais adequada para o acolhimento e a inclusão dos LGBTI+ no âmbito religioso. Talvez esse seja um sonho um tanto utópico por parte do pesquisador, mas não deixa de ser um desejo prognosticador. Desejamos, também, que as igrejas cristãs inclusivas superem suas diferenças e fragilidades, foquem nos seus pontos fortes e positivos e alcancem a maturidade eclesiástica e a solidificação das estruturas inclusivas em suas instituições.

REFERÊNCIAS

AIDS, Agência de Notícias, 2020. Disponível em: <[https://agenciaaids.com.br/noticia/relatorio-de-violencia-contra-lgbts-mostra-que-das-mortes-por-homofobia-em-2020/#:~:text=Em%202020%2C%2037%20LGBT%2B%20\(1%C3%A9sbicas,Violentas%20de%20LGBTI%2B%20no%20Brasil.](https://agenciaaids.com.br/noticia/relatorio-de-violencia-contra-lgbts-mostra-que-das-mortes-por-homofobia-em-2020/#:~:text=Em%202020%2C%2037%20LGBT%2B%20(1%C3%A9sbicas,Violentas%20de%20LGBTI%2B%20no%20Brasil.)> acesso em 18 de maio de 2021.

ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba: ABGLT, 2010.

ALBERTI, Verena. Fontes Orais. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALIANCI – Aliança Nacional das Igrejas Inclusivas. Goiânia-GO, 2012. Disponível em: <<https://aliancinacional.blogspot.com/p/quem-somos.html>>. Acesso em 06 de abril de 2020.

ALMEIDA, A. Ronaldo. TRÂNSITO RELIGIOSO NO BRASIL SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, 2001. Disponível: <<https://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>> acesso em 05 de fevereiro de 2021.

ALVES, Zedequias. (2009). **Religião e Sexualidade**: reflexões sobre igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_ALVES_religi%C3%A3o_sexualidade.pdf>. Acesso em 14 de abril de 2020.

APF – Associação Para o Planejamento da Família. **Identidade e Orientação sexual**. 2016. Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual>>. Acesso em 17 de abril de 2020.

BALEEIRO, Aliomar. **Constituições Brasileiras 1891**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas. 2012. (Coleção Constituições Brasileiras; v. 2)

BARUCHO, Luiz Guilherme. (2012). **Desafiando preconceito, cresce número de igrejas inclusivas no Brasil**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120329_igrejas_tolerancia_gays_lgb.shtml>. Acesso em 17 de fevereiro de 2020.

BERGER, Peter L. **A dessecularização do mundo**: uma visão global. Religião e sociedade. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, abr. 1994.

_____. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **Os Múltiplos Altares da Modernidade**. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 2017.

BOFF, Leonardo. **Igreja, Carisma e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BRANDÃO, Fagner Alves Moreira. **Homossexualidade**: um desafio para as igrejas do século XXI. Fonte Editorial, São Paulo-SP, 2015.

BRASH, Alan A. **Encarando nossas diferenças**: As igrejas e seus membros homossexuais. São Leopoldo- RS: Editora Sinodal, 1998.

BRASIL. [Constituição (1824)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1824**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em 4 de janeiro de 2020.

BRASIL. [Constituição (1891)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1891**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em 4 de janeiro de 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

CADERNO Globo 12. **Corpo**: artigo indefinido. São Paulo: Globo Comunicação e Participantes S.A., 2017. Disponível em: <https://globouniversidadeproducao.s3.amazonaws.com/Corpo_Artigo_Indefinido.pdf>. Acesso 20 de junho de 2020.

CAMINHO DA INCLUSÃO. Goiânia, 2020. Disponível em: <<https://caminhodainclusao.webnode.com/quemsomos>>. Acesso em 10 de abril de 2020.

CATROGA, Fernando. **Entre deuses e césores**: secularização, laicidade e religião civil. 1. Ed. Coimbra, Almedina, 2006.

CISCATI, Rafael de Queiros. **Porque a Sigla LGBTI+ mudou ao longo dos anos**: LGBTI+ 30 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/500-por-que-a-sigla-lqbti-mudou-ao-longo-dos-anos>>. Acesso em 16 de abril de 2020.

COMUNIDADE ATHOS. Goiânia, 2020. (<https://igrejaathos.wixsite.com/>). Disponível em: < <https://igrejaathos.wixsite.com/athos2>> acesso em 10 de abril de 2020.

CRISTÃO BSB. Brasília-DF, 2020. Disponível em: <<http://cristaobsb.blogspot.com/2019/02/igreja-metodista-ipeg.html>>. Acesso em 6 de abril de 2020.

BARBOSA, de Melo. 2011. Pastoral da Diversidade Sexual - PDS. Disponível em: <<http://pdsgoiania.blogspot.com/2011/02/diversidade-sexual-e-igreja-anglicana.html>>. Acesso em 2 de março de 2020.

DIAS, Maria Berenice. Família Homoafetiva – 2010. Disponível: [http://www.berenedias.com.br/manager/arq/\(cod2_647\)28_familia_homoafetiva.pdf](http://www.berenedias.com.br/manager/arq/(cod2_647)28_familia_homoafetiva.pdf)

DURKHEIM, É. **As formas elementares de vida religiosa**. Edições Paulinas: São Paulo, 2000.

_____. **As regras do método sociológico**. [Coleção a Obra Prima de cada Autor] São Paulo: Martin Claret. 2003.

ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Lisboa: Edições 70, 1989

EPOCA, “**Sou pastor e sou gay**”. Entrevista da Revista Época com Victor Orellana. Disponível no site da revista época em 26/03/13. <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT512538-1666,00.html>>. Acesso em 20 de agosto de 2020.

FACHIN, Odília. Fundamentos de metodologia. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 200 p.

FACCHINI, Regina. “**Movimento homossexual no Brasil**: recompondo um histórico”. In: GREEN, James & MALUF, Sônia. (eds.). Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas. Vol. 10, nº 18-19. 2003

FACCHINI, Regina. 2005. “**Sopa de Letrinhas**”? – Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FEITOSA, Alexandre. **A Igreja Trans**: Conhecer para conquistar, conquistar para incluir. Brasília: Editora Oásis, 2012.

FEITOSA, Alexandre. **Bíblia e Homossexualidade**: Verdade e Mitos. 1. Ed. Brasília-DF: Editora Metanoia, 2016.

FEITOSA, Alexandre. **Uma Breve História das Igrejas Inclusivas no Brasil**. Brasília-DF: Editora Oasis, 2018.

FERNANDES, Cláudio. "Anabatistas e as revoltas do século XVI"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/anabatistas-as-revoltas-seculo-xvi.htm>. Acesso em 05 de março de 2021. Acesso em 05 de março de 2021.

FERREIRA, Miriam Laboissiere de Carvalho. **Homossexualidade e a igreja inclusiva no Estado de Goiás**: Igreja Caminho da Inclusão – um estudo de caso. Goiânia-Goiás, 2016. 130f. dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião - Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC/GO. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/915/1/MIRIAM%20LABOISSIERE%20DE%20CARVALHO%20FERREIRA.pdf>>. Acesso 5 de março de 2020.

FERRETI, E. Sérgio. SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO E RESISTÊNCIA CULTURAL, 1997, Universidade Federal do Maranhão – Brasil. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0182.pdf>> acesso 03 de fevereiro de 2021.

FURTADO, Maria Cristina S.; CALDEIRA, Angela Cristina Germiné Pinto. **Cristianismo e diversidade sexual**: conflitos e mudanças. In: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278015256_ARQUIVO_ten_vCRISTIANISMOEDIVERSIDADESEXUALConflitosemudancas.pdf>. Acesso em 14 de abril de 2020.

GARRIDO, Joan del Alcazar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set/92-ago/93, p. 33

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2020.

GIDDENS, Anthony. **A Sociologia**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro -RJ, Ed, Jorge Zahar, 2002.

GLAAD. Média Reference Guide 2016. New York e Los Angeles, 2016. Disponível em:< <https://www.glaad.org/reference>> . Acesso em 16 de abril de 2020.

GONÇALVES, Rejane Silva. [Entrevista concedida a] Fagner Alves Moreira Brandão. Aparecida de Goiânia-GO, 06 de julho de 2020. (Anexo)

GREEN, James N e TRINDADE, Ronaldo (org.) **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo. V. 35. n. 3. p. 21. 1995.

HERVIEU-LÈGER, Daniele. **O Peregrino e o Convertido**: religião em movimento. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília-DF, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>>. Acesso em 6 de abril de 2020.

IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA BRASIL. Disponível em: <<http://www.icmrio.com/a-igreja/nossa-historia/>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

IAB; IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. Disponível em: <<https://www.ieab.org.br/sobre/>>. Acesso em 2 de março de 2020.

JESUS, Fatima Weiss. **A Cruz e o Arco-Íris (2010)** : Refletindo sobre Gênero e Sexualidade a partir de uma “Igreja Inclusiva” no Brasil. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/view/12731>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2020.

_____. **Igrejas Inclusivas em perspectiva comparada (2013)**: da “inclusão radical” ao “mover apostólico”. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384797767_ARQUIVO_FatimaWeissdeJesus.pdf>. Acesso em 14 de abril de 2020.

JORNAL GUIAME, 2018. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/apos-votacao-igreja-episcopal-anglicana-do-brasil-decide-permitir-casamento-gay.html>>. Acesso em 2 de março de 2020.

JORNAL O POPULAR. Goiânia-GO, 2016. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/igreja-acolhe-gays-e-prega-sexo-s%C3%B3-ap%C3%B3s-casamento-1.1019866>>. Acesso em 05 de março de 2020.

JUNIOR, Eudlon Martins Oliveira. Entrevista concedida a] Fagner Alves Moreira Brandão. Anápolis-GO, 03 de julho de 2020. (Anexo)

MARIANO, Ricardo. **Neo pentecostais**: sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil, 2. Ed. São Paulo-SP: Edição Loyola, 2005.

MATTA, Roberto Da. **Conta de mentiroso**: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MINISTÉRIO VIDA. Goiânia-GO, 2020. Disponível em: <<https://igrejaministeriovida.com.br/pagina/15573/nossa-historia>>. Acesso em 05 de abril de 2020.

MUSSKOPF, André S. Uma brecha no armário: Propostas para uma Teologia Gay. São Leopoldo: EST, 2002.

_____. Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia Queer no Brasil. Tese (Doutorado em Teologia), São Leopoldo, EST, 2008.

_____. A relação entre diversidade religiosa e diversidade sexual: um desafio para os direitos humanos e o Estado laico. Estudos da Religião, Revista Metodista, 2013. Disponível < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewFile/4062/3634>> acesso 05 de janeiro de 2021.

NASCIMENTO, Edson Santana do. [Entrevista concedida a] Fagner Alves Moreira Brandão. Aparecida de Goiânia-GO, 04 de julho de 2020. (Anexo)

NATIVIDADE, Marcelo. (2016). **Igrejas Inclusivas Nascem da intenção de repensar a tradição religiosa.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

OLIVEIRA, Lilian Blanck de et al. **Ensino religioso no ensino fundamental.** São Paulo: Cortez, 2007 (Coleção Docência em Formação- série Ensino Fundamental). pp .66-67

ONU, Organização das Nações Unidas. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/campanha/livreseiguais/>>. Acesso em 15 de abril de 2020.

PEREIRA, Onaldo Alves. [Entrevista concedida a] Fagner Alves Moreira Brandão. Rio Verde-GO, 10 de julho de 2020. (Anexo)

PERRY, Troy D. METROPOLITAN COMMUNITY CHURCHES. Disponível em: <<https://www.mcccchurch.org/overview/history-of-mcc/>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2000.

_____. (2003), “**As religiões afro-brasileiras e seus seguidores**”, Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 3, nº 1, jun. 2003.

PREFEITURA DE ANÁPOLIS. Anápolis-GO, 2020. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/portal/anapolis/historia-da-cidade>>. Acesso em 6 de abril de 2020.

PREFEITURA DE APARECIDA DE GOIÂNIA. Aparecida de Goiânia-GO, 2020. Disponível em: <<https://www.aparecida.go.gov.br/a-cidade/>>. Acesso em 6 de abril de 2020.

PREFEITURA DE GOIÂNIA. Goiânia, 2020. Disponível em: <<https://www12.goiania.go.gov.br/sobre-goiania/historia-de-goiania/>>. Acesso em 6 de abril de 2020.

PREFEITURA DE LUZIÂNIA. Luziânia-GO, 2020. Disponível em: <<https://luziania.go.gov.br/noticias/>>. Acesso em 6 de abril de 2020.

PROETTI, Sidney. Metodologia do trabalho científico: abordagens para a construção de trabalhos acadêmicos. 4. ed. São Paulo: Edicon, 2005. 126 p.

REIS, T. **Manual de Comunicação LGBTI+.** [Org.]. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. Metodologia científica: a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000. 142 p.

SOUSA, Marvel de. [Entrevista concedida a] Fagner Alves Moreira Brandão. Taguatinga-DF, 02 de julho de 2020. (Anexo)

_____. **Manual do Cristão Gay: Vencendo as Crises**. 1. Ed. Brasília-DF: Edição do Autor, 2012.

SOUZA, Mônica Ferreira de. [Entrevista concedida a] Fagner Alves Moreira Brandão. Goiânia-GO, 01 de julho de 2020. (Anexo)

_____. Goiânia-GO, 2020. Disponível em: <https://www.comunidadecristarenascer.com.br/quemsomos>. Acesso em 5 de abril de 2020.

VOLDMAN, Daniéle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996a. p. 247-265.

_____. Definições e Usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996b. p. 33-62.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1: MODELO DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UEG – PPGHIS

MESTRANDO: Fagner Alves Moreira Brandão | ORIENTADOR: Prof. Dr. Léo Carrer

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Não é necessário identificar o seu nome, ou seja, é totalmente anônimo. Faremos a pesquisa de campo com aproximadamente 30 (trinta) participantes (acima de 18 anos) das Igrejas Cristãs Inclusivas de Goiás, que concordarem fazer parte da pesquisa.

Minha área de atuação é História, esta proposta de pesquisa está inserida na área de concentração: Cultura e Sociedade, sendo este estudo vinculado à Linha – Cultura, Religião e Sociedade do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História (PPGHIS/UEG).

Meu projeto de pesquisa tem como título: RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS EM GOIÁS.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA O MESTRADO – PPGHIS/UEG

Idade: _____ | Sexo: _____ | Igreja: _____
| Função: _____

1) Orientação sexual

- | | | |
|----------------------|--------------------|-----------------|
| a) () Heterossexual | e) () Mulher | I) () Assexual |
| b) () Gay | Transexual | f) () |
| c) () Lésbica | Bissexual | |
| d) () Homem | G) () Intersexual | |
| Transexual | H) () Pansexual | |

2) Segundo classificação socioeconômica apresentada pelo IBGE, marque sua renda.

- | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|
| a) () até 2 salários mínimos | c) () entre 4 e 10 salários mínimos |
| b) () entre 2 e 4 salários mínimos | d) () mais de 10 salários mínimos |

3) Nível de escolaridade

- | | | |
|-------------------------|---------------------------|---------------------|
| a) () Sem escolaridade | b) () Ensino Fundamental | c) () Ensino Médio |
|-------------------------|---------------------------|---------------------|

d) () Superior
incompleto

e) () Superior
completo

f) () Pós Graduação.
Nível:

4) Qual a sua cor?

a) () Negro

c) () Amarelo

e) ()

b) () Pardo

d) () Branco

Outra: _____

5) Você já frequentou/foi membro de outras religiões antes desta?

() sim () não

Quais?

6) Quantas igrejas inclusivas você já frequentou antes desta?

Quais?

7) Quais os motivos que fizeram você deixar as denominações anteriores?

a) () Preconceito

e) () Agressão moral ou valorativa

b) () Rejeição

c) () Isolamento

() Outros

d) () Não identificação com a palavra
pregada

8) Qual o diferencial de uma Igreja Inclusiva para você?

a) () Acolhimento

d) () Tolerância

b) () Equidade (Igualdade)

e) () Vínculo Comunitário

c) () Interpretação da Palavra

9) Como você ficou sabendo da existência da Igreja Inclusiva?

a) () Por um amigo

d) () outros meios

b) () Pela mídia (Tv, rádio, jornal,
Internet, Redes Sociais)

e) () Ação de Evangelismo /

c) () Pela Igreja que
frequentava/visitava
Panfletagem

10) Qual seu estado Civil?

- a) Solteiro
- b) Casado
- c) Divorciado
- d) Viúvo
- e) União Estável
- f) mora junto

11) Quantos anos você participa das Igrejas Cristãs Inclusivas em Goiás?

- a) menos de 1 ano
- b) 1 a 3 anos
- d) 3 anos a 5 anos
- c) mais de 5 anos

12) Você já sofreu preconceito e ou discriminação por participar de uma Igreja Inclusiva?

Sim. | Como? _____ | não

13) Você recomenda a Igreja Cristã Inclusiva a outras pessoas?

Sim. | Por quê? _____ | Não. | Por quê?

14) Por gentileza, faça um breve comentário sobre a sua entrada na Igreja Inclusiva e quais os benefícios trouxeram a sua vida e espiritualidade:

ANEXO 2: ROTEIRO DA ENTREVISTA

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Não é necessário identificar o seu nome, ou seja, é totalmente anônimo. Faremos a pesquisa de campo com aproximadamente 30 (trinta) participantes (acima de 18 anos) das Igrejas Cristãs Inclusivas de Goiás, que concordarem fazer parte da pesquisa.

Minha área de atuação é História, esta proposta de pesquisa está inserida na área de concentração: Cultura e Sociedade, sendo este estudo vinculado à Linha – Cultura, Religião e Sociedade do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História (PPGHIS/UEG).

Meu projeto de pesquisa tem como título: **RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS EM GOIÁS.**

Roteiro de Entrevista para os Líderes Eclesiásticos

- 1) Você conhece a história da Igreja que você participa?
- 2) Qual a visão, missão, valores da igreja que você participa?
- 3) Você considera essa instituição inclusiva por qual motivo?
- 4) Quais são as principais doutrinas/ dogmas dessa instituição?
- 5) O que diferencia essa instituição inclusiva de outras instituições não inclusivas?
- 6) O que essa instituição promove de impacto relevante para sociedade?
- 7) Você participa de todos os eventos/cultos?
- 8) Qual parte da liturgia dos cultos que você se identifica?
- 9) Como acontece a sua chegada a essa igreja?
- 10) Você conhece a hierarquia eclesiástica dessa instituição? Almeja alcançar essa hierarquia?
- 11) Quanto tempo você participa dessa igreja?
- 12) Existe perseguição por serem membros dessa instituição Inclusiva?
- 13) Você considera que a Igreja Inclusiva já está bem solidificada e embasada ou ainda está em processo de construção de sua identidade e movimento?

14) Essa instituição promove algum tipo de projeto social?

15) A instituição promove incentivo a vida social, econômica e educativa dos participantes? Tem algum projeto ou parceria de estímulo? (Tipo seminário, estudos, vagas de emprego etc.)

16) Como se estrutura os vínculos comunitários dessa instituição? Existe um viver em comunidade/família ou apenas nos eventos litúrgicos da instituição?

17) O que você espera/sonha/deseja para as Igrejas Inclusivas de Goiás no futuro?

18) Tem algo que você acha relevante acrescentar aos dados dessa pesquisa? (Depoimento, testemunho etc.)

19) Por que você escolheu esta igreja para participar?

ANEXO 3: PARECER CONSUBSTANCIADO DE APROVAÇÃO DA PLATAFORMA BRASIL



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Religião e Homossexualidade: uma abordagem histórica e sociocultural das Igrejas Cristãs Inclusivas em Goiás.

Pesquisador: FAGNER ALVES MOREIRA BRANDAO

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 28468720.4.0000.8113

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.042.263

Apresentação do Projeto:

Segundo os autores, a religião se vê frente a uma mudança cultural da sociedade, pois tivemos o surgimento de um novo movimento de igrejas cristãs que pregam a aceitação e acolhimento dos homossexuais, assim essa nova realidade social está revendo ou reforçando as bases e discursos doutrinários tradicionais. Nesse contexto de mudança de concepções, embasados em interpretações bíblicas peculiares, dentre os grupos religiosos encontramos apoiadores ou sujeitos sociais que buscam refutar a ideia de inserção de homossexuais entre os fiéis. Essas instituições religiosas cristãs têm se deparado com homossexuais chegando a todo o momento em seus templos com o desejo de viver e expressar com liberdade a sua sexualidade e a sua fé sem preconceitos. Todavia, há um desconforto entre os fiéis que são homossexuais e estavam calados nos bancos da tradicionalidade, uma vez que sua sexualidade estava silenciada ou expressada do lado externo das paredes das igrejas. Além disso, até mesmo líderes eclesiais que são homossexuais, mães e pais que têm filhos homossexuais, mas que também são fiéis da igreja, precisam ser orientados para aprenderem a lidar com a questão dentro e fora dos templos.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os autores,

Objetivo Primário: compreender como se deu a inserção dos homossexuais nas igrejas cristãs inclusivas, analisando os aspectos históricos, sociais e culturais delas em Goiás.

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 4.042.263

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O autor escreveu apenas "De acordo com a Resolução 510/2016 considero que há um nível de riscos mínimos/baixos", todavia no TCLE ele descreve melhor os riscos.

Compreender as dinâmicas socioculturais e religiosas, que tangenciam tanto as relações de poder do nível institucional ao individual, como as múltiplas possibilidades de experiências individuais e coletivas que constituem as diversas formas de religiosidade possíveis na história, evoca constituir uma análise sociocultural, portanto, contextual da expressão da fé humana. Considera a pesquisa viável em Goiás, pois na capital do estado há igrejas e movimentos religiosos cristãos inclusivos há mais de dez anos e, atualmente, encontramos cerca de cinco espaços abertos para expressão da fé direcionados ao público homossexual.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Se mais considerações sobre os Termos obrigatório

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram identificadas pendências éticas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que os relatórios de pesquisa devem ser enviados semestralmente, comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013. O prazo para a entrega do relatório final, via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---------------------------------|---|------------------------|----------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DÓ_PROJETO_1501802.pdf | 13/05/2020 10:10:28 | | Aceito |
| Outros | Estrategias_de_recrutamento_e_Entrevistas.docx | 13/05/2020 10:10:19 | FAGNER ALVES MOREIRA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / | TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.docx | 13/05/2020 09:44:50 | FAGNER ALVES MOREIRA | Aceito |

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo

Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO CEP: 75.132-903

UF: GO Município: ANAPOLIS

Telefone: (62)3328-1434

E-mail: cep@ueg.br



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 4.042.263

| | | | | |
|---|--|------------------------|------------------------------------|--------|
| Justificativa de Ausência | TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVR E E ESCLARECIDO.docx | 13/05/2020 09:44:50 | FAGNER ALVES MOREIRA | Aceito |
| Outros | questionario_oficial.docx | 13/05/2020 09:24:59 | FAGNER ALVES MOREIRA | Aceito |
| Folha de Rosto | folha_de_rosto_final.pdf | 06/05/2020 09:25:40 | FAGNER ALVES MOREIRA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_de_anuencia_Comunidade_Crista_Renascer_goiania.pdf | 05/05/2020 14:58:09 | FAGNER ALVES MOREIRA BRANDAO | Aceito |
| Outros | roteiro_enrevista.docx | 05/05/2020 10:43:59 | FAGNER ALVES MOREIRA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoPesquisa_versao_oficial.docx | 05/05/2020 10:41:58 | FAGNER ALVES MOREIRA BRANDAO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | termo_anuencia_igrejainclusiva_aparecida.docx | 05/05/2020 10:21:35 | FAGNER ALVES MOREIRA BRANDAO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Anuencia_coparticipante_metodista_luziania_e_goiania.pdf | 05/05/2020 10:14:53 | FAGNER ALVES MOREIRA BRANDAO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_Anuencia_Coparticipante_anigocatomica_anapolis.doc | 05/05/2020 10:13:29 | FAGNER ALVES MOREIRA BRANDAO | Aceito |
| Declaração de concordância | termo_de_compromisso.pdf | 25/01/2020 16:35:04 | FAGNER ALVES MOREIRA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ANAPOLIS, 22 de Maio de 2020

Assinado por:
MARIA IDELMA VIEIRA D ABADIA
(Coordenador(a))

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO CEP: 75.132-903
UF: GO Município: ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1434 E-mail: cep@ueg.br